

Ana Beatriz Ratton Ferreira Gontijo

**IMPACTOS DA INSERÇÃO EM ESCOLAS DA REDE
PRIVADA DE ALTO PRESTÍGIO ACADÊMICO SOBRE
JOVENS POPULARES E SUAS FAMÍLIAS:
o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte**

Belo Horizonte – Minas Gerais
Faculdade de Educação da UFMG

2011

Ana Beatriz Ratton Ferreira Gontijo

**IMPACTOS DA INSERÇÃO EM ESCOLAS DA REDE
PRIVADA DE ALTO PRESTÍGIO ACADÊMICO SOBRE
JOVENS POPULARES E SUAS FAMÍLIAS:
o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Linha de Pesquisa:
EDUCAÇÃO ESCOLAR: instituições, sujeitos e currículos.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Maria José Braga Viana

Belo Horizonte – Minas Gerais
Faculdade de Educação da UFMG

2011

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação

Dissertação intitulada “IMPACTOS DA INSERÇÃO EM ESCOLAS DA REDE PRIVADA DE ALTO PRESTÍGIO ACADÊMICO SOBRE JOVENS POPULARES E SUAS FAMÍLIAS: o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte”, de autoria da mestranda ANA BEATRIZ RATTON FERREIRA GONTIJO, analisada pela banca examinadora constituídas pelos seguintes professores:

Prof^a. Dr^a. Maria José Braga Viana

Prof. Dr. Cláudio Marques Martins Nogueira

Prof^a. Dr^a. Tânia de Freitas Resende

Belo Horizonte, 25 de agosto de 2011

Aos bons alunos do Programa Bom Aluno de Belo Horizonte que, diariamente, atravessam as diversas fronteiras sociais que separam e classificam as pessoas de nossa sociedade com a coragem e a disposição de grandes guerreiros.

Ao Bayard, meu eterno amor e admiração.

AGRADECIMENTOS

Nesta página, dedico-me a agradecer o apoio incondicional que o Programa Bom Aluno ofereceu a esta pesquisa. À Cláudia (mantenedora), à Daisy (gerente), à Andréia (psicóloga–pedagoga) e à Layla (psicóloga) devo toda minha gratidão. Sem dúvida, esta pesquisa não poderia ter sido realizada sem a ajuda dessas pessoas. Elas não só abriram as portas do Programa como contribuíram ativamente na marcação das entrevistas (juntamente com os cancelamentos), no contato com os jovens pesquisados e suas famílias, na entrega dos questionários, no recolhimento dos questionários, na disponibilização das salas para as entrevistas, bem como providenciando todas as informações de que eu necessitei ao longo desse período. A coordenação do Programa permitiu minha presença durante partes da etapa de seleção – no dia da prova escrita, nas dinâmicas de grupo e nas entrevistas com os candidatos e com suas famílias - para que eu pudesse ter uma visão do funcionamento desse processo. O Programa forneceu todos os dados relativos à vida acadêmica dos estudantes que foram utilizados nesta pesquisa, bem como os gráficos aqui apresentados. Deixo aqui registrado o meu muito obrigada.

As letras são pequeninas, mas é grande a intensidade com que expresso minha gratidão e admiração a estas pessoas:

À Maria José - suas preciosas contribuições (feitas de uma maneira tão democrática) me acompanharão pelo resto da vida.

À Maria Alice - obrigada pelas orientações tão precisas.

À Tânia, por ter me dado o empurrão inicial, pois sem ele nada disso teria acontecido.

À Maria Cristina Gouvêa, por ter me mostrado o caminho das pedras.

Ao Cláudio, por aceitar o convite de participar da minha banca.

À Andréa Zica, pelas várias contribuições.

À Flávia, colega, colaboradora e, acredito, agora, uma amiga.

À Débora, obrigada pela atenção e pelo carinho. Agradeço também pelas substituições.

À Stephania, querida colega, grande pesquisadora.

Ao Neiton, obrigada pelos momentos de descontração.

À minha querida mãe, por ter tido toda a paciência do mundo durante os meus momentos de impaciência.

Ao meu pai, por ser um exemplo de disposição.

Às minhas irmãs e ao meu irmão, por serem pessoas que nunca desistem.

À Monique, *my best friend always*, pela compreensão da importância desse tempo de dedicação a esta pesquisa.

Ao Marcus, amigo de discussões profundas e, às vezes, rasas, mas descontraídas.

Às amigas Renata e Tereza, por proporcionarem o tempo que eu precisei para concretizar esse sonho.

Às professoras do Programa Bom Aluno Carla, Fátima e Margareth - suas observações foram preciosas para a compreensão deste objeto de pesquisa.

Ao Olinto e à Vera da Fundação João Pinheiro, pela ajuda na confecção dos mapas.

À Ceres Prado, pela ajuda com a tradução do francês para o português.

RESUMO

O presente trabalho busca investigar o fenômeno da presença de jovens oriundos das camadas populares em escolas privadas de alto prestígio acadêmico e social, recrutados na escola pública, em função de seu bom desempenho escolar, pelo Programa Bom Aluno de Belo Horizonte. Assim sendo, este estudo tratou de identificar vestígios de impactos dessa nova experiência escolar na rede de sociabilidade e na proficiência escolar dos jovens, bem como no cotidiano e nas práticas culturais das famílias. A pesquisa também buscou identificar de que maneira o Programa Bom Aluno contribuiu para diminuir as diferenças sociais e culturais de classe entre os bolsistas e os colegas da escola particular. Foram estudados sete casos de alunos que estão matriculados em escolas privadas classificadas em primeiro e segundo lugares no exame do ENEM/2008, em Belo Horizonte. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários. Os resultados desta pesquisa apontam para significantes impactos na rede de sociabilidade desses jovens. A escola tornou-se palco de convergência e divergência entre duas culturas: a das camadas populares e a das camadas favorecidas. Fronteiras sociais foram/são cruzadas, novas disposições foram adquiridas e outras foram desativadas. No início dessa nova experiência, a proficiência escolar dos jovens é afetada, seja pela condição cultural de classe dessas famílias, seja pela distância percorrida diariamente até a escola. A rotina doméstica da família tem de se ajustar, entre outras coisas, às demandas dos novos horários escolares. Esses jovens, agora “trânsfugas” de classe, são o produto do confronto entre lógicas socializadoras diferentes: a familiar e a escolar.

PALAVRAS-CHAVE: famílias de camadas populares, escolarização, entidade não governamental, escola pública e privada, fronteiras sociais.

ABSTRACT

The present work attempted to investigate a new phenomenon yet to be explored by the Sociology of Education which consists in the presence of students from the working-class families in private schools sponsored by a nongovernmental organization (NGO). These schools are known in the community for their high academic achievement and social prestige. From this wide theme, this work focused on identifying traces of the impact/changes on the social networking of the students as well as on their academic performance resulting from this new school experience. This research also attempted to analyze how the “Programa Bom Aluno” contributed to reduce class cultural differences between the holders of the scholarship and their private school classmates. The schools where the students are now studying were ranked first and second places on the National Exam/2008 (ENEM) in the city of Belo Horizonte. The data was collected by interviews and by an applied questionnaire. The results indicated significant impact in the social network of the students. School has become the place of convergence and divergence between two cultures: from the working-class and from the middle-classes. Many social boundaries have been crossed, new dispositions have been acquired and many others have been shut off. In the beginning, the students’ school proficiency is affected by the long daily ride to school as well as by the social and cultural class condition of their families whose domestic life have changed in order to meet the new demands. These students, now called *class transfuges*¹, are the confrontation product between two different socialization logics: familial and scholarly.

KEY-WORDS: working-class families, school, NGO, private and public schools, social boundaries

¹ French term used by Sociologist Jean-Pierre Terrail (1990) to name an individual who experienced social class mobility through the acquisition of a diploma.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, 2000. Todas as UDHS da RMBH	50
FIGURA 2 – Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, 2000. Todas as UDHS da RMBH. Com indicação da localização dos bairros onde moram as famílias dos jovens bolsistas	51
FIGURA 3 – Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, 2000. UDHS do município de Contagem. Com indicação da localização dos bairros onde moram as famílias dos jovens bolsistas	52
FIGURA 4 – Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, 2000. UDHS do município de Ibirité. Com indicação da localização dos bairros onde moram as famílias dos jovens bolsistas	53
GRÁFICO 1 – Distribuição por idade dos 101 alunos do Programa Bom Aluno em 31/12/2010	72
GRÁFICO 2 - Distribuição por sexo dos 101 alunos do Programa Bom Aluno em 31/12/2010	72
GRÁFICO 3 - Distribuição por etapa escolar dos 101 alunos do Programa Bom Aluno em 31/12/2010	73
GRÁFICO 4 – Distribuição de 50 alunos do Programa Bom Aluno em escolas públicas e colégios particulares em 30/12/2010	73
GRÁFICO 5 – Cursos universitários escolhidos por 51 alunos do Programa Bom Aluno em 30/12/2010	74
GRÁFICO 6 – Inserção dos 51 alunos universitários do Programa Bom Aluno no Ensino Superior em 30/12/2010	74

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Características socioeconômicas – Renda familiar per capita (em R\$ de agosto de 2000) – Belo Horizonte – MG - Destaque para as regiões administrativas Centro-Sul e Noroeste	84
TABELA 2 – Características socioeconômicas – Renda familiar per capita (em R\$ de agosto de 2000) – Belo Horizonte – MG - Destaque para as regiões administrativas Centro-Sul e Oeste	92
TABELA 3 – Características socioeconômicas – Renda familiar per capita (em R\$ de agosto de 2000) – Belo Horizonte – MG - Destaque para as regiões administrativas Centro-Sul e Noroeste	100
TABELA 4 – Características socioeconômicas – Renda familiar per capita (em R\$ de agosto de 2000) – Belo Horizonte – MG - Destaque para a região administrativa Centro-Sul	107
TABELA 5 – Características socioeconômicas – Renda familiar per capita (em R\$ de agosto de 2000) – Belo Horizonte – MG - Destaque para as regiões administrativas Centro-Sul e Oeste	113
TABELA 6 – Características socioeconômicas – Renda familiar per capita (em R\$ de agosto de 2000) – Belo Horizonte – MG - Destaque para as regiões administrativas Centro-Sul e Barreiro	120
TABELA 7 – Características socioeconômicas – Renda familiar per capita (em R\$ de agosto de 2000) – Belo Horizonte – MG - Destaque para as regiões administrativas Centro-Sul e Barreiro	126

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Percursos metodológicos	15
1.2	A coleta de dados	17
2	CONTRIBUIÇÕES DE DIFERENTES ESTUDOS PARA A CONSTRUÇÃO DO OBJETO	24
2.1	Estudos sobre “sucesso” escolar nos meios populares no contexto brasileiro	24
2.2	As relações de sociabilidade	27
2.3	Esquemas de ação, disposições e capital cultural	30
2.4	Práticas escolares familiares de classes médias	35
2.5	“O que a escola faz às famílias”	40
2.6	Diferenças de classes nas práticas de criação dos filhos: o estudo de Lareau	42
2.7	Estudos sobre fronteiras sociais	46
3	O TERRENO DA PESQUISA	54
3.1	O terceiro setor no Brasil no século XXI	54
3.2	O Programa Bom Aluno de Belo Horizonte (PBA)	63
3.3	O novo ambiente	75
3.3.1	Colégio Dom Assis: tradição em educação	75
3.3.2	Alcântara: um novo colégio destinado às classes intelectuais	77
4	SETE PERFIS: JOVENS POPULARES E SUAS FAMÍLIAS	79
4.1	César	79
4.2	Antônio	85
4.3	Eliana	92
4.4	Vanda	100
4.5	Mário	108
4.6	Célia	113
4.7	Sônia	121
5	ELEMENTOS DA NOVA EXPERIÊNCIA ESCOLAR	128
5.1	A rede de sociabilidade	128
5.2	Variáveis que impactaram (ainda impactam) no desempenho	147

	escolar	
5.3	Impactos no cotidiano das famílias	155
5.4	Impactos nas práticas culturais das famílias	170
5.5	O papel do Programa Bom Aluno na redução das diferenças culturais de classe	171
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185
	APÊNDICES	192

1 INTRODUÇÃO

Para que o ator não possa já dar-se a ilusão da unidade de si mesmo, de uma relativa coerência identitária, e para que a contradição principal apareça sob a forma de uma dupla identidade, de «uma conversação interna entre diferentes segmentos do Eu» (Berger e Lucmann) ter-lhe-á sido necessário viver experiências de socialização inteiramente particulares. Geralmente, este terá sido obrigado a submeter-se, de maneira bastante precoce, a experiências socializadoras sistematicamente contraditórias. A situação pode ser interna num só universo (e.g., dupla opressão exercida no próprio seio do universo familiar, e não necessariamente representada pelo pai e pela mãe) ou por em cena dois grandes universos contraditórios (e.g., o universo familiar popular e o universo escolar, no caso dos 'bolseiros' (alunos internos de colégios admitidos gratuitamente) que se tornarão 'trânsfugas de classe' (LAHIRE, 2001:53).

A presença de jovens oriundos das camadas populares em estabelecimentos de ensino da rede privada por meio de bolsas de estudos não parece algo novo em nossa sociedade, muito pelo contrário, já se tem notícia dessa prática desde que foram fundadas as primeiras escolas confessionais no País.

A pesquisa que deu origem a esta dissertação de mestrado tratou de analisar uma situação pouco abordada pela Sociologia da Educação no Brasil: a presença de jovens oriundos das camadas populares em escolas particulares de alto nível acadêmico, patrocinada por uma organização não governamental.

Um conjunto de pesquisas produzidas no campo da Sociologia da Educação, durante as últimas quatro décadas, afirmou que o simples pertencimento a uma classe social não é suficiente para selar o destino escolar de um jovem. Esses estudos, que foram realizados tanto na França como no Brasil, detectaram a presença de jovens pertencentes às camadas desfavorecidas em ambientes de alto nível acadêmico, reservado, em outros tempos, aos jovens pertencentes às classes médias/altas (TERRAIL, 1990; LAURENS, 1992; LAHIRE, 2004; PORTES, 1993, 2001; SILVA, 1999; BARBOSA, 2004; VIANA, 2007; ALMEIDA, 2006; LACERDA, 2006; PIOTTO, 2007; SOUZA, 2009; TARÁBOLA, 2010).

Assim, o cenário já não é o mesmo de outrora e, hoje, alguns jovens de origem popular são autônomos e donos de seu próprio destino. Esses jovens não se

curvaram ao veredito de sua classe social e tiveram trajetórias escolares distintas das de seus pares.

A relação família/escola tem sido abordada com profundidade pela Sociologia da Educação focando, principalmente, as famílias populares. Sabe-se, de antemão, que as lógicas que regem essa relação nas famílias das camadas populares são diferentes das lógicas que regem a relação das famílias pertencentes às classes médias. Os autores que abordaram essa problemática (THIN, 2006; QUEIRÓZ, 2004; LAHIRE, 2004) acabaram por detectar a presença de vários elementos que, conjugados, propiciam a educação longa de jovens pertencentes aos meios desfavorecidos. Não há, entretanto, uma fórmula única de sucesso escolar, mas, sim, várias combinações que resultam das mais variadas disposições familiares.

A problemática aqui introduzida é singular na literatura brasileira: jovens que são o produto de uma determinada cultura de classes populares inseridos em um ambiente socializador destinado a jovens que são, por sua vez, produto de outra cultura de classe.

Essa mudança de contexto escolar não poderia acontecer sem impactos ou transformações na vida desses jovens e na de suas famílias. O abismo entre esse novo contexto socializador e o antigo se mostrou colossal e essa travessia tocou parentes, amigos e, até mesmo, vizinhos desses jovens bolsistas. O caminho que essas famílias agora seguem não é o mesmo de outras pertencentes à mesma classe social. A mudança não tem volta. Mesmo que esse jovem volte a frequentar uma instituição educacional destinada às classes populares, ele não será mais o mesmo. Ele trará consigo experiências socializadoras que foram incorporadas aos seus repertórios de esquemas de ação, ficando registradas em sua personalidade.

Sendo esse campo empírico pouco explorado, muitas foram as minhas indagações, mas, tendo em vista o pouco tempo destinado a uma dissertação de mestrado, centrei minha investigação em torno das seguintes questões: a entrada de um jovem oriundo das camadas de baixa renda em uma escola particular de alta reputação acadêmica produz modificações nas disposições² familiares? E, caso

² Segundo Lahire, disposições são “propensões”, “inclinações”, “hábitos”, “tendências”, “persistentes maneiras de ser” que se manifestam nas práticas, nos comportamentos, nas opiniões dos indivíduos, podendo variar em função do momento no percurso biográfico e em função do contexto de socialização (LAHIRE, 2004b:26-27).

afirmativo, são mudanças no cotidiano familiar? São mudanças nas práticas socializadoras? São mudanças nas práticas culturais? Como fica a vida desses jovens que agora transitam entre duas lógicas socializadoras diferentes e/ou contraditórias? Como esses jovens vivem essa nova experiência escolar? A sua rede de sociabilidade sofreu rupturas e/ou continuidades? De que maneira as ações do Programa Bom Aluno³ conseguem reduzir as diferenças culturais de classe? Buscando esclarecer essas indagações, realizou-se uma pesquisa qualitativa.

A escolha dessa metodologia atende à demanda de compreender e descrever as relações que são tecidas desde a inserção dos jovens/adolescentes nesse novo ambiente social e que, devido à sua complexidade, só foram passíveis de análise via uma abordagem qualitativa. Com respeito a essa escolha, Deslauriers e Kérisit (2008:131) esclarecem que:

O pesquisador localiza no tempo e no espaço os momentos em que as estratégias dos atores se evidenciam conjuntamente, e também reúne as perspectivas até então manifestadas enquanto intenções individuais. Desde então, não são mais regularidades que retêm a atenção, mas as crises que se estabelecem como índices reveladores do momento em que a ordem social antiga não existe mais, e em que se opera a mudança social.

1.1 Percursos metodológicos

Os sujeitos da pesquisa

A seleção dos jovens participantes do Programa Bom Aluno deu-se a partir da escolha das duas escolas particulares mais bem colocadas no ENEM/2008⁴ na cidade de Belo Horizonte. Sendo assim, sete dos oito jovens que estavam matriculados nessas duas escolas, no ano de 2010, participaram desta pesquisa. Portanto, foram: duas jovens que estavam cursando o 9º ano do Ensino Fundamental e dois jovens que estavam cursando o 2º ano do Ensino Médio no Colégio Dom Assis⁵; e uma jovem e um jovem que estavam cursando o 9º ano do

³ O Programa Bom Aluno é uma entidade não governamental que oferece bolsas de estudo a jovens bons alunos de origem popular em escolas de alto nível acadêmico.

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio.

⁵ Os nomes das duas escolas particulares são fictícios.

Ensino Fundamental e uma jovem que estava cursando o 2º ano do Ensino Médio do Colégio Alcântara. Logo, temos um grupo formado por quatro meninas e três meninos com idades entre 13 e 16 anos. Todos os jovens são oriundos de escolas públicas e passaram na prova de seleção do Programa Bom Aluno. A descrição desse processo de seleção está detalhada no capítulo 2.

Na ocasião da entrevista, que ocorreu durante os meses de maio e junho de 2010, três dos sete jovens já frequentavam a escola particular desde 2007; outros três, desde 2009; e uma jovem se encontrava em seu primeiro ano de escola particular. Essa jovem adiou sua mudança de escola, que teoricamente poderia ter acontecido em 2009, e continuou frequentando a escola pública em um turno e as aulas oferecidas pelo Programa no outro. Em 2010, ela se sentiu preparada para ingressar na escola particular de sua escolha. Assim sendo, quando eu a entrevistei, ela se encontrava naquele novo ambiente havia quatro meses. Uma outra jovem cursou o 8º ano em uma das escolas parceiras do Programa e, no ano seguinte, pediu para ser transferida para a escola na qual se encontrava matriculada desde 2008.

Em relação à renda familiar, sabe-se, de antemão, que, para ingressar no Programa Bom Aluno, a renda *per capita* da família não deve ultrapassar um salário mínimo⁶. Portanto, estamos diante de um grupo pertencente às classes de baixa renda. As residências desses jovens se encontram em bairros populares da Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH, distantes da região Centro-Sul da cidade, onde estão localizados os dois colégios particulares frequentados por esses jovens.

Em relação à raça/cor, utilizou-se o critério de autoclassificação do questionário aplicado, no qual havia cinco categorias utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE: negro, pardo, branco, amarelo e indígena. Como resultado, cinco jovens se autodeclararam brancos e dois pardos. Essa variável não foi levada em conta nesta pesquisa.

Em relação à ocupação do pai de cada aluno, obtive a seguinte configuração: um pai aposentado por problemas de saúde; um contador (único pai com profissão não braçal); um serralheiro; um motorista de ônibus; um motorista de ambulância; um auxiliar de serviços de uma escola pública e um vigilante.

⁶ O Programa Bom Aluno só oferece bolsas aos jovens cuja renda familiar *per capita* não ultrapasse o equivalente a um salário mínimo.

Em relação à ocupação da mãe de cada aluno, por sua vez, obtive a seguinte configuração: uma mãe aposentada/salgadeira/promotora de produtos; uma faxineira/costureira; uma dona de casa/artesã; uma dona de casa/vendedora de produtos variados; uma auxiliar de serviços de uma escola pública; uma dona de casa/proprietária de uma banca de revistas e uma técnica em enfermagem do SAMU. Esses resultados mostram o baixo nível de escolaridade desses pais, contrastando com o nível de escolaridade dos pais dos jovens colegas das escolas particulares. É relevante fazer menção a isso por ser a escolaridade um dos fatores mais importantes na aquisição do capital cultural de um indivíduo. A rede de sociabilidade desses jovens provavelmente sofrerá efeitos dessa baixa escolaridade dos pais já que, segundo Santos (1994:2), “a disponibilidade dos amigos é uma consequência *direta* da posição física e da localização dos indivíduos na hierarquia social”.

Portanto, temos compartilhando um mesmo espaço socializador: sete jovens provenientes das camadas desfavorecidas, filhos de pais com baixa escolaridade e com ocupações braçais (com exceção de um pai), vivendo distante dos bairros onde se encontram as novas escolas, inseridos em escolas de alto nível acadêmico em que os colegas são pertencentes às classes médias/alta, estes últimos sendo filhos de pais com alta escolaridade e com profissões intelectuais ou empresariais.

Com efeito, vemos que as diferenças nos níveis socioeconômico e cultural entre essas famílias propiciam dados que respondem à investigação acerca dos efeitos/mudanças que a frequência simultânea a esses dois mundos acarreta na vida desses jovens bolsistas.

1.2 A coleta de dados

O tipo de objeto a ser estudado aqui proposto fez com que eu utilizasse, intencionalmente, duas técnicas de coleta de dados: o questionário e a entrevista. A observação direta, que se deu durante partes do processo de seleção do Programa, não foi, em princípio, planejada. Foi consequência de um convite feito pela gerência

do Programa Bom Aluno para que eu presenciasse partes das etapas da seleção, que ocorre a cada dois anos.

Em 2009, aconteceu uma seleção e, coincidentemente, eu acabara de entrar para o Programa de Mestrado. Entretanto, somente o meu objeto de estudo - os participantes do Programa Bom Aluno -, tinha sido definido. Eu ainda não tinha escolhido os eixos a serem analisados. Mesmo assim, aceitei participar de partes do processo de seleção para conhecer melhor o funcionamento do Programa, embora eu não portasse comigo uma lente de aumento que me permitisse examinar com profundidade qualquer aspecto dessa etapa. Era como se eu estivesse olhando uma cidade, onde eu acabara de chegar, do alto de um prédio.

A minha presença no dia da prova escrita, na dinâmica de grupo e nas entrevistas com os jovens e suas famílias foi fundamental para a compreensão das formas de participação das famílias populares na escolarização de seus filhos. A descrição dessas observações será tratada com mais detalhes no capítulo 2.

Assim sendo, tais procedimentos me possibilitaram uma maior proximidade com os pesquisados e a soma deles serviu para preencher lacunas que uma ou outra técnica não preencheria e fez com que eu apreendesse a realidade desses jovens e de suas famílias de uma forma mais abrangente.

Na ocasião em que finalizei essa etapa (a de coleta de dados), pude perceber o quanto tinha “apoderado-me” da realidade desses jovens e de suas famílias (sem deixar de sentir que poderia ter apreendido mais se o tempo permitisse).

Entrevista

Poupart (2008:215) considera a entrevista como “um meio de dar conta do ponto de vista dos atores sociais e de considerá-lo para compreender e interpretar as suas realidades” e faz a seguinte afirmação:

De um lado, as entrevistas constituem uma porta de acesso às realidades sociais, apostando na capacidade de entrar em relação com as outras. Do outro, essas realidades sociais não se deixam facilmente apreender, sendo transmitidas através do jogo e das questões das interações sociais que a relação de entrevista necessariamente implica, assim como do jogo

complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos. (POUPART, 2008:215)

Parti para o campo empírico com a ansiedade de uma jornalista em sua primeira entrevista. As técnicas de entrevista tinham sido lidas exaustivamente (ZAGO, 2003; KAUFMANN, 1996; BOURDIEU, 1997) e a perspectiva era de um bom começo. Porém essa primeira entrevista foi refeita no ano de 2011 por eu achar que pouco foi aproveitado daquele encontro. Meu “escutar” não estava sintonizado nas entrelinhas e, sim, nas grandes falas. Minhas perguntas estavam engessadas, decoradas, não saíam do *script*, não se transformavam.

Assim, a cada entrevista que eu realizava, minha escuta tornava-se mais aguçada, minha capacidade de ler as expressões e os gestos aumentava, os silêncios eram escutados e respeitados, fazendo com que eu tirasse o máximo que a técnica permitisse daquele momento. Conhecer a técnica foi apenas o início dessa etapa. Com a prática, fortaleci a teoria.

As entrevistas com os sete alunos aconteceram na sede do Programa Bom Aluno, que fica situada na região Centro-Sul de Belo Horizonte e, dentro do possível, seguiram o roteiro previamente preparado. Esse contato serviu para conhecer melhor os jovens e seu capital cultural, de que maneira eles avaliavam sua experiência escolar até aquele momento, quais eram seus hábitos de estudo antes e depois do ingresso no Programa, e várias perguntas foram formuladas sobre sua rede de sociabilidade. As entrevistas duraram, em média, 45 minutos. Saí de alguns encontros com uma sensação de vazio; de outros, com uma sensação de dever cumprido.

As entrevistas com as sete famílias (na maioria das vezes, com as mães, com exceção de uma entrevista que contou com a presença do pai e da mãe) foram realizadas nas casas dos alunos (com exceção de duas famílias que optaram por me atender na casa da avó materna devido à distância de suas casas).

Em todos os encontros fui muito bem recebida e senti que essas pessoas gostavam de falar da presença do(a) filho(a) no Programa. No final, todas as famílias me convidaram para tomar um cafezinho e uma delas tinha assado um bolo para me esperar.

As entrevistas realizadas com os quatro professores das escolas particulares foram realizadas nas sedes dos dois colégios. Elas tiveram duração máxima de 40 minutos, já que os professores encontravam-se no intervalo entre

uma aula e outra. Foram realizadas quatro entrevistas: duas no Alcântara e duas no Dom Assis. Três dos quatro professores lecionavam matemática e uma professora lecionava história. A escolha dos professores foi feita através de uma pesquisa (oral) entre os jovens do Programa. Eles eram considerados pelos jovens do Programa como os professores mais próximos e contribuíram com valiosas informações.

Convém explicitar que também entrevistei três professoras e a psicóloga-pedagoga do Programa Bom Aluno com o intuito de conhecer um pouco mais sobre a dinâmica das aulas no contexto do Programa, saber como elas percebiam os jovens e como elas se sentiam trabalhando com esse público. Esses encontros foram longos e por vezes acabaram virando mais uma conversa entre amigas. Duas entrevistas foram carregadas de emoções, fazendo com que a entrevistadora também se comovesse.

Secundariamente, foi feita uma consulta com a gerente do Programa sobre as notas desses jovens, que foram utilizadas para efeito de comparação da proficiência acadêmica em relação aos colegas de turma.

Questionário

No que concerne a informações sobre condições sociais e econômicas das famílias dos alunos entrevistados, às características pessoais dos jovens, ao local de moradia, à escolaridade dos pais, às escolas públicas frequentadas anteriormente, à escolha da escola particular, ao uso da internet como meio de adquirir conhecimento e como meio de comunicação, às preferências culturais como estilos de música e filme, ao uso do tempo livre e à leitura de jornais e revistas, bem como ao uso da biblioteca, optei pelo instrumento que melhor atende a essas perguntas: o questionário.

Os questionários foram entregues aos jovens durante a fase das entrevistas e, posteriormente (algumas semanas mais tarde), foram recolhidos pela psicóloga-pedagoga do Programa. Os dados obtidos nos vários itens do questionário não foram passíveis de uma análise detalhada, mas foram, sim, usados na descrição do perfil dos jovens e de suas famílias (cap.3). Como já foi mencionado

anteriormente, estamos diante de um grupo bastante homogêneo no que diz respeito ao aspecto socioeconômico e cultural.

O instrumento, contendo 57 questões objetivas e semiabertas, encontra-se no apêndice VII.

Observação

Minha participação, que se deu de forma despretensiosa, acabou por contribuir com informações importantes que serão descritas no capítulo 2. Abaixo, descrevo, sucintamente, como ela aconteceu.

No dia da prova escrita, que aconteceu nas instalações de uma escola pública localizada na região Centro-Sul de Belo Horizonte, fui presenteada com uma camiseta do Programa, de maneira que os participantes da seleção, bem como seus familiares, podiam me identificar e, se necessário, pedir ajuda ou esclarecimento sobre alguma questão. Juntamente com vários professores, voluntários e alunos do Programa Bom Aluno, ajudei na preparação do material, na organização do lanche, na sinalização das placas nas portas das salas onde as provas seriam realizadas, no encaminhamento dos jovens até as salas de prova e na entrega do material. Ouvi atentamente a chamada para a prova, que foi feita pela gerente do Programa por um microfone, seguida das informações sobre o que deveria acontecer nas próximas horas e de sugestões de como os familiares e acompanhantes poderiam passar o tempo de espera.

Durante o intervalo entre as provas de português e matemática, colaborei com a distribuição do lanche, organizando as mesinhas que ficavam espalhadas por toda a escola. Na segunda parte da prova, continuei a visitar as várias salas e substituí professores que necessitavam se ausentar por algum tempo. Respondi a várias perguntas dos jovens participantes da seleção e pude observar expressões de ansiedade naqueles rostos tão jovens. Não podia imaginar que minha presença nesses momentos trouxesse informações tão preciosas para esse estudo.

Quando os primeiros jovens começaram a sair, os familiares, que até então estavam passeando pela bela região no entorno da escola, começaram a se reunir no pátio. A expectativa que tomou conta dessas famílias naquele momento é indescritível. Os abraços e afagos, as várias perguntas feitas ao mesmo tempo deixaram os jovens, já cansados de uma longa manhã de prova, emocionados e

atordoados. O mito da ausência da participação das famílias populares na escolarização de seus filhos tem suas exceções e eu me encontrava diante dessa exceção.

Já na etapa da dinâmica de grupo, pude observar a interação entre os participantes e a facilitadora. Essa etapa aconteceu nas instalações do Programa. Com o roteiro da dinâmica nas mãos, pude acompanhar o desenvolvimento do trabalho. Tentei, ao máximo, minimizar os efeitos de minha presença de maneira a não interferir no processo. Ao final dessa etapa, troquei observações com a psicóloga do grupo.

Minha última observação aconteceu durante o processo das entrevistas - que seguiram um roteiro semiestruturado de perguntas para melhor conhecer os candidatos e suas famílias. Essa etapa também aconteceu nas instalações do Programa. Foram designadas duas pessoas para cada entrevista: uma psicóloga, juntamente com uma professora; ou a gerente do Programa, juntamente com uma professora. Em minha sala, estávamos eu e uma psicóloga. Recebi instruções de como preencher o questionário que avaliava as entrevistas que foram conduzidas por essa psicóloga. Ao final de cada encontro, nós duas trocávamos opiniões sobre os itens da entrevista e discutíamos sobre os aspectos que mais chamaram a nossa atenção. Posteriormente, a coordenação do Programa se reuniu para analisar cada caso usando as informações contidas nos itens que foram preenchidos durante as entrevistas. Eu não participei dessa etapa.

Vale ressaltar que fui para essa “aventura” sem saber ao certo o que estava para acontecer e como eu deveria me comportar. Ainda tenho a sensação de poder ter tirado mais proveito desses momentos, mas é verdade que não sabia bem “o quê” coletar. Quero deixar bem claro que minhas observações feitas nesses momentos não foram sistematizadas e não seguiram um roteiro. Foram observações que, em princípio, serviriam para alargar o conhecimento do campo empírico e que, ao longo da pesquisa, transformaram-se em material de grande valor. Admito que, sem elas, várias lacunas deste estudo poderiam não estar preenchidas.

Além desta introdução, a presente dissertação é composta por quatro capítulos, numerados de 2 a 5. No Capítulo 2, são abordados estudos que serviram para uma compreensão mais ampla do objeto de estudo proposto, sendo que estes serviram como eixos teóricos que nortearam as análises dos dados empíricos coletados.

No terceiro capítulo, faz-se uma breve descrição sobre entidades não governamentais, descreve-se o Programa Bom Aluno detalhadamente, e são apresentados os principais aspectos das duas escolas particulares frequentadas pelos jovens bolsistas no que diz respeito à estrutura física, ao número de alunos e à proposta pedagógica.

No Capítulo 4, os sete jovens pesquisados e suas famílias são caracterizados na forma de perfis. Por meio de questionários, traçou-se o perfil socioeconômico e cultural do grupo e, por meio de entrevistas, foram descritas características que permitissem ao leitor dar vida a esses sujeitos e suas famílias.

O Capítulo 5 tem por foco a descrição e a análise mais profunda dos dados coletados. Nele, busca-se descrever o que foi inicialmente o objeto deste estudo: as mudanças e os impactos gerados desde a inserção de jovens provenientes das camadas desfavorecidas em ambientes de alto nível acadêmico. O tratamento dos dados foi organizado em cinco eixos de análise: a rede de sociabilidade, a proficiência escolar dos jovens, o cotidiano das famílias, as práticas culturais das famílias e o papel do Programa Bom Aluno na redução das diferenças sociais e culturais de classe

Finalmente, são feitas as considerações finais sobre este trabalho. Tentou-se, nesse tópico, sintetizar, dentro do possível, os resultados dessa inédita experiência escolar. Também foram expostos os limites que o tempo impôs e as restrições de uma pequena amostra como essa de sete casos. São sugeridas novas incursões nesse rico campo empírico que agora faz parte da realidade da educação brasileira.

2 CONTRIBUIÇÕES DE DIFERENTES ESTUDOS PARA A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Neste capítulo, busquei dialogar com estudos que contribuíram para a compreensão do objeto desta pesquisa, que procurou vestígios de impactos/mudanças na rede de sociabilidade e na proficiência escolar dos jovens participantes do Programa Bom Aluno - PBA, bem como no cotidiano e nas práticas culturais dessas famílias. A pesquisa também buscou identificar de que maneira o Programa Bom Aluno contribuiu para diminuir as diferenças culturais de classe entre os bolsistas do PBA e os colegas da escola particular.

Tomei como ponto de partida os trabalhos realizados no contexto nacional que investigaram as trajetórias de jovens provenientes das camadas desfavorecidas rumo a cursos superiores, com o objetivo de apreender o papel da família, a presença de outras instâncias sociais de referência durante essa trajetória e a imprescindível mobilização individual que essa empreitada requer.

2.1 Estudos sobre “sucesso” escolar nos meios populares no contexto brasileiro

As expressões “meios populares”, “camadas populares” “camadas de baixa renda” e “camadas desfavorecidas” são usadas no presente estudo para designar:

[...] grupos que ocupam as posições que se situam na base da pirâmide social, porque estão em situação desfavorável no que tange à distribuição das formas de riqueza que – num dado momento histórico – constituem fatores de classificação social: os bens econômicos, os bens culturais, o poder. Sua condição social é, portanto, marcada pela insegurança, submissão, despossessão (SOUZA, 2009:20).

Desde a década de 1980, a Sociologia da Educação vem apresentando estudos que não se inserem mais em uma esfera de caráter macrossociológico - que analisa as trajetórias escolares como um fenômeno pautado pelo determinismo da

estrutura social – e, sim, que se inserem na esfera de caráter microsociológico. Nasce, então, a chamada “sociologia das relações família/escola” que, em pequenas unidades de análise, recria toda a experiência educacional do indivíduo e aponta para os fatores que provavelmente contribuíram para a sua longevidade escolar (NOGUEIRA *et al.*, 2006).

A literatura brasileira já conta com importantes estudos sobre esse tema. Contrariando estatisticamente o destino normalmente reservado aos jovens provenientes desses meios, esses estudos mostram que alguns desses jovens trilham “outro” destino que é, sabidamente, reservado aos “filhos” das camadas sociais mais favorecidas. Entretanto, observou-se, nesses estudos, que a classe social deixa de dar o veredito final quanto à trajetória escolar desses jovens e aponta para existência de um novo sujeito que, dentre outros fatores, tem autonomia (relativa) para decidir sobre seu futuro (NOGUEIRA, 2005).

Os elementos comuns encontrados por autores brasileiros na constituição dessas trajetórias improváveis – teses e dissertações – podem ser classificados, segundo Souza (2009), dessa forma: a família como esfera fundamental, a mobilização dos indivíduos em seus percursos escolares atípicos e o papel de outras instâncias sociais de referência.

A família aparece ocupando um lugar central nesse processo por atribuir um sentido positivo à escolarização. Alguns autores apontam para diversas formas de mobilização por parte dessas famílias e descrevem as estratégias por elas usadas (PORTES, 1993; LACERDA, 2006; ALMEIDA, 2006; SOUZA, 2009). Por outro lado, alguns desses estudos apontam para a ausência de uma mobilização familiar com estrito sentido e para a inexistência de um projeto escolar de longo prazo, mas percebem a presença da família na transmissão, dentre outros, de valores positivos sobre a necessidade da escolarização dos filhos e destacam a importância da realização do “trabalho escolar” das famílias caracterizado pelo apoio afetivo e pela atenção dispensada aos filhos durante suas trajetórias escolares (VIANA, 1998; SILVA, 1999; PORTES, 2001; PIOTTO, 2007).

A mobilização do próprio jovem foi identificada por todos os autores como sendo imprescindível na construção dessas trajetórias. Viana (1998) ressalta que esses percursos são construídos aos poucos e são marcados pela “autodeterminação” dos sujeitos. Cada etapa concluída serve de estímulo para

iniciar a próxima. Assim, de forma lenta e progressiva, eles vão desenhando as trajetórias que os levarão ao ensino superior.

A importância das vivências sociais nessas trajetórias, ou seja, da inserção desses jovens em redes de relações sociais formadas dentro de sua própria comunidade, foi assinalada pelos estudos de Portes (1993, 2001), Viana (1998), Silva (1999), Almeida (2006), Piotto (2007) e Souza (2009). A presença de pessoas externas ao grupo familiar, que agem como um “tutor” trazendo informações sobre os estabelecimentos de ensino público de qualidade ou mesmo auxiliando na compreensão sobre o sistema de ensino para assuntos relativos à escolarização, foi observada pelos estudiosos desse tema. Observou-se que a influência dessas pessoas foi fundamental para o êxito escolar desses jovens.

Com efeito, observa-se o uso do termo “sucesso escolar” nos estudos nacionais (TARÁBOLA, 2010; SOUZA, 2009; PIOTTO, 2007; ALMEIDA, 2006; LACERDA, 2006; PORTES, 2001; SILVA, 1999; VIANA, 1998; PORTES, 1993) com dois sentidos: o primeiro, no sentido de “longevidade escolar”, para designar o ingresso do aluno, normalmente com alguns ou com muitos anos de atraso, em um lugar pouco provável: em uma instituição de ensino superior. Essas trajetórias são consideradas longevas, já que os jovens oriundos dos meios populares, em sua maioria, têm em comum o abandono ou a interrupção de sua escolarização antes mesmo do término do ensino fundamental. O segundo, além de denominar a chegada do aluno a uma instituição de nível superior, denomina o ingresso em cursos de grande prestígio acadêmico e social conhecidos por terem um processo de seleção rigoroso, sem atraso de idade, sendo beneficiado ou não por algum programa de inclusão.

Os autores que pesquisaram o tema, ao darem ênfase nessa ou naquela prática, não desconsideraram as outras, pelo contrário, ressaltaram que todas elas estão presentes, com maior ou menor intensidade, para serem conjugadas entre si com o objetivo de produzir tais possibilidades de “sucesso escolar”. Com efeito, ao serem conjugadas com outras práticas, têm como resultado produtos distintos que mereceram análises distintas.

Práticas como o conformismo com as regras do jogo escolar, um olhar positivo por parte das famílias sobre a importância da escolarização, a busca de informação sobre o funcionamento da rede escolar - de forma a utilizá-la mais efetivamente - e o uso de violência física ou ameaça de seu uso como forma de

demonstração de cuidado e zelo pela educação dos filhos, aliadas a variáveis como interrupção da escolarização em vários momentos, mudanças constantes entre estabelecimentos de ensino por diferentes motivos e condições financeiras das famílias desfavoráveis, promoveram a entrada de jovens pertencentes às camadas de baixa renda na universidade (PORTES, 1993).

A pertinência da retomada dos estudos realizados no contexto nacional serve como ponto de partida para esta pesquisa por examinar casos de trajetórias escolares bem-sucedidas nas camadas populares. No entanto, tenho como hipótese que a trajetória dos jovens bolsistas do Programa Bom Aluno deverá se distanciar da trajetória dos jovens retratados nos estudos brasileiros a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, adentrando por um terreno ainda desconhecido pela Sociologia da Educação: um terreno no qual a educação de jovens “bons alunos” oriundos dos meios populares está sob a tutela de uma entidade não governamental com estratégias de educação associadas às famílias de classes médias.

2.2 As relações de sociabilidade

Tendo como um dos eixos norteadores desta pesquisa a hipótese de que os jovens participantes do Programa Bom Aluno sofram impactos/mudanças em sua rede de sociabilidade ao frequentarem um novo ambiente socializador, busquei, antes de mais nada, contribuições de autores que tratam do tema “sociabilidade” para melhor compreender seu significado, bem como sua dimensão.

Para isso, utilizei Georg Simmel, que em 1917 publicou o livro *Questões fundamentais de sociologia*, obra clássica da sociologia, e Félix Requena Santos, que escreveu *Amigos y redes sociales: elementos para una sociología de la amistad*, em 1994. Assim sendo, na visão do primeiro autor:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (SIMMEL, 2006:60).

Para o segundo autor:

A amizade não é somente uma questão dependente da livre escolha das pessoas, nem da seleção, nem da atração pessoal: pelo contrário, a disponibilidade dos amigos é uma consequência direta da localização física e da posição dos indivíduos na hierarquia social (SANTOS, 1994:2).

Esse sociólogo afirma que o pertencimento a grupos de amizades é importante para a compreensão da realidade e que, via conversa, os indivíduos elaboram conceitos e categorias necessários para a decodificação do mundo em que vivem. Dessa maneira, os símbolos adquirem significados, bem como os processos sociais. O gosto de cada indivíduo se faz refletir no gosto do grupo. “A amizade é importante pelo sentimento de identidade que ela proporciona” (SANTOS, 1994: 93).

Nessa “sociação”, não se busca algo objetivo, concreto, mas, sim, a satisfação momentânea dos envolvidos. Às qualidades pessoais que caracterizam o indivíduo em uma sociedade não se atribui o valor que elas têm fora dessa relação. Não há espaço para grandes demonstrações de autonomia e singularidade. Para que isso aconteça, Simmel (2006) atribui o uso do “sentido do tato”, que trata de regular as demonstrações de características pessoais como a cordialidade, o bom humor e o carisma. Também nessa sociação, o eu – e suas ambições - cedem espaço para o impessoal. Nas próprias palavras desse sociólogo:

[...] em termos de significações objetivas, significações que tem seu centro fora do círculo de ação; riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer papel na sociabilidade (SIMMEL, 2006:67).

Não se traz para essa sociação os dramas da vida pessoal ou a euforia de uma experiência vivida. O indivíduo engaja nessa relação com parcimônia, com discrição, com suas características pessoais “dominadas”, sendo capaz de se comportar apenas como mais um elemento desse encontro.

O caráter democrático dessas sociações só pode ser exercitado no interior de uma mesma fatia das camadas sociais, segundo afirma Simmel (2006), que observa nos casos de sociações entre estratos sociais distintos, o risco de se tornar algo constrangedor.

A igualdade, como vimos, resulta da eliminação, por um lado, do que é inteiramente pessoal, e por outro lado, do que é inteiramente material, ou seja, daquilo que a sociação encontra previamente como seu material e do qual se despe em sua condição de sociabilidade (SIMMEL, 2006: 69).

Tal afirmação é de grande importância para esse estudo, uma vez que os jovens pesquisados se encontram, nesse momento, inseridos em novas redes de sociabilidade (na escola) formadas por jovens pertencentes às diversas fatias das classes médias.

Para evitar qualquer desequilíbrio ou tensão na relação de sociabilidade e promover uma interação homogênea das partes, os indivíduos devem, segundo Simmel (2006), se despir de seu conteúdo objetivo garantindo uma “igualdade de *status*” entre os envolvidos. Assim sendo, Simmel (2006) considera a sociabilidade como algo artificial por entender que, quando o indivíduo deixa de revelar o seu aspecto pessoal por inteiro, há uma deformação de sua imagem plena. Nas palavras do autor:

Se a sociação é sobretudo interação, então o caso mais puro de sociação é aquele que ocorre entre iguais [...]. Pela sua natureza, ela precisa criar seres humanos que se desapegam de seus conteúdos objetivos e que, assim, modificam seu significado interno e externo para se tornarem sociavelmente iguais [...]. É o jogo do “faz de conta”, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, *faz de conta que cada um é igualmente honrado* (SIMMEL, 2006:71).

Tanto Santos (1994) como Simmel (2006) apontam para a igualdade (simetria) entre os indivíduos como uma das características mais relevantes da sociação e de sua permanência prolongada. No caso do presente trabalho, destaco a importância dessa característica da sociabilidade pelo fato de os jovens pesquisados serem oriundos dos meios populares, ou seja, de meios sociais distintos do de seus colegas e de, conseqüentemente, serem portadores de um *status* diferenciado.

A conversa pura, “jogada fora”, somente como estímulo para sustentar esse encontro, é a forma de sociabilidade mais difundida. Se porventura o assunto torna-se polêmico, não se trata mais de algo sociável, ou seja, se a conversa deixar de ter um fim em si mesma para ser o veículo para se chegar a uma conclusão ou para se fundamentar um ponto de vista, isso não se caracteriza mais como uma forma pura de sociabilidade (SIMMEL, 2006).

Com relação ao conteúdo de uma conversa, não que ele deva ser vazio, entediante, desinteressante; deve, até mesmo, ser o contrário de tudo isso, desde que não atraia para si todas as luzes dos holofotes. Assim sendo:

A maneira pela qual os grupos se formam e se separam, e o modo pelo qual a conversa, surgida por impulso ou oportunidade, se desenvolve, aprofunda-se, ameniza-se e termina, numa “reunião social”, fornecem uma miniatura do ideal de sociedade que se poderia chamar de liberdade de associação. Se todas as convergências e divergências devem ser fenômenos rigorosamente proporcionais a realidades internas, numa “reunião social” elas existem sem tais realidades, e nada resta além de um fenômeno que obedece às próprias leis formais de um jogo cuja graça, fechada em si mesma, revela *esteticamente* a mesma proporção que a seriedade da realidade exige em termos *éticos* (SIMMEL, 2006:78).

Sendo, então, a posição na hierarquia social um dos fatores mais importantes para a formação e a manutenção dos laços de amizade, é claro que, posta de forma inconsciente, conseqüentemente o lugar de moradia e a situação socioeconômica dos indivíduos deve influir nessa relação. Como os jovens participantes desta pesquisa moram bem distantes da maioria de seus novos amigos, será interessante observar como essa relação de sociabilidade se comportará.

Para finalizar, Santos (1994) aponta as diferenças entre coleguismo e amizade. Para ele, o contexto é que vai definir. No momento em que a frequência a “esse” contexto deixa de existir, o coleguismo se extingue, ou seja, é essa frequência a esse determinado local com um determinado objetivo que faz com que as pessoas estabeleçam uma relação de coleguismo. Já uma relação de amizade pode continuar a existir mesmo que o contexto em que ela nasceu seja extinto. Isso não implica, necessariamente, ter que preservar essa amizade para o resto da vida, mas, dependendo de fatores como posição na estrutura social, grau de educação e idade, ela pode se prolongar por um bom tempo.

2.3 Esquemas de ação, disposições e capital cultural

No caso daqueles a que chamamos, segundo as situações, os «trânsfugas de classe» [...] os «bolseiros» [...] e que saíram das suas condições sociais de origem pela via escolar, trata-se de uma clara oposição entre duas grandes matrizes de socialização contraditórias (o universo familiar e o

universo escolar), cujos valores simbólicos são socialmente diferentes no caso de uma sociedade hierarquizada (prestigioso/desvalorizado; alto/baixo; dominador/dominado...), que leva a heterogeneidade dos hábitos, dos esquemas de ação incorporados a organizar-se sob forma de uma clivagem do eu, de um conflito interno central que organiza (e embaraça) cada momento de existência (LAHIRE, 2001:54).

Em seu livro *O homem plural: as molas da ação*, Lahire (2001) discorre sobre como acontece a construção dos hábitos e dos esquemas de ação que irão acompanhar o ator em sua travessia pelo espaço social. A abordagem de tal tema é relevante para este estudo, uma vez que estamos diante de sete trajetórias de jovens bolsistas que, pela via escolar, passam a frequentar um universo socializador totalmente distinto do de sua origem e que exige a apreensão de novos hábitos, bem como de novos esquemas de ação.

Em muitos casos, esses “novos” hábitos e esquemas de ação não serão necessariamente contraditórios aos já apreendidos, podendo coexistir lado a lado de forma harmoniosa e ser acionados conforme demanda do contexto social. Já em outros, no caso de contextos com valores simbólicos muito diferentes, quando há conflito entre os novos e antigos hábitos e/ou esquemas de ação, há a possibilidade da “clivagem do eu”, podendo levar a uma existência permeada pelo sofrimento.

Assim sendo, Lahire (2001) chama a atenção para o erro de se fazer dessa “clivagem do eu” um paradigma geral para a interpretação de situações como a dos jovens bolsistas aqui pesquisados e lembra que, como todo ator é plural, os «trânsfugas de classe» não são exceção. O que os diferencia é a consciência que eles possuem de todo o processo.

Socializados sucessivamente, mas em parte também simultaneamente, em universos em que os hábitos de gosto são diferentes e mesmo socialmente opostos, os «trânsfugas de classe» oscilam de maneira permanente – e por vezes mentalmente extenuante – entre dois hábitos e dois pontos de vista (LAHIRE, 2001:55).

No caso deste trabalho, os jovens começam a frequentar o novo universo socializador a partir dos 10 - 11 anos de idade e, sobre isso, Lahire (2001) afirma que, nesse período, a aprendizagem e o ajuste de esquemas, conforme o novo contexto, acontecem sem grandes sofrimentos, pois a criança desenvolve a habilidade de ter controle sobre ela mesma.

Lahire (2001) argumenta contra o conceito de unicidade do ator em uma sociedade com forte diferenciação social e discorre sobre as condições que levam à

pluridade. Desde muito cedo, todos são expostos a socializações diversas, ou seja, heterogêneas do ponto de vista cultural e material. Decorrente disso, cada ator incorpora os mais variados hábitos e esquemas de ação (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de apreciação e de avaliação).

Desse modo, tais hábitos ou esquemas são adquiridos no seio familiar, na convivência com a babá, na creche, na pré-escola, na escola, com os amigos do bairro, no trabalho, no clube ou na igreja, sendo que é no seio da família que se constroem os hábitos e os esquemas de ação que servirão de base para os que vierem sucessivamente ou concomitantemente. Eles podem ser homogêneos ou contraditórios, dependendo do contexto em que foram adquiridos, e são empregados conforme as demandas das diferentes situações em que seus portadores se encontram.

No caso de jovens com sucesso escolar improvável, não há somente uma mudança física de contexto. Segundo Lahire (2001), há também uma mudança das forças que agem sobre os atores e a sobrevivência nesse novo contexto depende da capacidade de adaptação de cada um. O autor lembra que:

Da natureza dos contextos que somos levados a atravessar, depende o grau de *inibição* ou de *recalcamento* de uma parte mais ou menos importante da nossa reserva de competências, de habilidades, de saberes [...] das quais somos portadores (LAHIRE, 2001:77).

Em seu livro *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*, publicado no Brasil em 2004, Lahire analisa a trajetória de oito indivíduos na tentativa de “testar empiricamente a validade e a pertinência relativas aos conceitos de disposição, competência, apetência, transferibilidade [...]” (LAHIRE, 2004:20) e afirma que “uma disposição é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente. Portanto, falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões, etc” (LAHIRE, 2004:27). A noção de disposição está amparada na hipótese de que as diferentes maneiras que o indivíduo possui de sentir, de ver e de agir, de alguma forma, são resultados de experiências socializadoras passadas que resultaram “em características disposicionais: propensões, inclinações, hábitos, tendências, persistentes maneiras de ser [...]”(LAHIRE, 2004:27).

No caso deste estudo, tudo indica que as disposições dos jovens participantes se constituíram em um ambiente sociocultural de classes populares, ou seja, com todas as limitações socioculturais pertinentes a essa classe social quando comparadas a uma classe social mais favorecida. Assim sendo, será interessante observar o comportamento dessas disposições, uma vez que seus proprietários (os jovens pesquisados) passam a frequentar um espaço socializador diferente daquele no qual as primeiras disposições foram incorporadas.

Irão elas (as disposições) conseguir se ajustar ao novo contexto? Uma disposição pode se reconstruir em um contexto diferente do contexto inicial de aquisição? Poderão elas ser colocadas em estado de vigília, suspensas? Poderão elas se enfraquecer, se inibir? Confrontadas com disposições mais fortes, poderão essas ser conseqüentemente incorporadas? Algumas disposições podem desaparecer perante um trabalho sistemático de contrassocialização? Poderão novas disposições, mesmo que contraditórias, viver lado a lado em harmonia?

Lahire (2004) descreve as múltiplas disposições incorporadas por um indivíduo, não como parte de um sistema coerente e harmonioso, mas, sim, como parte de um sistema com múltiplas disposições incorporadas (contraditórias ou não) no decorrer das várias socializações que esse indivíduo sofre ao longo da vida.

Com efeito, esse autor se apropria da teoria do sociólogo Pierre Bourdieu transformando-a no seu interior, propondo uma nova maneira de se pensar o sucesso e o fracasso escolar. Bourdieu pressupõe utilizar a noção de capital cultural – sendo que o volume deste capital varia entre as camadas sociais – para determinar previamente a carreira escolar dos jovens. A noção de capital cultural foi concebida com o intuito de explicar a relação entre desempenho escolar e classe social. Com efeito, a escola contemporânea promove a exclusão de maneira branda e suave de jovens provenientes de famílias desprovidas desse capital por ela demandado (BOURDIEU, 2007).

Esse capital cultural, transmitido no espaço social familiar, pode ser identificado no indivíduo sob forma de cultura geral, que, segundo Bourdieu, seria indispensável para a compreensão dos conteúdos escolares. Essa cultura geral se traduz nas habilidades linguísticas, no conjunto de títulos escolares da família, no comportamento em espaços socializadores, no gosto, no modo de se vestir, na cultura geral em matéria de arte, bem como na informação que os familiares possuem sobre o sistema escolar. Com sua função conservadora, a escola privilegia

os alunos detentores desse capital que são justamente os jovens provenientes das classes sociais mais favorecidas, fazendo com que os excluídos tomem para si a razão da exclusão ou, usando as próprias palavras do autor:

E fazem com que o sistema de ensino, amplamente aberto a todos e, no entanto, estritamente reservado a alguns, consiga a façanha de reunir as aparências da “democratização” com a realidade da reprodução que se realiza em um grau superior de dissimulação, portanto, com um efeito acentuado de legitimação social (BOURDIEU, 2007:223).

Transportando essa leitura que Bourdieu (2007) faz sobre a exclusão de jovens desprovidos de capital cultural do interior do sistema de ensino para o caso dos bolsistas do Programa Bom Aluno, como explicar a permanência desses jovens em um ambiente de alta demanda de capital cultural? Em que medida poderia o PBA transmitir conhecimentos e habilidades que deveriam, em tese, ser adquiridos originalmente no espaço social familiar? Essa aprendizagem tardia se daria com muito esforço e sofrimento?

E foi baseado em sociedades com forte diferenciação social, como no caso do Brasil, que Lahire se distanciou de Bourdieu, ou, de outro ponto de vista, dialogou com a teoria de Bourdieu, ampliando-a quando descreve a infância e a adolescência como épocas importantes na vida dos indivíduos - épocas essas que são marcadas por períodos de socializações múltiplas denominadas por Berger e Luck (2004) de “primária” e “secundária”. Durante esses períodos, além da influência da família, as crianças incorporam uma pluralidade de disposições advindas das inúmeras interações com indivíduos ou grupos sociais fortemente distintos entre si (LAHIRE, 2001). E é esse indivíduo que traz consigo um esquema de socialização heterogêneo; que transita de um campo social para outro, ora acionando com destreza seus esquemas de ação (de hábitos) mais familiares, ora incorporando novos esquemas de ação com estranheza, que será o ator desta pesquisa.

Assim sendo, Lahire (2004:28) continua:

Como uma disposição é o produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada, ela só se constrói através da duração, isto é, mediante a *repetição de experiências relativamente semelhantes*. A incorporação de hábitos ou de disposições (discursivas, mentais, perceptivas, sensório-motoras, apreciativas...) não se realiza de uma só vez.

E vai mais além ao afirmar: “[...] a transferibilidade (de um esquema ou de uma disposição) é bastante relativa e a transferência ocorre melhor quando o contexto de mobilização está mais próximo, em seu conteúdo e estrutura, do contexto inicial de aquisição” (LAHIRE, 2004:29).

Desse modo, o autor vai dando vida ao seu conceito de disposição afirmando que ela se constitui de uma repetição sistemática e prolongada e que “pode ser *reforçada* por solicitação contínua ou, pelo contrário, pode *enfraquecer* por falta de treinamento” (LAHIRE, 2004:28). No caso dos jovens bolsistas investigados, observa-se a transferência de disposições na incorporação de novas formas de agir em novos contextos sociais, quando a jovem Eliana diz: “Eu consegui aprender muito rápido a diferença, aprendi sozinha, praticamente. Quando eu saí da Professor Cassiano⁷ e entrei no Alcântara⁸, eu já consegui captar tudo: isso eu posso fazer aqui e não posso fazer lá”.

2.4 Práticas escolares familiares de classes médias

A noção de “prática”, bem como a de “estratégia”, tem sido objeto de debates e até mesmo de controvérsia entre estudiosos da Sociologia da Educação. Para alguns autores como Kellerhals & Montandon (1991), esses termos, considerados sinônimos, são tratados apenas como expressões que caracterizam os meios para atingir um determinado fim, ou melhor, para denominar todo um modo de conduta das famílias com relação à escolarização de sua prole.

Por outro lado, para os seguidores da corrente de pensamento conhecida como “neo-individualista” (RAYMOND BOUDON, 1979, apud NOGUEIRA, 2002), o sujeito social age livre e conscientemente em suas tomadas de decisão, que são resultados de um balanço racional e intencional de cada opção disponível, quando se avalia a rentabilidade que esta ou aquela decisão terá em sua vida.

Fazendo oposição a esses dois debates, temos os seguidores da escola bourdiesiana que veem nas estratégias nada menos que disposições de classe adquiridas nos meios sociais de pertencimento. Elas não são decisões pensadas ou

⁷ Nome fictício da última escola pública que essa jovem frequentou.

⁸ Os nomes dos colégios particulares onde os pesquisados estudam são fictícios.

pesadas, nem tão pouco impessoais, ou seja, não são decorrentes de uma determinação estrutural. As estratégias são o resultado óbvio da incorporação de capitais que foram interiorizados ao longo de uma existência. Para esta pesquisa, utilizar-se-á esse conceito.

Ao trazer para esta pesquisa noções sobre as práticas escolares familiares associadas às classes médias, traz-se também a visão sobre a natureza das práticas pelas quais a educação dos jovens bolsistas será regida. Se a proposta do Programa Bom Aluno é a de patrocinar uma escolaridade de alto nível a seus participantes, faz-se necessário, por parte do Programa, lançar mão de estratégias de educação utilizadas pelas famílias de classes médias que são detentoras dos melhores desempenhos educacionais do País.

Para compreender quais são elas e como são utilizadas, cito o estudo de Nogueira (1995), que focaliza os resultados de pesquisas sobre a relação de famílias das camadas médias com a escola naquele período e o estudo de Nogueira (2010:213) que “aborda a renovação teórica por que passou, nas duas últimas décadas, a problemática sociológica da relação classes médias/escola, à luz tanto das novas dinâmicas sociais, quanto dos avanços que afetaram o pensamento sociológico nesse período”, sem deixar de revisitar as práticas escolares associadas às classes médias/alta.

Em seu artigo intitulado *Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção*, Nogueira (1995) tenta responder a duas questões antes de entrar no cerne do tema do artigo. São elas: por que estudar as camadas médias e o que são “classes médias”. Esclarecidas tais questões, a autora mergulha no universo das práticas que regem essa relação, trazendo à tona dados importantes que ilustrarão esta pesquisa.

As famílias das fatias das classes médias que dependem da escolarização para assegurar sua posição na estrutura social ou, até mesmo, para conquistar um lugar de maior prestígio nela, se tornam verdadeiras “profissionais” dessa arte. A razão para esse fenômeno virar quase uma “profissão” é que ele requer muita disposição, energia, conhecimento do sistema escolar, capacidade de organização e de controle, de atualização, de abdicação, de competência pedagógica, de meios financeiros e, acima de tudo, de tempo.

De posse de todos esses “trunfos”, essas famílias, que são normalmente representadas pela figura da mãe que se põe à frente dessa empreitada,

acompanham as tarefas de casa, verificam o aprendizado das lições através de novas explicações dos conteúdos aplicados em diferentes contextos, investem em jogos e brincadeiras com o intuito de sistematizar o conhecimento, frequentam reuniões de pais na escola e acatam os conselhos dados pelos professores.

Além disso, esses pais contribuem com informações valiosas na construção e na manutenção de uma rede de informações sobre os bastidores das escolas, da sala de aula dos filhos – como, por exemplo, qual professor é melhor e quem são os melhores e os piores alunos da sala - controlam as notas dos filhos, conferem os *rankings* e avaliam as possibilidades de sucesso que o filho possa ter nessa ou naquela escola.

Com relação ao tempo livre, essas famílias o preenchem com atividades culturais como aulas de língua, esportes, artes, música e dança, e aproveitam tais encontros, que acontecem normalmente semanalmente, para estabelecer laços de amizade com outros pais, que poderão fornecer novidades que serão utilizadas para enriquecer sua rede de informação.

Com relação ao tempo de televisão, essas famílias se esforçam ao máximo para evitar que seus filhos se tornem usuários deste passatempo e investem na transmissão do gosto pela leitura através da compra de livros e da frequência a bibliotecas, já que eles próprios têm internalizada essa prática.

Em seu artigo intitulado *Classes médias e escola: novas perspectivas de análise*, Nogueira (2010) retoma o tema e argumenta que uma das razões para se aprofundar nas pesquisas sobre essa fatia de classe é decorrente da mudança de “olhar” sobre ela por parte da comunidade científica nessas últimas décadas e, sobretudo, devido ao seu crescimento meteórico no período 2004-2008 (IPEA, 2008).

Nogueira (2010) volta a discorrer sobre os vários conceitos que os autores utilizam para definir “classes médias” e, com o intuito de ajudar nessa compreensão, vale citar um desses conceitos: “Ao se estudar a classe média, é preciso lembrar a associação entre classes médias e consumo, tão comum na literatura, pois esse consumo de padrão acima do popular é um recurso central na formação da identidade dessa classe. (GUERRA et al, 2006:17)

Convertendo esse conceito em prática, tudo indica que a classe média está gastando seus recursos em pesados investimentos escolares. Com o crescimento da economia nacional, aumentou, também, a população pertencente a

essa classe social. Em decorrência de tais mudanças, a concorrência para conseguir uma vaga em uma universidade de prestígio ficou ainda mais acirrada e, conseqüentemente, ficou mais difícil obter uma colocação privilegiada no mercado de trabalho.

Ainda sobre como definir a classe média, o estudo intitulado *A nova classe média*, coordenado por Neri (2008), propõe uma maneira inovadora de medir essa classe: combinar elementos clássicos como renda e acesso a bens de consumo com a “capacidade de geração e manutenção da riqueza a prazo mais longo” (NERI, 2008: 25).

No primeiro elemento temos **acesso à universidade pública ou privada, acesso a escola de qualidade (privada?)**, a elementos da área de Tecnologia da Comunicação e da Informação como computadores conectados à internet além da renda corrente, a renda permanente estimada a partir de características sócio-demográficas fixas (como sexo, idade, região, etc., **mas especialmente estoque de educação [...]** mergulhar nos detalhes da sua determinação (por exemplo, **ir além da estatística de acesso a educação, mas ver quanto se paga pela mesma**), agregar a interação dos diversos componentes e monitorá-los ao longo do tempo (NERI, 2008:25, grifo meu).

Percebe-se um enorme esforço por parte de todos os segmentos da sociedade na tentativa de definir um grupo social marcado por uma forte segmentação interna que vai do “office-boy até o diretor da empresa”, segundo Quadros (1991 *apud* NOGUEIRA, 1995:13).

Assim sendo, no atual mercado escolar, que se constituiu da massificação do ensino no Brasil na década de 1980, vale a compra de todos os “bens” que garantam a manutenção da posição dessa classe na hierarquia social ou até mesmo uma ascensão. Nogueira (2010) reforça a tese de que esse trabalho requer energia, disposição, conhecimento do sistema escolar e atitudes preventivas que são provenientes do incessante trabalho por parte dessas famílias.

Van Zanten (2007) chama a atenção para esse cenário, palco de fortes mudanças sociais, do qual está emergindo uma classe média “mais armada”, no que diz respeito a conceitos e estratégias quanto à inserção no mercado de trabalho e com referência ao mercado escolar. As classes mais baixas, antes excluídas do ensino médio e superior, se veem agora beneficiadas por essas mudanças. Por sua vez, as classes médias estão prolongando sua permanência nas instituições de ensino e - via meios de comunicação - estão tendo mais acesso a informações

científicas. Com efeito, de posse de um conhecimento maior e de certa familiaridade com conceitos científicos, essas classes fazem uso próprio dessas informações incluindo os resultados de investigações feitas pelos sociólogos da educação.

Essa classe social, que se define como dona de seu próprio destino, é capaz de traçar estratégias de ação para não se submeter às pressões sociais. Isso se traduz, no campo da educação, em desenhar um sofisticado percurso escolar para seus filhos baseado em conhecimentos da psicologia e da sociologia. Tal percurso será racionalmente planejado observando as características individuais decorrentes da experiência cultural infantil (VAN ZANTEN, 2007).

O apelo à internacionalização parece uma estratégia que resulta em bons frutos, já que um mundo globalizado requer cidadãos globalizados. O estudo de Nogueira *et al.* (2008) aborda a dimensão que esse apelo tem, atualmente, nos meios sociais mais favorecidos, no que diz respeito ao valor que o elemento internacional agrega na educação dos filhos. As autoras sugerem que, além de ser um ingrediente fundamental de investimento no patrimônio cultural, a internacionalização distingue um grupo de outro e reforça suas fronteiras quanto ao volume de capital econômico e cultural. Vale lembrar que o Programa Bom Aluno disponibiliza uma vaga de intercâmbio, a cada dois anos, para seus participantes, via Rotary Clube.

Por fim, percebe-se o surgimento de uma nova problemática: a participação “invasiva” dos pais no que diz respeito aos projetos e planos dos filhos. Isso parece enfraquecer a meritocracia e fortalecer a parentocracia educacional, quando os pais realizam seus desejos através dos projetos que traçam para seus filhos (BROWN, 1999). Em outras palavras:

Os resultados escolares de um aluno estariam se tornando cada vez mais dependentes dos recursos financeiros e da capacidade estratégica de seus pais, e cada vez menos de seu valor escolar que, num regime mais assentado na meritocracia, recebia forte influência dos recursos culturais dos pais (NOGUEIRA, 2010:223).

2.5 “O que a escola faz às famílias”⁹

O título acima, importado do trabalho de Perrenoud (1987), traduz um dos eixos de análise desta pesquisa que é o de descrever e analisar os impactos e/ou as mudanças que a entrada de jovens bolsistas em uma escola particular de alto nível acadêmico causa no cotidiano de suas famílias. O autor listou e descreveu detalhadamente uma série de efeitos/impactos comuns decorrentes da entrada de uma criança na escola sobre a família, bem como sobre ela própria.

Para esse autor, o futuro de uma família está ligado em grande parte ao que se passa durante a escolarização de seus filhos. A rotina de uma família é guiada, teoricamente, por pelo menos uma década (sem falar das famílias que têm filhos em intervalos maiores ou filhos que prolongam sua escolarização através de cursos de especialização, mestrado ou doutorado), pelas exigências impostas pela escola como horários, disciplina, despesas e pelas tensões que ela causa.

A passagem pela escola nem sempre é vivida da mesma forma por seus usuários e seus familiares. Ela pode despertar tristeza, alegria, frustração, humilhação e conflito. Mas, para a maioria das famílias, a escolarização está totalmente integrada ao seu cotidiano a ponto de não se perceber o quanto suas vidas são diariamente impactadas pelas obrigações diretas e indiretas que ela gera.

Assim sendo, Perrenoud (1987) lista em seu detalhado estudo os doze eixos complementares pelos quais se pode analisar as possíveis influências da escola sobre a família, bem como em sua rotina. Portanto, a escola influencia: 1) o emprego do tempo familiar; 2) o seu relacionamento com o espaço; 3) o orçamento (despesas diretas/indiretas); 4) as tarefas (o trabalho escolar, a apresentação do filho na escola); 5) o controle social que ela exerce sobre a criança; 6) a sua ação educativa; 7) a evolução do futuro dos filhos; 8) a rotina; 9) a autoimagem (decorrente dos resultados das avaliações escolares); 10) a proteção de sua vida privada; 11) sua relação com o futuro e suas estratégias diante da “armadilha” escolar ;12) a sua inserção social nas diversas redes de relação.

Sem deixar de citar os diversos tipos de estruturas familiares, o autor considerou como “família”, em seu trabalho, o grupo dentro do qual a criança ou o

⁹ Título original do trabalho em francês: *Ce que l'école fait aux familles*.

jovem vive e em que se encontra pelo menos um adulto responsável por sua educação e por sua escolarização. Assim sendo, o autor explica:

[...] existem famílias diferentes em sua estrutura e em sua composição e mais diferentes ainda com relação à sua condição de vida, a seus valores e a seu modo de funcionamento; *a escola não saberia fazer a mesma coisa com famílias tão diferentes* (PERRENOUD, 1987:93).

Com efeito, a escola age sobre cada família de forma particular, sendo que essa “forma” está sujeita a mudanças que variam de acordo com acontecimentos dentro ou fora das famílias ou acontecimentos ligados à escola. Lembrando que as famílias dos bolsistas aqui pesquisados já se encontram impactadas - de alguma forma - pela presença da escola, a mudança de estabelecimento de ensino sofrida por seus filhos poderá modificar ou não essa rotina ou, em outras palavras, essa mudança poderá alterar ou não a maneira como essas famílias já vivem a escolarização de sua prole.

Nas palavras de Perrenoud:

Mesmo o que ela (a escola) faz a cada uma delas (as famílias), em particular, é uma realidade mutável e ambivalente: a relação com a escola pode flutuar ao sabor dos acontecimentos familiares ou escolares e evoluir durante o desenvolvimento das crianças ao longo da trajetória escolar. Pode soar contraditório: alguns pais vivem a escola *ao mesmo tempo* como uma necessidade frustrante e estressante sob certos aspectos e como estruturante, liberadora e positiva sob outros aspectos. Essa ambivalência aumenta se a família tem filhos que vivem experiências escolares contrastantes. Podemos, a partir de agora, descrever *o que a escola faz às famílias* de outra forma que não sob as cores de uma infinita diversidade e de singularidades indescritíveis? (PERRENOUD, 1987:93).

Sendo impossível para a Sociologia da Educação dar conta de tudo o que a escola faz às famílias devido aos fatores acima mencionados, ela consegue, ainda assim, explicar uma grande parte dessas mudanças/impactos quando se leva em conta: 1) a posição da família na hierarquia social (condição de cultura “de classe”); 2) as regras implícitas ou explícitas do funcionamento do grupo familiar; 3) as experiências concretas vividas na escola (êxito, integração, relacionamento com os professores, ambiente da sala de aula e do estabelecimento escolar).

Mas, salienta o autor, mesmo dentro de uma mesma classe social, a escolarização afetará as famílias de diversas formas, ou seja, é possível encontrar

jovens com sucesso escolar nas camadas populares da mesma forma que é possível encontrar jovens com fracasso escolar nas camadas médias e alta.

2.6 Diferenças de classes nas práticas de criação dos filhos: o estudo de Lareau

Annette Lareau, socióloga norte-americana, realizou um estudo etnográfico com doze famílias que tinham crianças de nove e dez anos. A pesquisa, que foi realizada em duas escolas situadas em duas cidades dos Estados Unidos, teve início em dezembro de 1993 e durou até 1997. Posteriormente, essa pesquisa se tornou um livro intitulado *Unequal Childhoods: class, race, and family life*.

Os estudos realizados pela autora (2003) sobre evidências de diferentes práticas associadas à rotina diária dos filhos não apontavam, até então, para as dinâmicas da vida familiar das diferentes classes sociais. Não se distinguiam com clareza quais eram as dinâmicas internas dos lares que poderiam produzir vantagens na educação dos filhos. O foco dos diversos estudos já realizados estava nas práticas isoladas das famílias como: o tempo que as crianças passam em frente à televisão, quais são as influências da escolarização dos pais no cotidiano dos filhos, ou mesmo o tempo utilizado pelas famílias nas visitas aos parentes.

Kingston (2000 *apud* LAREAU, 2003) afirma em seus estudos que o comportamento dos pais pertencentes às diferentes classes sociais não produz, ao menos de forma evidente, diferença na relação com a rotina diária dos filhos. Entretanto, a autora conseguiu mapear, em seu estudo realizado por meio de métodos etnográficos, diferenças na rotina diária de famílias de classes médias e populares. Contradizendo Kingston, Lareau demonstra que os estilos parentais de famílias de diferentes grupos sociais resultam em diferentes comportamentos por parte dos filhos, comportamentos esses que, em longo prazo, podem trazer benefícios para uns e desvantagens para outros.

A autora nomeia dois tipos de lógica usada pelas famílias estudadas: pais de classe média usam a lógica do “cultivo orquestrado”, enquanto pais de classes trabalhadoras e pobres usam a lógica do “crescimento natural”. Com relação à primeira lógica, observou-se a preocupação com o uso da linguagem, o exercício

diário do raciocínio e o diálogo como instrumento de disciplina. Também se observou o envolvimento dos filhos em muitas atividades extraescolares mesmo quando ambos os pais trabalhavam fora de casa, sacrificando muitas vezes o tempo livre dos pais e dos irmãos. O contato com parentes acontecia somente em época de festas ou em datas comemorativas, mas, na ordem de prioridades, ficava atrás das competições esportivas.

Na segunda lógica, Lareau (2003) observou que as famílias populares ofereciam amor, conforto, alimentação e segurança aos seus filhos, mas não tomavam para si a tarefa do desenvolvimento dos seus talentos especiais. As ligações com os familiares eram profundas e os eventos comemorativos tinham grande importância. As crianças tinham bastante tempo livre devido às poucas atividades extraescolares. Essas famílias priorizavam o uso das diretivas em detrimento do exercício do raciocínio e, em algumas das casas estudadas, davam mais ênfase à disciplina física.

Se considerarmos que a classe social tem um impacto considerável no ritmo diário da vida familiar, então poderíamos nos perguntar qual seria o significado desses eventos e de que forma essas rotinas familiares transmitem vantagens e desvantagens às crianças, especialmente as que já estão na escola. Os processos sociais que diferenciam essas famílias promovem práticas que, de alguma forma, oferecem recursos às crianças e que, em longo prazo e fora do ambiente familiar, serão percebidos como desiguais. A preocupação com o uso da língua nas famílias de “cultivo orquestrado” é demonstrada na disposição em dialogar com as crianças propiciando o enriquecimento do vocabulário, exercendo a habilidade de debater, criando nos filhos um sentimento de ter direito de ser ouvido pelos adultos, desenvolvendo a habilidade de persuadir ao demandar algo, cultivando as habilidades cognitivas e sociais, assim exercitando o raciocínio diariamente.

Já nas famílias de classes trabalhadoras e pobres, a pouca importância dada ao uso da língua não propicia debates e nem o uso do raciocínio, não se desenvolve nas crianças o sentimento de ter direito a algo e nem de serem ouvidas pelos adultos. Desenvolve-se, então, um sentimento de inferioridade e limitação quando engajados em diálogos com as pessoas consideradas “autoridades”, como professores, policiais, agentes do serviço social e médicos. Assim, essas crianças não se veem merecedoras de qualquer atenção por parte dos adultos. Percebem-se distantes e incapazes de fazer qualquer demanda.

A preocupação com o tempo livre pelas classes médias produz uma rotina frenética na vida dessas famílias. As atividades são geralmente organizadas pelas mães, que acreditam muitas vezes na importância delas no desenvolvimento da confiança, no desenvolvimento da sensibilidade musical e da postura dos filhos. Ao fazerem esportes, esses filhos aprendem a competir e a trabalhar em equipe, a ganhar e a perder com elegância. Esses inúmeros compromissos levam pais e filhos à exaustão e, quando as crianças têm algum tempo livre, não sabem bem de que forma usá-lo. Os filhos relacionam-se com os colegas das várias atividades organizadas, que são normalmente da mesma idade, mas que variam a cada começo de uma nova atividade. A interação com vários adultos faz parte dessa rotina, já que há instrutores, técnicos, tutores e outros pais envolvidos no processo. Com isso, as crianças aprendem a dialogar com adultos, a terem suas demandas atendidas e a serem tratados como clientes.

O tempo livre das famílias que cultivam o “crescimento natural” é maior do que os das famílias de classes médias, já que geralmente essas crianças não participam de atividades organizadas pelos pais. As crianças controlam seu tempo livre, porém alguns limites são estabelecidos pelos adultos como, por exemplo, até onde podem ir (fora de casa) e a que horas devem voltar para casa. Essas crianças iniciam suas brincadeiras sem a intervenção de adultos, visitam parentes, assistem à televisão quando querem e preparam seu próprio lanche.

A lógica usada pelas famílias de classe média “parece” atender aos requisitos das instituições dominantes, apesar dos sacrifícios que ela gera, desenvolvendo nos filhos um sentimento de “ter direito a”. Já nas classes trabalhadoras e pobres, os padrões de cultivo identificados apontam esforços para superar os vários desafios gerados pela falta de recursos econômicos, deixando os filhos desenvolverem-se naturalmente. Em consequência disso, durante a pesquisa feita por Lareau, foi observado um desconforto nas crianças dessas classes nos momentos de interação com as instituições dominantes. Finalmente, não parece estar em questão a preferência de uma lógica em detrimento da outra, mas, sim, um balanço entre duas lógicas socializadoras que, simultaneamente, transmitem vantagens e desvantagens para os filhos.

A autora conclui que “indivíduos vivem suas vidas de acordo com uma estrutura social” e explica que o termo “estrutura social” usado nesse contexto diz respeito a uma “regularidade de padrões de interação, muitas vezes nas formas de

organização social” (LAREAU, 2003:14). Nos vários estudos sobre sucesso escolar, a posição dos pais na hierarquia social é um forte indicador desse sucesso, mas Kingston, em seu livro *The Classless Society*, afirma não perceber uma evidência clara da ligação entre comportamento e classe social. Muitos pesquisadores reconhecem a existência de diferenças no nível educacional dos pais, nas posições que eles ocupam no trabalho, nos diferentes salários que recebem e na forma de educar os filhos, mas essas diferenças são vistas como uma forma de “gradação”¹⁰ e, combinadas com outras variáveis, resultam em desigualdades maiores ou menores. Para eles não há existência de padrões de comportamento que associados a diferentes classes sociais produzem um resultado esperado.

A autora se apoia na teoria de Bourdieu ao afirmar que indivíduos provenientes de meios sociais diferentes são socializados diferentemente e que é nessa socialização que se desenvolve nas crianças algo espontâneo denominado por ele de *habitus*¹¹. Também é a partir dessas experiências na infância que as crianças adquirem seu “capital cultural” que será usado como vantagem na escola e no futuro na hora de conseguir uma boa colocação profissional, já que instituições como escola e “empresas” valorizam as mesmas práticas culturais.

Então, se transportarmos a lógica do “crescimento natural”, descrita por Lareau, para a realidade dos jovens participantes do Programa Bom Aluno, todos oriundos das classes trabalhadoras e pobres, podemos, então, supor que eles estão em “desvantagem” dentro do ambiente escolar no qual estão atualmente inseridos. Poderia, então, o PBA minimizar essa desvantagem e atuar como uma “família de classe média” na vida desses alunos? Ao disponibilizar aulas de natação, informática, inglês, aulas de reforço, técnicas de redação, desenvolvimento pessoal, matemática, português, visita a museus, idas a concertos e cinemas e, até mesmo, disponibilizar um programa de intercâmbio para o exterior, estariam esses jovens aptos a competir em pé de igualdade com os jovens das classes médias? Quando os jovens ingressam no Programa no 7º ano do Ensino Fundamental, muitas dessas habilidades já não deveriam estar incorporadas? Poderíamos falar de uma aprendizagem tardia? Como as famílias desses jovens convivem com seus filhos

¹⁰ Tradução sob minha responsabilidade - *Gradation* no original.

¹¹ Conceito utilizado por Bourdieu. *Habitus* se refere a um conjunto de disposições incorporadas pelo indivíduo principalmente na infância.

que recebem um tipo de educação fora de casa e outra dentro de casa? Estarão essas famílias prontas para se adaptar a essa nova realidade?

2.7 Estudos sobre as fronteiras sociais

O mundo social é balizado, marcado, dividido. Não se trata de um espaço homogêneo em que indivíduos e cidadãos circulariam livremente. Pelo contrário, limites e postes, e, às vezes, também malas e caixas de papelão marcam as trajetórias, delimitam os deslocamentos e organizam os encontros. Essas linhas mais ou menos visíveis, mais ou menos evidentes, constituem aquilo que chamamos de fronteiras sociais (MERKLEN & SAINT MARTIN, 2010:9).

O uso de estudos que têm como tema as fronteiras sociais que demarcam nossos deslocamentos é pertinente nesta pesquisa pelo fato de os jovens bolsistas cruzarem, diariamente, tais fronteiras. Esses alunos passam a frequentar, durante grande parte do dia, espaços socializadores com códigos de comportamento, vestuário, gosto musical, destinos turísticos, poder aquisitivo, escolarização dos pais e forma de se expressar distintos dos de sua origem. Esses espaços são delimitados por essas fronteiras que, apesar de não serem demarcadas por um muro ou uma cerca, são percebidas por quem se encontra dentro e fora delas.

De um modo geral, estudos que tratam de fronteiras sociais são realizados com o intuito de desvendar como são formadas essas fronteiras, como elas são mantidas, atualizadas, cruzadas ou mesmo como são utilizadas em forma de proteção de classe; como elas servem de espaço de troca, de exclusão e de segregação; o que as fazem perceptíveis e, no caso de serem invisíveis, o que as tornam “visíveis” (MERKLEN & SAINT MARTIN, 2010). Outros estudos investigam como uma cultura de classe é passada de geração em geração ou como uma identidade de classe é criada e transmitida internamente entre os membros de um grupo (WEIS, 2010).

Ao conferir à educação um papel central na formação das fronteiras sociais, Merklen & Saint Martin (2010) apontam para a importância da educação fora do ambiente escolar, ou seja, em instituições culturais, em instituições que dão reforço escolar e no seio da família, sendo este último o lugar no qual se constroem

as matrizes mais importantes para a formação de um sentimento de pertencimento a uma classe social. Nas palavras dos autores:

É na relação entre a educação nas famílias e a produção das fronteiras que são aprendidos os códigos sociais com os quais o indivíduo gerencia as relações sociais com as quais é confrontado. Essa aprendizagem permite não apenas uma integração com a sociedade global (enquanto indivíduo), mas também a integração com a sociedade por meio do pertencimento a um grupo e da diferenciação de outros grupos (MERKLEN; SAINT MARTIN, 2010:11).

No caso de um jovem oriundo das classes populares, a obtenção de um diploma em uma renomada universidade não seria suficiente para ele cruzar com naturalidade as fronteiras sociais? Estariam, nesse diploma, embutidas todas as disposições que um indivíduo necessita, ou seja, que uma sociedade com forte diferenciação de classes exige para a aquisição de uma boa posição profissional?

Se, por um lado, a escola seria o lugar onde as chances são igualmente distribuídas entre todos, ela é, por outro lado, responsável pela manutenção das desigualdades. Tanto que, após saírem das escolas onde estudavam (públicas), os jovens pesquisados neste estudo passam parte do dia “melhorando” os ensinamentos que obtiveram naquelas escolas, “[...] a gente faz todo um trabalho de reeducação escolar com esses alunos [...], a gente ensina a estudar, a se organizar, a ter estratégias de estudos, a administrar o tempo [...]”, observa a psicóloga-pedagoga do PBA.

O Programa Bom Aluno ministra aulas de português, matemática, inglês, física, produção de texto, entre outras, oferecendo também aulas de desenvolvimento pessoal, nas quais se “trabalha a autoestima, a motivação para que o aluno possa se manter no Programa e nas escolas particulares. Porque há uma diferença social muito grande, e se ele não tiver uma auto-estima elevada, uma estrutura, ele não consegue...”, explica a psicóloga-pedagoga.

Com efeito, Merklen & Saint Martin (2010:11) ressaltam “que ao apreender as fronteiras sociais, os indivíduos se preparam para participar do jogo social, para concorrer e cooperar com os membros de outros grupos”.¹²

Com a concorrência escolar em alta após a expansão da escolarização no Brasil ocorrida na década passada, a classe média aposta em diferenciais para valorizar o diploma de seus filhos, seja patrocinando cursos no exterior, cursos de

¹² Tradução sob minha responsabilidade.

especialização, cursos universitários de ponta, cursos de MBA caríssimos, *coaching*¹³, dentre outros. Além disso, a utilização de várias estratégias para a manutenção da classe, como morar em lugares frequentados por pessoas da mesma classe social e a aposta pesada no capital social para posicionar seus filhos no mercado de trabalho, também faz parte das práticas das classes médias/alta.

Como ficam, então, os jovens das classes desfavorecidas se o tal diploma tão sonhado já não basta? A escola não tem nenhum poder sobre o mercado de trabalho e, logo, os indivíduos mais desprovidos de recursos veem acontecer diante de seus olhos o que Bourdieu(1998) chamou de desvalorização dos diplomas. O sofrimento agora é maior porque foi dada a chance e esse indivíduo fracassou.

Presta & Almeida (2008), ao pensar a desigualdade social no Brasil, concentraram seus estudos na compreensão da formação dos processos que parecem estar na base dos modos de vida das famílias gerando, conseqüentemente, diferenças em relação à escolaridade e à construção de fronteiras sociais. Em seu estudo, as autoras utilizaram a noção de “fronteira social” e “fronteira simbólica” como algo mais “dinâmico e permeável do que a noção de desigualdade normalmente o faz, chamando a atenção para os processos de dominação e exploração que as constroem” (PRESTA; ALMEIDA,2008:403). Assim sendo, privilegiou-se “discutir a gênese dessas fronteiras simbólicas que fundam, para os próprios indivíduos, o território dos possíveis e dos impossíveis, do desejado e do indesejado e assim por diante” (PRESTA; ALMEIDA, 2008:403).

Ao tentar compreender melhor a razão da manutenção da desigualdade social brasileira, as autoras sinalizam que, além de as trajetórias serem determinadas, em sua maioria, pelo que já se sabe sobre isso, ou seja, pela trajetória do grupo familiar e por seus patrimônios acumulados, ainda sobra espaço para outras possibilidades que determinam ou determinarão certas trajetórias sociais. No que tange a importância desse trabalho para esta pesquisa, destaca-se a noção de “experiências educativas”, que é vista como o trilho por onde passará o trabalho socializador efetuado pelas famílias, escolas e outras instituições com destino à formação das fronteiras simbólicas (PRESTA & ALMEIDA, 2008).

¹³ *Coaching* é o termo usado em um processo que visa definir os objetivos profissionais e pessoais dos participantes. Ele é conduzido por um *coach* (treinador) para apoiar os *coachees* (clientes).

As autoras também fazem uma relação entre os modos de participação da família na organização dos investimentos quanto ao futuro de seus filhos e à estrutura de seus patrimônios e ressaltam a importância de compreender como esses jovens absorvem e tratam tais investimentos (PEROSA, 2006). Por fim, ressaltam a figura do “veredito escolar”, com relação ao desempenho dos jovens, como tendo grande peso na forma de investimento de tais patrimônios.

A noção de fronteira se faz importante para compreensão dos discursos dos jovens desta pesquisa que se autorreferem como “nós” e se referem aos colegas da escola como “eles”. Sendo assim, Labache & Martin (2008) definem bem essa noção quando dizem que as fronteiras permeiam cada passo da vida do indivíduo, delimitando os contornos das categorias sociais por um lado e, por outro, servindo como lugar comum em que acontecem as trocas e os encontros entre seus membros. As autoras discorrem sobre trajetórias que resultaram de experiências que tocaram os limites das fronteiras sociais, seja no sentido de mantê-las para não sofrer desclassificação, de cruzá-las, ou até mesmo de transgredi-las.

Ainda quanto a esse respeito, as autoras afirmam:

Embora os modos de percepção e os processos de construção e de transgressão de fronteiras dependam muito das condições estruturantes prévias, eles podem também se dever, em alguns casos, em grande parte, a disposições dos atores, experiências educativas, acontecimentos desencadeadores pouco “previsíveis” e aos contextos variáveis nos quais os atores se inscrevem (LABACHE; MARTIN, 2008: 335).

Em *A Distinção* (1997), Bourdieu classifica as fronteiras sociais como resultado de lutas que acontecem dentro de “campos” específicos, com o objetivo de obter uma melhor classificação, sendo que, concomitantemente, alguém será desclassificado. Indo mais além, Labache & Martin (2008) apontam para o fato de que a construção dessas fronteiras pode acontecer no nível de uma categoria - como a da família - ou pode se dar no nível individual, estando esta última associada à rupturas. Quando se dá na escala de um grupo, ela servirá para reforçar o contorno deste grupo que já se encontra em uma posição conquistada. Mas, quando se dá em escala individual, ela vem carregada de significados como o da descontinuidade, do rompimento, do distanciamento do grupo de origem. Sendo assim, diante da necessidade de recomeçar, esses indivíduos se veem incitados a transgredir fronteiras.

Seguem, abaixo, os mapas das regiões contendo a média de anos de estudos de pessoas de 25 anos ou mais de idade. Estão neles localizadas as regiões onde moram os jovens e suas famílias e os dois colégios particulares.

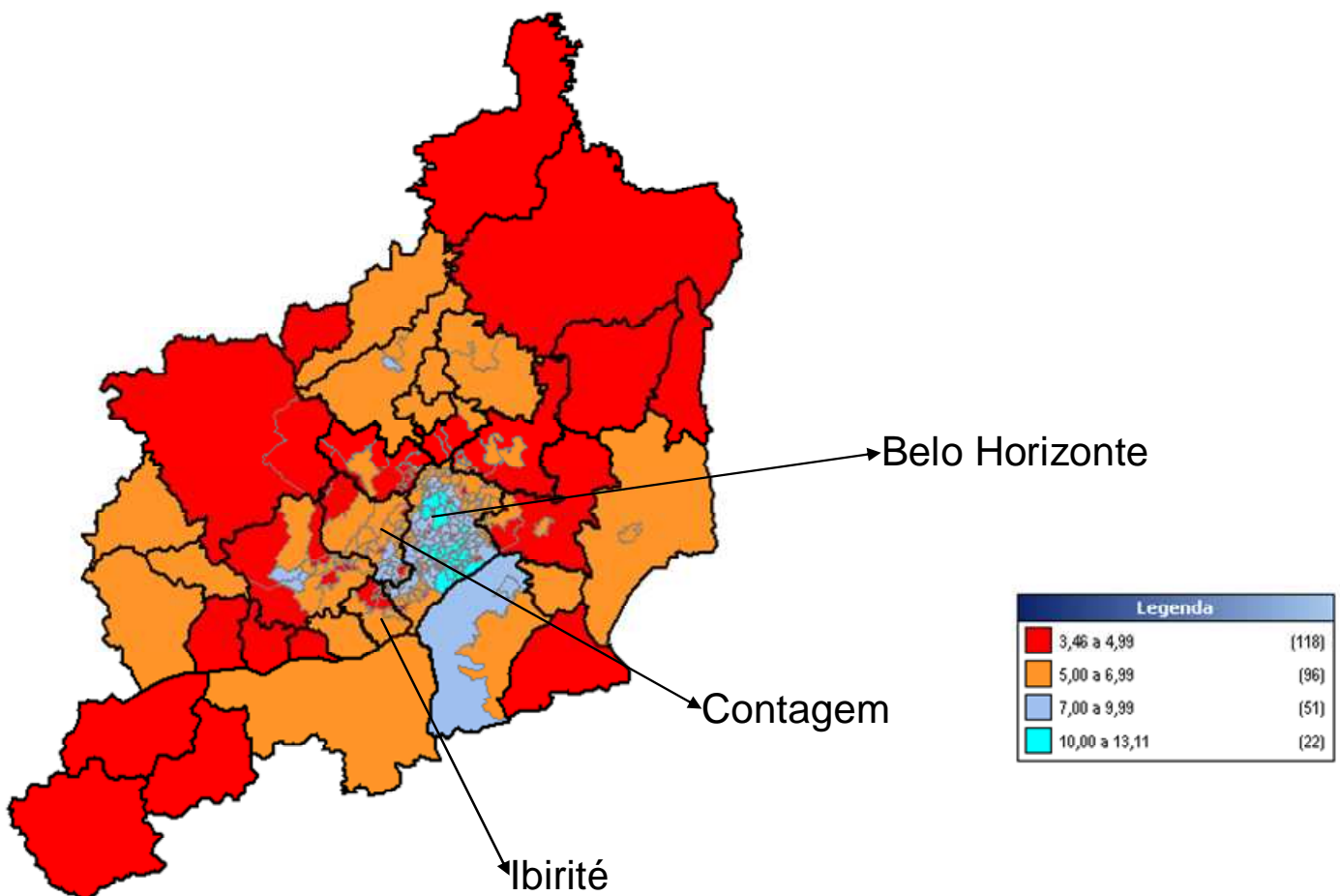


FIGURA 1 – Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, 2000
Todas as UDHS da RMBH

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte/Fundação João Pinheiro (FJP)

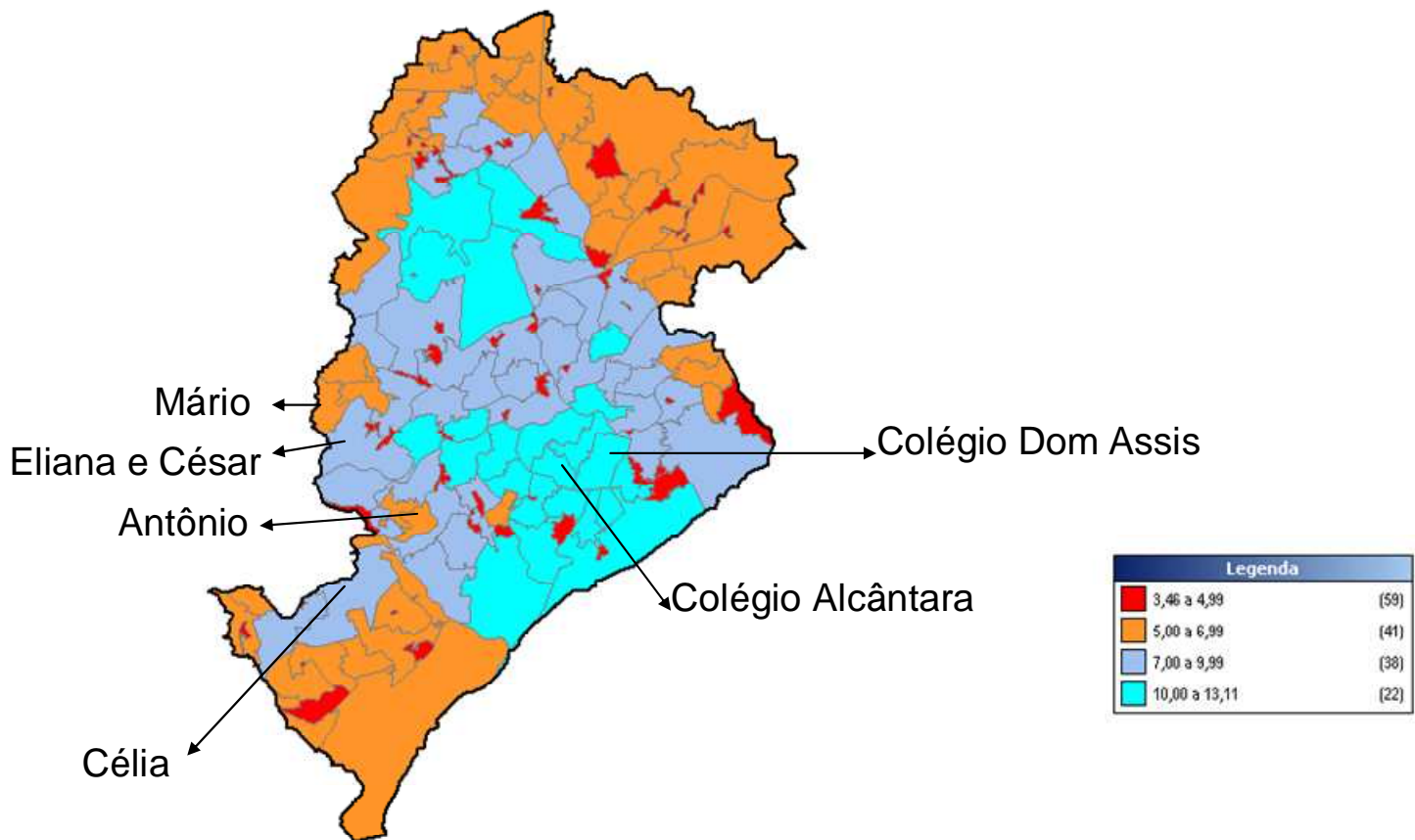


FIGURA 2 – Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, 2000
Todas as UDHs da RMBH

Com indicação da localização dos bairros onde moram as famílias dos jovens bolsistas

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte/Fundação João Pinheiro (FJP)

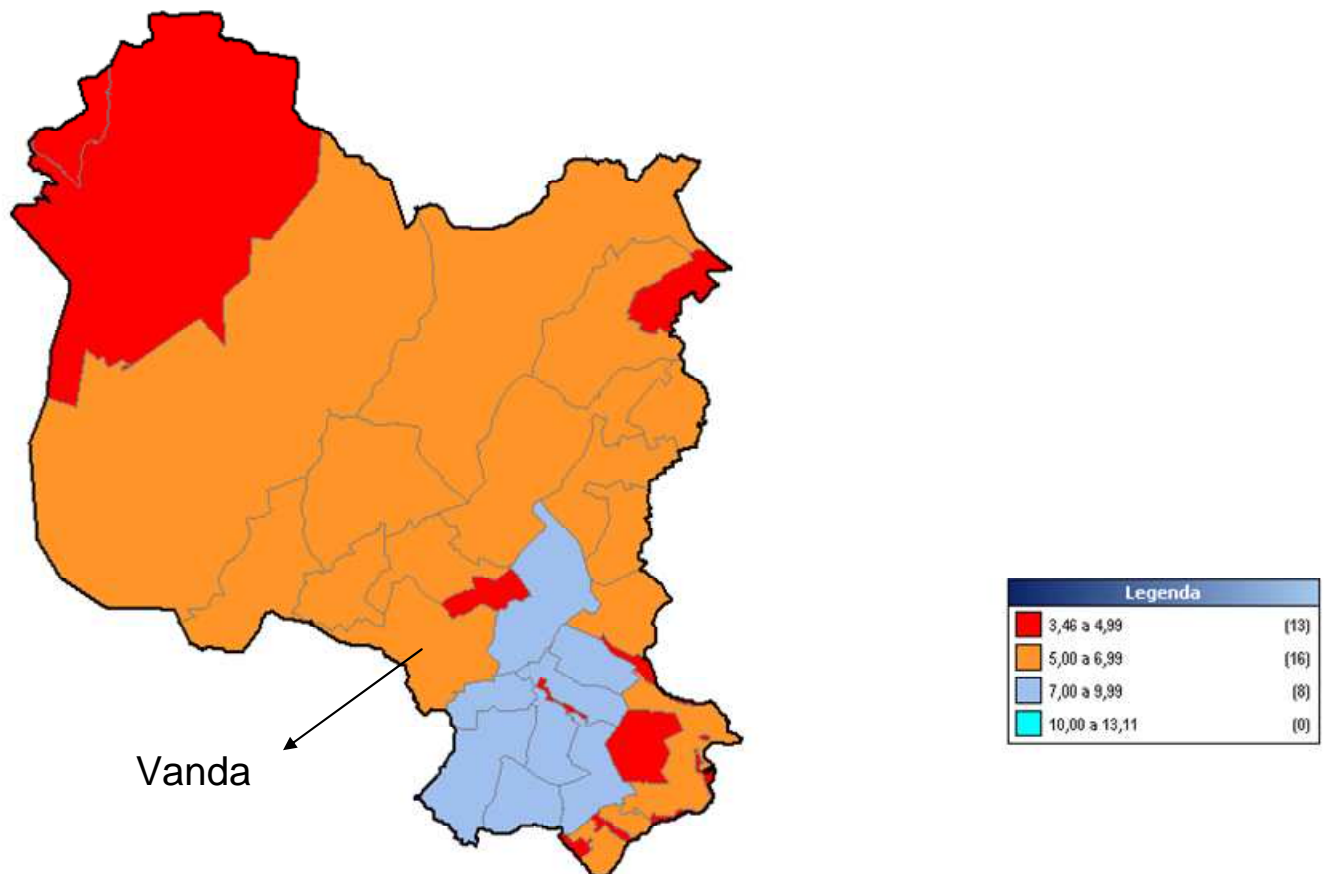


FIGURA 3 – Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, 2000
UDHs do município de Contagem
Com indicação da localização dos bairros onde moram as famílias dos jovens bolsistas
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte/Fundação João Pinheiro (FJP)

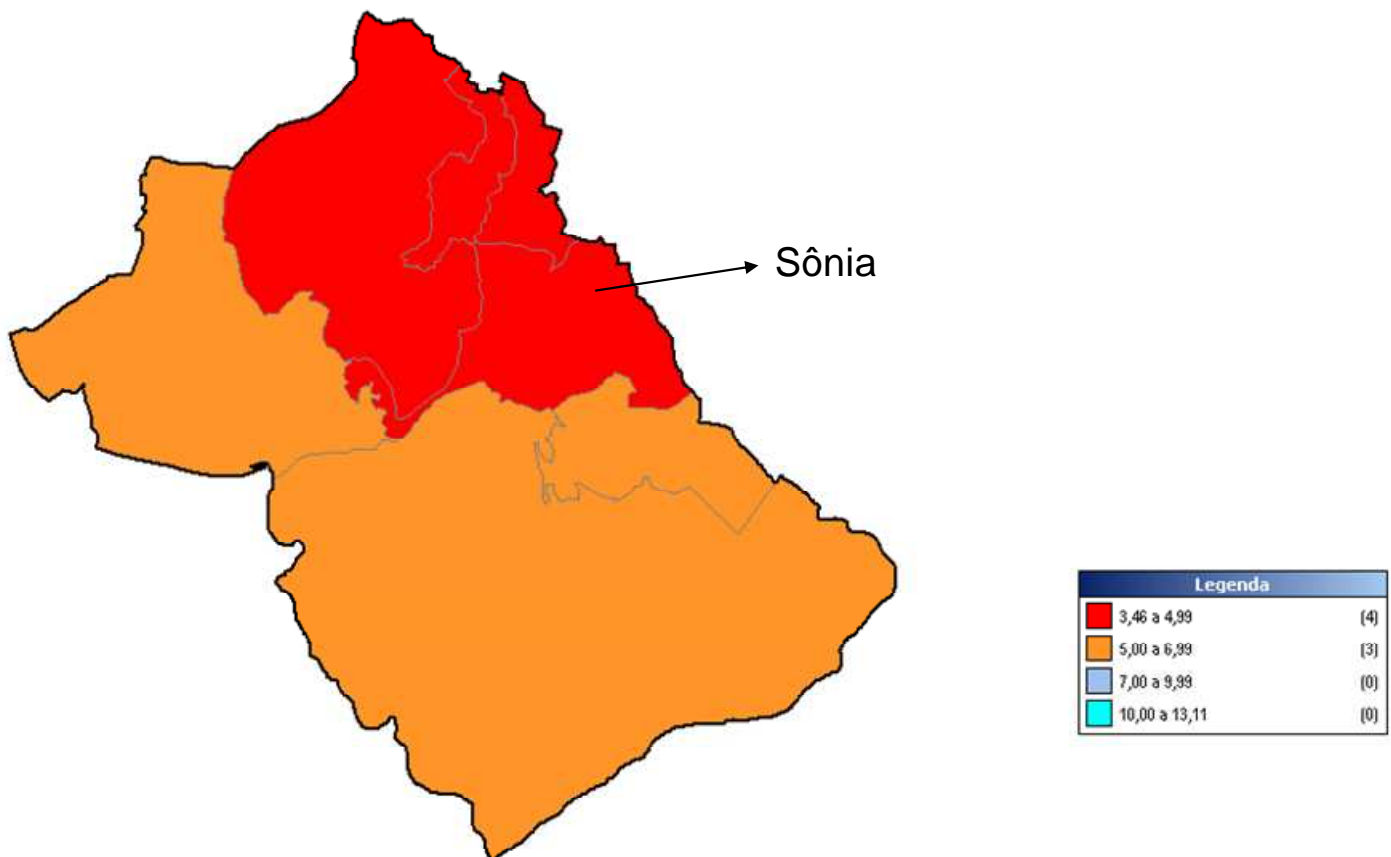


FIGURA 4 – Média de anos de estudo das pessoas de 25 anos ou mais de idade, 2000
UDHs do município de Ibirité
Com indicação da localização dos bairros onde moram as famílias dos jovens bolsistas
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte/Fundação João Pinheiro (FJP)

No capítulo subsequente, discorrerei brevemente sobre o aparecimento das organizações não-governamentais no Brasil; em seguida, descreverei os estabelecimentos de ensino nos quais os jovens pesquisados se encontram matriculados e, finalmente, apresentarei o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte, que patrocina a educação dos sete jovens atores deste estudo.

3 O TERRENO DA PESQUISA

Ao contrário do que se imagina, o surgimento de organizações sem fins lucrativos no Brasil não teve origem na década de 1990, por ocasião da conferência ECO-92, sediada no Rio de Janeiro, mas, sim, bem antes dela. Em 1991, segundo a RAIS¹⁴/1991, do Ministério do Trabalho, já se contabilizavam 200 mil organizações no Brasil.

Este capítulo contém breve relato sobre como se deu o nascimento das organizações sem fins lucrativos no País, seu envolvimento no campo educacional e, mais especificadamente, retrata as organizações que se propõem a educar jovens com grande potencial acadêmico provenientes das camadas populares. Por fim, descreve as duas instituições educacionais nas quais os sete jovens pesquisados participantes do Programa estudam.

3.1 O terceiro setor no Brasil

Com o final da ditadura nos anos 1980, o Brasil se viu diante de problemas internos, que eram também característicos de um período pós 2ª Guerra Mundial, quando vários países sofriam das mesmas enfermidades: economia fragilizada, escassez de alimentos, pobreza, conflitos étnicos e religiosos, aumento da população, pagamento da dívida externa, desemprego, poluição ambiental e problemas políticos. Fragilizado, em parte pela ineficiência dos serviços fundamentais, o chamado Estado de Bem-estar Social, o Welfare State, chega ao fim nos países europeus.

As reformas sofridas por esses países chegaram até os países da América Latina na década de 90, trazendo em seu bojo a ideia de reconfiguração do papel do Estado. “A ocupação do espaço público por atores privados com finalidade pública e o anacronismo da legislação brasileira para atender a essa nova realidade”

¹⁴Relação Anual de Informações Sociais. É um instrumento de coleta de dados do Ministério do Trabalho e Emprego.

(FERRAREZI, 2007:12) possibilitaram a reforma da legislação que diz respeito ao terceiro setor na agenda governamental do País.

Falconer (1999:iii) revela que o terceiro setor aparece não mais em forma de Santas Casas de Misericórdia e de obras sociais, como era tradicionalmente conhecido, “mas como uma nova e grande promessa de renovar o espaço público, o resgate da solidariedade e da cidadania, a humanização do capitalismo e, se possível, a superação da pobreza”.

Durante o governo militar (1964–1985), paralelamente às organizações de cunho político, já existiam organizações que desenvolviam projetos sociais junto às comunidades carentes. Tais organizações, que dependiam do financiamento e do envio de verbas por organismos internacionais para se manterem, tinham, em contrapartida, que desenvolver projetos, apresentar cronogramas, prestar contas de gastos e, para que tudo isso pudesse ocorrer de forma mais eficiente, várias dessas organizações criaram uma estrutura formal semelhante à estrutura de uma empresa privada. Dessa maneira, foram se estabelecendo no País as organizações sem fins lucrativos, também denominadas de organizações do terceiro setor, que vieram a se institucionalizar na década de 1990, quando saem da esfera puramente de assistência social e ganham novos campos, como o da educação e do meio ambiente.

O Estado, que então se encontrava em um contexto incipiente de democracia pós-ditatorial (GENTILI, 1996), logo se vê obrigado a fazer mudanças no seu papel de provedor de garantias mínimas de vida digna, como afirmam Draibe e Henrique (1998), que definem o Estado de Bem-estar Social como sendo aquele Estado que garante tipos mínimos de renda, alimentação, saúde, habitação e educação a todos os cidadãos, não como caridade, mas como direito político.

A Constituição Federal de 1988 reorienta o papel do Estado a esse respeito, “que deixa de ser o responsável direto pelo desenvolvimento econômico e social pela via de produção de bens e serviços, para fortalecer-se na função de promotor e regularizador desse desenvolvimento” (Brasil, 1995).

Conseqüentemente, a figura do terceiro setor aparece como parceira do Estado na execução de serviços de caráter público na forma de organizações de sociedade civil sem fins lucrativos, e começa a se espalhar pelo País, cumprindo essas e outras funções que o Estado jamais pôde cumprir devido à extensão territorial e à diversidade socioeconômica da população e, como essas organizações

não visavam ao lucro, diferentemente de outras organizações, não encontraram nenhuma resistência por parte da população.

Para muitos autores como Lélis (2007), tais mudanças são parte do processo de “(contra)reformas”, utilizadas como estratégia de superação da crise do capitalismo, mediante o processo de constituição do Estado Amplo e arrefecimento dos Estados Restritos, que vem fomentando a interseção das esferas pública e privada. A junção dessas esferas se torna imprescindível à solidificação da conjuntura de liberdades irrestritas ao mercado, tendo como objetivo atender às exigências postas pelo capital nessa fase de reestruturação produtiva, necessárias ao desenvolvimento dos mecanismos de aumento da produtividade capitalista. A implementação da Lei nº. 9.637, de 15 de maio de 1998, que cria as organizações sociais, e da Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999, que cria a figura das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e institui o termo “parceria”, ilustra bem esse momento.

A autora ressalta que tais leis, quando na mira de pessoas inescrupulosas, incentivaram a criação de entidades interessadas somente nos incentivos fiscais e nos apoios financeiros que beneficiassem somente a elas, fazendo disso um emprego rentável. Vale lembrar o caso que se tornou um escândalo nacional em 2001, quando o então diretor da Legião da Boa Vontade desviou os recursos dessa organização promovendo o próprio enriquecimento.

Falconer (1999:45) demonstra, no QUADRO 1, os resultados das possíveis combinações entre o público e o privado:

QUADRO 1
Combinções Possíveis entre Público e Privado

AGENTES		FINS		SETOR
Privados	para	Privados	=	Mercado
Públicos	para	Públicos	=	Estado
Privados	para	Públicos	=	Terceiro Setor
Públicos	para	Privados	=	(corrupção)

Hoje, o terceiro setor se expandiu para diversos outros setores diferentes do inicial, que era o da caridade. Fazendo uma busca rápida na internet, cito, como exemplo, alguns dos novos campos de atuação desse tipo de organização: Assistência à Infância, Assistência à 3ª Idade, Combate ao Câncer, Combate às Drogas, Combate à Violência, Combate à Violência Contra a Mulher, Direitos do Consumidor, Educação, Direitos Humanos, Defesa do Consumidor, Assistência a Deficientes, Esportes para Deficientes, Defesa do Eleitor, Inclusão Digital, Inclusão Social, Prevenção e Tratamento de Câncer, Meio Ambiente, Segurança Digital, Responsabilidade Social, Prevenção da Aids, Prevenção de Acidentes de Trânsito, Cidadania, entre outros. O vigor com que esse tipo de organização conquistou o Brasil é demonstrado nos vários setores em que elas podem ser encontradas. Fica a pergunta de como o Brasil se tornou um terreno tão receptivo para a implementação de tais organizações.

Quando o tema é o terceiro setor, encontramos uma variedade de conceitos e de nomenclaturas. Dentre eles, cito os que foram comumente encontrados nos artigos e textos utilizados nesse estudo: Organização Não Governamental - ONG; Associação Brasileira de ONGs - Abong; Organizações sem fins lucrativos; Organizações Sociais - OS; Rede de Informação para o Terceiro Setor - RITS; Grupo de Institutos, Fundações e Empresas - GIFE; Organizações da Sociedade Civil - OSC e Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP, sendo que cada uma delas tem uma forma singular de atuar em parceria com o Estado.

O terceiro setor e a educação

Os programas educacionais patrocinados pelo terceiro setor surgiram no Brasil no final dos anos 1990, quando se deu início à implementação dos programas de responsabilidade social nas grandes empresas do País. Há, atualmente no Brasil, inúmeros programas educacionais destinados a atender às várias demandas relacionadas à educação das famílias de baixa renda. Eles variam desde complemento/reforço à escolarização de crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem, educação em período integral, combate à evasão escolar, erradicação do analfabetismo, educação de jovens e adultos, educação infantil, até a educação de jovens com grande potencial acadêmico.

A Constituição Federal de 1988 oficializou a participação de entidades dessa natureza no campo da educação quando cita, em seu Artigo 6º, a educação como direito social dos cidadãos e complementa no Artigo 205º que, além de direito de todos, é dever do Estado e da família, podendo contar com a colaboração da sociedade para o desenvolvimento da pessoa. No Artigo 209º, a CF/88 acrescenta que a educação é livre à iniciativa privada, desde que obedeçam às seguintes condições: cumprimento das normas gerais da educação nacional e autorização e avaliação de qualidade pelo poder público.

Assim sendo, as entidades privadas do segundo ou do terceiro setor que executarem atividades relacionadas ao ensino, devem, de acordo com o Artigo 214º da CF/88, estar em consonância com os objetivos das políticas nacionais, conduzindo, assim, a erradicação do analfabetismo; a universalização do atendimento escolar; a melhoria da qualidade de ensino; a formação para o trabalho e a promoção humanística, científica e tecnológica do País (BAZOLI, 2007).

Tendo como pano de fundo a ditadura no Brasil, pequenas organizações se constituíram com o objetivo de promover a defesa dos direitos humanos e a educação popular, além de criar uma visão crítica da condição social em que essa fatia da população vivia. A igreja católica serviu de espaço em que grupos chamados de Comunidades Eclesiais de Base se reuniam e guiavam seus estudos bíblicos sob a luz da Teologia da Libertação. Os temas das pautas variavam desde saúde, alfabetização, moradia, até produção e organização, atendendo à demanda do momento. O pensamento pedagógico de Paulo Freire, desenvolvido anteriormente

ao período da ditadura foi, naquele momento, a grande inspiração para que, através dos movimentos de cultura popular, ideias de cunho político pudessem ser disseminadas entre a população carente. Essa fração da população começava a se enxergar como um grupo com características e demandas singulares. Sobre o trabalho desenvolvido por esses grupos, Oliveira e Haddad (2001:76) fazem o seguinte comentário: “Como se pode imaginar, o trabalho desenvolvido não tinha visibilidade pública. Era uma ação militante, realizada em um nível microssocial, que se desenvolvia em sigilo e sob o silêncio da censura e da repressão impostas pelo regime militar”.

O então regime autoritário não dava abertura para críticas. O que se via nas escolas era a disseminação de uma teoria educacional que reproduzia a ideologia dominante que tinha o objetivo, dentre outros, de preservar a ordem entre as classes existentes. Não havia espaço para qualquer discussão que pudesse vir a desconfigurar aquela ordem social (OLIVEIRA e HADDAD, 2001).

Já no final da década de 1970 e no início da de 1980, esses grupos de trabalho expandem suas ações para além dos muros da igreja católica. Com bastante experiência acumulada e com a adesão de novos atores, esses grupos saem às ruas e se reconfiguram como associações de bairro, movimento negro, movimentos de mulheres, movimentos de luta por moradia, terra e trabalho e movimentos sindicais não oficiais (OLIVEIRA e HADDAD, 2001).

Ainda segundo esses autores, as experiências educacionais promovidas pelas ONGs não se ativeram apenas às questões educativas. Elas chegaram até o plano cultural e simbólico desse segmento desfavorecido da população, quando, então, começaram a trabalhar as relações de gênero, raça e etnia.

A luta pela instalação de uma rede de ensino público de qualidade para a população de baixa renda foi também outra bandeira levantada por esses grupos. Outras classes da sociedade já usufruíam desse benefício que foi, de certa forma, “relegado” aos movimentos sociais quando o público era o das camadas populares.

Com a democratização da escolarização no País, Oliveira e Haddad (2001) lembram que, naquele momento, o próprio Estado precisou dessa mão de obra especializada e que ela se encontrava disponível justamente entre os membros da sociedade civil, já que eles atuavam nos movimentos sociais como os de alfabetização de adultos, de escolas comunitárias e de creches, seja na figura de instrutor ou de colaborador. Nas palavras dos autores: “Dessa forma, as ONGs

passam a planejar e desenvolver ações de assessoria aos setores públicos, ou, ainda, adotam a luta pelo acesso e qualificação dos serviços públicos de ensino voltados para os interesses populares (OLIVEIRA; HADDAD, 2001:78).

As experiências bem-sucedidas que foram desenvolvidas pelos movimentos sociais passam para dentro das escolas públicas, coroando, assim, o alcance de mais uma de suas demandas que era, justamente, fazer com que o Estado assumisse o papel de provedor de serviços de qualidade para a população (OLIVEIRA e HADDAD, 2001).

Assim sendo, tem se verificado, ao longo do tempo, a presença de várias entidades sem fins lucrativos no campo da educação. Elas atuam nos espaços em que o Estado tem pouca ou quase nenhuma participação, em regime de parceria (com o Estado) ou até mesmo sem nenhum vínculo. Segundo Oliveira e Haddad (2001:80):

Na sociedade brasileira também vem crescendo o interesse da parte dos grupos empresariais e do capital, em geral, nos rumos e no controle das orientações e do atendimento educacionais. Há uma proliferação de institutos e fundações de empresas privadas, constituídas muitas delas com base nas isenções fiscais, quase todas mantendo a educação como uma das suas atividades principais. A forte presença do capital no plano das ações sociais e da educação, em particular, demonstra duas faces contraditórias. De um lado, tal envolvimento aponta para um importante compromisso social de parte do capital, compromisso fundamental em sociedades como a brasileira, com elevada concentração de renda e considerável desnível social. Mas, ao mesmo tempo, aponta também para um crescente descomprometimento do setor público com a educação, correndo-se o risco de rompimento de um dos aspectos mais importantes na construção da democracia social brasileira.

O risco, avaliado por esses autores, é de o próprio Estado se afastar das responsabilidades de ser o provedor desse tipo de serviço que foi conquistado depois de muita luta por parte da sociedade civil.

Em pesquisa feita pela internet encontram-se dois programas educacionais que não somente patrocinam a educação de jovens com bom desempenho acadêmico provenientes das camadas populares, mas que, também, oferecem preparação acadêmica e social para o ingresso e a permanência no novo ambiente escolar. São eles: o Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos (ISMART) e o Programa Bom Aluno.

Em Belo Horizonte, a Fundação Danilo Pena (FUNDAPE) - mantenedora da Incubadora de Talentos - oferece a menores carentes que apresentem ótimo

desempenho escolar bolsas de estudos para cursar o Ensino Médio em dois colégios de Belo Horizonte e, posteriormente, em universidades. A FUNDAPE arca com todas as despesas necessárias à vida acadêmica do jovem como material escolar, uniforme e transporte, porém não foi encontrado no site pesquisado nenhuma referência sobre aulas de preparação ou de acompanhamento da maneira como acontece no ISMART e no Bom Aluno.

ISMART¹⁵

O Instituto Social Para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos – ISMART – foi criado em 1999 com o objetivo de estimular o desenvolvimento pleno de jovens com bom desempenho acadêmico provenientes das camadas desfavorecidas. O primeiro projeto implantado pelo Instituto foi na cidade do Rio de Janeiro, em 2000, quando ajudou 23 jovens a ingressar em escolas técnicas federais.

Em 2004, o Instituto expandiu suas atividades para a cidade de São Paulo por meio de dois novos projetos: o Alicerce e o Bolsa Talento que, juntos, atendiam 65 jovens. Desde então, as parcerias se estenderam para as cidades de Fortaleza (CE), São José dos Campos (SP), Sorocaba (SP) e Cotia (SP).

O Projeto Alicerce é direcionado para os jovens com alto potencial de aprendizagem que estejam cursando o 7º ano de Ensino Fundamental em escolas públicas ou particulares, desde que provenientes de famílias com a renda máxima¹⁶ estipulada pelo ISMART. Esse projeto acontece em São Paulo (capital), São José dos Campos (SP) e Rio de Janeiro (capital). Já o Projeto Bolsa Talento se destina aos jovens com alto potencial de aprendizagem que estejam cursando o 9º ano do Ensino Fundamental em escolas públicas ou privadas, desde que provenientes de famílias com a mesma renda estipulada pelo ISMART. O Bolsa Talento acontece em São Paulo (na capital, em Sorocaba e em Cotia) e na cidade do Rio de Janeiro.

No Projeto Alicerce, os alunos selecionados participam de um curso preparatório de dois anos, no contraturno da escola de origem, que acontece em

¹⁵ Todas as informações foram retiradas do site www.ismart.org.br e atualizadas pela pedagoga responsável pelo escritório do ISMART na cidade de São Paulo.

¹⁶ Renda de no máximo R\$1.020,00 *per capita*.

uma das escolas particulares parceiras e que é ministrado pelos próprios professores dessa escola. Esses professores são remunerados pelo ISMART. O objetivo é preparar os alunos para o ingresso no Ensino Médio em uma das escolas particulares participantes do projeto. O Instituto oferece bolsas de estudos que incluem mensalidade, material escolar, alimentação e transporte.

Para conseguir entrar no Bolsa Talento, o jovem que concluiu o curso preparatório via Projeto Alicerce faz a prova de seleção em um dos colégios parceiros e, no caso de êxito, ingressa no primeiro ano do Ensino Médio com bolsa de estudo integral, que inclui mensalidade, material escolar, alimentação e transporte. Há também a possibilidade de ingressar no Bolsa Talento sem ter feito o preparatório de dois anos. Nesse caso, segundo a pedagoga do Instituto, o jovem precisa ter um perfil bem diferenciado, além de um alto potencial acadêmico.

Ao longo dos dois anos de curso preparatório e durante o Ensino Médio, os alunos participam de plantões de dúvidas, de monitorias e do Programa Aluno Tutor com o objetivo de aprimorar a aprendizagem. Os jovens contam com o acompanhamento de uma equipe de psicólogos e pedagogos do ISMART. Tanto os jovens participantes do Projeto Alicerce quanto do Bolsa Talento participam de palestras com profissionais de diferentes áreas, assim como de atividades de enriquecimento cultural. As famílias também participam de atividades que são desenvolvidas especialmente para elas.

Entre 1999 e 2010, o ISMART atendeu 852 alunos. Em 2010, eram 529 os alunos beneficiados com bolsas e, hoje, o Instituto conta com 607 bolsistas, sendo que 125 deles estão em universidades públicas ou universidades privadas de excelência (FGV¹⁷, IBMEC¹⁸, PUC, MACKENZIE¹⁹) e um aluno está no MIT²⁰. Os cursos superiores mais escolhidos pelos jovens são: Engenharia(s), Direito, Medicina, Administração, Economia, Ciências Biológicas e Farmácia. De acordo com informação dada pela pedagoga do ISMART, nunca houve caso de evasão no ensino superior. Já em relação aos jovens que se encontram cursando o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, alguns poucos alunos foram desligados do Instituto por não cumprir algum dos critérios de manutenção da bolsa.

¹⁷ Fundação Getúlio Vargas.

¹⁸ Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais.

¹⁹ Universidade Presbiteriana Mackenzie.

²⁰ Localizada na cidade de Cambridge, Massachusetts, o Massachusetts Institute of Technology - MIT é uma das universidades americanas de maior prestígio acadêmico.

Para viabilizar o trabalho desenvolvido com esses jovens, o ISMART conta com o apoio e o investimento de um grupo de instituições parceiras e de indivíduos. O ISMART atende jovens dos 12 até os 22 anos, quando terminam o curso superior. O Instituto possui um escritório (matriz) na cidade de São Paulo e um escritório (filial) na cidade do Rio de Janeiro.

3.2 O Programa Bom Aluno de Belo Horizonte (PBA)

O Instituto Severino Ballesteros foi fundado por Dona Maria Thereza Ginocchi Ballesteros e sua filha Maria Claudia Ballesteros²¹ Rezende em homenagem ao Senhor Severino Ballesteros, imigrante espanhol de origem humilde, que chegou ao Brasil em 1928, sem estudo e sem recurso. Fundado em Belo Horizonte no ano de 2002, o instituto funciona como entidade mantenedora do Programa Bom Aluno de Belo Horizonte – PBA (INSTITUTO SEVERINO BALLESTEROS, s/d).

A primeira unidade do PBA foi criada em Curitiba, há 14 anos, por dois empresários paranaenses e hoje conta com seis unidades em diversas cidades do País e, desde 1997, quando foi avaliado e reconhecido pelo MEC, faz parte do Programa Acorda Brasil (BOM ALUNO, s/d).

Em 2002, quando iniciou as atividades em Belo Horizonte, o Programa se inscreveu no Conselho Municipal de Assistência Social e, em seguida, se enquadrou na categoria de OSCIP. O Programa também está inscrito no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e tem o título de Utilidade Pública Estadual. Posteriormente, adquiriu o Atestado de Funcionamento do Ministério Público e, em 2009, pediu o cancelamento de inscrição da OSCIP filiando-se ao Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). Atualmente, o Instituto Severino Ballesteros, que já possui o título de Utilidade Pública Estadual, aguarda o parecer de reconhecimento pelo Ministério da Justiça do título de Utilidade Pública Federal.

Ao se inscrever no Conselho Nacional de Assistência Social, uma entidade pode solicitar a isenção do recolhimento da cota patronal do INSS de seus

²¹ Dona Maria Thereza é viúva do Senhor Severino Ballesteros e Maria Claudia é filha deles.

funcionários, o que implicará uma economia de 12% no pagamento de seus tributos. O cancelamento do registro de OSCIP se justifica pelo fato de o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte contar somente com os recursos pessoais das fundadoras do Instituto Severino Ballesteros. No caso de entidades que utilizam recursos provenientes do Estado, o registro de OSCIP faz-se necessário.

Hoje, o Programa Bom Aluno - Belo Horizonte conta com a participação de cento e um alunos: sessenta e oito meninas e trinta e três meninos. Dezesete alunos estão no 8º ano do Ensino Fundamental; dezesseis, no 1º ano do Ensino Médio; dezesseis, no 3º ano do Ensino Médio, e cinquenta e um, na universidade. Em Belo Horizonte, são nove as escolas parceiras que oferecem bolsas de estudo integral. Desde 2005, a seleção dos alunos é feita a cada dois anos. A taxa de evasão é de aproximadamente vinte por cento e acontece principalmente por motivo de mudança de cidade pelas famílias.

O Programa tem como objetivo:

Incentivar pedagógica e economicamente bons alunos de baixa renda, por meio de sua capacitação educacional e técnico-profissional, bem como habilitá-los nos aspectos de cidadania e solidariedade para que se tornem agentes de transformação de sua situação socioeconômica e da desigualdade social existentes no Brasil (MANUAL TÉCNICO DO INSTITUTO BOM ALUNO DO BRASIL, s/d).

Além disso, o Programa oferece apoio psicopedagógico do 7º ano do Ensino Fundamental até o término do ensino superior, material didático, livros, uniforme, alimentação (lanche e almoço), transporte, atividades extras como idas ao teatro, cinema e excursões e, no contraturno da escola, ministra cursos complementares de português, matemática, inglês, redação e interpretação de texto. As condições necessárias para que o aluno possa ingressar no PBA são: estar cursando o 6º ano do ensino fundamental em uma escola pública, morar na região metropolitana de Belo Horizonte, pertencer a uma família de baixa renda (renda de no máximo um salário mínimo *per capita*), ter boas notas, ser assíduo e, acima de tudo, demonstrar vontade de aprender (BOM ALUNO, s/d).

O Programa Bom Aluno realiza seu trabalho com os participantes a partir de três eixos de ação: o Eixo de Desenvolvimento Acadêmico, o Eixo de Desenvolvimento Pessoal e o Eixo da Família.

No primeiro eixo de ação, potencializa-se a escolarização paralelamente à educação formal, quando são ministrados cursos complementares de português, matemática, inglês e hábitos de estudo e desenvolvimento pessoal. Para os jovens que acabaram de ingressar no Programa e estão no 7º ano do Ensino Fundamental na escola pública, essas aulas acontecem quatro vezes por semana, com uma carga horária de 12 horas/semana, sempre no contraturno da escola. Quando os jovens passam para o 8º ano do Ensino Fundamental, a carga horária dessas mesmas matérias baixa para 9 horas/semana, no regime de três vezes por semana. No 9º ano do Ensino Fundamental, introduz-se a matéria Leitura Viva, mantêm-se as aulas de inglês e de desenvolvimento pessoal, totalizando uma carga horária de 6 horas/semana. Nesse ano, não há português/matemática nem hábitos de estudo.

No 1º e no 2º ano do Ensino Médio, os jovens mantêm a carga horária de seis horas com aulas de inglês, desenvolvimento pessoal e produção de texto. No 3º ano do Ensino Médio, os jovens vão ao Programa uma vez por semana e têm aulas de inglês, produção de texto, desenvolvimento pessoal e técnicas de relaxamento, sendo que as três últimas atividades são ministradas de quinze em quinze dias, quando há um rodízio entre elas. Os alunos do 2º ano de Ensino Médio recebem orientação profissional dentro das aulas de desenvolvimento pessoal.

Essas aulas complementares seguem um planejamento pedagógico e acadêmico e visam a preparar o aluno para aquisição efetiva da competência nesses conteúdos, afirma a gerente do Programa. As aulas de inglês iniciam-se no 7º ano do Ensino Fundamental, no nível básico, e levam o aluno, ao terminar o 3º ano do Ensino Médio, a ser capaz de se comunicar nessa língua. O aprimoramento do inglês é feito concomitantemente ao curso universitário. Ao final, o aluno faz a prova para aquisição do certificado de proficiência da língua inglesa da Universidade de Cambridge, Inglaterra, ou da Universidade de Michigan, EUA. Os cursos de inglês parceiros são o Britain, o Greenwich Schools e o Mai – Funcionários (BOM ALUNO, s/d).

Quanto aos universitários, os encontros acontecem uma vez por mês com uma das psicólogas do Programa. As aulas de inglês passam a ser ministradas por escolas especializadas parceiras. O aluno escolhe a escola que fica mais próxima de sua rota. Também, nessa fase, o Programa incentiva a busca da autonomia por parte dos participantes e apoia a busca de colocação em programas de estágio. O Programa passa a atender às necessidades específicas de cada jovem. A ajuda

varia desde o fornecimento de vale-transporte, a alimentação até a compra de material escolar. O aluno é quem diz quando não precisa mais da ajuda com o fornecimento desse ou daquele item.

A programação anual do PBA conta com um seminário de tema livre, uma aula inaugural para os jovens e suas famílias, um churrasco de confraternização e uma festa de encerramento do ano letivo.

No segundo eixo, denominado Desenvolvimento Pessoal, inicia-se um trabalho no 7º ano do Ensino Fundamental, que se estende até o ensino superior. Trata-se, nesse eixo, de:

[...] implementar nos participantes comportamentos necessários à sua plena adaptação a novos conceitos (entrada no Programa, mudança de escola, adaptação ao ensino médio e superior), informação e visão crítica a respeito de seu contexto social e de sua fase de desenvolvimento (DIÓRIO, 2007:185).

Essa conscientização acontece por meio de debates, reflexões e realizações de ações práticas, através de ações voluntárias dentro e fora do PBA. Aos alunos beneficiados, Diório (2007:186) ressalta que cabe a tarefa de auxiliar “outros bons alunos, da mesma forma que foram ajudados”.

O terceiro e último eixo de ação do Programa se dá em torno da família. O PBA convida os pais a participarem do processo de escolarização dos filhos por meio de reuniões, encontros individuais e palestras, com o objetivo de capacitar e envolver as famílias.

Para que o aluno tenha, além do preparo acadêmico, uma inserção cultural, o Programa proporciona atividades de acesso a teatros, cinemas, exposições de arte ou de história, museus, bem como visitas a feiras do livro. As excursões promovidas pelas escolas parceiras para outros estados ou para as cidades históricas também fazem parte do plano cultural do PBA.

Temas transversais são trabalhados nas aulas complementares ministradas pela equipe do Programa, sendo os principais: 9º ano – Drogas; 1º ano Ensino Médio – Gravidez Zero; 2º ano Ensino Médio – Orientação Profissional; 3º ano Ensino Médio – Administrando o Potencial e Decisão do Curso Universitário. Também no último ano, o Programa proporciona visitas às principais mostras organizadas pelas universidades de Belo Horizonte.

A equipe do PBA é formada por profissionais remunerados pelo Instituto Severino Ballesteros e distribuída da seguinte forma: uma diretora geral que possui um cargo não remunerado; uma gerente; uma psicóloga e uma psicóloga-pedagoga; uma professora de matemática/física; uma professora de português/produção de texto e duas professoras de inglês. O professor de química e a professora de técnicas de relaxamento são autônomos, ou seja, são contratados quando há demanda. Há também o serviço de uma psicóloga voluntária. (BOM ALUNO, s/d).

O Bom Aluno conta com um programa de intercâmbio em parceria com o Rotary Clube de Belo Horizonte e já enviou três jovens ao exterior. Em 2006, um jovem foi selecionado para viver por um período de um ano nos Estados Unidos. Em 2008, outro jovem foi enviado pelo mesmo período ao México. Atualmente, uma jovem se encontra na Dinamarca. Em Belo Horizonte, são nove as escolas parceiras que oferecem bolsas de estudo integrais. O Rotary Clube – BH oferece, de dois em dois anos, uma bolsa de estudos no exterior, com duração de um ano, a um aluno do Programa.

Pelo programa de intercâmbio da UFMG, um jovem estudante de psicologia irá, em breve, viver por seis meses no Texas, EUA, onde cursará disciplinas na Baylor University. Esse intercâmbio contará também com recursos do PBA. Há, também, intercâmbios que não contam com a parceria ou com o auxílio financeiro do Programa. Uma jovem estudante de engenharia de produção irá estudar por seis meses na Brown University, localizada no estado de Massachusetts, EUA. Ela foi selecionada em um concurso realizado em sua instituição de ensino superior patrocinado pelo Banco Santander.

O processo de divulgação acontece durante um encontro entre representantes do Programa e as responsáveis pelas unidades metropolitanas A e B da cidade de Belo Horizonte. A abertura do processo seletivo é, então, anunciada e os envelopes, contendo uma carta e uma ficha de inscrição, são entregues às gerentes das regionais da Secretaria Estadual de Ensino, que os encaminham à direção das escolas supervisionadas por elas.

Atualmente, o Programa já é conhecido por muitos dos dirigentes das escolas públicas, coordenadores, orientadores e professores que, pessoalmente, solicitam as fichas de inscrição. Outra forma de divulgação é feita pelos próprios jovens que já participam do Programa em suas comunidades ou nas antigas escolas em que estudaram.

Em 2011, as representantes do Programa apostam na divulgação nas escolas públicas municipais, onde nunca conseguiram espaço para esse trabalho.

O processo de seleção

O processo de seleção consiste em três etapas. Na primeira etapa, é feita uma seleção de mais ou menos 250 alunos entre os que se inscreveram previamente. A média de inscritos por ano fica em torno de 750. Essa seleção é feita com base em uma minuciosa análise de cada ficha de inscrição, quando se atribui uma pontuação a diversos itens, tais como: escolaridade dos pais, número de provedores na família, quem são os provedores, tipo de residência (própria/aluguel), e, se for alugada, qual o valor pago pelo aluguel, qual é o valor da conta de luz e se alguém da família possui meio de transporte.

Quanto ao jovem candidato, avalia-se seu histórico escolar e seu boletim, sempre levando em consideração a assiduidade às aulas e o desempenho escolar. Em seguida, os candidatos selecionados são submetidos a provas escritas de português, matemática e redação, elaboradas pelos profissionais do PBA de Belo Horizonte. Essas provas acontecem na sede de uma escola estadual que fica localizada na região Centro-Sul de Belo Horizonte. A seguir, descrevo momentos do dia da prova de seleção de 2009, dos quais participei.

Já bem cedo, as famílias vão chegando ao local por vários meios de transporte. Nota-se a presença de vários membros de uma mesma família como irmãos menores, irmãos maiores, mãe, pai e, até mesmo, de parentes. Os candidatos se apresentam bem penteados e bem vestidos. São muito jovens. Eles têm entre 10 e 12 anos. Após a explicação dada pela gerente do Programa a uma multidão que se encontra reunida no pátio da escola, a emoção toma conta dos pais que, ao se despedirem dos filhos, abraçando-os carinhosamente e desejando-lhes, de todas as maneiras, muita sorte. Os pequenos se encaminham para suas devidas salas. Há voluntários em cada porta de sala, todas elas sinalizadas. Os pais se dispersam pela escola e para fora de seus portões. Há, à disposição deles, água, refrigerante e biscoitos. Algumas famílias se reúnem com os atuais participantes do

Programa para saber um pouco mais sobre a proposta do Programa. Pequenos grupos são formados por todo o pátio da escola.

Ao final da primeira prova, os jovens candidatos podem sair para beber ou comer algo e, em seguida, iniciar a segunda parte da prova. Algum tempo depois, começam a sair os primeiros candidatos. Os pais vão ao encontro dos jovens e abraçando-os carinhosamente. Eles querem saber detalhes sobre o que se passou atrás daquelas portas. Escuta-se todo tipo de comentário. Observa-se uma euforia por parte dos que esperam. Os pais que procuraram se informar com os jovens que já participam do Programa sobre os detalhes da próxima etapa, agora tratam de dividi-los com seus filhos.

As famílias dos jovens que tardam em terminar as provas demonstram uma certa tensão. Elas procuram saber dos vários voluntários a razão da demora. Aos poucos, elas começam a invadir o espaço reservado aos jovens candidatos e aos voluntários em busca de informação. Os pais se reúnem em pequenos grupos para avaliar as chances dos filhos e de outros participantes, que eles conhecem do colégio do filho ou da vizinhança. Comentários como “aquele menino é muito inteligente, ele vai passar; eu sou vizinha dele” ou “apesar de ser pequenininha, ela é ótima aluna” são ouvidos a todo instante. Aos poucos, as famílias vão, uma a uma, abandonando o pátio da escola. Termina a primeira etapa.

A dinâmica de grupo

Na segunda etapa, os 80 primeiros colocados na prova escrita participam de uma dinâmica de grupo e os que se sobressaem nessa etapa se classificam para a terceira etapa, que consiste em uma entrevista com a família e com o jovem. Essa dinâmica acontece nas instalações do Programa, localizadas na região Centro-Sul de Belo Horizonte.

Para a realização dessa dinâmica, os jovens são distribuídos em grupos de dez. Para cada grupo, é necessária a presença de dois profissionais do Programa, sendo um deles uma psicóloga.

As atividades são feitas usando materiais como sucatas, jornais usados, canetas, régua, lápis, tesoura, cola, papel colorido e outros. Essas dinâmicas

buscam avaliar, nos jovens, a presença de algumas características que o Programa aponta como importantes. São elas: participação, colaboração, socialização, assertividade, iniciativa, combatividade, estrutura emocional, respeito e adequação. Além das características acima mencionadas, a capacidade de liderança e a criatividade são valorizadas pelo PBA, pois indicam alunos expoentes que poderão ser destaques em seu desenvolvimento (MANUAL TÉCNICO DO INSTITUTO BOM ALUNO DO BRASIL, s/d:29).

Após o término dessa etapa, os profissionais envolvidos redigem as impressões sobre os candidatos seguindo os itens impressos nas fichas, atribuindo pontos para cada característica observada nos jovens.

Entrevista e visita domiciliar

O processo seletivo continua com uma entrevista com os pais (ou responsáveis) e uma entrevista com os candidatos, na sede do Programa. A duração é de 40 minutos com os responsáveis, de 15 minutos com os participantes e de 15 minutos para as anotações das impressões gerais. Essa etapa conta sempre com a presença de uma psicóloga do Programa a fim de poder avaliar a estrutura emocional do aluno e de sua família. Também é nessa etapa que se conferem os dados das fichas de inscrição. Aspectos da vida familiar são abordados como a vida social e escolar do jovem, as características pessoais do jovem, a maturidade, a situação financeira, os motivos que levaram os pais a preencher a ficha de inscrição, bem como os motivos que levaram o jovem a querer participar do Programa (MANUAL TÉCNICO DO INSTITUTO BOM ALUNO, s/d). “Ressalta-se que o perfil do aluno e da família é que orientam e determinam a escolha do candidato para seu ingresso no Programa” (MANUAL TÉCNICO DO INSTITUTO BOM ALUNO, s/d:40).

Uma visita é feita à casa dos alunos selecionados para uma melhor avaliação da estrutura familiar e confirmação de carência. As observações feitas durante essa visita são adicionadas às outras, no banco de dados do aluno.

Etapa Final

De posse de todo o material de cada aluno que chegou até essa etapa da seleção (ficha de inscrição, prova escrita, parecer da dinâmica, da entrevista individual, da entrevista com a família e da visita domiciliar), a equipe técnica do Programa e a diretora do Instituto Severino Ballesteros se reúnem com uma psicóloga do Programa Bom Aluno de Curitiba – que conhece bem esse processo e não está emocionalmente envolvida com os candidatos – para analisar o histórico de cada jovem. O número de candidatos, nessa etapa, gira em torno de 25. O número de alunos que entra para o Programa gira em torno de 20, por ano de seleção (MANUAL TÉCNICO DO INSTITUTO BOM ALUNO, s/d).

A preparação

Os jovens selecionados entram no Programa no início do 7º ano do Ensino Fundamental e, ainda frequentando suas respectivas escolas públicas, iniciam, no contraturno das aulas, cursos de português, matemática, inglês, além de hábitos de estudo e desenvolvimento pessoal. Ao final desse primeiro ano, o Programa consulta as famílias dos participantes com o objetivo de saber se o(a) filho(a) quer fazer o exame de seleção das escolas parceiras. Caso a família e o(a) jovem estejam interessados em fazer o(s) exame(s), um dos critérios utilizados para a escolha, da nova escola é a localização, já que o Programa tenta minimizar o tempo de deslocamento dos estudantes. Os professores também auxiliam nessa escolha levando em consideração o perfil de cada jovem e da escola escolhida. Para isso, o Programa procura combinar o perfil do estudante com o perfil acadêmico e social da escola (*child-matching*).

Os gráficos 1 a 6, a seguir, apresentam o perfil dos estudantes, com relação a idade, sexo, etapa escolar, distribuição entre escolas públicas e particulares, escolha por curso universitário e inserção no Ensino Superior.

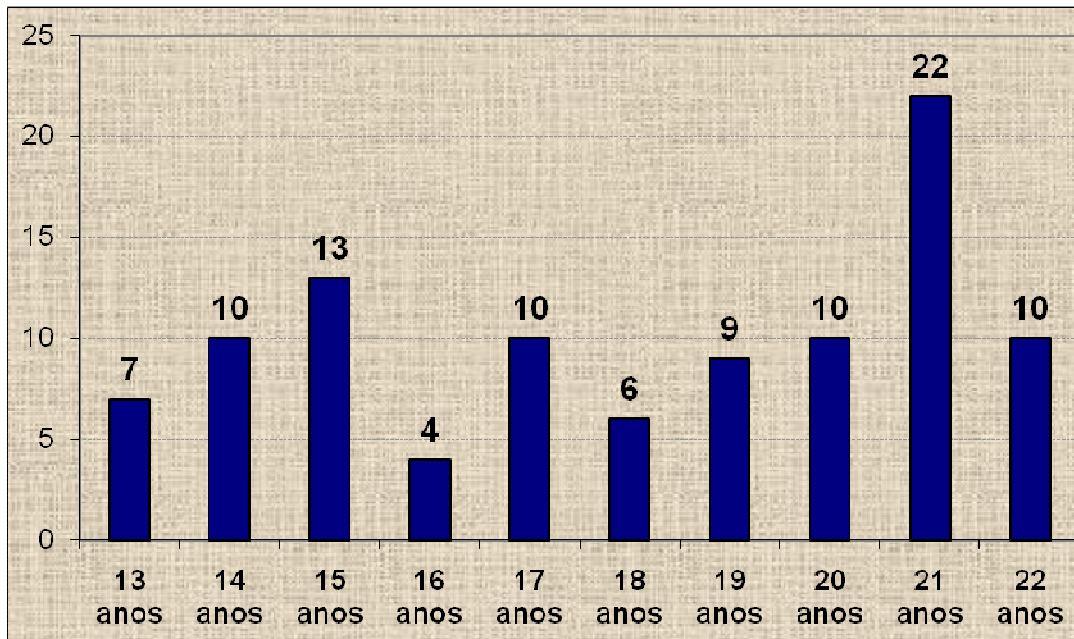


GRÁFICO 1 – Distribuição por idade dos 101 alunos do Programa Bom Aluno em 31/12/2010

Fonte: Programa Bom Aluno, Belo Horizonte – MG

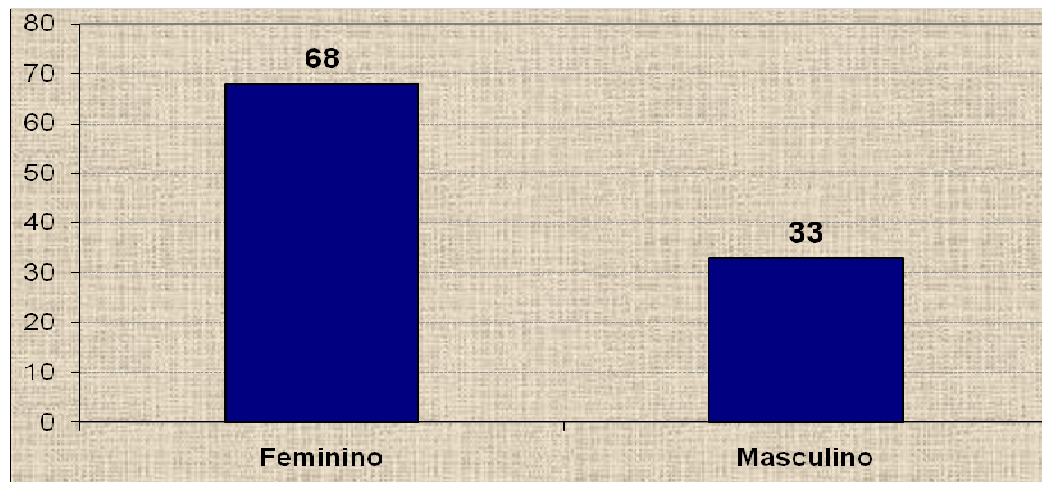


GRÁFICO 2 – Distribuição por sexo dos 101 alunos do Programa Bom Aluno em 31/12/2010

Fonte: Programa Bom Aluno, Belo Horizonte – MG

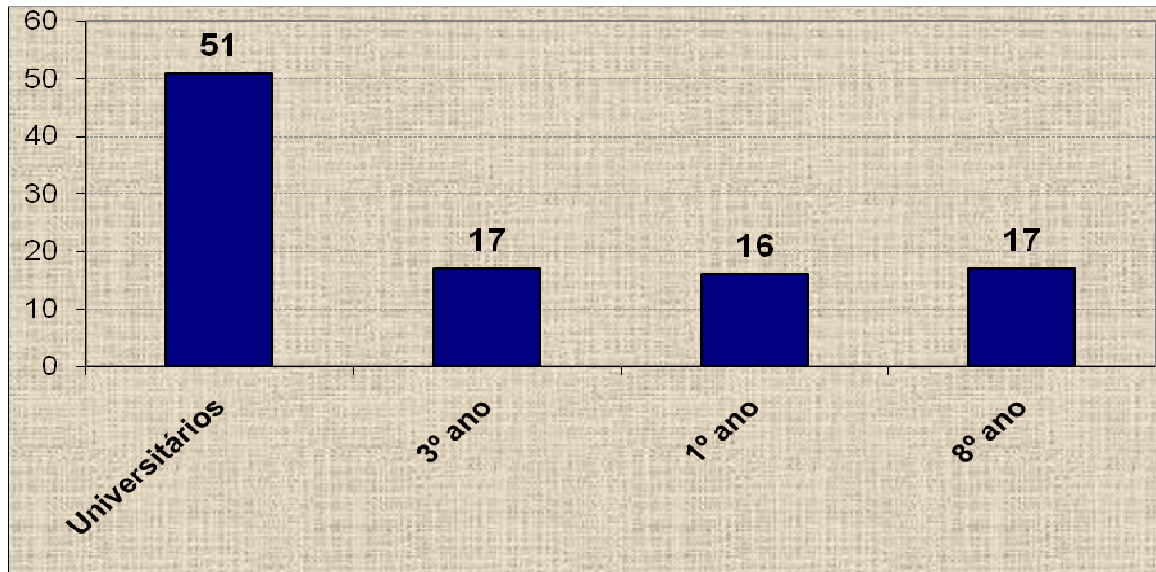


GRÁFICO 3 – Distribuição por etapa escolar dos 101 alunos do Programa Bom Aluno em 31/12/2010

Fonte: Programa Bom Aluno, Belo Horizonte - MG

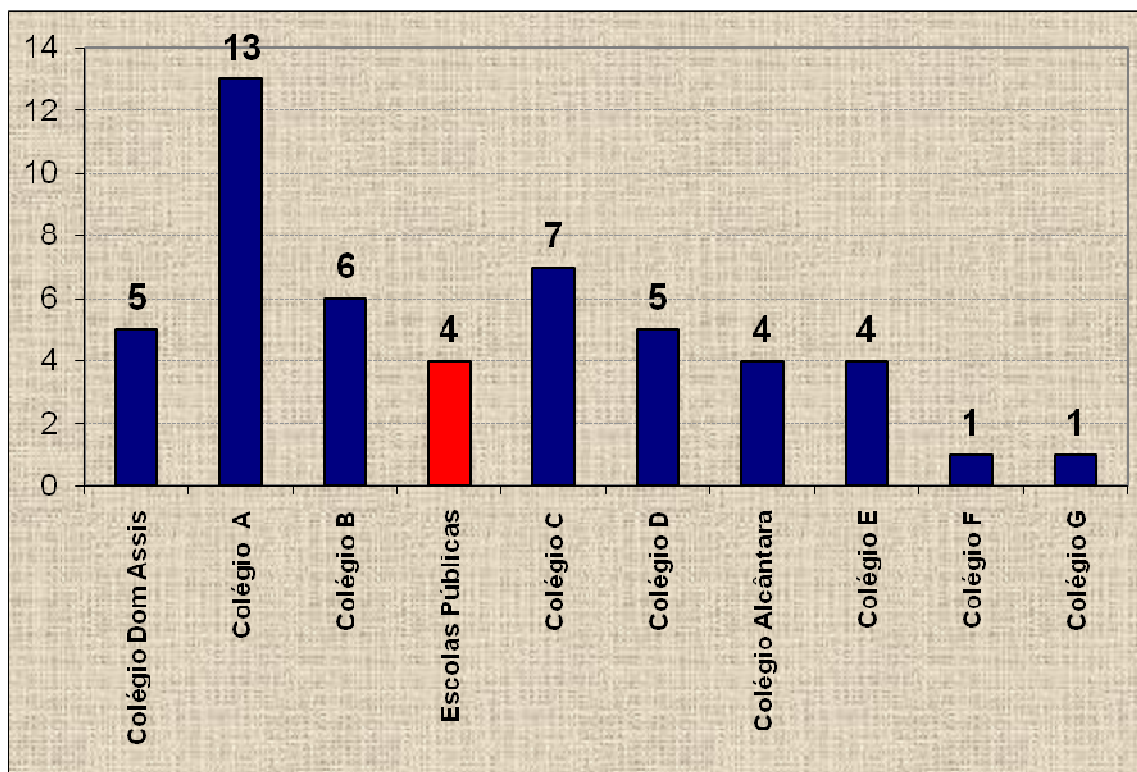


GRÁFICO 4 – Distribuição de 50 alunos do Programa Bom Aluno em escolas públicas e colégios particulares em 30/12/2010

Fonte: Programa Bom Aluno, Belo Horizonte - MG

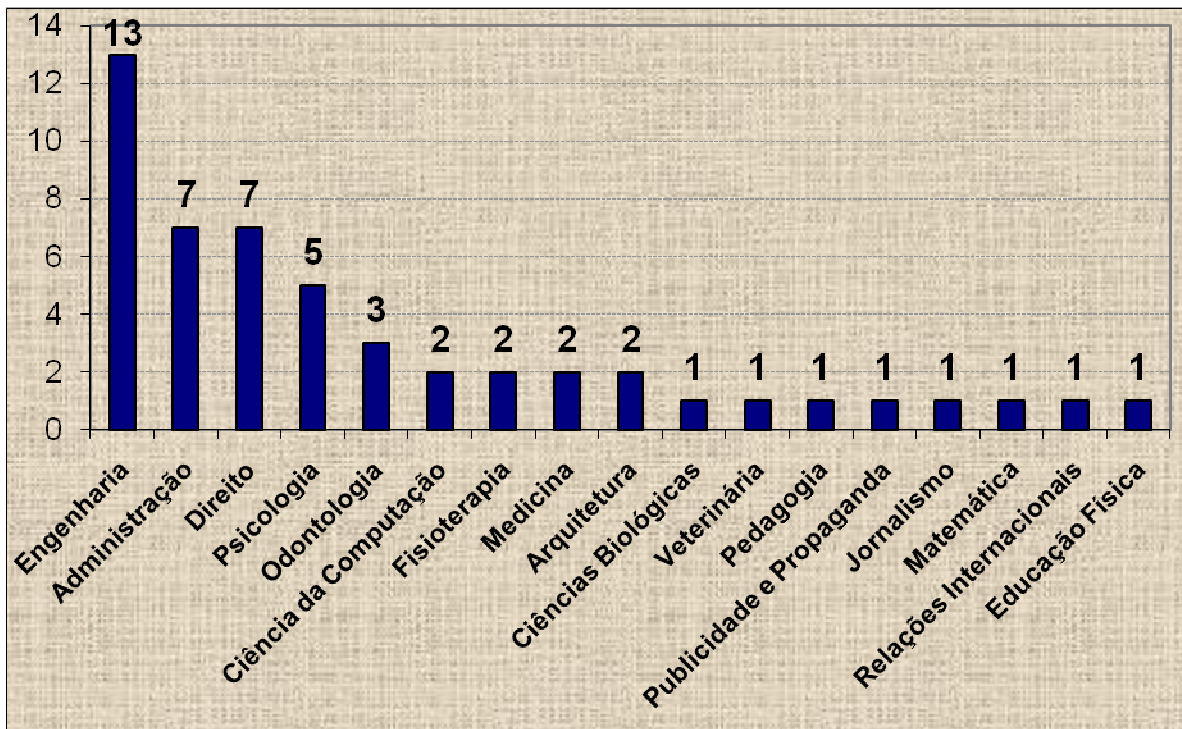


GRÁFICO 5 – Cursos universitários escolhidos por 51 alunos do Programa Bom Aluno em 30/12/2010

Fonte: Programa Bom Aluno, Belo Horizonte - MG

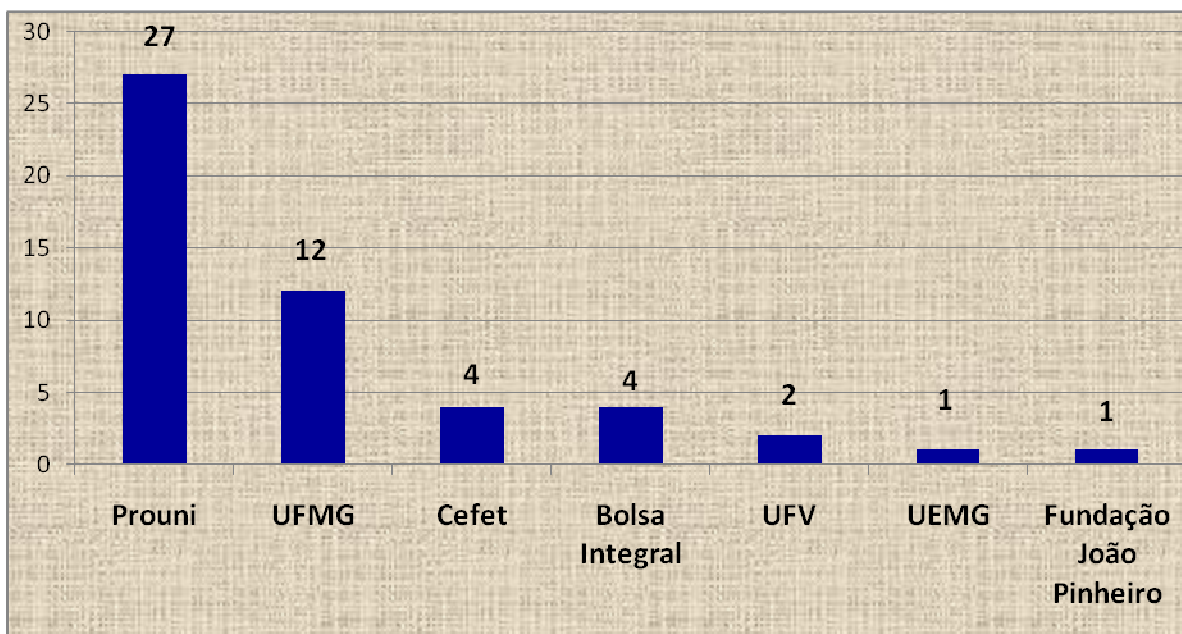


GRÁFICO 6 – Inserção dos 51 alunos universitários do Programa Bom Aluno no Ensino Superior em 30/12/2010

Fonte: Programa Bom Aluno, Belo Horizonte - MG

3.3 O novo ambiente

Segundo a LDB nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, existem dois tipos de instituições educacionais: a pública e a privada. Quanto à existência da iniciativa privada, o artigo 7º da LDB/96 diz o seguinte: “O ensino é livre à iniciativa privada atendidas as seguintes condições:

- I - cumprimento das normas gerais da educação nacional e do respectivo sistema de ensino;
- II - autorização de funcionamento e avaliação de qualidade pelo Poder Público;
- III - capacidade de autofinanciamento, ressalvado o previsto no art. 213 da Constituição Federal”.

Os sete jovens populares pesquisados, como se descreveu anteriormente, são egressos de instituições de ensino de iniciativa pública e, por intermédio de um Programa, passam a frequentar instituições de ensino de iniciativa privada que são, normalmente, destinadas aos jovens provenientes das classes médias/alta de Belo Horizonte e do interior de Minas Gerais. Quatro desses jovens estão matriculados em uma instituição confessional, sem fins lucrativos, e três deles em uma instituição laica. Ambas alcançaram os melhores resultados no ENEM/2008 na capital mineira. A descrição do novo ambiente foi feita com base nas informações contidas no site oficial de cada uma delas. Os nomes reais dessas instituições foram omitidos.

3.3.1 Colégio Dom Assis: tradição em educação²²

Segundo o site oficial do colégio onde estudam quatro dos jovens pesquisados, trata-se de uma instituição com mais de cem anos de existência, referência de excelência em educação e formação humana e religiosa. Em 1950, o colégio foi transferido do interior para a capital mineira e, hoje, conta com 3.500

²² As informações foram retiradas do site da escola e atualizadas pela Assistente de Serviço Social dessa instituição.

estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

A mantenedora do colégio reverte os recursos financeiros captados em atividades sociais e em melhorias para os setores educacionais e socioassistenciais.

A mensalidade para o ano letivo de 2011 é de R\$ 626,43 (seiscentos e vinte e seis reais e quarenta e três centavos) para o Ensino Fundamental e de R\$ 846,71 (oitocentos e quarenta e seis reais e setenta e um centavos) para o primeiro ano do Ensino Médio.

Além de seguir as orientações da LDB nº 9394/96 - Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio - e as orientações do Conselho Estadual de Educação -, ainda segundo afirma o site, o colégio que pauta sua proposta pedagógica na formação humana baseada nos princípios éticos da autonomia, responsabilidade, solidariedade e do respeito ao bem comum. Quanto aos princípios políticos, reforça os direitos e deveres da cidadania, o exercício da crítica e do respeito à ordem democrática. Quanto aos princípios cristãos, dissemina-se o conceito da paz e da solidariedade e no que diz respeito aos princípios estéticos incentiva-se a criatividade e a diversidade artística e cultural.

O colégio está localizado na região Centro-Sul de Belo Horizonte e ocupa uma área de 13 mil metros quadrados. Fazem parte desse complexo um ginásio, duas quadras poliesportivas, laboratórios de física, de química, dois laboratórios de informática e dois de biologia. A equipe docente é formada por 138 professores e coordenadores e por 139 profissionais colaboradores.

O colégio implementou, há mais de 10 anos, o Projeto Gratuidade Educacional que, inicialmente, tinha como finalidade atender jovens e adultos carentes que trabalhavam nas proximidades da região Centro-Sul. Hoje, o projeto atende 329 jovens, oriundos também das regiões Leste e Oeste, fornecendo material didático, uniformes, oficinas de cunho de cidadania e reforço escolar. As bolsas são oferecidas para ingresso no 1º ano do Ensino Fundamental até o 1º ano do Ensino Médio. O número de bolsas por ano varia de acordo com o número de vagas disponíveis. O colégio tem planos de aumentar o número de atendidos.

Para participar do Gratuidade Educacional, o jovem interessado deve se inscrever no projeto e participar do processo de seleção que o colégio aplica para todos os candidatos, carentes ou não. Posteriormente, os profissionais do colégio fazem a visita domiciliar para atestar a carência do jovem aprovado para, então, dar continuidade ao processo de seleção.

Segundo levantamento feito do local de moradia dos jovens matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental e no 2º ano do Ensino Médio, 60% dessas famílias vivem na região Centro-Sul de Belo Horizonte onde o Índice de Desenvolvimento Humanos - IDH é 0,914. O IDH do bairro onde a instituição está localizada é 0,949. Os IDHs das regiões onde vivem os quatro jovens que estudam nessa instituição são, respectivamente, 0,829 e 0,780.

3.3.2 Alcântara: um novo colégio destinado às classes intelectuais²³

O colégio onde três dos jovens pesquisados estudam foi fundado em 2003 por três irmãos de origem popular e egressos do ITA²⁴. Segundo um deles - que é o diretor de ensino -, o colégio tem como objetivo o fornecimento de serviços a uma classe específica da sociedade que é formada por membros das classes médias intelectualizadas. O diretor conta que o colégio atrai um público homogêneo, o que facilita bastante manter o alto nível acadêmico. Ainda, segundo ele, para quatro vagas ofertadas somente uma é preenchida, o que demonstra que o colégio poderia ter mais alunos se o objetivo ficasse somente em preencher o número de vagas ociosas. Metade das vagas é ocupada por jovens provenientes do interior de Minas Gerais e por alguns jovens de outros estados. Nos anos iniciais, a clientela é formada na sua maioria por jovens da capital, já nos anos finais essa proporção chega a ser de 60% de jovens provenientes do interior do estado.

O colégio possui turmas a partir do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, totalizando 900 alunos. O grupo que dirige o colégio também possui um pré-vestibular, que conta hoje com 1.800 alunos. Segundo informações contidas no site do colégio, o seu crescimento se deu graças à constante melhoria da qualidade dos serviços prestados e aos bons resultados obtidos nos vestibulares mais concorridos da cidade e do País.

O colégio tem dificuldade em encontrar jovens carentes que preencham os requisitos de conhecimento para a concessão de bolsas e, segundo afirma o

²³ As informações foram retiradas do site e atualizadas pelo diretor de ensino dessa instituição.

²⁴ O Instituto Tecnológico de Aeronáutica é uma instituição de ensino superior do Comando da Aeronáutica localizado em São José dos Campos, São Paulo. O ITA possui um dos processos de seleção mais rigorosos do País.

diretor de ensino, a instituição possui hoje entre 25 a 30 jovens bolsistas.

A mensalidade para o ano letivo de 2011 é de R\$ 748,00 (setecentos e quarenta e oito reais) para o Ensino Fundamental e de R\$ 928,00 (novecentos e vinte e oito reais) para o primeiro ano do Ensino Médio. O colégio busca estimular em seus alunos a crítica ao conhecimento, a criatividade e a consciência política, juntamente com o desenvolvimento da ação social. A instituição também visa a desenvolver em seus alunos a disciplina e a persistência, características que são necessárias à realização plena do ser humano, de acordo com sua proposta pedagógica.

Ainda como parte desse projeto, incentivam-se a interação e a participação democrática do alunado nas atividades proporcionadas pelo colégio, bem como a valorização da ética, da formação da atitude e da utilização do saber científico e tecnológico. A direção do colégio ressalta que tem como meta contribuir para o desenvolvimento social, moral, intelectual e cultural do País.

O colégio está localizado na região Centro-Sul da capital mineira e conta com 70 professores, muitos deles egressos das camadas populares, segundo afirmou o diretor de ensino. O colégio possui dois prédios, totalizando 14.500 metros quadrados de construção. Um prédio abriga as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental até o 2º ano do Ensino Médio e o outro, inaugurado no final de 2010, abriga o 3º ano do Ensino Médio e as turmas do pré-vestibular. O complexo possui duas bibliotecas com computadores para acesso à internet, laboratórios de física, química e biologia, três salas de estudo com cabines individuais, sala de artes e de xadrez. A área esportiva tem, além de quadras, piscina e vestiários. As duas unidades funcionam nos turnos da manhã e da tarde.

Segundo levantamento feito sobre o local de moradia dos jovens matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental e no 2º ano do Ensino Médio, 60% dessas famílias vivem na região Centro-Sul de Belo Horizonte, onde o IDH é 0,914. O IDH do bairro onde está localizado o colégio é 0,941. Os IDHs dos bairros onde vivem os três jovens pesquisados que estudam nessa instituição são, respectivamente, 0,781; 0,841 e 0,841.

4 SETE PERFIS: JOVENS POPULARES E SUAS FAMÍLIAS

Este capítulo tem como objetivo descrever os jovens²⁵ - três homens e quatro mulheres – pesquisados, bem como suas famílias. Os jovens serão caracterizados quanto à idade²⁶, escolarização²⁷, lugar na fratria, aspirações quanto à carreira profissional, socialização na nova escola e apreensão de novas disposições. Com relação às famílias, estas serão caracterizadas quanto a ocupação, escolarização, renda, capacidade de propiciar um ambiente favorável aos estudos, comprometimento com as normas do Programa Bom Aluno, expectativas quanto ao futuro dos filhos e descrição das práticas culturais.

As entrevistas²⁸ com os jovens bolsistas aconteceram na sede do Programa Bom Aluno, que fica situada nas instalações de uma escola de inglês localizada na região Centro-Sul²⁹ de Belo Horizonte. A gerência dessa escola de inglês cedeu algumas salas de aula para os professores e coordenadores poderem ministrar as aulas e se reunir com os pais. Já para o contato com as famílias, o local variou entre as residências das famílias e as casas das avós dos jovens.

4.1 César

Antes ele ficava moreninho de tanto jogar futebol e depois foi ficando branquinho de tanto estudar (trecho da entrevista com a mãe de César).

César aguardava a entrevista na secretaria da sede do Programa Bom Aluno, conforme combinado com a gerente do Programa. Com um grande sorriso estampado no rosto, ele me deixa mais à vontade do que eu o deixo. Ele tem 16 anos e está cursando o 2º ano de Ensino Fundamental do Colégio Dom Assis. No questionário ele se autot classificou como pardo no item raça/cor. César é o caçula de uma fratria de quatro irmãos. O jovem começa a narrar sua trajetória com

²⁵ Os nomes dos jovens são fictícios.

²⁶ As idades dos jovens pesquisados são relativas à época da coleta de dados, ou seja, entre maio e junho de 2010.

²⁷ Ano em que estão matriculados na escola.

²⁸ A ordem da apresentação dos jovens seguiu a ordem cronológica das entrevistas.

²⁹ A nomeação das regiões utilizadas nesta dissertação foi retirada do site da Prefeitura de Belo Horizonte: www.pbh.gov.br

desembaraço, fazendo algumas reflexões conforme as perguntas. César deixa transparecer, em sua fala, um domínio artificial da língua. Ele chegou a se corrigir algumas vezes trocando palavras “populares” por outras “polidas”, de forma a tornar seu discurso mais elaborado. As respostas foram controladas, tensas na sua forma gramatical, revelando a utilização de uma língua emprestada.

Para Bourdieu (2008), o momento da entrevista revela “o ponto máximo da tensão subjetiva, por conta de sua sensibilidade particular à tensão objetiva (...)”. Nas palavras desse autor, tal comportamento revela um *habitus* linguístico que “é todo *habitus* de classe do qual ele constitui uma dimensão, ou seja, de fato, a posição ocupada, sincrônica e diacronicamente, na estrutura social”. Essa hipercorreção, continua o autor, é umas das várias estratégias utilizadas pelo locutor como forma de se apropriar da uma língua que ele julga ser a legítima.

O sonho de ser jogador de futebol, comum entre os jovens dos meios populares, deu lugar ao sonho de estudar Engenharia Mecatrônica. César conta que sonhava em estudar em Harvard quando mais jovem e, no momento da entrevista, estava participando de um processo de seleção de um programa de intercâmbio. Ele estava entre os finalistas e acabara de chegar de uma dinâmica de grupo que aconteceu em São Paulo. Ele sonha com uma oportunidade de poder morar no exterior.

A entrevista com a mãe de César aconteceu na casa da avó materna que fica localizada na região Noroeste de Belo Horizonte e onde o jovem estava morando naquele momento. Essa entrevista somente aconteceu na quarta tentativa, pois na véspera do primeiro encontro, a atual sogra da mãe tinha falecido. Já na segunda tentativa, a mãe se esqueceu do compromisso, depois houve mais um cancelamento devido a uma consulta médica e, por fim, nós nos encontramos no dia e hora marcados. Eu ligava na véspera de todos os encontros e só então era informada de que ela não poderia comparecer.

A mãe de César é separada do pai dele e trabalha como auxiliar de serviços em uma escola pública, localizada na região Oeste. O pai também é auxiliar de serviços, atualmente licenciado do trabalho devido a problemas de saúde e, segundo a mãe, é “alcoólatra e não toma conhecimento de nada”. O padrasto é motorista de caminhão. A renda mensal, declarada por César no questionário, fica entre 2 e 5 salários mínimos e dela vivem de duas a três pessoas. A mãe tem o Ensino Médio completo e o pai tem o Ensino Fundamental incompleto.

O jovem contou que, atualmente, está morando na casa da avó devido ao longo trajeto que tinha que percorrer para ir da casa de sua mãe até a escola. A mãe lembra que, quando ele ainda vivia com ela, ele se levantava de madrugada e pegava o ônibus das cinco horas. No princípio, ela o acompanhava até perto da escola, pois pegava o mesmo ônibus para ir trabalhar, e lembra que os dois iam dormindo durante a viagem que durava até duas horas, tanto na ida como na volta.

A mãe de César diz que ele costumava estudar até de madrugada depois da longa jornada diária, pois “via pela greta da porta que a luz ainda estava acesa”, quando ele ainda morava com ela. Ela lembra que ele sempre foi diferente na escola por ser muito estudioso e que ele não gostava de assistir à televisão, mas, sim, de passar o dia lendo dicionários e enciclopédias. Ela diz ter lutado muito para conseguir uma escola particular para o filho, pois as professoras das escolas públicas por onde ele tinha passado sempre disseram que ele era diferente e precisava de mais desafio. A mãe do jovem diz que, antes, ele era “moreninho de tanto jogar futebol e que agora está branquinho de tanto estudar”.

O relato de César sobre a entrada no Colégio Dom Assis foi cheio de observações curiosas. Ele conta que tinha preconceito em relação aos jovens das classes médias porque escutava *rap* (tipo de música que jovens das camadas desfavorecidas gostam de escutar e que fala sobre as desigualdades sociais) e acrescenta que nunca tinha se relacionado com pessoas dessa classe social e que achava que os colegas iriam menosprezá-lo. O jovem relata que seu primeiro contato no Dom Assis se deu com outro novato e que ele “era de boas condições financeiras” e era proveniente de uma escola particular do interior de Minas Gerais. Os dois logo se tornaram bons amigos e nas palavras de César: “(...) e eu vi que era totalmente normal, era basicamente eu conversando com um amigo quase de infância, do meu bairro mesmo”.

A mãe de César lembra que, por volta do final do primeiro semestre na nova escola, o filho chegou em casa chorando e disse que a escola era muito difícil e que ele não estava conseguindo acompanhar a turma. Ela recorda que o incentivou a continuar e se prontificou a conversar com a gerente do Programa, caso ele não conseguisse passar de ano, para que o filho pudesse ser transferido para outra escola.

O fato de César ser um jovem proveniente das camadas populares e com bons resultados acadêmicos parece ter sido motivo de tanta admiração por parte dos

colegas do Dom Assis e de seus familiares. Não demorou muito para ele ser convidado pela família de um colega para ir morar na casa deles. Nessa casa, que fica situada na região Centro-Sul, moravam o jovem e a empregada, que revezava nas estadias com a mãe que era de Teófilo Otoni, cidade localizada na região Norte de Minas Gerais. A família queria que César fosse uma boa influência para o filho nos estudos e queria facilitar a vida do jovem bolsista no que diz respeito à viagem diária que ele tinha que fazer para chegar ao colégio. A estadia nessa casa durou um ano. Em seguida, César se mudou para a casa da irmã desse jovem, casada e sem filhos, pelo simples fato de ela querer ajudá-lo. A sua estadia nessa segunda casa foi de seis meses. Em seguida, ele foi morar na casa da avó que fica situada em uma região mais próxima de onde está localizada sua escola.

Demonstrando bastante habilidade, César foi construindo um grupo permanente de estudos de mais ou menos quatro jovens. Eles, sempre que podiam, se reuniam para estudar. O fato de César estar, naquele momento, vivendo na região Centro-Sul o ajudou bastante a frequentar festas nos finais de semana, jogos de futebol e saídas com os novos amigos. O jovem diz que faz questão de levar os amigos de seu bairro às festas do colégio e que os amigos do colégio os recebem muito bem.

César lembra que, depois de um mês no novo colégio, ele já conversava praticamente com todo mundo da sala. Alguns amigos já foram à casa do jovem que, naquela ocasião, se localizava muito distante da região Centro-Sul de Belo Horizonte. Ele considera seus amigos “super gente fina” e parece ter uma relação bastante afetuosa com eles.

O jovem, que segundo sua mãe cuida muito bem de sua higiene e da organização de seus objetos pessoais, arranca elogios de membros das famílias das classes médias por onde passa. A mãe contou, com muito orgulho, que a dona da casa onde ele morou por um período se mostrava encantada com a organização de César e sempre dizia que ele “era muito limpinho”.

Durante a entrevista com a mãe de César, pude perceber que a relação mãe/ filhos é conflituosa. Naquele momento, todos os irmãos de César estavam morando com a avó, que acabara de perder um filho baleado na cabeça com seis tiros. A única filha, a terceira na fratria, trabalha em um consultório médico e, no momento da entrevista, estava no curso Técnico em Enfermagem. Ela teve uma filha ainda muito jovem e, hoje, é a única que vive com a mãe.

A mãe relatou períodos de muita incompreensão por parte de César durante um período de depressão pelo qual ela passou. Ela diz que se afastou dos filhos e do atual marido e que realmente não queria a companhia de ninguém. Isso parece ter refletido em César, que sentiu um “certo abandono” por parte da mãe, já que ele relatou ter morado mais de um ano na casa de um colega e posteriormente na casa da irmã desse colega. A mãe comenta, com orgulho, sobre uma senhora que chama César de “meu filho” e que sempre o tem em sua casa e diz que “todos querem ter o César como filho”.

O irmão mais velho de César, que naquele momento trabalhava como Agente de Bordo³⁰, havia parado de estudar após concluir o Ensino Médio, mas, recentemente, conseguiu uma bolsa de estudos pelo PEP³¹ para o curso de Técnico em Eletrônica e tem planos de se dedicar integralmente aos estudos. O segundo irmão tinha trancado a Faculdade de Educação Física e estava trabalhando em uma escola que oferecia Ensino Fundamental e Ensino Médio Técnico e, por estar trabalhando na área de informática dessa escola, foi beneficiado com uma bolsa integral de estudos para o curso de Técnico em Informática. Paralelamente ao trabalho e ao estudo, esse jovem estava investindo também na carreira de árbitro de futebol. A mãe demonstrou se orgulhar disso e chegou a se emocionar durante a entrevista, quando relatou a emoção de vê-lo apitando um jogo entre Cruzeiro e América³². A mãe lembra que seus filhos nunca tomaram bomba e que ela sempre foi muito enérgica com eles.

Nas entrelinhas do relato de César, pude perceber que, enquanto ele estava morando na casa de um amigo da escola na região Centro-Sul de Belo Horizonte, ele vivia a vida social dessa região da cidade. Ele ia para shoppings, jogava futebol e ia a festas com os colegas. A partir do momento em que ele foi morar com a avó, na região Oeste (princípio de 2010), ele se voltou mais para as atividades que acontecem naquela região. A igreja, o teatro e o grupo de dança da igreja, o churrasco após os cultos com os amigos da paróquia, a namorada da igreja, enfim, sua vida social parece girar em torno de seus locais de moradia.

A entrada de César no Programa não causou nenhuma mudança na vida cultural dessa família. A mãe afirma não gostar de ir a museus e, sim, ao teatro,

³⁰ Trocador de ônibus.

³¹ Programa de Educação Profissional do Governo de Minas Gerais que distribui bolsas de estudo para a Educação Profissional de Nível Técnico. Disponível em www.educacao.mg.gov.br

³² Times da 1ª divisão do futebol mineiro.

preferência provavelmente originada pelo fato de ela trabalhar em uma escola. Ela afirma gostar também de show ao ar livre, quando o tipo de música é popular brasileira dos anos 1970 ou serestas. Ela diz que o atual marido não gosta de nada disso. A leitura que ela faz sobre a frequência a eventos dessa natureza é: “Eu acho bom porque você aprende, volta para casa mais alegre, com a cabeça mais levinha”.

TABELA 1
Características Socioeconômicas – Economia
Renda familiar *per capita* (em R\$ de agosto de 2000) - Belo Horizonte – 1991 – 2000

Região Administrativa	1991	2000
Barreiro	188,60	254,06
Centro-Sul	1.119,02	1.584,28
Leste	379,48	491,20
Nordeste	315,41	429,02
Noroeste	352,30	472,43
Norte	204,18	274,90
Oeste	436,11	634,71
Pampulha	514,65	680,15
Venda Nova	188,82	268,86
Belo Horizonte	414,94	557,44
RMBH	309,03	394,34

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte

Organização: Ger. Indicadores/SMAPL/SMPL/PBH

Metodologia: Razão entre o somatório da renda *per capita* de todos indivíduos e o número total desses indivíduos. A renda *per capita* de cada indivíduo é definida como a razão entre a soma da renda de todos os membros da família e o número de membros da mesma.

4.2 Antônio

No meu bairro as pessoas, os meninos do meu bairro, ficam mais na rua e no colégio não, não ficam brincando na rua (trecho da entrevista com Antônio).

Antônio é um jovem de apenas 13 anos, alto para sua idade e aparentemente tímido. Ele está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental no Colégio Alcântara e está na mesma sala que outra jovem do Programa. Ele foi entrevistado logo após César e, quando chegou à sala onde as entrevistas estavam acontecendo, me pareceu pouco à vontade. O jovem Antonio se autotranscreveu como de cor/raça branca no questionário e, caso não se soubesse nada sobre sua origem, ele poderia ser mais um jovem das classes médias transitando pelos corredores da escola de inglês onde funciona o Programa.

Comecei a conversa explicando os motivos que me levaram a fazer a pesquisa e fiz questão de gastar mais tempo nessa introdução, já que percebi seu desconforto. Assim que iniciei as perguntas, notei que pouco conseguiria conhecer da história de Antônio. As perguntas que eu tinha elaborado eram prontamente respondidas com “sim”, “não”, “hum, hum” ou “não sei”. Muitas vezes eram apenas respostas monossilábicas, repetindo basicamente a última palavra da minha pergunta, e eu não tinha um plano B. A entrevista seguiu engessada, com pouca compreensão das perguntas, ou melhor, com uma compreensão literal delas, nada subjetiva. A primeira entrevista tinha ido além das minhas expectativas e eu não estava preparada para entrevistar um aluno com esse perfil. Mas ele existia e estava sentado à minha frente. Somente depois de ler a entrevista de Antônio várias vezes, consegui fazer uma leitura bastante rica de suas respostas.

As várias tentativas que fiz com o intuito de relaxá-lo foram inúteis e tenho certeza de que aquele momento para ele parecia não ter fim. Eu não consegui imprimir um ambiente agradável e de confiança como acontecera na primeira entrevista e, após aquele momento, me senti bastante frustrada. No entanto, depois de ter visitado a casa de Antonio e ter entrevistado a mãe do jovem, imagino ter conseguido um relato coerente com seu momento de vida.

A casa da família de Antônio está localizada na região Oeste da cidade de Belo Horizonte. O bairro onde vive essa família tem uma parte com mais

infraestrutura do que a outra. Existem ruas largas com casas de melhor qualidade e existem vielas por onde os carros não podem passar, com casas mais simples. Pois é em uma dessas vielas que o jovem Antônio e sua família moram. Na frente da casa da família, encontrei uma lojinha que vendia revistas e jornais. A loja estava cheia de revistas de ciências, curiosidades, esportes, jornais, revistas de fofocas, entre outros gêneros. A presença daquela lojinha em uma viela parecia não combinar com aquela região. Logo, descobri que a loja pertencia à mãe de Antônio.

Atrás de um portão de garagem existe um pequeno pátio onde, ao final dele, se encontra a casa do jovem Antônio. Ela não tem frente para a rua, mas também não é de fundos. Moram ali seis pessoas da mesma família. Antônio divide o quarto com o irmão e a irmã mais velhos. A mais jovem dorme no sofá da sala. Os pais ocupam o outro quarto da pequena casa. Há poucas janelas na casa. As paredes da sala são cobertas por medalhas que os jovens conquistaram em Olimpíadas de Matemática, Física e Química. Os dois rapazes já foram receber prêmios no Rio de Janeiro e em Recife, das mãos do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. A pequena irmã sonha em poder colocar alguma medalha na parede junto com as dos irmãos. É na estreita mesa da cozinha que o jovem estuda e é de se perguntar como isso pode acontecer em uma casa com pouco ou nenhum espaço silencioso.

A mãe de Antônio tem o Ensino Médio completo e já tentou vestibular três vezes, há vinte anos. Ela é dona da lojinha de revistas e, com isso, ajuda nas despesas da família. O pai é contador de uma entidade religiosa de Belo Horizonte, que fica localizada na Praça da Liberdade, região Centro-Sul da cidade. A renda declarada no questionário fica entre 2 e 5 salários mínimos. Antônio é o terceiro de quatro irmãos. O irmão mais velho, que tem 19 anos, está cursando o 5º período de Engenharia Química na UFMG. Ele foi aprovado em 7º lugar, aos 17 anos, e não fez cursinho preparatório. Ele é egresso do CEFET. A irmã tem 17 anos e passou na UFMG para Psicologia para o 2º semestre de 2010. Também não fez cursinho. A mais jovem tem 8 anos e sonha entrar para o Programa Bom Aluno aos 11 anos, ou seja, quando estiver no 6º ano.

A mãe de Antonio é uma senhora bem disposta e muito dinâmica. Na realidade, ela mais me pareceu uma regente de orquestra do que uma típica mãe de família das classes populares. Ela parece reger a casa, a lojinha e seus quatro filhos sem permitir que nenhum membro de sua orquestra desafine uma corda.

Com relação às tarefas domésticas, Antônio está encarregado de arrumar todas as camas da casa e arrumar suas gavetas. Ele também tem que assumir o lugar da mãe na lojinha na hora em que ela tem que fazer o almoço dele. Isso acontece duas vezes na semana, pois, nos outros dias, o jovem tem aulas no Programa e não almoça em casa. O jovem toma um ônibus e leva 25 minutos para chegar até o Alcântara e 40 minutos para voltar para casa. Ele vai e volta sozinho.

As tarefas escolares são cumpridas com sua supervisão e ela sabe cada detalhe da vida escolar de todos os quatro filhos. Ela os acorda, controla a execução dos deveres de casa, controla o barulho, enviando os filhos que não têm deveres de casa para fazer para a casa onde morava a sogra e que agora se encontra vazia. Essa casa, que é uma espécie de anexo localizado no mesmo pátio da casa da família, serve de lugar de entretenimento para os irmãos que já terminaram seus deveres de casa. Lá se encontram uma televisão e um computador. A mãe também controla o conteúdo que os filhos acessam na internet, controla o tempo de televisão a que os filhos podem assistir e acrescenta que, normalmente, o jovem Antônio gosta de assistir ao desenho animado do Pica Pau. É ela quem determina o horário em que ele e que todos devem ir dormir. No meio de tudo isso, ela vende suas revistas na lojinha.

Sobre isso, Lahire (2004:29) afirma que:

Os pais “sacrificam” a vida pelos filhos para que cheguem aonde gostariam de ter chegado ou para que saiam da condição sociofamiliar em que vivem [...] os efeitos sobre a escolaridade da criança podem variar segundo as formas para incitar a criança a ter “sucesso” ou a estudar para ter “sucesso”, segundo a capacidade familiar de ajudar a criança a realizar os objetivos que lhe são fixados.

O jovem lembra que a mudança de escola não afetou muito sua relação com seus antigos colegas, mas, contrariando o que ele diz, a mãe afirma que ele não tinha relação com os colegas da escola. Antônio explica que tem de estudar muito para se manter na média e a mãe comenta que ele está com 70% de aproveitamento nas matérias, com exceção de inglês e matemática, matérias em que ele obteve melhores notas.

Com relação à construção de uma rede de relacionamentos, o jovem diz ter feito, logo de início, amizade com três colegas e que eles se tornaram melhores amigos. Eles estavam sentados próximos a ele no início do ano letivo e a amizade

se fez por proximidade. Os três jovens vieram de escolas particulares, acrescenta Antônio. Ele já foi convidado a ir à casa dos jovens, mas nunca os convidou para ir à sua casa. Antônio não tem o costume de sair à noite, mas já foi a algumas festas de aniversário de colegas e demonstra uma certa insatisfação quando o pai vai buscá-lo cedo: “a festa tem parabéns; quando ele vai, nem chegou a hora ainda”. O pai, que não tem carro, fica esperando a hora em que o filho quer ir embora da festa e, algumas vezes, o pai de algum colega, que acha muito longe para pai e filho irem para casa de ônibus, leva Antônio para casa.

Com relação à mudança de escola, Antônio respondeu que imaginou que a nova escola fosse bem mais difícil (com relação às exigências acadêmicas) do que é na realidade. Quando perguntado a ele sobre as diferenças que observou quando conheceu a casa de um colega que fica localizada na mesma região da cidade que a casa dele, mas em um bairro de classe média, ele respondeu que o apartamento do colega era pequeno como a casa dele e que lá tinha tudo que ele tinha em casa. Sobre as diferenças de comportamento entre os jovens da antiga escola e a atual escola, Antônio diz que os antigos colegas faziam mais bagunça em sala de aula. Referindo-se às diferenças dos jovens do seu bairro e do seu colégio atual, ele afirma que seus vizinhos brincam na rua e que seus colegas, não. Ao final, ele afirmou que em seu colégio tem gente com condição financeira melhor do que em seu bairro.

O controle da vida de Antônio e de seus irmãos pela mãe se faz nítido quando ela diz que assim que ele chega em casa, no final do dia, ela prepara seu lanche, deixa-o assistir a seu desenho animado preferido e depois supervisiona seu “para casa”. Assim que ele termina suas tarefas escolares, já é hora de ir dormir. A mãe controla o tempo de repouso dos filhos e diz que, nos finais de semana, ela os deixa dormir um pouco mais. Para Lahire (2004:25), os pais das camadas populares podem exercer um controle indireto da escolaridade dos filhos controlando “o tempo consagrado aos deveres escolares, [...] restringindo o tempo que passam diante da televisão...”.

A falta de autonomia dos filhos parece ser motivada pelo excesso de controle da mãe. Ela se refere ao filho sempre no diminutivo e diz que ele é “um pimentinha, igual ao Denis Pimenta do desenho animado”. Ela afirma que seus filhos são muito humildes e que nunca pediram nada que eles (os pais) não pudessem dar.

A rotina da casa gira em torno das necessidades dos filhos. A mãe cuida de tudo para que a prole não descuide de seus deveres. Ela acha que o tempo ficou mais apertado depois que Antônio entrou para o Programa. “Tudo está mais corrido”, afirma ela. Para organizar melhor sua vida, a mãe de Antônio diz que vai colar todas as circulares que ela recebe, tanto do Programa como da escola particular, em um quadro para que ela não se esqueça de nada.

Lahire (2004:25) faz a seguinte afirmação sobre a conduta de certas famílias como a de Antônio:

[...] o universo doméstico, através da ordem material, afetiva e moral que reina ali a todo instante, pode desempenhar papel importante na atitude da criança na escola. A família pode constituir um “lugar decente”, um tipo de santuário de ordem, de ordenação, relativamente fechado sobre si mesmo [...].

Quanto às suas expectativas, Antônio diz que, no momento, ele se esforça para “tirar boas notas e continuar no Programa”. Ele e seu irmão mais velho foram contemplados com cursos de matemática na UFMG em uma das Olimpíadas da qual participaram (OBMEP)³³. Apesar de o jovem ter provas e/ou atividades na escola aos sábados pela manhã, ele quer fazer o curso de matemática que ganhou na UFMG, que também acontece aos sábados durante o dia e, fazendo um enorme esforço, consegue conciliar as duas atividades só voltando para casa no final da tarde. A mãe prepara um lanche para ele e seu irmão se alimentarem durante a jornada, já que eles só recebem *tickets* da UFMG para o almoço. Contra a vontade da mãe, que acha que o filho está fazendo muitas atividades, Antônio e seu irmão parecem possuir um “querer” que supera todos os obstáculos de classe.

Nas palavras de Lahire(2004:285):

Estes casos se mostram, pela regularidade, pela linearidade dos resultados, como fatos excepcionais. Todas as crianças parecem ter interiorizado precocemente – por razões de singular economia socioafetiva que a análise sociológica das relações de interdependência tenta reconstituir – o “sucesso” escolar como uma *necessidade interna, pessoal*, um motor interior”.

Sobre a presença de mais bolsistas em seu colégio, Antônio diz não saber da existência de mais nenhum. Fora Eliana que está em sua sala e é do Programa Bom Aluno, ele diz que somente uma professora sabe que ele é bolsista. O jovem se

³³ Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

relaciona apenas com três referidos colegas e parece não querer expandir sua rede de sociabilidade. Os jovens se falam pelo telefone fixo e Antônio nunca sai com eles para além dos muros da escola, a não ser para uma ou outra festinha de aniversário. Curiosamente, a mãe relatou que Antônio, juntamente com alguns amigos, formou, no ano passado, um grupo de rock, e que o filho estava sempre escutando e cantando as músicas de um antigo CD que ela possuía do *Queen*.³⁴ A ideia de formar um grupo de rock foi abandonada nesse ano (2010), pois os colegas não estavam mais na mesma sala.

Sobre a visão que os colegas e professores tinham dele na antiga escola, Antônio responde que eles o achavam “inteligente” e que o elogiavam bastante. Ele afirma que fazia parte de um grupinho de colegas e que eles também eram esforçados e que sempre jogavam futebol juntos. Aparentemente, esse convívio ficava somente dentro das instalações da escola.

Sobre os detalhes do funcionamento do Programa Bom Aluno, Antônio afirma saber pouco. Ele não soube responder se o Programa ajuda sua família financeiramente. Ele acha que aprendeu a estudar mais com as aulas ministradas pelo Programa e se esforça mais nos estudos. Ele gosta da atual escola porque “o ensino é melhor”, mas acha a antiga escola “mais legal”.

A leitura que a mãe faz do trabalho do Programa com os jovens bolsistas é que “o Bom Aluno padroniza o menino igual aos outros”. A mãe se orgulha de sua prole e diz que sempre recebe elogios de todos que conhecem sua família. Segundo ela, a família é conhecida no bairro e, com frequência, outras mães querem saber como ela consegue fazer com que os filhos sejam tão estudiosos. Ela pondera que, se eles não quisessem, ela não poderia fazer nada. Ela atribui esse êxito ao fato de seus filhos serem muito curiosos. A mãe relatou que a família se relaciona com os parentes, mas não mencionou nada quanto a se relacionar com pessoas fora do núcleo familiar.

Essa família, muito diferente de outras famílias das camadas mais desfavorecidas, é totalmente voltada para os estudos. A mãe diz que todos adoram estudar e que uns ajudam os outros. Ela faz a seguinte observação: “se você quiser fazer alguma maldade com o Antônio é só falar: - Você não vai à escola hoje!”. Ela continua sua fala sobre a importância dos estudos e diz: “Não tem jeito de você fazer

³⁴ Grupo de rock famoso na década de 1980 comandado por Fred Mercury.

nada sem estudar, sem focar no estudo, tem que seguir, não pode parar”. Os filhos parecem ter incorporado a disposição de estudo que esse casal possui. A falta de recursos materiais foi substituída pelo apoio incondicional proporcionado pelos pais. O investimento parece quase que planejado e a utilidade de um diploma é sempre lembrada.

Apesar de o pai de Antônio ficar fora o dia inteiro, é ele quem leva os filhos para passear nos finais de semana. A mãe conta que o marido fez carteirinha da biblioteca pública para todos os filhos e, por trabalhar a metros da biblioteca, sempre traz livros para casa. “As crianças cresceram frequentando a biblioteca pública”, recorda a mãe. O pai também é responsável por levar as filhas a shows ao ar livre, que acontecem nas praças de Belo Horizonte, e elas só gostam de música popular brasileira. Segundo a mãe, “as músicas têm que ter letra”.

Com relação à frequência a espaços culturais como museu, teatro e exposições, a mãe de Antônio responde que a família já foi, sim, a museus e teatros, mas faz três anos que ela (a mãe) deixou de ir a esses eventos por falta de tempo. Ela diz que seus filhos frequentam museus - via escolas - e que estão sempre participando de promoções pelo rádio para concorrer a ingressos para ir ao cinema. Ela lembra que, quando mais jovem, costumava ir com o marido assistir às peças de teatro das quais a irmã participava, mas o marido dormia o tempo todo. Hoje em dia, cabe ao pai levar os filhos ao teatro, quando a entrada é grátis, mas ele ainda costuma dormir durante as peças, conta ela.

O conhecimento dessa mãe sobre o sistema escolar é fora do comum. Seus filhos fazem um relatório diário sobre tudo que se passa em suas escolas. Ela sabe detalhes não só sobre o funcionamento do Ensino Fundamental, Médio e Superior, bem como quais são as melhores escolas públicas, onde estão localizadas, quais cursinhos dão bolsa de estudos, tudo isso via informação de seus filhos.

A capacidade dessa mãe de processar as informações trazidas pelos filhos e utilizá-las em benefício próprio remete à capacidade que as famílias das classes médias têm no momento de avaliar os melhores estabelecimentos públicos de ensino. Van Zantem (2007) relata em seu estudo que as famílias das classes médias utilizam os mesmos instrumentos de coleta de dados e de técnicas de análises utilizados pelos pesquisadores. Entretanto, os critérios de análise desses dados atendem a seus interesses pessoais.

TABELA 2

Características Socioeconômicas – Economia
Renda familiar *per capita* (em R\$ de agosto de 2000) - Belo Horizonte – 1991 – 2000

Região Administrativa	1991	2000
Barreiro	188,60	254,06
Centro-Sul	1.119,02	1.584,28
Leste	379,48	491,20
Nordeste	315,41	429,02
Noroeste	352,30	472,43
Norte	204,18	274,90
Oeste	436,11	634,71
Pampulha	514,65	680,15
Venda Nova	188,82	268,86
Belo Horizonte	414,94	557,44
RMBH	309,03	394,34

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte
Organização: Ger. Indicadores/SMAPL/SMPL/PBH

Metodologia: Razão entre o somatório da renda *per capita* de todos indivíduos e o número total desses indivíduos. A renda *per capita* de cada indivíduo é definida como a razão entre a soma da renda de todos os membros da família e o número de membros da mesma.

4.3 Eliana

Eu consegui aprender muito rápido a diferença, aprendi sozinha, praticamente. Quando eu saí da Professor Cassiano³⁵ e entrei no Alcântara, eu já consegui captar tudo: isso eu posso fazer aqui e não posso fazer lá (trecho da entrevista com Eliana).

A entrevista iniciou-se logo após uma breve explicação dos objetivos da pesquisa. Eliana rapidamente articulou suas respostas sem necessidade de mais esclarecimentos, indicando uma maturidade incomum para uma jovem de apenas 14 anos. Em breve, eu descobriria que ela não é uma jovem típica de sua idade.

³⁵ Nome fictício da última escola pública frequentada por Eliana.

Eliana tem 14 anos e está no 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Alcântara. O pai é vigilante em uma empresa e a mãe, aposentada, ainda trabalha como promotora de vendas expondo produtos (variados) ou fazendo salgadinhos para fora. A renda mensal do casal fica entre 2 e 5 salários mínimos. O pai terminou o ensino médio e cursou, no ano de 2009, um semestre de Engenharia Civil em uma faculdade particular. A mãe possui ensino médio incompleto.

Eliana é filha única do casal. Eles moram em uma casa própria, localizada nos fundos de uma casa no bairro João Pinheiro, na região Noroeste de Belo Horizonte. Ela tem cabelos longos cacheados e aparelho nos dentes e se autodenominou parda, no questionário, no item cor/raça. A pele do rosto demonstra as consequências das transformações em jovens nessa faixa etária e denuncia o pertencimento a uma família com poucos recursos econômicos, já que, hoje em dia, estão disponíveis no mercado vários tratamentos para a pele que amenizam as marcas da adolescência.

O fato de Eliana estudar agora em uma escola particular parece ter afetado um pouquinho a maneira como seus parentes a tratam. Ela afirma que eles a tratam melhor do que tratam as outras primas. Ela atribui isso ao seu constante esforço em relação aos estudos, o que causa grande admiração por parte de seus familiares. Os pais também se sentem orgulhosos de terem uma filha estudando em uma escola particular e dizem que sempre se questionam para saber como conseguiram isso. Eles se dizem despreocupados em relação à educação da filha e acrescentam que nunca precisaram mandá-la estudar. Com relação a cursar uma faculdade, o pai acha que seria mais complicado sem o Programa Bom Aluno e que a única opção de Eliana seria tentar a UFMG.

A mãe relata que a rotina da casa gira em torno dos horários da filha e sabe as atividades escolares de cada dia da semana. Também disse que o pouco tempo livre que a jovem tem é dedicado aos estudos. Ela afirma ter “liberado” Eliana de todas as tarefas domésticas, pois acha que fazer tarefas domésticas pode atrapalhar os estudos da filha. Às vezes, quando a jovem tem um tempinho, a mãe a deixa arrumar o próprio quarto. A pesada rotina de estudos é amenizada com a colaboração dos pais, que propiciam um ambiente favorável aos estudos. O pai explica que “o tom da conversa da casa é baixo” e que não gosta de nada alto “[...] se o botão do volume da TV passa do 10, eu já fico nervoso”. Eliana tem uma mesa

de estudos no quarto, onde fica sua TV e seu som. O pai diz que quando sai para trabalhar cedinho, encontra uma pilha de livros ao lado da cama da filha.

Dos antigos amigos da Escola Professor Cassiano, Eliana afirma que eles não têm ideia sobre o que vem a ser “estudar no Alcântara”; só sabem que é uma escola particular, mas isso já é suficiente para eles a chamarem de “louca” por ter de estudar demais. A jovem relata, com carinho, uma cena que se passou na Escola Professor Cassiano, quando a então professora de português ficou sabendo que ela ia para o Alcântara e começou a pular de alegria gritando: “Nossa, uma aluna minha vai para o Alcântara!”

Quanto à passagem da escola pública para a escola particular, Eliana diz que se sentiu envergonhada, no princípio, por não saber direito como era o novo espaço, e aponta para o fato de que, no Alcântara, os jovens têm preconceito contra os novos alunos, ou seja, eles não acolhem bem os novatos, ao contrário de sua última escola, onde se recebiam os novos colegas de braços abertos, chegando ao ponto de se fazer uma excursão com eles (os novatos) pelas dependências da escola. A leitura de Eliana sobre isso é que a maioria dos alunos do Alcântara já está lá desde o 7º ano do Ensino Fundamental e que eles já se fecharam em pequenos grupos. Ela relata que demorou um pouco para encontrar suas verdadeiras amigas e, para isso, passou por vários grupinhos.

O fato de Eliana se autodenominar tímida parece, no mínimo, curioso. Ela gosta de falar, tem facilidade de se expressar, é madura, e isso fica claro quando relata que, no 2º ano de Alcântara, fez questão, juntamente com outras amigas, de acolher os novatos. O pai também possui a mesma facilidade de se expressar que a filha e possui um vocabulário bastante requintado e pouco condizente com sua ocupação. Tenho como hipótese que a frequência de um semestre em uma faculdade, mesmo que de baixo prestígio acadêmico, tenha contribuído para enriquecer sua maneira de falar. A mãe também se expressa bem, mas demonstra um pouco de timidez. A última palavra fica sempre com o pai.

A família parece em sintonia com relação à educação da filha e para isso demonstra total disponibilidade para ajudá-la no que for preciso. Diz fazer, se necessário, um sacrifício (financeiro) para que ela não se sinta mal em relação às colegas. A participação deles em todas as reuniões da escola e do Programa Bom Aluno dá indícios da forte aposta da família na educação da filha, visando a um retorno em longo prazo, coisa incomum nas camadas populares. O pai, inclusive, já

vislumbra um intercâmbio para a filha. Segundo o estudo de Nogueira *et al* (2008), a internacionalização da escolarização é uma das marcas das trajetórias escolares de jovens provenientes das fatias mais altas das classes médias.

Eliana descreve suas amigas como ricas, porém simples. Ela é constantemente convidada a ir à casa delas, tendo que, na maioria das vezes, declinar do convite, atribuindo a isso o fato de o pai não ter carro. O pai diz que, quando pode, reveza com a mãe na hora de buscar a filha na casa de alguma colega e afirma que, na maioria das vezes, os pais das amigas buscam a filha na casa da família. Nas próprias palavras do pai: “A maioria das vezes eles levam e buscam; esse povo tem carro”. A distinção entre “nós” e “eles” se faz clara nessa declaração do pai. Mas isso não parece interferir na amizade que Eliana estabeleceu com um grupinho de meninas, pois, sempre que possível, os pais de uma das colegas a buscam em casa e a levam para caminhar domingo de manhã em volta da Lagoa da Pampulha³⁶.

O espaço da escola é frequentemente utilizado para os encontros com as amigas por ser de fácil acesso para ela. A jovem fala, com tristeza, de não poder frequentar algumas das atividades que a escola promove, quando essas acontecem fora da sede da escola, devido ao problema de deslocamento e, somado a isso, o custo de certas atividades simplesmente não cabe no orçamento doméstico.

O pai de Eliana lembra que, no início, ele e a mãe ficavam preocupados em interagir com os outros pais nas reuniões da escola, pois eles consideravam “essas pessoas diferentes”, mas, com o passar do tempo, o pai chegou à conclusão de que, se a filha teve acesso a esse espaço, é porque ela foi aceita; logo, eles não deveriam ser tratados como “diferentes”. Em seguida, afirma que, depois disso, “as coisas foram melhorando” e que a ideia de que essas pessoas eram “blindadas e inacessíveis” foi desaparecendo.

Sobre frequentar festas e eventos nos finais de semana, Eliana demonstra total insatisfação com a postura dos pais que não a deixam sair à noite por falta de transporte. Diz ter de inventar alguma desculpa sempre que é convidada para uma festa e que já não sabe mais o que dizer às colegas. Acha que nunca mais na vida terá tantas oportunidades de ir a festas de 15 anos, hoje muito comuns entre

³⁶ Lagoa cercada por casas pertencentes às famílias das classes média alta/alta, onde as pessoas fazem caminhadas, localizada na região da *Pampulha*.

as jovens das classes médias e classe alta, que fazem de suas festas verdadeiros espetáculos, e sente que está perdendo muito com isso. A direção do PBA, conta Eliana, já falou, em uma das reuniões com os pais, da importância de deixar os filhos participarem das festinhas dos colegas, mas, até o dia da entrevista, Eliana só tinha ido à festa da melhor amiga, que foi no Boliche Cosmic, localizado na região Centro-Sul de Belo Horizonte. Para isso, os pais de outra amiga a buscaram e a levaram em casa. A jovem diz não precisar de se preocupar em comprar presentes porque sabe que o pessoal vai entender e conclui que o que pesa mesmo é a falta de transporte.

Com relação à comunicação diária com as colegas, conta que essas a contatam muito mais do que ela as contata e que faz uso constante do MSN³⁷. Os pais de Eliana pediram para ela não utilizar por muito tempo o telefone fixo para falar com suas colegas, logo, ela tem de esperar suas amigas ligarem para ela no seu celular.

Para fazer os trabalhos de grupo, ela se desloca até a casa de uma amiga, quando possível, ou as amigas vão até a sua casa. Conta que, muitas vezes, tem que realizar sozinha a sua parte do trabalho em grupo, por não poder se deslocar até a casa do colega onde está sendo realizado o trabalho em grupo. Eliana gosta de estudar com um grupo reduzido de colegas por achar que rende mais e, para isso, utiliza a biblioteca da escola.

Quando perguntado a ela como se sentia transitando em dois mundos socialmente tão diferentes, ela respondeu prontamente que sabia que, a partir do momento em que pusesse os pés no Alcântara, ela estaria em um mundo completamente diferente do seu, e que já dominava perfeitamente (levou mais ou menos dois meses para aprender) as regras desse novo mundo. Ela acha estranho as pessoas falarem que não existe diferença entre os mundos sociais, mas afirma que, no seu bairro, ninguém fala sobre intercâmbio em Londres, sobre as roupas que comprou em tal e tal loja, e que pobre, por não ter o que dizer, fica meio calado quando escuta esse tipo de conversa (referindo-se a ela mesma).

Eliana ressalta outra diferença entre os dois mundos sociais nos quais ela transita no que diz respeito ao aspecto cultural. Ela lembra ter dado uma história, que escreveu juntamente com sua melhor amiga do Alcântara como parte de uma

³⁷ MSN (Messenger) é um programa de computador muito utilizado pelos jovens que permite que o usuário converse *on line* com outro usuário.

tarefa escolar, para uma prima ler e diz que ela (a prima) nunca tinha ouvido falar de certos termos utilizados pelas duas escritoras. A jovem acha que o pessoal das escolas públicas usa um vocabulário muito simples.

Com relação à maneira de vestir, conta que os colegas gostam de usar roupas e acessórios de marca (uma mochila básica de uma determinada marca, em uma vitrine de uma loja de um shopping situado na região Centro-Sul, custa em torno de R\$ 350,00) e que na Professor Cassiano não se usa nada disso. A preferência musical diferenciada dos jovens parece ser algo que também chama a atenção de Eliana, uma vez que ela afirma que, na escola particular, os colegas gostam de música internacional e que ninguém gosta de axé ou *funk*, estilos de músicas muito populares entre jovens das camadas mais desfavorecidas. Os atuais colegas se dizem “horrorizados” quando Eliana menciona essas categorias musicais.

Durante a entrevista, pôde-se perceber que Eliana apresenta características de um trãnsfuga de classe. Ela domina o modo de conduta dos dois mundos e, por ter ingressado na escola particular aos 12 anos, não parece ter de fazer esforço para se comportar de maneira aceitável pelos dois grupos. Ela afirma saber do que falar com cada grupo de amigos e diz ter mais liberdade com as antigas amigas da Professor Cassiano. Lembra ser amiga de filhas de pessoas “importantes”, como a filha de um deputado e a sobrinha de um estilista de fama internacional. Sabe cada viagem que esses pais ou parentes fazem para o exterior e as relata com grande desenvoltura. Países como a Turquia, a Inglaterra e outros parecem fazer parte de seu vocabulário.

Na escola particular, Eliana adquiriu disposições de classe média, como a de falar sobre outros países com os colegas. Ela diz que aprende muito conversando com as pessoas que já viajaram para fora e diz gostar de pegar uma informação aqui e outra lá. Também, durante as aulas, os professores falam muito dos EUA e da Europa, e ela acha que se estivesse na Escola Professor Cassiano não teria aprendido nada disso.

Quanto à visão de futuro, ressalta que os jovens da Escola Professor Cassiano têm como objetivo parar de estudar no 9º ano do Ensino Fundamental e que eles querem “arranjar um emprego” o mais rápido possível, ao passo que os colegas do Alcântara têm como plano fazer intercâmbio, seguido de vestibular. A jovem bolsista acha que os colegas da escola antiga não ligam para as notas, estão cansados de ir à aula e vão à escola somente para “zoar”.

Com relação a um possível preconceito de classe, Eliana afirma nunca ter percebido nada por parte das novas colegas, mas lembrou que todas as colegas têm cabelos lisos e que já escutou um grupo de meninas falando de seu cabelo cacheado. Ela acha que não era preconceito de classe e ressalta que a maioria das pessoas não sabe que ela é bolsista. Tenho como hipótese que Eliana não atentou para o fato de que, ao criticarem seu cabelo, essas colegas já demonstram preconceito com qualquer outro tipo de cabelo que não seja liso.

Eliana conta ter sido muito bem acolhida pelas famílias de suas colegas e que essas famílias a admiram muito e a têm como exemplo para seus filhos, já que ela sempre tira notas um pouco mais altas do que as das amigas. Ela acredita que o “pessoal do Alcântara é mais inteligente e mais bem informado do que o pessoal da Professor Cassiano” e acha que ser um bom aluno no Alcântara vale mais do que ter dinheiro. Os pais confirmam o fato de as colegas estarem sempre ligando para Eliana a fim de esclarecer dúvidas quanto aos trabalhos escolares. A mãe lembrou que sempre há mães de colegas pedindo que a deixe dormir na casa delas para que ela possa estudar com as filhas, mas nem sempre isso é possível.

A sociabilidade de Eliana parece ser facilitada por ela ter um “capital escolar” forte e, em uma escola onde esse capital é muito valorizado, a jovem parece estar bem munida. Mas nem sempre foi assim. Os pais de Eliana lembram que, no início do ano letivo (2009), ela voltava para casa muito triste porque achava que não conseguia acompanhar o ritmo de estudo exigido pela escola, mas, mesmo assim, eles sempre a incentivaram a continuar tentando. Hoje eles não se arrependem do que fizeram.

A oportunidade de estar estudando em uma escola de alto nível acadêmico faz com que Eliana se dedique ao máximo aos estudos. Ela diz que os colegas não dão valor à oportunidade que eles têm e acha que não tem ninguém que dê mais valor a essa oportunidade do que ela. Ciente da diferença que faz ter estudado em uma boa escola na hora de fazer vestibular, ela já se imagina cursando medicina para se tornar cirurgiã plástica. Ela confessa não aguentar mais esperar a hora de cursar tal especialidade.

Quando o assunto é a expectativa dos pais, Eliana demonstra um pouco de preocupação. Diz ter um pouco de medo, tamanha a confiança que eles depositam nela. O pai, que é vigilante, sonha em ter uma casa em Alphaville (condomínio de luxo, localizado a 30 km do centro de Belo Horizonte, destinado

principalmente às classes média alta/alta). Mesmo assim, faz planos para dar uma vida melhor aos pais e acha que qualquer coisa que puder dar já vai ajudar muito a vida deles. O pai acha que o diferencial da filha é justamente o fato de ela estar se preparando, em tempo integral, para ter uma vida melhor que a dele, e ressalta que “enquanto a pessoa está dormindo ou brincando, ela (a filha) está na outra escola (Programa Bom Aluno) aprendendo”.

Por fim, Eliana confessa que não imagina sua vida sem a presença do Programa Bom Aluno e já tentou imaginar como seria se não tivesse passado na seleção do Programa. Chegou à conclusão de que não saberia nem metade do que sabe agora se ainda estudasse em uma escola pública. A imagem negativa de uma escola pública parece habitar o imaginário desses jovens bolsistas. Foi comum escutar em suas falas alguma coisa a esse respeito.

Como os demais colegas, Eliana queixou-se da falta de tempo para sair com os parentes, rever os antigos amigos ou para fazer qualquer outro tipo de atividade. Ela é a jovem que chega mais rápido à escola gastando, de ônibus, somente trinta minutos para ir (um ônibus) e cinquenta minutos para voltar. Ela vai e volta sozinha.

A família afirmou não ter o hábito de frequentar museus, mesmo depois da entrada da filha no Programa. A mãe conta que já visitou dois museus e alega que, por falta de tempo e de dinheiro, acaba não pensando nisso. O pai cita uma visita ao Museu Abílio Barreto e lembra que a filha já visitou museus até em Ouro Preto. A mãe diz que, antes de se casar, ia ao cinema nos fins de semana e que, depois do casamento, tudo mudou, ou seja, já não vai mais. Com relação a teatro, ela diz que a última ida foi nos anos 1990. Eles mencionam que até as idas aos parques já não acontecem mais.

TABELA 3
 Características Socioeconômicas – Economia
 Renda familiar *per capita* (em R\$ de agosto de 2000) - Belo Horizonte – 1991 – 2000

Região Administrativa	1991	2000
Barreiro	188,60	254,06
Centro-Sul	1.119,02	1.584,28
Leste	379,48	491,20
Nordeste	315,41	429,02
Noroeste	352,30	472,43
Norte	204,18	274,90
Oeste	436,11	634,71
Pampulha	514,65	680,15
Venda Nova	188,82	268,86
Belo Horizonte	414,94	557,44
RMBH	309,03	394,34

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte
 Organização: Ger. Indicadores/SMAPL/SMPL/PBH

Metodologia: Razão entre o somatório da renda *per capita* de todos indivíduos e o número total desses indivíduos. A renda *per capita* de cada indivíduo é definida como a razão entre a soma da renda de todos os membros da família e o número de membros da mesma.

4.4 Vanda

Eu sou representante de turma, sou vice, somos duas representantes e isso já mostra que eles confiam em mim (trecho da entrevista com Vanda).

Assim que me encontrei com Vanda, percebi que estava diante de uma jovem diferente de qualquer outra jovem de sua idade e de sua classe social. A facilidade de se expressar, a rapidez com que concluía suas respostas e sua capacidade de reflexão fizeram com que eu, descrevendo seu perfil, optasse por utilizar suas próprias palavras para que nada fosse perdido.

Vanda tem 16 anos e estuda no Colégio Alcântara. Ela está cursando o 2º ano do Ensino Médio. Ela se autot classificou como branca no item cor/raça do

questionário aplicado a todos os jovens. Antes de entrar para o atual colégio, Vanda passou por outro colégio, de reputação acadêmica média e, no ano seguinte, o Programa decidiu transferi-la para o Alcântara. Isso foi no início do 8º ano do Ensino Fundamental.

A família de Vanda é composta pelo pai, que é serralheiro e trabalha sem carteira assinada, pela mãe, que é dona de casa e faz artesanato para complementar a renda da família, e por dois irmãos mais velhos. O mais velho está terminando o curso de Administração na PUC pelo PROUNI³⁸, e o outro faz curso de Técnico em Eletrônica como bolsista e já trabalha. A renda da família, declarada no questionário, fica entre 2 e 5 salários mínimos. A mãe de Vanda tem o Ensino Fundamental completo e o pai, o Ensino Fundamental incompleto.

A entrevista com a mãe de Vanda aconteceu na casa da avó materna pelo fato de, naquele momento, a avó estar se recuperando de uma cirurgia e necessitar dos cuidados da mãe de Vanda. A família da jovem não possui casa própria e mora em uma região chamada Riacho Novo/Santa Cruz Industrial³⁹, que fica em Contagem, cidade localizada a mais ou menos 30 km do centro de Belo Horizonte, em uma casa alugada que fica nos fundos de outra casa. Vanda conta que a casa tem infiltrações e que seus pais sofrem por não ter “um cantinho com a cara deles”. Atualmente, ela tem seu próprio quarto, mas, até dois anos atrás, dividia o quarto com seus irmãos.

O cantinho de estudos fica no próprio quarto e Vanda diz que, normalmente, a casa tem um ambiente favorável para estudar, mas reclama dos vizinhos que colocam música alta e que a “atrapalham por não terem educação”. Aos domingos, a família se reúne para se divertir e Vanda diz que, pelo fato de já estar estressada com tantos deveres, chega a “ser até meio grossa” na forma de pedir silêncio. A casa possui um computador que é usado pelos três filhos.

A mãe relata que Vanda sempre gostou de estudar. Na antiga escola, frequentava sempre a sala dos professores e se relacionava mais com eles do que com seus colegas. Por causa disso, as colegas zombavam dela e diziam que ela não passava de “uma *nerd* e uma puxa-saco”. A mãe lembra que ela sempre exigiu muito da escola e “questionava os professores e o comportamento da escola”. Ela

³⁸ Programa Universidade Para Todos, que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior.

³⁹ A região Riacho Novo/Santa Cruz Industrial é um agrupamento de bairros pertencentes à grande região do Eldorado da cidade de Contagem.

nunca gostou de faltar às aulas e quando tinha feriados chorava por ter que ficar em casa. Os três filhos sempre tiraram as melhores notas da sala, acrescenta a mãe.

Por não trabalhar fora, a mãe de Vanda sempre pode acompanhar a vida escolar dos filhos e disse que sempre foi muito exigente com eles. Ela lembra, com carinho, que, quando o dever de casa saía feio, ela arrancava a folha e fazia os filhos repetirem tudo de novo. Essa senhora parece extremamente jovem e se apresenta com muita desenvoltura, apesar de ter pouca escolaridade. Ela recorda que sempre imprimiu muita disciplina na criação de seus filhos. A rotina era fazer os exercícios da escola primeiro e, depois, descansar ou brincar. Os brinquedos que o marido comprava ficavam no armário e só saíam às sextas-feiras. Tinha hora para tudo.

Ela acha que tudo que seus filhos conseguiram foi por mérito deles. Ela diz que nunca deixou de comparecer às reuniões da escola e sempre olhava os cadernos dos filhos. A família tinha a enciclopédia Barsa e a mãe aprendeu a pesquisar para ajudar os filhos. O serviço da casa, que ficava acumulado, era deixado em segundo plano. A jovem senhora acha importante o acompanhamento da vida escolar dos filhos, mas frisa não poder fazer nada por eles, caso eles não queiram.

Vanda construiu uma rede de sociabilidade que ultrapassa as paredes da sala de aula. Ela também convive com pessoas de outras salas e até de outros anos. Ela dorme na casa de amigas em dias de festas porque elas querem sempre ficar juntas. O pai ou um dos irmãos a busca nas festas e a mãe conta que o irmão mais velho fez questão de comprar um vestido novo para que Vanda fosse à sua primeira festa de 15 anos. As amigas de Vanda frequentam cinemas em shoppings da região Centro-Sul da cidade e Vanda, sempre que pode, as acompanha. A leitura que Vanda faz da oportunidade de fazer novas amizades em uma escola particular é a seguinte:

É impossível viver sem amigos e eu gosto de gente, eu não sei viver sozinha. E eu sou muito aberta, eu gosto de amar e de ser amada, então amizade para mim é muito importante. E eu fiz amizades, fiz colegas também. Eu acho que amizade é uma coisa que a gente constrói pouco a pouco, mas eu sou comunicativa, eu gosto de conversar, então para mim não é difícil me apresentar para as pessoas. As experiências que eu tive foram maravilhosas, eu tive muita sorte de chegar, eu estudei em dois colégios, no [...] primeiramente e depois no Alcântara e nos dois eu tive experiência ótima, de contato construtivo, de alegria sempre. Problema de turma, de picuinha, teve, normal, isso a gente sempre tem do santo não

bater, mas não tive grandes problemas de amizades (trecho da entrevista com Vanda, realizada no dia 13 de maio de 2010).

Quando perguntado a ela se ser uma boa aluna no Alcântara era importante para agregar amigas e atrair a simpatia dos professores, ela respondeu assim:

Eu acho que lá no colégio, os professores não. Acho que vai pela sua postura. Tem alunos que têm notas incríveis, mas que não têm uma postura. Eu não admito ter uma má postura em sala, eu não gosto, eu gosto de ter uma postura adequada de uma boa aluna. Eu fui assim a minha vida inteira; às vezes quando eu faço alguma coisa errada, quando eu converso, quando eu deixo de cumprir com alguma tarefa, eu me castigo por isso. E acho que as pessoas gostam de mim pelo o que eu sou. Se elas acham isso uma qualidade elas vão se aproximar; isso não é pré-requisito, ter notas boas, acho que se elas gostam de mim, é pelo o que eu sou e eu sou assim, gosto de ter essa postura (trecho da entrevista com Vanda, realizada no dia 13 de maio de 2010).

A rotina da família foi alterada drasticamente com a ida de Vanda para a escola particular. A mãe conta que, até a filha aprender o caminho da sede do Programa, ela a acompanhava e a esperava a manhã inteira. Ela lembra que foi muito bem acolhida pela dona de uma loja, onde ela ficava sentada na porta esperando até o final das aulas da filha.

Hoje, quando o pai termina o serviço, ele vai para a porta da escola e fica esperando por algumas horas até a saída da filha. Nos dias em que isso não é possível, a mãe se desloca até o ponto do ônibus onde a filha desce, para que a jovem não caminhe até a casa sozinha. Ela toma um ônibus para ir até a escola e leva em torno de 40 minutos. Na volta, devido ao trânsito do final do dia, ela chega a levar mais de uma hora de ônibus. Vanda nunca espera pelo ônibus sozinha. O pai ou a mãe sempre a acompanham. A família se mostrou inteiramente mobilizada com as saídas de Vanda. Eles se organizam entre levar e buscar. Todos participam.

Quanto à realização das tarefas domésticas, a mãe de Vanda relatou que a filha só está encarregada de arrumar o próprio quarto, mas quando ela pode, e isso acontece na maioria das vezes durante as férias, ela faz um bolo, faz o jantar, limpa a cozinha, lava roupa e as passa também. Sobre o pouco tempo livre que a filha tem, a mãe conta que ela gosta de “fazer as unhas, arrumar o cabelo, sobrancelhas [...], assistir a um filme [...], ficar no computador e conversar com as colegas”.

A leitura que a mãe faz sobre a fase que a filha está vivendo é bastante interessante. Ela acha que a filha, por pertencer a outra camada social, está na realidade “ajudando as pessoas do colégio”. O fato de a filha ser uma jovem com muita disciplina e muito motivada para estudar acaba motivando as colegas a estudar. Ela e seu marido “nunca acharam que a escola fosse demais ou que a filha estava sendo de menos”. A família parece viver essa situação da maneira como pode. Todos se ajudam. A mãe nunca deixou de ir às reuniões, a não ser no dia do enterro do próprio pai. Ela guarda tudo que o Programa distribui durante as reuniões, todos os papéis.

O sonho de Vanda é se tornar professora de Química e, por mais que as pessoas falem que ela deveria estudar Engenharia Química, ela não quer abrir mão desse sonho. Segundo sua mãe, ela é uma jovem determinada e esforçada, e luta por aquilo que quer. A mãe lembra que, logo após sua entrada no Alcântara, a filha parecia que estava “esmorecendo”, ela apresentava sinais de cansaço, e a mãe, muito preocupada, dizia à filha que, caso ela não quisesse continuar no Programa, a família daria total apoio. A filha parecia ter entrado para o exército, o ritmo era frenético e, apesar de todas as dificuldades, a filha disse que daria conta. O tempo foi passando e a jovem foi amadurecendo. Hoje, ela consegue acompanhar tudo e tornou-se vice-presidente de sua turma. Na sua única tarde livre, ela fica na escola para ajudar as colegas nas matérias em que elas estão com dificuldade. Vanda faz um relato impressionante sobre sua admiração pelos professores. Ela descreve essa admiração assim:

E eu amo professor, eu sempre gostei da figura de professor, eu sempre admirei muito. Então, para mim, se é professor já tem o pré-requisito, eu adoro, ou então ele tem que ser muito ruim para desconstruir essa imagem comigo. Porque eu gosto de professor, então eu tenho total liberdade, claro, com os que me permitem ter liberdade, mas a maioria tem; então brinco, converso, se tenho dúvida vou lá. (trecho da entrevista com Vanda, realizada no dia 13 de maio de 2010).

A mãe da jovem disse que ela não exige nada dos pais porque o Programa fornece uniforme, tênis e mochila, mais o material didático. Mas, por a filha estar frequentando um espaço social de poder aquisitivo mais alto, ela, às vezes, pede um tênis novo, uma mochila diferente, uma coisinha ou outra. Ela relatou um episódio sobre “fazer intercâmbio”, tema que apareceu também em outras entrevistas e que, hoje, é visto “como uma nova dimensão da realidade

contemporânea que marca as trajetórias escolares de jovens oriundos de meios sociais favorecidos” (NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS, 2008). A mãe de Vanda conta que seu cunhado ofereceu uma viagem de intercâmbio para a filha pelo Rotary Clube, mas os pais tinham que dar a resposta em 24 horas, pois essa oportunidade tinha surgido de última hora e, por isso, não havia muito tempo para poder pensar no assunto. A família achou que ainda não era hora de ficar longe da filha, mas, se houver outra oportunidade e a filha quiser, eles não irão impedi-la de ir.

Vanda, como seus colegas bolsistas, considera poder participar do Programa Bom Aluno como algo muito especial. Ela acha que o Programa não é uma coisa “estanque”. A partir do momento em que se “entra para essa família”, o bolsista terá sempre o apoio dela. Ela cita como exemplo a liberdade que os pais têm de poder conversar com as coordenadoras e psicólogas, que estão sempre à disposição. Ela acha importante a maneira como o Programa lida com o aluno quando ele não tira notas boas, dizendo que, primeiramente, busca-se sempre saber se o jovem está com algum problema e se ele está precisando de ajuda. A jovem descreve a oportunidade que está tendo com essas palavras:

Tenho 16 anos, é um curto espaço de vida, e posso afirmar, com certeza, que a melhor coisa que aconteceu na minha vida foi o Bom Aluno, porque eu sempre gostei de estudar, gostava de aprender. E a coisa que eu tinha mais raiva, que eu reclamava do colégio, era chegar em casa e falar: mãe, hoje eu não aprendi nada. O professor não deu aula direito, os alunos não estavam prestando atenção, a gente não conseguiu aprender. Para mim, até hoje eu odeio ir para a escola e não aprender. Então, ter oportunidade de crescer como estudante e, depois que eu vi que era possível, o meu olhar para o mundo se expandiu. Tudo que hoje eu sonho, os meus sonhos de antes mudaram, porque hoje eu sonho mais, porque eu sei que eu posso alcançar mais. É muito bom, porque eu sei que eu posso aprender e pelo estudo eu posso chegar, eu posso fazer muita coisa. Isso para mim é uma preciosidade, é meu maior tesouro, é o que eu aprendo, é essa oportunidade (trecho da entrevista com Vanda, realizada no dia 13 de maio de 2010).

É nesse espaço, chamado por ela e pelos participantes bolsistas de “Bom Aluno”, que Vanda e seus colegas se sentem melhor. Ela sabe que as pessoas estão vivendo situações semelhantes a que ela está vivendo. É lá que ela e seus colegas discutem política, conversam sobre como fazer para salvar o mundo, comentam as lutas das gerações passadas, entre outros temas. Citando as palavras da jovem:

(...) eles também têm visões parecidas com as minhas, a gente discute, a gente cresce. Não me vejo sem os meus amigos do Bom Aluno, sem os

meus professores do Bom Aluno, porque a gente se completa, a gente aprende, tem quatro anos, vai fazer cinco no fim do ano, que eu estou no Bom Aluno. Não tem um dia que eu saí [...], eu saí diferente, eu saí mudada, eu saí melhor a cada dia. Isso é essencial, eu cresci muito, eu sou uma pessoa melhor por estar aqui e isso é muito bom, é um ponto, é muito bom (trecho da entrevista com Vanda, realizada no dia 13 de maio de 2010).

Essa jovem, com jeito meigo e fala de “adulto”, descreve como se sente transitando em dois mundos socialmente distintos com essas palavras:

Às vezes é difícil, principalmente quando uma pessoa de um mundo está em desacordo, não entende o outro. Porque eu, a partir do momento em que eu conheci os dois mundos, eu estou assim, eu vivo em um mundo, sou de um mundo, passo a conhecer outro, e eu tenho que respeitar esse outro, **porque eu sou o diferencial nele**. Então, conheci, tem coisas que eu concordo, tem coisas que eu não concordo, mas eu sei a hora, eu sei que eu não posso questionar tudo. Se eu quero mudar alguma coisa, me integrar num mundo só, eu tenho que saber a hora de falar. Uma coisa que me chateia, às vezes, é quando eu saio de casa com um problema e chego na escola e tem uma amiga que está reclamando de uma coisa que ela não precisava reclamar, uma futilidade, que eu acho triste para ela. Não para mim, porque ela não sabe o que ela tem e às vezes as pessoas não conseguem ver. Eu fiquei feliz quando um amigo meu falou assim: - Nossa! depois que eu te conheci eu passei a dar mais valor às coisas, porque você, às vezes, tem um monte de problemas e consegue superar e a gente reclama demais. E tem uns que não conseguem ver isso, e eu não fico assim: você está errado. Porque isso não vai mudar a cabeça. **A pessoa está inserida num mundo, como eu vou fazer com que ela tenha uma visão diferente se ela não conhece o outro lado?** (trecho da entrevista com Vanda, realizada no dia 13 de maio de 2010; grifo meu)

O conhecimento sobre alguns espaços relacionados a atividades culturais ficou claro no discurso dessa mãe. Ao longo da entrevista, ela citou o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, o Palácio das Artes, a Bienal do Livro e o local onde ela acontece, mas afirmou frequentar poucos eventos dessa natureza. A filha gosta muito de ir ao teatro e ao cinema, mas não pode fazer isso com frequência por falta de recursos. Os dois filhos gostam de ir ao cinema. Ela afirma que ela e o marido só saem para se divertir quando estão no interior, visitando parentes. Eles gostam muito de dançar.

TABELA 4
 Características Socioeconômicas – Economia
 Renda familiar *per capita* (em R\$ de agosto de 2000) - Belo Horizonte – 1991 – 2000

Região Administrativa	1991	2000
Barreiro	188,60	254,06
Centro-Sul	1.119,02	1.584,28
Leste	379,48	491,20
Nordeste	315,41	429,02
Noroeste	352,30	472,43
Norte	204,18	274,90
Oeste	436,11	634,71
Pampulha	514,65	680,15
Venda Nova	188,82	268,86
Belo Horizonte	414,94	557,44
RMBH	309,03	394,34

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte

Organização: Ger. Indicadores/SMAPL/SMPL/PBH

Metodologia: Razão entre o somatório da renda *per capita* de todos indivíduos e o número total desses indivíduos. A renda *per capita* de cada indivíduo é definida como a razão entre a soma da renda de todos os membros da família e o número de membros da mesma.

Riacho Novo/Santa Cruz Industrial é a região onde Vanda vive com sua família na cidade de Contagem, que faz parte da RMBH. O Atlas de Desenvolvimento Humano aponta essa região como uma sub-região do Eldorado. A renda dessa sub-região no ano de 1991 era de R\$ 257,41 e no ano de 2000 de R\$372,44.

4.5 Mário

Minha família não entende muito isso, quando eu estou estudando eles entram toda hora no meu quarto me chamando, e eu falo e eles acham que estou com raiva deles, que não sou acessível [...]. Muitas vezes acho que eles não entendem isso de eu ter que dedicar meu tempo, grande parte do meu tempo, para estudar (trecho da entrevista com Mário).

Mário se apresentou para a entrevista no corredor das instalações do Programa. Na realidade, eu já tinha passado por ele e não o associei ao meu entrevistado. Ele não parece um jovem da sua idade, que normalmente é alegre e descontraído. Ele se mostrou diferente dos outros jovens que eu já havia entrevistado. Mário possui um semblante mais fechado. Ele aparenta ter mais idade do que tem, talvez por sua trajetória de vida.

A fala desse jovem bolsista é mansa e quase inaudível. Ele fala pausado e é muito articulado. Ele utiliza um vocabulário muito requintado, até mesmo para os jovens da sua idade pertencentes às classes médias. Suas colocações são totalmente coerentes com sua trajetória e ele se mostra bastante sensível a isso.

Mário tem 16 anos e está cursando o 2º ano do Ensino Fundamental no Colégio Dom Assis. No questionário ele se autodenominou branco. Ele vive com a mãe e uma irmã mais velha, em uma casa que pertence à avó paterna. O pai de Mário é separado da mãe e vive na casa de sua mãe, que está situada no mesmo lote que a casa de Mário. A família vive na região Oeste de Belo Horizonte. O bairro onde mora a família fica bastante afastado da região Centro-Sul, onde está localizado o Colégio Dom Assis. Mário toma dois ônibus e leva 45 minutos para chegar à escola e, para voltar, toma um ônibus e leva uma hora.

A casa de Mário é bem pequena e fica nos fundos de outra casa (da avó paterna), que, por sua vez, fica nos fundos de um bar. Tudo parecia muito organizado nessa pequenina casa. Não havia nada fora do lugar. A mãe de Mário me recebeu sozinha e disse que o filho estava estudando em seu quarto. Ao longo da entrevista, percebi que as minhas perguntas pareciam um pouco sem sentido para essa jovem senhora, entretanto, ao final da entrevista, descobri que muitas de suas práticas foram fundamentais para o êxito escolar do filho.

A mãe de Mário terminou o Ensino Médio pela EJA⁴⁰, em 2008, e o pai cursou somente até a 7ª série do Ensino Fundamental. A irmã mais velha terminou o Ensino Médio aos 17 anos, fez vestibular em uma faculdade particular do interior, passou e teve que abandoná-la por falta de recursos. Ela, no momento da entrevista, estava procurando trabalho porque quer voltar para a faculdade, mas precisa de um emprego para poder pagar as mensalidades. A mãe trabalha como costureira de lingerie (autônoma) e faz faxina em uma casa de família, duas vezes por semana. O pai é aposentado pelo SUS porque tem problema de saúde e faz hemodiálise. Segundo a mãe de Mário, eles se “descombinaram” e, por isso, não vivem mais juntos. A avó paterna do jovem ajuda nas despesas da família porque o pai usa sua aposentadoria para comprar remédios. No questionário, Mário respondeu que ele, a mãe e a irmã vivem com uma renda de 1 a 2 salários mínimos.

O sonho de cursar o ensino superior parece sempre ter feito parte dos planos desse jovem. A mãe confirma isso dizendo que o filho, quando mais novo, queria ser advogado. Mas ao lhe ser perguntado sobre qual seria a carreira que ele gostaria de seguir hoje, ele respondeu estar em dúvida entre Engenharia Mecatrônica ou Biologia. As profissões mais clássicas como advogado, médico ou engenheiro parecem habitar o imaginário das famílias populares como profissões de prestígio.

Mário, como todos os outros jovens entrevistados, sofreu abusos verbais, quando frequentava a escola pública, pelo fato de ser um bom aluno. Ele lembra que os colegas o chamavam de *nerd*, mas que os amigos de verdade se agrupavam para estudar e jogar futebol. Nas palavras do jovem, “sempre tem aqueles de espírito de repugnância”, se referindo aos jovens que o criticavam. Ele completa a fala sobre os tempos de escola pública, dizendo que uma professora, ao saber de sua ida para o Dom Assis, disse: “Aproveita mesmo a chance, escola pública não dá camisa para ninguém hoje em dia”.

O jovem diz não ter mais tempo para estar com todos os amigos da antiga escola e só socializa com os que moram perto de sua casa. Ele sai com os amigos da igreja nos finais de semana ou com os jovens do Programa. Mário gosta de visitar os primos e sempre que pode vai à casa dos tios. A mãe disse que ele sempre

⁴⁰ Educação de Jovens e Adultos.

visitava os parentes, mas, devido à falta de tempo, diminuiu bastante essas visitas. Com os colegas do Dom Assis, Mário diz já ter ido a algumas festas de 15 anos, mas não gostou do que viu. Ele diz que não gosta de frequentar as festas dos jovens do colégio não porque ele não goste de seus colegas, mas, sim, pelo que acontece nessas festas quando eles bebem. Mas, fora as festas com bebidas, Mário já foi a festas da escola, visitou shoppings com os amigos e, segundo a mãe, não perde uma viagem do colégio. Ele diz já ter dormido na casa de colegas, mas nunca convidou um amigo para ir à sua casa. Ele raramente sai à noite com os colegas da escola, devido à distância de sua casa.

Quanto à mudança da escola pública para a particular, Mário lembra que não foi tão difícil como ele imaginou. Como havia vários jovens também novatos, eles se agruparam por estar sentados próximos uns dos outros e foram construindo grupos de amizade bastante sólidos. Ele afirma transitar com facilidade entre os vários grupos de amigos que construiu e diz que eles sempre se encontram para estudar. Ele acha importante que uns possam ajudar os outros, porque no Dom Assis “você tem que ralar muito para você chegar na média”. Também Mário passou o primeiro ano de escola particular tentando tirar boas notas e, mesmo com o Programa Bom Aluno ministrando aulas no contraturno da escola para potencializar o conhecimento, ele teve que se esforçar muito para se manter na média.

Devido às grandes exigências da escola e do Programa, Mário diz não ter que fazer nenhuma tarefa doméstica, a não ser arrumar sua cama. A mãe confirma isso e acrescenta que, caso ela não esteja em casa, o filho lava alguma louça ou passa um pano no chão, mas não é sua obrigação. Ela prefere que ele se dedique ao máximo aos estudos.

Quando perguntado a ela se existe um cantinho para o filho estudar, a mãe diz que sim, que ele estuda no quarto e, às vezes, no sofá da sala. Ela afirmou que a casa é muito tranquila e ninguém faz barulho e que não tem música alta. Já Mário reclama que a mãe e a irmã o incomodam bastante, entrando em seu quarto com frequência para perguntar alguma coisa. Ele lamenta o fato de ter que ficar bravo com elas e diz que elas não compreendem que ele precisa se concentrar. Mãe e filha acabam achando que ele se sente superior por fazer parte do Programa e acham que ele não quer conversar com elas. Apesar de a mãe de Mário possuir práticas educativas que possibilitaram ao jovem construir disposições que

contribuíram para ele se tornar um bom aluno, há um conflito quanto ao significado do que venha a ser propiciar um ambiente tranquilo para estudar.

Mário acha natural transitar em dois mundos socialmente distintos, pois saiu muito cedo da escola pública. Ele tinha apenas 11 anos e diz que cresceu muito com essa mudança de escola. Ele afirma perceber as diferenças de comportamento que existem nos dois espaços socializadores e sempre procura analisar o que é melhor para ele. O jovem parece gostar muito dessa experiência, pois afirma adorar conhecer novas pessoas e suas “leis”. É nas aulas de sociologia que Mário diz aprender a analisar sua situação e afirma dizendo: “gosto muito”.

O espaço do Programa é considerado por ele como “a junção dos dois mundos”. O jovem diz que, por ele e seus colegas serem de uma mesma origem social, frequentando um espaço destinado aos jovens de outra classe social, fica mais fácil entender o que ele e os colegas estão vivendo. Mário vai além e afirma que o espaço onde o Programa funciona “é o lugar onde a gente se sente mais tranquilo para agir com mais expressão, sem ser discriminado. Acho que o Bom Aluno seria o meio termo entre os dois mundos”.

Em sua fala, percebe-se uma autocobrança com relação aos resultados acadêmicos. Ele reconhece que poderia melhorá-los, mas, mesmo assim, trata essa chance como a “chance de sua vida” e que, devido a ela, “vai mudar totalmente sua história de vida”. Como resultado dessa oportunidade, aponta, primeiramente, para a possibilidade de uma melhora de vida do ponto de vista financeiro; no campo social, cita a oportunidade de conhecer e se socializar com outros tipos de pessoas, no âmbito familiar, diz que não tem mais aquele olhar “egocêntrico” que tinha antes e que olha para a família de outra maneira. Mário acha que tudo que ele faz hoje terá um peso no seu futuro.

A entrada de Mário em uma universidade será um marco em sua família nuclear. Ele diz que uma prima se formará em breve e que ele será o segundo a cursar uma faculdade. Mário lembra que a família veio do interior, que ela está sofrendo uma mudança de mentalidade e que sua geração mudará a direção da trajetória dessa família. Os pais de Mário, apesar de separados, acompanham a vida escolar do filho intensamente. A mãe sabe dizer os horários e os dias das atividades do filho e sempre procura saber como ele se saiu nas provas. Ela sempre frequenta as reuniões do Programa e da escola e, quando não pode ir, o pai vai. A família vive a vida escolar do filho junto com ele. O jovem diz que o pai cobra dele um bom

desempenho escolar e se sente ofendido caso Mário não o comunique sobre alguma atividade como, por exemplo, uma prova.

Ao lhe ser perguntado como ele acha que seria sua vida sem o Programa, o jovem responde que não consegue se imaginar trilhando outro caminho. Ele acha que as coordenadoras do Programa não poderiam ter escolhido escola melhor para ele. Ele diz gostar muito do Colégio Dom Assis pelo fato de os professores não estarem preocupados com notas e, sim, se os alunos vão sair de lá como pessoas melhores do que quando entraram. Ele atribui a escolha dessa escola às coordenadoras do Programa e afirma que elas têm uma capacidade muito grande de escolher as escolas que melhor se encaixam no perfil de cada bolsista.

Sobre sua rede de sociabilidade, Mário diz que essa foi construída em cima de uma relação de ajuda mútua entre os colegas. Os grupos de estudos foram se formando e os participantes foram ajudando uns aos outros. Eles estão sempre em contato via telefone celular. O jovem bolsista parece ser muito independente e sai de casa sem pedir a permissão dos pais. Ele acrescenta que sempre teve autonomia para tudo, mas, se chega tarde em casa e os pais sabem que ele tem prova no dia seguinte, ele é repreendido.

Sobre a vida cultural da família, a mãe de Mário diz que, quando estava cursando a EJA, teve a oportunidade de visitar alguns museus (citou o Museu dos Escravos e alguns museus de Ouro Preto). Ela lembra que quando era solteira ia ao cinema e ao teatro. Depois que terminou o Ensino Médio (2008), nunca mais foi a qualquer evento dessa natureza.

Ao final da entrevista, Mário menciona outra vez ser um grande sortudo por ter tido a oportunidade de participar do Programa, de poder conviver em dois meios sociais diferentes e de ser capaz de “analisar o que acontece em um e o que acontece no outro, (...) e absorver o melhor de cada um”. Ele relata que o que mais mudou em sua vida foi a visão de mundo e acha isso um ponto positivo. Diz que se sente bem sabendo que tem o apoio de uma psicóloga do Programa e que “a gente começa a pensar de outros ângulos que outrora a gente não pensava”. O jovem acha que as noites mal dormidas valem a pena, bem como o esforço, e que essa oportunidade foi enviada por Deus para que ele tivesse a chance de mudar sua vida. Ele pretende ajudar outras pessoas a alcançar o nível que ele alcançou e que isso será, no final, sua grande recompensa.

TABELA 5
 Características Socioeconômicas – Economia
 Renda familiar *per capita* (em R\$ de agosto de 2000) - Belo Horizonte – 1991 – 2000

Região Administrativa	1991	2000
Barreiro	188,60	254,06
Centro-Sul	1.119,02	1.584,28
Leste	379,48	491,20
Nordeste	315,41	429,02
Noroeste	352,30	472,43
Norte	204,18	274,90
Oeste	436,11	634,71
Pampulha	514,65	680,15
Venda Nova	188,82	268,86
Belo Horizonte	414,94	557,44
RMBH	309,03	394,34

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte

Organização: Ger. Indicadores/SMAPL/SMPL/PBH

Metodologia: Razão entre o somatório da renda *per capita* de todos indivíduos e o número total desses indivíduos. A renda *per capita* de cada indivíduo é definida como a razão entre a soma da renda de todos os membros da família e o número de membros da mesma.

4.6 Célia

Eu acho que o que me chamou a atenção é que eles, na hora do almoço, eles arrumam a mesa, porque lá em casa não tem esse costume, porque todo mundo está em lugar diferente (trecho da entrevista com Célia).

Célia chegou calmamente à sala de entrevista, porém seu semblante indicava que ela estava se sentindo pouco à vontade. Célia tem 14 anos e está cursando o 9º ano no Colégio Dom Assis. Ela se parece com uma jovem típica da sua idade e poderia ser mais uma moradora de um bairro da região Centro-Sul de Belo Horizonte. Por já ter experimentado uma situação semelhante durante a entrevista com um dos bolsistas, tratei de ter uma conversa menos formal e mais descontraída para que ela se sentisse mais confortável. Consegui um pouco de

abertura por parte de Célia somente a partir do meio da entrevista. A jovem se autoclassificou no item cor/raça como branca.

Na visita à casa da jovem, para realizar a entrevista com a família, fui recebida pela mãe de Célia, que abriu o portão da casa e, mais uma vez, me vi diante de uma bela jovem senhora. De cor clara, vestida de uma maneira bem jovial, ela me convidou para entrar por um pátio/garagem de onde se podia ver o veículo da família. A casa da família de Célia fica situada a 25 km da região Centro-Sul de Belo Horizonte e é denominada pela prefeitura de região do Barreiro. A casa, diferentemente das outras casas visitadas, é muito agradável, espaçosa, arejada e clara. Ela possui muitas janelas e, apesar de poucos móveis, tudo parecia novo. De fato, depois de conversar com a mãe, soube que eles tinham se mudado para essa casa há apenas um ano.

A mãe de Célia iniciou a entrevista contando que sempre sonhou em dar uma educação de melhor qualidade para os filhos. Ela recorda que sabia o nome dos três grandes colégios que ficam situados ao longo da Av. Amazonas⁴¹, local por onde passava de ônibus. Ela nunca tirou esse sonho de cabeça, mas sabia que aquilo estava totalmente fora de suas possibilidades. Ela chegou a ir até uma escola de inglês para tentar matricular os filhos, mas, diante do preço, teve que desistir. Ela nunca tinha ouvido falar do Dom Assis, mas, agora, quando lê sobre as escolas que foram melhores classificadas no ENEM, ela identifica o Dom Assis e fica orgulhosa de ter uma filha estudando lá.

Consegui construir um perfil mais apurado de Célia depois que entrevistei sua mãe. Ela, ao contrário da filha, foi muito aberta e fez uma leitura bastante precisa do momento que a filha estava vivendo. O pai de Célia é motorista de ônibus e a mãe é dona de casa. Ela complementa a renda com a venda de cosméticos e roupas. No momento da entrevista, época de Copa do Mundo, ela vendia camisetas do Brasil. O pai de Célia tem o Ensino Fundamental incompleto e a mãe tem o Ensino Médio completo. A renda da família declarada no questionário foi de 2 a 5 salários mínimos. O avô materno de Célia cedeu a atual casa para a família morar. Ela foi reformada durante três anos para ficar do jeito que eu a conheci. É esse mesmo avô que ajuda a família nas despesas.

⁴¹ Avenida que atravessa várias regiões da cidade de Belo Horizonte.

A jovem bolsista fala pouco, porém suas respostas são claras e objetivas. Ela relata que a mudança de escola não afetou a amizade com as antigas colegas, a única coisa foi que o tempo de convivência diminuiu. No seu último ano de escola pública, Célia foi homenageada por seus professores que ficaram felizes por sua conquista.

A mãe conta que a filha nunca tinha perdido uma média e que no primeiro bimestre na escola particular ela perdeu três médias. A rotina da filha mudara totalmente. Ela estudava, estudava e não conseguia média, recorda a mãe. Acordava às cinco horas da manhã, passava o dia fora, voltava para casa à noite e não tinha mais tempo para brincar com as amigas na rua. Célia não tinha motivos para estar feliz.

Célia só começou a construir uma nova rede de relacionamentos a partir do segundo ano letivo no Dom Assis. O fato de a jovem ter sempre se relacionado com as amigas da antiga escola e que essa convivência não acontecia somente na escola, mas, também, nos finais de semana, depois da escola, na casa dela, das amigas e das primas, pode ser uma explicação para a pouca abertura que Célia teve na construção de uma nova rede social. As famílias das amigas de Célia são todas conhecidas de sua família. Os parentes de Célia também moram no mesmo bairro que ela. Quando perguntado a ela por que foi tão difícil fazer novas amizades, ela prontamente respondeu que simplesmente não queria ter saído de sua escola.

O retorno do investimento na educação acontece em longo prazo e, para uma jovem de apenas 12 anos (idade que tinha quando entrou para o Programa), não era possível vislumbrar um futuro que justificasse tal sofrimento. A mãe, instruída pela coordenação do Programa, procurava incentivá-la da maneira que podia e já se preparava para lidar com aquilo que estava por vir. A jovem, com pouca compreensão sobre aquele momento, se fechou para o mundo do Dom Assis. A partir do momento em que as notas foram melhorando e que a rotina já tinha sido internalizada, Célia começou a se abrir e as coisas começaram a fluir.

Atualmente, Célia se encontra inserida em uma nova rede de amizades e tenho como hipótese que isto tenha acontecido devido ao distanciamento cultural do seu mundo de origem, que começa a ficar evidente. Ela conta que, naquele ano (2010), começou a frequentar um shopping localizado na região Centro-Sul com as novas colegas. Por causa disso, a mãe tem que se deslocar até essa região, deixar Célia e depois buscá-la. O combinado é que Célia deve ligar para a mãe com meia

hora de antecedência à sua partida do shopping, para que ela tenha tempo de chegar até aquele local e encontrar Célia ainda na companhia de suas amigas.

O esforço e o planejamento por parte dessas famílias se fazem necessários para que esses jovens, que moram tão distantes da região Centro-Sul, possam conviver socialmente com seus novos colegas. A jovem afirma nunca ter convidado suas amigas para ir a sua casa. Célia relatou que já foi à casa das colegas para assistir a filmes e que elas já foram ao boliche juntas. Outro universo, o das classes médias, começa a fazer parte da vida de Célia.

Célia relata que, após a viagem que fez com sua escola a Petrópolis, ela conheceu mais pessoas. Ela conta que umas amigas foram apresentando outras e que as colegas de turma do ano anterior também foram apresentando outras amigas, sem contar com a amizade das colegas da turma atual. A jovem parece se sentir mais à vontade na nova escola, apesar de ainda passar os finais de semana brincando com suas primas e antigas amigas do seu bairro. Ela frisa que ninguém sabe que ela é bolsista e acha que, se soubessem, não faria a menor diferença. Ela diz que as novas amigas a tratam muito bem, são afetuosas, se abraçam, mas que ela tem mais liberdade de conversar sobre certos assuntos com suas amigas do bairro, e acrescenta que as colegas da ex-escola não são tão calorosas como as do Dom Assis, “elas não ficam se abraçando”, explica Célia.

A mãe contou que ela já fala em festas de 15 anos e em viagens para a Disney e que, inclusive, participou da filmagem de um vídeo de uma colega, que vai ser exibido em uma festa. O pai, preocupado com o fato de não ter recursos para financiar tais eventos, pediu para que a mãe tirasse essas ideias da cabeça dela. A mãe lembra que o Programa trabalha as diferenças de classe social com os jovens e que, na realidade, a filha não pede nada, apenas comenta. A mãe de Célia está pensando em conseguir um emprego fixo para fazer uma festa de 15 anos para a filha nos moldes de uma que seu irmão fez para sua sobrinha. Observou-se, nessa família, mais do que nas outras, uma mobilização para atender às novas demandas da filha.

Ao lhe ser perguntado sobre o que mais tinha chamado sua atenção quando ela foi à casa de uma das novas amigas, Célia respondeu que foi o fato de “que eles, na hora do almoço, arrumam a mesa”. Ela explica que, na sua casa, a família não almoça junto e que não se “arruma a mesa”. Em sua casa, ela come na cozinha, lugar onde aconteceu a entrevista e onde está localizada a mesa de

refeição. Ela finaliza sua resposta acrescentando que “é bem diferente mesmo, porque até os costumes das minhas amigas que moram perto de mim são diferentes dos da escola. É bem diferente, mas eu lido com isso”.

Para se comunicar com suas colegas, Célia usa o MSN e o telefone fixo, mais nada, completa ela. Ela também faz uso do computador durante os finais de semana, quando sua prima dorme em sua casa. A mãe diz controlar o tempo e o conteúdo do uso do computador. A mãe e o pai controlam o nível de ruído da casa, propiciando um ambiente favorável aos estudos. A filha agora tem um quarto só para ela. Até um ano atrás, ela e o irmão dividiam o mesmo quarto.

A mãe conta que, com a entrada da filha para o Programa, o filho mais velho, que também era um bom aluno, mas que não gostava de estudar como Célia, teve uma reação muito interessante. Assim que a irmã entrou para o Dom Assis, ele não quis mais ficar na escola pública. A mãe relata que depois de o filho escutar as novidades trazidas pela irmã sobre seu novo colégio, o jovem “não quis ficar para trás”. Ele também queria ir para uma escola particular e, como a família não tinha maneiras de arcar com as despesas de uma escola particular, o jovem “se virou” e conseguiu se matricular em um cursinho preparatório para o COLTEC/CEFET. Porém, na sua primeira tentativa, ele não passou em nenhum dos exames de seleção. Diante disso, ele conseguiu se matricular em uma escola estadual de alto prestígio acadêmico no turno da noite e, depois de muito insistir, convenceu a mãe a pagar mais um ano de cursinho preparatório. A mãe conta que ele passava o dia no cursinho e, à noite, ia para a escola. Ao final do segundo ano, o jovem conseguiu passar nas duas provas e, hoje, cursa Técnico em Mecânica, no CEFET, e pretende fazer vestibular para Engenharia Mecânica. Esse episódio ilustra uma das transformações sofridas pela família de Célia desde sua entrada no Programa.

Como já relatado anteriormente por outros jovens entrevistados, Célia era chamada de *nerd* por seus colegas em sua antiga escola. Ela nunca se sentiu ofendida e acha que não sofria preconceito por parte das amigas. Ela acha que tudo não passava de brincadeira. Célia retirava, semanalmente, livros na biblioteca da antiga escola e, quando acontecia de ser feriado no dia da retirada, Célia chegava em casa chorando. A disposição para leitura dessa jovem era tamanha que a bibliotecária da escola duvidava de que ela daria conta de ler um livro inteiro de uma semana para outra. Mas ela sempre deu conta, relata a mãe.

A mãe de Célia lembra que sempre acompanhou os estudos dos filhos. Ela sempre frequentou as reuniões da escola, verificou os cadernos, conferiu os deveres de casa e administrou o tempo dos filhos. Essa mãe, que vem de uma família na qual ninguém ainda entrou para o ensino superior, se organiza, juntamente com outras mães que têm seus filhos no Programa, no arranjo dos deslocamentos das jovens. Pela manhã, ela acompanha a filha até o ponto do ônibus. A filha se encontra no próximo ponto de ônibus com mais duas colegas do “Bom Aluno”, para seguirem viagem juntas. Na volta, a mãe de uma dessas jovens volta com elas no ônibus, porque ela (a mãe) trabalha na região Central da cidade, ficando fácil para se unir às estudantes. Por já estar escuro, a mãe de Célia fica esperando um sinal - via celular - que indica que ela já pode ir para o ponto de ônibus esperar pela filha. Célia leva uma hora para chegar à escola e toma um ônibus. Na volta, ela leva duas horas e também toma um ônibus.

Célia afirma que suas colegas do Dom Assis não vivem somente para estudar. Ela diz que elas saem para fazer programas e que sabem dosar estudo e diversão. A jovem parece também saber dosar essas duas medidas, já que, agora, ela consegue fazer um pouco de cada atividade sem sacrificar nenhuma delas. O equilíbrio das notas de Célia é evidente quando, em uma entrevista com o coordenador do Dom Assis, ele afirmou que ela faz parte da média alta da turma. O sonho de fazer faculdade sempre esteve presente na vida de Célia e, quando perguntado a ela sobre o que gostaria de estudar na universidade, ela disse que gostava de biologia, mas que não tinha muita certeza sobre essa escolha. Ela afirma adorar inglês e que, no início, quando entrou para o Dom Assis, teve muita dificuldade e que, diante disso, o Programa disponibilizou uma professora de reforço para atendê-la depois da aula. A mãe também ressaltou que o inglês é muito importante para a filha.

Sobre sua participação nas tarefas domésticas, Célia afirmou ser encarregada somente de arrumar sua cama. Ela comenta que a mãe acha melhor ela se concentrar nos estudos, já que ela (mãe) não trabalha e tem tempo suficiente para cuidar da casa. A mãe diz que ela lava alguma vasilha quando tem tempo ou quando a mãe não está em casa, mas ressaltou que não é obrigação dela. Sobre o tempo de televisão, a jovem diz que praticamente só assiste a um pouquinho quando chega da escola e que já perdeu esse hábito. Ela se diz muito disciplinada quanto à execução de suas obrigações.

A hora de dormir está associada ao término do dever de casa. A mãe controla a hora de a filha se levantar pela manhã, bem como se ela já estudou para as provas. O horário do resto das atividades é controlado pela própria jovem. Os horários da casa giram em torno dos horários da filha. Até os passeios nos finais de semana são programados de acordo com a agenda escolar da jovem.

As orientações recebidas por Célia, durante o ano de preparação ofertado pelo Programa, foram importantes para que a jovem não se sentisse tão despreparada ao entrar para a nova escola. Ela conta que, sem esse apoio, não seria possível vencer tantas barreiras. Ela exemplifica essa afirmação dizendo saber, de antemão, que, mesmo pertencendo a outra classe social, as colegas iriam gostar dela da mesma forma e que não seria por isso que ela não iria fazer amizades ou que ela própria deveria se excluir do convívio com as colegas. Sobre as notas, ela afirma que já sabia que elas iriam baixar no primeiro semestre e que, depois, naturalmente, tudo iria melhorar, mas, pelo que pude perceber no princípio da entrevista, a jovem Célia sofreu muito quando suas notas caíram.

Orgulho foi o adjetivo mais citado pelos jovens para definir o que eles sentem por eles mesmos. Célia não foi exceção. Ela se diz orgulhosa por sua conquista e grata ao Programa. Às vezes, quando se sente cansada e sem tempo, ela diz que pensa que isso trará recompensas para seu futuro e que vê “essas mudanças como positivas”.

Sobre o espaço Bom Aluno, ela o considera um lugar onde o diálogo é bem aberto, onde os colegas comentam sobre como eles estão se sentindo, “[...] realmente aqui é o que mais tem noção do nosso mundo e do nosso dia-a-dia” acrescenta a jovem. Apesar de todo esforço e sofrimento, Célia concluiu que vale a pena.

O balanço que a mãe de Célia faz sobre o atual momento da filha é que ela, no primeiro ano letivo da escola particular, parecia meio receosa e que parecia estar com um “escudo”. Ela acrescenta que a filha, nesse ano (2010), parecia bem menos tensa. A mãe acha que no ano anterior ela tinha colegas e que, nesse ano, ela já tinha amigas. A mãe, quando leva a filha até a casa de alguma amiga, faz questão de saber quem é e, dependendo da oportunidade, chega até a conversar com a mãe da colega.

Sobre as práticas culturais da família, fora as idas à Bienal do Livro com os filhos, a mãe de Célia diz que não frequenta nenhum espaço que abriga eventos

dessa natureza. Nem ela nem o marido nunca foram ao teatro, a exposições; a museus, só uma vez, no interior, e tampouco foram a shows musicais. Os filhos frequentam as salas de cinema da cidade, mas os pais, não. A filha, que tinha recentemente chegado de uma viagem a Petrópolis, com o colégio, contou sobre a visita que fez ao museu daquela cidade e isso fez com que a mãe tivesse vontade de conhecer mais sobre esses espaços.

Por fim, ao lhe ser perguntado se gostaria de acrescentar mais alguma informação, a mãe de Célia relata que, pelo fato de a filha ficar até mais tarde às segundas-feiras na escola, ela procura ir de carro até lá para buscá-la. Caso contrário, a filha chega em casa muito tarde e que, para amenizar essa rotina pesada, ela também leva a filha de carro na manhã seguinte. O pai reclama que ela não pode ficar fazendo isso porque gasta gasolina, mas a mãe disse que recebe ajuda de seus pais para pagar a gasolina. Ela conta que todos os seus irmãos trabalham e que somente ela não tem renda. Diante disso, sua família a ajuda bastante. Ela afirma que fará tudo que estiver ao seu alcance para manter a filha estudando no Colégio Dom Assis. Ela termina agradecendo a Deus por ter dado essa oportunidade a seus filhos.

TABELA 6
Características Socioeconômicas – Economia
Renda familiar *per capita* (em R\$ de agosto de 2000) - Belo Horizonte – 1991 – 2000

Região Administrativa	1991	2000
Barreiro	188,60	254,06
Centro-Sul	1.119,02	1.584,28
Leste	379,48	491,20
Nordeste	315,41	429,02
Noroeste	352,30	472,43
Norte	204,18	274,90
Oeste	436,11	634,71
Pampulha	514,65	680,15
Venda Nova	188,82	268,86
Belo Horizonte	414,94	557,44
RMBH	309,03	394,34

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte
Organização: Ger. Indicadores/SMAPL/SMPL/PBH

Metodologia: Razão entre o somatório da renda *per capita* de todos indivíduos e o número total desses indivíduos. A renda *per capita* de cada indivíduo é definida como a razão entre a soma da renda de todos os membros da família e o número de membros da mesma.

4.7 Sônia

Ela disse que as meninas são super simples, não tem metideza com roupa (...) a gente que é pobre que fica com essa frescura (...) as ricas são todas simples (...) (trecho da entrevista com a mãe de Sônia).

A última jovem entrevistada foi Sônia. Ela está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental no Dom Assis e tem 14 anos. Ela se autotranscreveu no item cor/raça do questionário como branca. Sônia parece ser uma jovem muito simpática. Ela não demonstrou desconforto, porém, eu logo saberia que ela se encontra em um momento de muito sofrimento. A jovem chorou durante a entrevista.

Não foi imediatamente que eu soube o que estava se passando com essa jovem. Em princípio, a entrevista transcorreu da mesma maneira como transcorreu com os outros entrevistados. As mesmas perguntas foram feitas a ela e, até certo momento, eu escutava mais ou menos o que eu já tinha escutado nas outras entrevistas.

A mãe de Sônia está casada pela segunda vez e teve um bebê há seis meses. Ela é Técnica em Enfermagem e trabalha no SAMU. Sua rotina de trabalho se resume em aguardar os chamados de urgência quando, então, ela embarca na ambulância para socorrer a(s) vítima(s). Ela tem o Ensino Médio completo. Seu horário de trabalho é 12/36, ou seja, dia sim, dia não. O pai de Sônia, que vive não muito longe da casa da filha, é motorista de ambulância e tem o Ensino Médio incompleto. A família declarou viver com uma renda que fica entre 2 e 5 salários mínimos.

Na casa da família vivem Sônia, a sua mãe, o bebê e o novo marido da mãe. Eles vivem em uma casa que fica no lote da avó de Sônia. O bairro onde a família mora faz parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte, porém o bairro pertence a outro município. Segundo informação contida no site da Prefeitura de Belo Horizonte, essa região faz parte do Barreiro. A distância entre essa região e a região Centro-Sul é de mais ou menos 30 km.

A jovem leva 1h30 para chegar até a escola e toma dois ônibus. Para retornar, ela leva 2h30 e também toma dois ônibus. A mãe não a acompanha até o ponto de ônibus. A jovem toma o ônibus bem cedo, pela manhã, e se encontra com Célia e com outra colega do Bom Aluno em um ponto de ônibus mais adiante. Na

volta, ela vem no ônibus com a mãe de uma colega, a colega e Célia. Quando ela volta de carro com a mãe de Célia, ela espera pelo pai ou pela mãe na casa dessa jovem, até que um deles a busque de carro. A mãe e o pai de Sônia possuem carro. A jovem chega muito tarde à sua casa.

Sônia está em seu primeiro ano de escola particular. Apesar de os jovens do Programa normalmente entrarem para a nova escola no início do 8º ano, não sendo isso uma regra, Sônia, por não ter passado na prova de seleção do Dom Assis, preferiu aguardar mais um ano, e acabou entrando em 2010. Durante o ano de 2009, ela continuou na escola pública, em um turno, e frequentou as aulas do Programa, no contraturno, juntamente com seu grupo de entrada no Programa. No final daquele ano, ela fez prova de seleção em três escolas e passou em duas. O sonho de entrar para o Dom Assis tinha se realizado. Não demorou muito para Sônia perceber que o colégio escolhido por ela iria lhe causar muito sofrimento.

A mudança para a escola particular foi muito aguardada por essa jovem. A preparação foi feita de acordo com a proposta do Programa e a formação de uma rede de amizades ocorreu tranquilamente. As antigas amigas começaram a se queixar de que a jovem não tinha mais tempo para elas e Sônia percebeu que, na realidade, não tinha mais tempo nem para ela mesma. De acordo com o relato da mãe, a filha “estuda, estuda e estuda, mas não é suficiente para conseguir as médias”. O Programa contratou professor particular para ministrar aulas de reforço e cuida para que a jovem esteja bem psicologicamente. Nada disso parece resolver o problema das notas de Sônia.

Sônia conta que estava apreensiva no primeiro dia de aula. Na verdade, ela conta que teve medo, mas, logo no primeiro dia, ela fez amizade com uma jovem que a apresentou a outra jovem e, logo, já formaram um grupinho de três. Sônia e uma colega eram novatas, a outra não. Por se sentirem excluídas, as jovens decidiram fazer amizade com os meninos por julgar que eles seriam “mais fáceis de conquistar”. Hoje, Sônia diz conhecer todos os colegas da sala. Em um semestre, ela já foi uma vez ao shopping com as colegas e acaba de ser convidada para ir à primeira festa de 15 anos, que acontecerá em um tradicional clube frequentado pelas classes médias altas/altas de Belo Horizonte, na semana seguinte à entrevista.

A mãe relata que a filha gosta muito de suas novas amigas e que ela até já conseguiu um vestido emprestado de uma prima para ir à tal festa. Ela dormirá na casa de uma colega e irá ao salão de beleza, juntamente com essa colega, para

arrumar o cabelo. A mãe de Sônia diz que as amigas da filha são supersimples e que “não têm metideza com roupa (...) a gente que é pobre é que fica com essa frescura (...) as ricas são todas simples”.

O sofrimento pelo qual Sônia está passando parece ter tido origem em uma lógica de raciocínio mais ou menos assim: eu consegui entrar no Dom Assis, que era um sonho. É uma escola renomada e tem professores excelentes, logo, devo conseguir entrar em uma boa universidade e poder cursar Engenharia Ambiental ou Computação. E agora não consigo tirar boas notas para me manter lá. Logo, o problema está comigo, sou incompetente. Para fundamentar essa hipótese, me baseei na seguinte declaração da jovem quando lhe foi perguntado se a mãe se sentia orgulhosa dela:

Ela é, tem vez que eu chego em casa, quando tiro nota ruim, chego falando, sou burra, sou burra e fico chorando a tarde inteira. Ela fala assim: - Você é muito inteligente, e me coloca para cima. Às vezes, eu mostro para ela uma nota e choro, e ela: - Credo! (...) As meninas tiram nota boa e você, não. Aí eu fico naquela coisa, tenho que tirar nota boa (trecho da entrevista com Sônia).

Em outro trecho, ela conta sobre a admiração que os colegas têm por ela:

Eles me admiram, igual a minha amiga (...), ela sabe que eu sou esforçada, sabe o tanto que eu estudo, que sou do Bom Aluno, estudo aqui no Dom Assis. Ela fica assim: - Você mora longe, como você consegue? Ela me elogia bastante. Às vezes, eu tiro uma nota baixa e ela fica assim: - Não acredito. Por que você estuda muito mais que eu e tira nota mais baixa do que eu? Ela fica desse jeito (trecho da entrevista com Sônia, realizada no dia 20/05/2010).

A saúde de Sônia começa a dar indícios de que algo não vai bem. A mãe conta que ela tem dores de cabeça todos os dias e que isso nunca havia acontecido antes. A jovem relata, chorando, que, com tantas atividades e morando tão distante do colégio e do Programa, acaba tendo que estudar dentro do ônibus e que isso pode estar causando a dor de cabeça. Ela estuda, por pelo menos três horas diariamente, dentro do ônibus em movimento. Adicionado a isso, a família não parece cooperar na construção de um ambiente adequado para ela estudar. A mesa onde ela estuda fica no centro da pequena sala onde também fica a televisão e onde está localizada a cozinha, que é aberta para a sala. A irmãzinha chora muito, a televisão está sempre ligada e tem sempre conversa. Ela confessa já ter ido estudar

sentada no passeio da rua por não conseguir se concentrar em meio a tanto barulho. A mãe, por outro lado, afirmou que a casa é muito tranquila para estudar.

Como já relatado em outras entrevistas, Sônia também sofreu preconceito por parte das colegas do antigo colégio. A mãe contou, emocionada, que as colegas queriam bater em sua filha porque ela era muito participativa. A filha chegava chorando em casa por sofrer agressões verbais. A mãe já se preparava para ir conversar com a direção da escola quando, finalmente, as colegas pararam de importunar Sônia. A família parece estar sofrendo muito com a atual situação da jovem e o Programa está procurando ajudar a diminuir esse sofrimento. Existe já uma estratégia para que Sônia não perca o ano letivo. Caso as notas continuem baixas, ela voltará para a escola pública no meio do ano e fará a prova de seleção para o CEFET, no final do ano letivo. Isso poderá vir acompanhado de uma sensação de fracasso.

Sônia se queixou de que a mãe não participa de sua vida escolar e que pouco sabe sobre suas atividades acadêmicas. Ela diz que somente informa à mãe sobre os resultados das provas. A mãe não participa das reuniões do colégio e isso deixa a filha muito triste. Sônia diz que acha que a mãe tem preguiça e é desinteressada, mas a mãe afirma não ir a reuniões da escola por não ter tempo. Quanto às reuniões do Programa Bom Aluno, a mãe ou o pai sempre comparece. A jovem mostrou ter uma relação de muito carinho com o pai, que sempre procura saber como estão suas notas. Ela não precisa dar muitas explicações para a mãe quando sai com o pai, e não tem hora para voltar. A mãe disse que a filha é muito ajuizada e que ela própria estipula o horário de voltar para casa, mesmo quando está com suas amigas.

Alguns elementos do perfil dessa jovem parecem com o dos outros bolsistas. Muito disciplinada, ela não precisa de ninguém para acordá-la pela manhã ou para dizer a que horas ela deve ir dormir. Antônio é uma exceção, acredito eu, mais por imaturidade do que por incapacidade de controlar seu descanso. Ela sempre foi ótima aluna, segundo a mãe. Ao contrário dos colegas do Programa que ajudam os colegas da escola particular nas matérias em que eles têm mais dificuldade, Sônia é ajudada pelos colegas do Programa nas matérias em que ela não está se saindo bem. O inglês apareceu mais uma vez como uma disciplina de prestígio e a jovem diz, orgulhosa, que já melhorou muito nessa matéria.

Sônia também elegeu o espaço Bom Aluno como ideal e considera as pessoas de lá como uma grande família. Um ajuda o outro e não tem preconceito, afirma a jovem, prontamente. Ela acha que seus colegas bolsistas são mais acessíveis e que ela tem mais liberdade com eles do que com sua mãe. Ela conversa vários assuntos com eles sem ficar constrangida. Como exemplo, ela disse que “aqui a gente se sente mais à vontade para falar as coisas porque todo mundo compreende, todo mundo está no mesmo patamar (...)”. Ela diz que, na escola particular, ela não tem liberdade de ficar falando sobre sua vida ou de como sua casa é simples. Ela disse que fica constrangida e que prefere ficar calada por não se sentir à vontade para falar de coisas que remetem à sua origem. Ela continua dizendo que no Programa Bom Aluno “todo mundo é da mesma classe social e isso é normal. Por exemplo, não ter isso em casa é normal, mas se eu falo com eles [com os colegas do Dom Assis]... Oh, o que é isso?”.

Para se autoincentivar, a jovem diz que pensa no retorno que isso lhe trará. Ela acredita que no futuro tudo irá ser compensado. “Vai ser uma coisa boa. Aí você vai poder relaxar, você vai poder fazer o que você quiser, vai ter mais tempo para tudo, é isso. A gente tem que batalhar agora, a gente tem que garantir o nosso futuro agindo agora no presente”.

A dura rotina de Sônia não permite que ela faça qualquer trabalho doméstico. A mãe acha que a filha fica muito cansada e não tem tempo nem mesmo de arrumar seu próprio quarto. Sônia diz que, somente quando tem tempo, ela ajuda a mãe na limpeza da casa, mas que isso não é obrigatório.

A reflexão que Sônia faz de sua inserção no Programa é bastante madura. Ela conta que está adquirindo mais conhecimento, mais responsabilidade, mais chance de entrar em uma universidade e que sente que está amadurecendo muito rápido. Ela pondera que, sem essa oportunidade, ela iria, talvez, fazer um cursinho para poder “exercer alguma profissão mais inferior”.

Apesar de a jovem afirmar que a mãe não se interessa por seus estudos, percebi que essa mãe acompanha, à sua maneira, a vida escolar da filha. Ela sabe que as provas começam às 18h e que acontecem às sextas-feiras, que a filha tem quarenta minutos para fazer cada prova, e que o Dom Assis ficou em segundo lugar no *ranking* do ENEM, na cidade de Belo Horizonte, em 2008. Além disso, ela sabe que toda segunda-feira a filha tem o 6º horário e acrescentou que, na quinta-feira

daquela semana, Sônia ficaria até mais tarde na escola fazendo prova e que as aulas normalmente terminam às 18h40.

Quanto às práticas culturais desse casal, não consegui identificar qualquer mudança/impacto desde a entrada da jovem no Programa. A mãe confessou nunca ter ido a museus ou ao teatro, mas conta que a filha já foi ao teatro do Parque Municipal⁴² e, também, já foi ver peças com a turma da escola. A filha recentemente voltou de uma excursão a Petrópolis, onde ela visitou um museu. Segundo a mãe de Sônia, “ela achou superinteressante”. A mãe e o atual marido não frequentam cinemas e, quando perguntado a ela se pudesse escolher entre visitar um museu, uma exposição de arte, ir ao teatro ou assistir a um show de música ao vivo, ela optou pelo último. Ela afirma que acha que a frequência a esses espaços traz conhecimento. Sônia costuma ir ao cinema com suas amigas do Programa que moram nas imediações de seu bairro.

TABELA 7
Características Socioeconômicas – Economia
Renda familiar *per capita* (em R\$ de agosto de 2000) - Belo Horizonte – 1991 – 2000

Região Administrativa	1991	2000
Barreiro	188,60	254,06
Centro-Sul	1.119,02	1.584,28
Leste	379,48	491,20
Nordeste	315,41	429,02
Noroeste	352,30	472,43
Norte	204,18	274,90
Oeste	436,11	634,71
Pampulha	514,65	680,15
Venda Nova	188,82	268,86
Belo Horizonte	414,94	557,44
RMBH	309,03	394,34

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano na RM Belo Horizonte
Organização: Ger. Indicadores/SMAPL/SMPL/PBH

Metodologia: Razão entre o somatório da renda *per capita* de todos indivíduos e o número total desses indivíduos. A renda *per capita* de cada indivíduo é definida como a razão entre a soma da renda de todos os membros da família e o número de membros da mesma.

⁴² Parque público localizado no centro da cidade de Belo Horizonte e onde está localizado o Teatro Francisco Nunes.

5 ELEMENTOS DA NOVA EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Este capítulo, que está subdividido em cinco eixos de análise, dedica-se a descrever e a analisar os impactos da nova experiência escolar dos jovens entrevistados nos Colégios Dom Assis e Alcântara: 1) na rede de sociabilidade dos jovens bolsistas pesquisados; 2) na proficiência escolar; 3) no cotidiano das famílias; 4) nas práticas culturais. Finalmente avaliar-se-á de que maneira o Programa Bom Aluno consegue reduzir as diferenças culturais e sociais de classe na vida desses jovens.

5.1 A rede de sociabilidade

Descrevo, a seguir, as maneiras reiteradas pelos jovens pesquisados com relação à formação da nova rede de sociabilidade, os motivos que os levaram ao distanciamento do antigo grupo de amigos, bem como os impedimentos de uma participação mais intensa no novo grupo de relações. Tentarei tornar inteligíveis esses movimentos que ocorreram nas redes de sociabilidade.

A formação de novos grupos de amizade

A análise dos dados empíricos obtidos através das entrevistas aponta para alguns critérios promovedores da formação de novos grupos sociais. Dentre eles, o forte capital escolar, o pertencimento ao Programa Bom Aluno, o fato de ser novato e a proximidade dos assentos no primeiro dia de aula foram mencionados pelos jovens e por suas famílias como facilitadores da construção de novas redes de sociabilidade.

No caso específico deste estudo, o forte capital escolar dos bolsistas, na falta de outros “atrativos” que são normalmente decorrentes da classe de origem, apresentou-se como sendo o fator que mais pesou na constituição das redes de

relacionamento. “As relações sociais apresentam-se sob uma variedade de formas”, afirma Santos (1994:1), e é nas relações sociais que os sentimentos de identidade e de pertencimento a um grupo são fortalecidos.

Em colégios de alto prestígio acadêmico, o bom rendimento escolar de um jovem pode render-lhe um *status* que, em outras comunidades acadêmicas, seja algo totalmente desconsiderado, chegando ao ponto, segundo depoimento dos próprios jovens entrevistados, de ser motivo de desprezo por parte dos colegas.

Cândido (1969:115) afirma que esses grupos, que são específicos da vida escolar, “fundam-se na própria atividade dos educandos e dependem quase sempre da sua adesão consciente”. O mesmo autor caracteriza esse tipo de sociação desta forma:

São intelectuais os agrupamentos constituídos em vista do aprendizado e cultivo geral da inteligência. De tipo difuso, os grupos de colegas, que se unem para repetir e esclarecer a matéria [...] constituindo parte integrante do aprendizado e prolongando a atividade da sala de aula, que deste modo penetra superfícies mais amplas da inteligência e da sensibilidade, de vez que os alunos se agrupam aí segundo afinidades mais estreitas [...] (CÂNDIDO,1969:116).

O conteúdo desse tipo de sociação não é somente o social. É bem provável que a significação objetiva de ser “um bom aluno” desempenhe, sim, um papel de peso na constituição de grupos de sociabilidade. Os próprios jovens falam com um “certo orgulho” da maneira como são tratados pelos colegas e por seus familiares. Exemplo disso é o depoimento abaixo:

Eu fui acolhida, muito bem tratada, [...], os pais dela me admiram muito, porque a gente tem mais ou menos as mesmas notas, só que as minhas são um pouquinho melhores que as dela, aí eles ficam falando: você estuda de manhã e de tarde, você tira muita nota boa, viu [...]? Siga o exemplo dela. É, e também já fui à casa de uma muito ruim, aí a mãe dela chegou e perguntou: - Quem tomou recuperação aí? Todo mundo levantou a mão, eu não, e ela: nossa, está vendo [...], siga-a, é exemplo (Trecho da entrevista com Eliana).

É possível que, para as famílias das classes médias intelectuais, fatores como a classe de origem das amigas dos filhos não sejam levados em consideração quando o que está em jogo é a conquista de uma boa escolarização da prole. O objetivo dessas famílias é bem claro e tudo que possa contribuir para

seu alcance é válido. O caso de César, que foi convidado a morar com a família de um colega que precisava de incentivo para estudar, ilustra bem essa hipótese.

Uma vez que a gerente do Programa estava me perguntando se era inconveniente para mim [...], porque o pai de um amigo dele falou: César, está muito difícil para você, fica aqui na minha casa se você puder. Porque fica tarde da noite, dez horas da noite, você sai do Dom Assis e vai para Contagem. E, às vezes, eu brigava, eu não queria que o César ficasse na casa dos outros, eu achava que estava amolando, mas depois o colega dele não queria estudar, o César tentava fazê-lo estudar, aí ele conversou com o pai, mas ele não quer estudar [...] ele ficou um ano assim, e mais um período enorme também na casa do [...]. O [...] teve câncer e o César acordava de madrugada para ajudar o [...] a estudar (Trecho da entrevista com a mãe de César).

Pude observar que as famílias dos jovens bolsistas, que antes ficavam sem saber como lidar com as brincadeiras de mau gosto sofridas por seus filhos nas escolas públicas, agora contam como os filhos despertam admiração nos novos colegas e em suas famílias. Em um ambiente de valorização do bom rendimento escolar, seus filhos são moeda forte. Os trechos de depoimentos abaixo servem como exemplo.

Os meninos ligam para cá: ô, Antônio, você fez aquele trabalho assim? No ano passado, este ano é menos porque os meninos se dividiram. Antônio, você fez aquele trabalho? Você sabe resolver aquilo? E ainda tem o [...] que gosta de matemática e o Antônio fica mostrando: nisto aqui é que meu irmão ganhou medalha. E os meninos ficam curiosos para fazer perguntas. E eles também têm um nível muito bom no Alcântara, dois ou três, mas nenhum deles participou da olimpíada (Trecho da entrevista com a mãe de Antônio).

E ainda:

Já aconteceu de uma coleguinha dela pedir para ela ficar até mais tarde na escola para ajudá-la a estudar certa matéria. Eu estava trabalhando, passava lá e ficava esperando. É o diferencial, é por causa dela mesmo que ela conseguiu [...], com certeza, às vezes ela é praticamente professora. Elas ligam para cá para perguntar [...] qualquer dificuldade. Ela chegou aqui o telefone não para mais [...] (Trecho da entrevista com os pais de Eliana).

O pertencimento ao Programa Bom Aluno constituiu outro fator a ser considerado como facilitador na formação de novos grupos sociais.

Assim que terminei as entrevistas, percebi que, paralelamente à formação de uma nova rede de amizades no colégio particular, ocorreu também a formação de uma rede de relacionamento entre os participantes do Programa. Quatro bolsistas, que moram em regiões próximas, relataram fazer programas juntos, nos finais de

semana, como ir ao cinema ou simplesmente sair para se encontrar. “Com as meninas do Bom Aluno, elas sempre vão em shoppings [...] com a Célia, com a [...], com as outras meninas lá [...]”⁴³.

A relação entre esses jovens aparentemente não tem como “fator” o forte capital escolar e, sim, o pertencimento de classe aliado à proximidade geográfica de suas residências. Tudo indica que essa interação tem como marca a espontaneidade e a descontração, já que há uma simetria no que diz respeito à classe social. Santos (1994:15) afirma que “quanto mais simétrico é o grupo de pares, mais estável e permanente é sua relação de amizade [...]”. Os depoimentos abaixo corroboram tal afirmação.

Hoje, na escola, muitos. Só alguns do Bom Aluno, porque tenho contato com o Mário e o primeiro contato que eu tive, a primeira pessoa com quem eu conversei [...]. Hoje ele é superamigo meu, meu melhor amigo lá do colégio e a gente sempre se entrosou muito bem. [...] tanto que, inicialmente, eu e o Mário, quando fomos para o Dom Assis, a gente não era da mesma sala. A gente tinha que fazer amigos lá, a gente fez uma rede de amigos supergrande, e, geralmente, acontece isso, a gente consegue envolver muita gente nas amizades (Trecho da entrevista com César).

E ainda:

Aqui também a gente fala que a gente é muito amiga, então aqui também é muito bom [...]. A gente tem um diálogo bem aberto, a gente conta tudo o que a gente sabe, realmente aqui é o que mais tem noção do nosso mundo e do nosso dia a dia [referendo-se à rede de amizades feita com os colegas do Programa] (Trecho da entrevista com Célia).

Para Simmel (2006:69):

Esse caráter democrático só pode ser realizado no interior de um estrato social – já que, muitas vezes, uma sociabilidade entre membros de diferentes estratos sociais se torna algo contraditório e constrangedor. A igualdade [...] resulta da eliminação, por um lado, do que é inteiramente pessoal, e por outro lado, do que é inteiramente material, ou seja, daquilo que a sociação encontra previamente como seu material e do qual se despe de sua condição de sociabilidade.

O depoimento a seguir reforça essa ideia:

No Bom Aluno todo mundo praticamente é como se fosse uma família, todo mundo é amigo; na escola particular, mesmo que você não queira se excluir, acaba sendo excluído por alguém. Você não tem aquela liberdade

⁴³ Trecho da entrevista com a mãe de Sônia.

de ficar falando demais sobre a sua vida, tipo: lá em casa é muito simples, isso, isso, isso, porque você acaba sendo constrangida. Nesse caso você não fala muito, não tem essa [...], porque todo mundo é da mesma classe social e isso é normal. Por exemplo, não ter isso em casa é normal, mas se eu falo com eles: oh, o que é isso? (Trecho da entrevista com Sônia).

Três dos jovens explicitaram que se juntaram a outros jovens novatos e formaram uma rede social que, posteriormente, abrigou outros jovens não novatos. São eles: Mário, Célia e Sônia, todos alunos do Dom Assis. Os outros quatro não especificaram se os novos amigos eram também novatos.

Como as redes de sociabilidade já se encontravam formadas no início do ano letivo, os novatos se agruparam com outros novatos. Ao longo do tempo, esses jovens acabaram por encontrar seus pares, conforme atestam os depoimentos abaixo.

No primeiro ano foi mais difícil. Não sei, acho que é porque eu gostava muito dos meus amigos da outra escola e não gostei de ser mudada. Não gostei em relação a amizades, aí acho que eu fiquei muito fechada no primeiro ano, mas, depois do meio do ano, eu comecei a me abrir mais e fiz novos amigos. São pessoas que algumas eu conheci na minha sala e essas pessoas já conheciam outras e foram me apresentando. Quando eu viajei para Petrópolis, há pouco tempo, conheci muita gente também [...] (Trecho da entrevista com Célia).

E ainda:

Fiz novas amizades, sim, foi um pouco difícil porque eu cheguei com um pouco de preconceito, porque eu não tinha nenhum contato. Era mais o que eu ouvia nas letras de rap, alguma coisa assim, então você chega um pouco receoso, achando que as pessoas vão te tratar mal ou algo do tipo, mesmo que o Bom Aluno já tinha dado algumas referências, falaram que as pessoas te tratam muito bem, mas mesmo assim cheguei um pouco receoso. O meu primeiro contato foi com um aluno novato, de condições boas [...], ele estava chegando e começou a conversar assim, e eu vi que era totalmente normal, era basicamente eu conversando com um amigo quase de infância, do meu bairro mesmo. Ele veio de Teófilo Otoni, lá do interior, era de um colégio particular, mas mesmo assim ele convivia com pessoas de várias classes sociais diferentes. No primeiro mês, passou um mês que a gente conviveu, a gente passou a jogar bola no time do colégio e, logo após, eu fui para a casa dele; a mãe dele disse que queria me conhecer, porque ele contou um pouquinho da minha história para ela e ela falou que queria muito me conhecer. Hoje em dia ela é para mim, praticamente, uma mãe, eu tenho muito amor por ela, eu sempre durmo na casa deles, vou a festas que eles convidam [...] (Trecho da entrevista com César).

Dois dos sete jovens explicitaram a “proximidade” dos assentos na sala no primeiro dia de aula como facilitadora da formação de amizade. Essa sociação,

que se iniciou de forma despretensiosa, vem a confirmar o que Simmel (2006) diz sobre o fato de as significações objetivas das personalidades não terem peso na hora da sociação, ou seja, ao se sociarem com os jovens bolsistas, os colegas não sabiam de seus “méritos” individuais. Eles começaram a se relacionar pelo simples prazer de ter a companhia um do outro.

Quando eu entrei tinha que sentar naquela ordem de chamada da turma, então um colega que eu sentava do lado, eu sentava pertinho dele, só que ele saiu do colégio, então a gente vai fazendo amizade pela proximidade. Acho que é por proximidade que eu criei essas amizades (Trecho da entrevista com Mário).

Este trecho também exemplifica o exposto acima:

Não achei difícil, não sei dizer isso, porque foi fácil fazer, eles sentavam do meu lado, eu conversava com eles e eles ficaram logo amigos (Trecho da entrevista com Antônio).

Entretanto, tenho como hipótese que o bom desempenho escolar serviu para a manutenção dessas redes ou até mesmo como um bilhete de entrada em outras redes de sociabilidade. Digo isso com base na questão da simetria já mencionada anteriormente. (SANTOS, 1994) Parece que, em princípio, para fazer parte de qualquer rede de amizade, não se leva muito em conta o pertencimento de classe, mas, conforme discorrerei mais adiante, a manutenção dessa amizade, que nesse caso foi estabelecida pela proximidade, não depende somente desse critério. Ela leva em consideração, mesmo que de modo inconsciente, aspectos diretos que vão desde a localização física da pessoa na hierarquia social até mesmo a posse de um forte capital escolar.

Em um ambiente escolar em que quem não faz parte de uma rede de relacionamentos é visto como um pária, alguns jovens lançam mão de estratégias inusitadas. Exemplo disso foi o relato de uma jovem que diz ter se unido a outras duas jovens que, como ela, sentiam-se excluídas pela turma, e esse pequeno grupo sociou-se aos meninos por achar que era mais fácil conquistá-los do que conquistar as meninas. Posteriormente, esse grupo foi se ampliando e novas integrantes se associaram a ele. Nenhum dos outros seis entrevistados mencionou estratégia semelhante a essa. A seguir, essa jovem relata sua experiência.

No começo, no primeiro dia de aula, eu entrei. Ai, meu Deus, como vai ser? Eu morrendo de medo. No primeiro dia eu conheci uma menina e a gente começou a conversar e depois a gente começou a conversar com os outros, foi fácil. Ficávamos eu, essa menina que eu conversei primeiro e a outra novata [...], uma não, a que eu comecei a conversar não era novata, mas a outra era. Começou sempre as três excluídas, e a gente começou a, igual eu falei com as duas, fazer amizade com menino é mais fácil. Vamos nos aproximar mais dos meninos, porque menino não tem aquela coisa, igual menina: ah, não vou conversar com ela porque ela é metida, não vou conversar com ela porque ela é feia, não vou conversar com ela, aqueles hem, hem de menina. Como menino não tem isso, tudo é mais fácil. Hoje a gente tem o nosso grupinho de amigos, mas a gente não se exclui. Eu converso com todo mundo, claro que tem as meninas mais patricinhas que não vão muito com a minha cara e eu também não vou muito com a cara delas, são cinco pessoas na sala, mas eu me relaciono com todo mundo (Trecho da entrevista com Sônia).

Ao se agrupar com outras duas colegas “excluídas”, essa jovem já formara um grupo e por mais que elas se sentissem “sem grupo”, elas, ao partirem para conquistar os meninos, estavam apenas aumentando o número de membros de sua rede de sociabilidade.

Pelo relato acima, a jovem parece se relacionar bem com os colegas de sala e se demonstra satisfeita por fazer parte de um sólido grupo de amigos, ficando bem claro o quanto a amizade é importante dentro de uma organização social. Segundo Santos (1994:4), “Junto com os amigos, adquirimos certos significados dos acontecimentos e dos processos sociais”. Tudo indica que, para Sônia, o pertencimento a uma rede de amigos fará com que essa inserção nesse novo ambiente socializador seja menos dolorosa.

O distanciamento da antiga rede de sociabilidade

Todos os sete jovens relataram que a falta de tempo, devido às novas demandas da escola particular e do Programa, bem como a emergência de novos interesses fizeram com que os encontros com os antigos colegas das escolas públicas praticamente acabassem. Uma única jovem diz que manteve o antigo círculo de amizades durante o primeiro ano de escola particular, por morar bem próximo da casa das antigas colegas e pelo fato de as mães dessas colegas serem amigas do bairro.

Não afetou nada, eu ainda converso com eles muito. Eles sempre me chamam para voltar para lá, vê-los, só que eu nunca tenho tempo. De manhã eu tenho aqui [aulas no Programa Bom Aluno] e eles estudam de manhã agora, não tenho tempo de ir, eu tenho que estudar porque eu tenho prova toda sexta-feira e tem semana que é sábado também. Nunca tenho tempo, sempre tenho que ficar estudando ou aqui no Bom Aluno (Trecho da entrevista com Eliana).

Este trecho também exemplifica o exposto acima:

Um pouco, porque, agora que eu estou estudando muito, não estou tendo tempo de sair e eles me ligam: você está dando mais prioridade para os seus estudos do que para a gente. Eles falam desse jeito. Quando eu posso, eu ligo para eles, mas eu chego em casa tarde, vou fazer minhas coisas e acabo me esquecendo e não dá tempo de ficar ligando e batendo papo com amigo mais (Trecho da entrevista com Sônia).

E ainda:

Às vezes ela ia pra casa das coleguinhas, sentava na rua com as meninas, e ia conversar [...] dia e noite. Ela chega aqui por volta de umas oito e meia, mais ou menos, vai fazer os deveres, que todo dia tem, e vai dormir lá por volta das onze da noite. No outro dia já levanta, vai estudar, porque está muito puxado (Trecho da entrevista com a mãe de Sônia).

Em um momento de vida quando o tempo é escasso, percebe-se a necessidade de organizar as prioridades. Nas falas acima, os jovens abrem mão dos encontros com seus antigos colegas em nome dos estudos. No trecho da entrevista com Sônia, os antigos colegas demonstram estar chateados por terem sido preteridos pelos estudos, mas ela não.

Durante as entrevistas, não observei grandes descontentamentos devido ao distanciamento da antiga rede de relações por parte dos bolsistas. É possível que eles encarem esse afastamento como parte do processo da busca por uma escolarização de melhor qualidade.

A emergência de interesses diferentes na vida dos jovens foi outro motivo que pode ter propiciado o afastamento de seus antigos grupos de relacionamento. A inserção deles em um mundo cheio de novos atrativos e de novas oportunidades parece preencher a lacuna causada pela falta dos antigos amigos.

Para Lahire (2001), esse é o momento de aquisição de novas disposições e da construção de novos hábitos que deverão acompanhar esses bolsistas na travessia por esse novo espaço social. Os jovens demonstraram disposição para a aquisição de novos hábitos, conforme este trecho retirado de uma entrevista:

A gente já combinou de ir ao boliche, shopping mesmo ou ir à casa delas assistir filme [...] é bem diferente mesmo, porque até os costumes das minhas amigas que moram perto de mim são diferentes dos da escola. É bem diferente, mas eu lido com isso. [...] acho que, no futuro, eu vou conseguir um emprego muito melhor, estou aprendendo inglês agora e isso é muito bom para mim [...]. Acho que também é ir ao cinema, porque eles vão muito ao shopping e vão a cinema [...] a maioria gosta só de internacional (tipo de música), e como eles sabem inglês, eles também sabem cantar muito bem (Trecho da entrevista com Célia).

Ao apreender novos hábitos/novos esquemas de ação, Lahire (2001) diz que, em muitos casos, ambos podem viver pacificamente lado a lado. Alguns velhos hábitos podem ser colocados em repouso, outros podem ser colocados em ação à medida que solicitados. A “clivagem do eu” pode surgir quando, no novo contexto socializador, os novos hábitos/esquemas de ação são contraditórios aos já existentes fazendo, assim, com que a existência do ator seja permeada pelo sofrimento.

Não foram observadas, durante as entrevistas, pistas de que esteja acontecendo essa “clivagem”. Tudo indica que a presença desses jovens nesse novo espaço socializador promove, inicialmente, um afastamento por parte dos jovens da antiga rede de relações por estar esse espaço carregado do “novo”, do “desconhecido” e por esses jovens estarem experimentando uma sensação de pertencimento.

Todo mundo lá é inteligente, é bem informado, diferentemente da Professor Cassiano (nome fictício dado à antiga escola pública) [...]. Eu converso sobre tudo, a gente fala sobre música, sobre estudar, fala sobre outros países, também sobre muita música. A gente gosta muito de falar sobre países, sei lá, a gente fala muito sobre países [...], a gente fala dos Estados Unidos, da Europa. Eu aprendo muito com as pessoas de lá, no momento final de aula, aprendo muita coisa, muito bom, coisas que eu nunca aprenderia na Professor Cassiano [...] experiências de gente que já foi para lá e para cá. Eles vão falando e eu vou pegando informações, dá para pegar muita informação legal [...]. Na Professor Cassiano, ah, não aguento mais, vou sair na 8ª, não quero estudar, não quero saber de nada. Eles chegam para mim: por que você quer fazer faculdade? Que horror! Eu vou trabalhar. Chega no Alcântara: o que você vai fazer depois do 3º ano? Faculdade disso, daquilo, vou viajar, tentar intercâmbio, não sei o quê [...] (Trecho da entrevista com Eliana).

A mudança física de contexto vem acompanhada de uma mudança das forças que regem o novo contexto. A possibilidade de adquirir novas disposições que poderão levar esses jovens a ocupar uma posição na hierarquia social superior à de sua família faz com que eles ativem ou desativem suas reservas de

competências, de habilidades e de saberes (LAHIRE, 2001:77). O êxito, ao longo dessa trajetória, depende da utilização equilibrada dessas capacidades. A seguir, Mário demonstra que as forças que regem seus passos não são as mesmas que regem os de sua irmã.

Muita gente na escola pública não pensa em estudar. É raro você ver um ou outro, o negócio deles é ir para a aula para zoar, só ficar fazendo bagunça, zoar [...]. Eles pretendem conseguir um emprego, mas não querem estudar. Eles não têm isso em mente [...], é só que eu vejo mais isso na escola particular, porque na escola pública eles não ligam, não estão nem aí. Posso te dizer isso pelo exemplo que eu tenho lá em casa, a minha irmã estudou em escola pública e é mais velha que eu, e ela formou há uns dois, três anos e ela não quis ingressar na faculdade. Acho que a visão de um estudante da escola pública é muito mais limitada, acho que o ambiente escolar não proporciona para ele uma visão que ele pode ir além de formar, apenas para passar de ano. Muitas vezes a escola pública não te dá a noção de que você tem que aprender aquilo. Eu só sei que a visão é bem limitada (Trecho da entrevista com Mário).

No depoimento de César, abaixo, nota-se, claramente, como as várias exposições que ele vem sofrendo alteraram seus esquemas de ação. Ao sofrer uma nova socialização, os esquemas de ação de César parecem estar tentando se acomodar de maneira a não entrar em conflito. A aparente negociação entre os novos e os antigos esquemas/hábitos indica que o jovem está tentando um ajuste entre eles de forma a evitar o sofrimento.

Provavelmente eu teria arrumado algum trabalho de aprendiz, alguma coisa, um curso tipo ASPRON ou CESAN⁴⁴, cursos profissionalizantes, e provavelmente eu não estaria dando tanta importância como dou hoje ao estudo. Eu não saberia a importância de uma leitura, o quanto é bom aprender de verdade mesmo, para você recolher aquilo para a sua sabedoria, provavelmente eu não daria tanta importância assim. Aquele César tinha um sonho de talvez um dia ser cientista, ser físico, alguma coisa assim, mas também tinha o sonho de ser jogador de futebol, que eu amava, ainda amo, mas não como antes. Eu tinha um super-sonho de ser jogador, um atleta, isso ficou para trás, mas o sonho ainda de ser algo relacionado a exatas ainda vive (Trecho da entrevista com César).

É possível que, em um primeiro momento, os jovens se afastem da antiga rede de sociabilidade atraídos pelo novo universo que se abre diante deles. Em seguida, ao voltar para o convívio da antiga rede de relações, impregnados de novos hábitos e de novos esquemas de ação, eles (os jovens) já não se sentem tão

⁴⁴ ASPRON - Associação Profissionalizante do menor de BH. CESAM - Centro Salesiano do Menor

atraídos por aquele universo de origem ficando difícil para esses jovens encontrar um lugar confortável que seja a interseção entre os dois universos.

A manutenção dos laços com o mundo de origem

Os depoimentos colhidos durante as entrevistas apontam que a proximidade geográfica das casas dos jovens bolsistas das casas de seus amigos pode ser um dos fatores responsáveis pela a manutenção dessas antigas redes de amizade. Quatro jovens afirmaram que ainda convivem com pessoas residentes no próprio bairro. Outro fator responsável por essa manutenção parece ser a frequência a uma instituição religiosa do bairro.

Uma jovem relatou que mantém fortes laços de amizade com pessoas da sua rua e com pessoas que vivem nas proximidades de sua residência. Ela contou que essas jovens costumam frequentar sua casa nos finais de semana e que ela também frequenta a casa dessas amigas. Porém, a mãe dessa jovem diz que os encontros entre a filha e essas amigas diminuíram bastante e que a jovem começou a dar indícios de querer participar de programas com as colegas do novo colégio. Três jovens não mencionaram sobre uma socialização com pessoas do bairro.

Os amigos de verdade não, mas com certeza muitos contatos que eu tinha quando estudava em escola pública eu perdi, não tenho muito tempo para vê-los, mas tem alguns amigos que eu preservo bastante, moram perto da minha casa e sempre estou mantendo contato com eles. Com a maioria dos meus colegas eu perdi o contato (Trecho da entrevista com Mário).

O fato de muitas famílias pertencentes a essa classe social não disporem de meios de transporte, e no caso de possuírem pesa a questão do custo do combustível, é na vizinhança que as redes de sociabilidade acabam sendo construídas. Santos (1994:17) lembra que os indivíduos pertencentes às classes trabalhadoras têm outros modelos de sociabilidade diferentes em relação à amizade e que eles cumprem uma função mais importante.

À vizinhança, nas classes médias, não é atribuída a mesma importância como nas classes populares. Com pouca opção em matéria de transportes coletivos, que normalmente têm sua frequência diminuída nos finais de semana, os moradores

de um bairro acabam por tecer suas redes de relação no entorno de suas residências, conforme o depoimento desta bolsista:

Enquanto eu morava no mesmo bairro, nós nos víamos no bairro, conversávamos, mas eu me mudei dois anos depois, na verdade, um ano depois me mudei (Trecho da entrevista com Vanda).

E ainda:

Ainda mais que com algumas [referindo-se às amigas] que eu moro perto, eu as conheço desde que eu nasci, então eu tenho mais liberdade [...]. No Programa Bom Aluno e no meu bairro, porque no meu bairro, como eu conheço há muito tempo, tenho meus amigos (Trecho da entrevista com Célia).

Santos (1994:92) assinala que “nem a vizinhança nem outro contexto social pode, isolado, constituir-se como o único fator condicionante no processo de formação da amizade”. Assim sendo, embora os jovens frequentem outros espaços socializadores como o da nova escola, pesa o fato de essa fatia específica da população reunir características como a de não possuir um meio de transporte e morarem em regiões distantes que acabam promovendo uma convivência social mais frequente com pessoas que moram próximas às suas casas.

Saio com uma amiga assim, mas nem tanto, que mora lá perto de casa e uns três que também moram lá no bairro, que eu falei para você que eles também eram da mesma escola [...]. Aí que eu comecei a ter mais contato com eles, até que gerou esse vínculo de amizade (Trecho da entrevista com Sônia).

O fator objetivo “local de moradia” parece pesar na constituição das redes de sociabilidade nas camadas populares e, em particular, dos jovens investigados. Com a carência econômica em que vivem, despender as economias com passagem de ônibus, metrô ou com combustível, juntamente com o deslocamento de um adulto para levar ou buscar o jovem, parece algo inviável no caso de isso vir a se tornar uma demanda constante.

Com efeito, dois dos jovens que estão cursando o 2º ano do Ensino Médio relataram frequentar grupos de jovens das igrejas localizadas no próprio bairro. Ambos contaram sair nos finais de semana, após os cultos, com membros desses grupos. Os outros cinco jovens não mencionaram participar de grupos religiosos.

Muito pouco, livre, livre ele não tem [referindo-se à falta de tempo do filho], porque ele vai para a igreja e fica na igreja de manhã, volta para a igreja à noite, ele fica ensaiando teatro no sábado e domingo (Trecho da entrevista com a mãe de César).

Na declaração feita por outro aluno:

É, porque eu saio mais com o pessoal da minha igreja, mas eles não controlam, eu saio com quem eu quiser (Trecho da entrevista com Mário).

E ainda:

[...] ele vai à missa de manhã aos domingos, tem o catecismo de manhã, depois do catecismo, nem sei mais como chama isso, perseverança, não sei, na igreja católica, até os 14, 15 anos ele vai lá para depois fazer a Crisma. É o único lugar que ele vai sozinho (Trecho da entrevista com a mãe de Antônio).

Como essas instituições religiosas se encontram perto das moradias dos bolsistas, a possibilidade de eles constituírem grupos de convivência com pessoas do mesmo bairro ou de bairros próximos é grande. A frequência a vários espaços socializadores simultaneamente, conforme afirma Lahire (2001), faz com que o ator tenha que, constantemente, ajustar seus esquemas de ações.

Assim sendo, tenho como hipótese que as disposições adquiridas em espaços como o da igreja sejam semelhantes às adquiridas no espaço familiar, o que favorece a continuidade desses encontros que se tornam menos extenuantes. É provável que a igreja apareça como um espaço de interseção entre o espaço familiar e o novo espaço escolar. Em duas das sete entrevistas, os jovens citaram esse espaço como sendo o de maior frequência durante os finais de semana.

Uma sociação restrita no novo grupo

A distância que separa os bairros dos jovens pesquisados dos bairros onde vivem os novos colegas e, conseqüentemente, onde acontecem os encontros entre os colegas da escola particular apareceu, juntamente com as dificuldades financeiras vividas por essas famílias, como os fatores que mais impedem uma convivência mais ampliada com o novo grupo.

O trajeto de ônibus é longo. Se a família possui carro, o custo da gasolina é levado em conta. Quando há um encontro a que o jovem deseja realmente ir, há

uma mobilização por parte dos membros das famílias em torno de quem vai levá-lo e buscá-lo e de que maneira isso acontecerá.

Cinco dos jovens entrevistados disseram já ter dormido na casa de algum colega para viabilizar algum encontro. Dois relataram nunca ter dormido na casa de colegas. Uma jovem nunca saiu à noite com as novas colegas.

Depende do evento, porque quando foi a festa junina, mas eu não podia ir porque era muito longe. Os outros eventos, acho que já fui. O pai do [...] já me buscou, porque não tinha como meu pai ir. E meu pai vai me buscar em outros [...] (Trecho da entrevista com Antônio).

E ainda:

[...] é, porque foi na casa dele e ele me buscou, eu dormi na casa dele com o meu amigo e depois eu voltei para casa (Trecho da entrevista com Mário).

Pela declaração da jovem:

A gente foi no Pátio Savassi, porque todo mundo mora lá perto [...], quando eu quero ir embora, eu ligo para ela e ela me busca [...], porque eu moro no Barreiro [...]. Quando eu saio, ela vem de ônibus, mas quando eu estou indo para a escola, eu vou com as meninas de ônibus. A gente já combinou de ir ao boliche, shopping ou mesmo ir à casa delas assistir filme, alguma coisa [...] (Trecho da entrevista com Célia).

Conforme mencionado anteriormente, a presença dos bolsistas nos encontros promovidos pelos colegas durante os finais de semana requer uma mobilização por parte de todos os membros da família. De acordo com os depoimentos colhidos, eles são sempre convidados para as festas, mas, nem sempre, podem comparecer, o que gera um sentimento de frustração.

A gente sempre passa na casa da outra, e as outras também me chamaram, só que a maioria das vezes meu pai não deixa, esse negócio de transporte, a gente não tem carro e fica difícil. Esse ano eu vou, com certeza, se eu achar alguém para eu ir junto, porque fica meio difícil para ir de ônibus. A primeira vez que eu saí sozinha com as minhas amigas foi há três semanas que eu fui ao shopping e ao cinema. Minha mãe custou a deixar, mas deu, foi a primeira vez [...], ao Diamond⁴⁵, perto da escola [...], já me chamaram para tanta festa, que acho que nem vão me chamar mais porque cada dia eu dou uma desculpa, porque eu nem peço mais para a minha mãe, porque eu sei que ela não vai deixar, porque vai falar: quem vai te levar? Tem que comprar roupa, tem que comprar presente e não dá. Então eu nem peço mais. Me chamam e eu falo, eu tenho outra coisa, não vai dar. Me chamam muito, mas eu nunca vou. Agora transporte é o que pesa muito (Trecho da entrevista com Eliana).

⁴⁵ Diamond é um shopping localizado bem próximo ao Colégio Alcântara. Ele está localizado na região Centro-Sul de Belo Horizonte.

Outro ponto observado nos depoimentos foi a quase ausência dos colegas nas casas dos bolsistas pelo mesmo motivo: a distância. Porém, dois jovens relataram a presença de colegas em suas residências. Uma jovem, que mora relativamente perto da região Centro-Sul, contou ter sempre colegas estudando em sua casa. Outro jovem já recebeu a visita de dois colegas. Cinco jovens nunca receberam visitas dos colegas da nova escola. Abaixo, a fala de César ilustra essa dificuldade.

Convidei uma vez, era um pouco mais distante, ficava um pouco mais difícil da gente se encontrar, mas já foi sim, uma vez ele foi à minha casa, um outro amigo meu, o [...], super gente fina também, que foi o segundo que eu tive contato no colégio, ele chegou a ir uma vez à minha casa e teve um outro que foi também, foi bem recente [...], eu comecei a conversar com ele no ano passado, super gente fina também [...]. Ele sabia já, a gente já tinha conversado sobre várias coisas, ele já sabia que eu morava mais distante, num bairro mais humilde e ele falou que não tinha problema nenhum, a gente acabou indo lá e estava um pouco de noite, ficou um pouquinho difícil para eles voltarem, acabaram se perdendo um pouquinho, mas foi bem tranquilo. O que fica mais acessível para todo mundo [referindo-se ao local de encontro] aqui na região [Centro-Sul] é o Pátio Savassi⁴⁶ (Trecho da entrevista com César).

“A amizade é importante pelo sentimento de identidade que ela proporciona” (SANTOS, 1994:93) e, no caso deste estudo, parece que esses jovens ficam sempre à margem de se sentirem totalmente pertencentes ao novo grupo de relacionamento. Tudo indica que isso se deve à constante ausência deles nos encontros que acontecem nos finais de semana.

O simples fato de ser convidado para uma festa requer um planejamento detalhado por parte dos jovens e seus familiares, bem como por parte do colega da escola particular. Quando entrevistei Sônia, ela me deu detalhes dos arranjos que tinha feito para comparecer à sua primeira festa de 15 anos. Ela não conseguia esconder seu contentamento. Esse convite parecia um “passaporte” para a entrada nesse novo ambiente. A jovem não somente foi convidada a ir a uma festa como, também, foi convidada a passar a noite na casa da colega, devido à falta de

⁴⁶ Pátio Savassi é um shopping localizado bem próximo ao Colégio Dom Assis. Ele está localizado na região Centro-Sul de Belo Horizonte.

transporte para voltar para casa. Caso a colega não a tivesse convidado para passar a noite na casa dela, Sônia não poderia ter comparecido à festa.

Fui convidada agora para uma festa de 15 anos amanhã à noite, e minha colega falou: você mora longe, então vamos lá para casa, a gente encontra na minha casa, a gente se arruma lá e minha mãe leva e depois busca, aí eu vou para a casa dela amanhã [...]. Peguei emprestado com a minha prima um vestido, que bate no joelho, não é muito chique [...]. Amanhã vou fazer minhas unhas, cabelo, ou eu vou arrumar amanhã cedo, que é sexta-feira ou depois da escola. Como eu vou para a casa da minha colega, ela já marcou o salão lá perto. Eu perguntei a ela se era muito caro, ela falou que não deve ser muito caro, de repente [...] (Trecho da entrevista com Sônia).

Através dos depoimentos, constatei uma mobilização mais intensa por parte das famílias e dos jovens que estavam cursando o 9º ano do Ensino Fundamental do que as dos jovens do Ensino Médio. Quando entrevistei os bolsistas do 2º ano do Ensino Médio, pude perceber que esses encontros de finais de semana já não aconteciam com tanta frequência. Os bolsistas mais velhos já tinham construído novas redes de relacionamento no entorno de suas residências, seja com o pessoal da igreja, do bairro ou com parentes que moram perto.

Dentre os vários “fatores que incidem, influem, condicionam e estruturam a natureza da amizade” (SANTOS, 1994:3), a situação financeira parece vir no topo da lista. No Brasil, o lazer dos jovens das classes médias dos grandes centros urbanos acontece dentro dos shoppings onde estão localizadas as salas de cinema e as praças de alimentação. Sabe-se o quanto é caro ir a um cinema e depois comer algo em qualquer um dos shoppings localizados na região Centro-Sul⁴⁷ de Belo Horizonte. O mesmo acontece quando o programa é ir a uma festa. Existe o custo do presente, do salão de beleza, da roupa e do transporte.

Os depoimentos abaixo ilustram as dificuldades que os bolsistas encontram para se manter dentro dessas redes de amizade:

[...] e esse ano tem a viagem de formatura no acampamento MR, em Sapucaia de Minas, lá no Sul de Minas [...]. Meu avô pagou. [...]. Por exemplo, [referindo-se às festas de aniversário] dependendo da pessoa, sei que nem precisa dar presente, mas eu gosto de dar. Só que, às vezes, compro uma lembrancinha, isso não é problema (Trecho da entrevista com Eliana).

⁴⁷ Região da cidade de Belo Horizonte com maior IDH e onde estão localizadas as duas escolas particulares frequentadas pelos jovens pesquisados. A região concentra os melhores shoppings da cidade e é onde vive a maioria dos colegas das escolas particulares.

E ainda:

Vou, normalmente a gente vai pro shopping mesmo, para um cinema, para sentar um pouquinho [...]. Normalmente eu saio prejudicada porque a gente vai para o Diamond, porque é o que todo mundo prefere e é o mais longe [...]. Perto da escola. Na hora do almoço, vamos pro Diamond? Aí, normalmente vai para lá porque é o mais acessível para todo mundo, aí a gente vai para o Diamond (Trecho da entrevista com Vanda).

Pela declaração da mãe de uma das alunas:

Ela é uma pessoa muito tranquila, ano passado mesmo foi festa de 15 anos o ano inteiro, aquelas festas mais chiques. Tinha as que ela dava para ir, porque não dá para ir a todas, mas sempre ia, quando dava de madrugada meus meninos buscavam, meu marido buscava [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Vanda).

De acordo com Santos (1994:53), “os fatores que influem o processo de formação da amizade baseiam-se na similaridade da posição econômica, na educação formal, na idade, etc., dos amigos”. Portanto, temos, nessa relação, um fator de “não similaridade” que é a posição econômica dos jovens bolsistas em relação a seus colegas da escola particular. É como se houvesse uma nota que persistisse em desafinar.

Assim sendo, “A amizade é menos livre do que algumas vezes parece [...], existem claras limitações físicas e sociais, além das psíquicas, que condicionam as oportunidades de se eleger uma amizade” (SANTOS, 1994:3). A seguir, trechos do depoimento de uma mãe ilustram a afirmação desse autor.

[...] igual no caso da Célia, as meninas falam muito de viagens ao exterior [...]. Vai ter uma em janeiro e as meninas falam muito de ir, e ela começou a falar comigo: ah, que eu estou com vontade de ir. E meu marido fala comigo para tirar isso da cabeça dela porque a gente vive, como estava te falando, o que eu posso fazer eu faço, mas tem coisas que eu não [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Célia).

Não é de se estranhar que os jovens do 2º ano do Ensino Médio mencionaram frequentar bem menos os espaços de lazer destinados aos jovens das classes médias. O custo, não só financeiro como emocional, é muito pesado para eles e para suas famílias.

A rede de sociabilidade dos jovens na visão dos professores dos colégios particulares

As entrevistas com os professores revelaram ainda mais sobre a rede de sociabilidade dos jovens pesquisados. Os dois professores entrevistados do Colégio Alcântara sabiam exatamente quem eram os três jovens em questão. Eles sabiam suas notas, sabiam quem eram seus amigos e relataram passagens sobre cada um deles, como o fato de quem teve a maior queda na proficiência escolar durante os primeiros meses, quem se recuperou mais rápido, as fragilidades e os pontos fortes de cada um. Fato curioso é que uma professora, dos dois professores entrevistados do Alcântara, sabia que os três eram bolsistas; o outro, não.

Eliana é uma adolescente muito madura, ela tem as coisas na mente muito claras para ela e ela deixa isso transparecer. A gente percebe que ela conhece essas duas realidades e dá conta de diferenciar uma da outra [...], mas ela consegue se adequar, até mesmo para se sair melhor, aproveitar melhor o meio em que ele está de acordo com o momento e a situação. Eu percebo que isso vai muito pela maturidade que ela tem e não que ela queira se sobressair em relação a um ou a outro. Mas na hora em que ela está dentro de sala no Alcântara, a gente percebe que ela é uma aluna do Alcântara assim como outro qualquer. Mas nós, professores, que sabemos da realidade de onde ela vem, porque ela vem para estar aqui como ela está, a gente percebe que a realidade dela no dia a dia não é essa; coisa que eu não vejo com o Antônio (Trecho da entrevista com uma professora do Alcântara).

A contribuição que essa professora dá, abaixo, revela outra faceta da presença desses jovens nesse novo espaço socializador, que vem a ser o fato de, em vez da jovem bolsista revelar pouco ou nada de sua realidade, ela traz para dentro da escola aspectos de sua realidade. É provável que a presença de Vanda tenha causado mais impacto na vida de seus colegas do que o contrário.

Eu percebia que ela tirava isso de uma forma mais tranquila. Ela tentava trazer muito mais da realidade dela para cá, do que a Eliana. Ela colocava muito para os meninos assim: três dias da semana de manhã, eu não posso fazer trabalho, eu não posso isso, eu não posso aquilo, porque eu tenho que prestar serviço para a creche. Ela contava isso para a gente e para os meninos, que ela brincava com as crianças menores até mesmo em uma forma de retribuição, digamos assim. Pelo menos isso na 9ª série, agora que o ritmo dela de Ensino Médio já é mais pesado, eu não sei como ela está lidando com isso. E os meninos respeitavam muito isso. Então às vezes ela vinha cheia de boneco, boneca, bicho de pelúcia e tal, o que é isso? Ah, é porque eu tive que ir para a creche (Trecho da entrevista com uma professora do Alcântara).

Outra novidade revelada durante uma entrevista foi o fato de um professor, apesar de conhecer os bolsistas pelo nome, conforme acima mencionado, não ter conhecimento da origem humilde deles.

[...] até você ter me falado quem eram os alunos, eu não tinha percebido nada, nenhum tipo de traço que diferenciasse, nem em relação ao tratamento dos colegas com eles, porque eu acho que até de você estar num ambiente controlado que é a escola, uniforme, você não tem muita dimensão de qual é a realidade que está por trás do aluno. Mas eu não consegui nada, nenhum tipo de defasagem de nenhum desses três citados (Trecho da entrevista com um professor do Alcântara).

Para outra das professoras:

Ela tem um astral muito legal. Ela tem uma segurança muito boa, uma autoestima fantástica. Eu acredito que a única questão física de preconceito que ela possa ter sofrido é realmente em relação ao cabelo. Mas por ser uma menina de classe social mais baixa ou por não ter lápis importado, mochila isso, jamais. Inclusive ela faz parte de um grupo que, geralmente, são três ou quatro, [...] duas delas são meninas de uma classe social muito avantajada, tem uma japonesinha que é filha de um juiz, que mora em Alphaville, tem muito dinheiro, todo ano vai para o exterior e tudo. Ela faz parte do grupo diário dela e elas lidam muito bem entre elas (Trecho da entrevista com uma professora do Alcântara).

E ainda:

Não são acanhados. A Vanda pergunta sempre que tem uma dúvida, o que é raro porque ela é uma menina excelente, muito boa de serviço. O Antônio também (Trecho da entrevista com uma professora do Alcântara).

Já no Colégio Dom Assis, devido ao grande número de alunos e devido à grande presença de outros bolsistas, os professores não sabiam exatamente quem eram os alunos em questão. O que ajudou na identificação foi o fato de eles poderem consultar um programa de notas no qual há a foto de cada aluno. O que ocorreu durante as entrevistas foi que eles falaram, em geral, sobre o comportamento dos bolsistas do Programa Bom Aluno comparado ao comportamento de outros bolsistas. Abaixo, seguem alguns trechos dessas entrevistas.

É lógico que num grupo de 250 alunos, você não vai querer se dar bem com 249, você não vai querer ter um relacionamento igual com 249. É óbvio, eu não diria panelinhas, mas os grupos naturais, nada de segregação, não é nada de segmentação. Simplesmente identificação de valores, muitas vezes

de gosto, mas, dentro disso, totalmente normal (Trecho da entrevista com um professor do Dom Assis).

E ainda:

Eles se integram tão bem, eles interagem aqui na escola, eu já tinha comentado com você [...], os meninos têm pouquíssima, recebem os novatos muito bem, eles não estão preocupados de onde a pessoa vem, quem é o pai ou a mãe, eles querem conhecer o outro, e a gente, eu não vejo essa distinção, não são reconhecidos. Tanto que eu procuro não saber quem é do Bom Aluno, quem é bolsista, a gente acaba sabendo, porque isso não faz parte da nossa escola. Da forma que a gente cria os meninos, cria assim, educa. Eles estão acostumados, porque a gente quer que eles sejam éticos, eles sejam fraternos, que eles convivam com todos respeitando as diferenças, a gente, claro, o que tem um caso, não vejo específico porque aquele aluno é bolsista e então ele foi rejeitado ou foi excluído pelos colegas (Trecho da entrevista com um professor do Dom Assis).

A contribuição dessas entrevistas serviu também para mostrar que cada estabelecimento lida com seus alunos de maneira diferente. Isso pode afetar a maneira como os bolsistas constroem suas redes de sociabilidade.

5.2 Variáveis que impactaram e ainda impactam na proficiência escolar

Neste tópico, discorro sobre as variáveis que impactaram ou ainda impactam na proficiência dos jovens bolsistas. A mudança de uma escola pública para uma escola particular de alto nível acadêmico causou, nos casos aqui estudados, queda no desempenho escolar em um primeiro momento. Outras variáveis, quando somadas, também afetaram o desempenho dos bolsistas. As tarefas domésticas gastam tempo e são cansativas. As horas gastas com os deslocamentos deixam os jovens cansados e com pouco tempo para estudar. A falta de entendimento por parte de alguns familiares prejudica a qualidade do tempo de estudo e, por fim, o pertencimento de classe demonstrou que alguns desses jovens não se sentem com direito de pedir esclarecimentos no caso de uma dúvida durante a aula.

Mudanças de ritmo e de exigência escolares

O fato de esses jovens bolsistas serem excelentes alunos nas escolas públicas de onde vieram e onde cursaram o ensino fundamental não significa que eles serão, automaticamente, excelentes alunos nas escolas particulares. A mudança de estabelecimento causou, nos casos estudados, uma queda no rendimento escolar. É altíssima a exigência acadêmica das duas escolas particulares, classificadas entre as dez primeiras escolas no ENEM/2008 no Brasil, focalizadas neste estudo. É de se esperar que o jovem sinta-se frustrado no primeiro semestre do seu ingresso ou até mesmo durante o primeiro ano.

Apesar de o Programa preparar os bolsistas durante um ano antes de seu ingresso na escola particular, o verdadeiro “baque” só acontece quando os jovens começam de fato a frequentar a nova escola. A preparação oferecida pelo Programa abrange desde as matérias clássicas, como português, matemática, inglês e redação, até a parte de higiene pessoal, postura, aquisição de novos hábitos de estudo e “desenvolvimento pessoal”, em que são abordados temas como a diferença de classe social entre os bolsistas e os novos colegas. César descreve como foi sua chegada ao Dom Assis:

Inicialmente eu tive certo baque, porque foi o primeiro contato, eu tive um pouco de dificuldade, mas foi só no 1º trimestre. A partir do 2º trimestre eu consegui me destacar mais. Em geral, as turmas são um pouco grandes no Dom Assis, no período em que eu entrei tinha 35 alunos e eu ficava entre os 10 primeiros com as melhores notas. Fazia, sim, certa diferença o Bom Aluno também, no caso (Trecho da entrevista com César).

A jovem Eliana explica, abaixo, que a preparação dada pelo Programa foi muito importante para sua entrada na escola particular e conclui não ter aprendido nada de história enquanto estudava na escola pública. A enorme demanda de uma escola de prestígio acadêmico faz com que se tenha a sensação de que não se sabia nada antes de ingressar nesse estabelecimento de ensino.

Foi muito mais tranquilo com o Programa Bom Aluno, se eu tivesse entrado sem o Bom Aluno seria muito diferente. O Bom Aluno me deu uma preparação muito boa, porque, em relação à matéria, vim muito defasada, porque na Professor Cassiano eu não aprendi quase nada, aprendia o que eu queria e conseguia pegar, mas, de história, não sei de nada dessas matérias para baixo, fui ver história na 7ª e 8ª, então quando o professor

falava: lembram dessa matéria? Não, não lembro. História, com certeza. História é muito difícil, chego para uma amiga minha de escola pública e falo: como é história? Fechei história. No Alcântara é impossível, em história você tem que dar tudo de você, não é questão, por exemplo, qual é o nome do rei? É tudo contextualizado, ele não quer saber só isso. No Alcântara não é superficial, você tem que aprender, entender a fundo, profundo mesmo. No Alcântara dão muita curiosidade, não ficam só na matéria superficial, vão a fundo mesmo, essa é até uma diferença de escolas particulares como o Alcântara, porque eles dão muito a fundo (Trecho da entrevista com Eliana).

Cada jovem apontou uma ou mais matérias como sendo as mais “difíceis” na nova escola. A reflexão que Vanda faz de seu desempenho acadêmico é bastante madura. Abaixo, trecho da leitura que Vanda faz sobre as matérias em que ela tem mais dificuldades.

Eu acho que as matérias de escrita são as mais difíceis. Porque a matemática, tem gente que tem facilidade e tem gente que tem dificuldade, dependendo da base a sua dificuldade pode ser suprida porque você consegue aprender. Agora, a escrita, história e geografia, eu praticamente não tinha, eu não lembro. Biologia, são ciências que você tem que se lembrar de coisas anteriores que eu até tenho facilidade [...], matemática, não tive problema. Mas isso da escrita, quem não escrevia bem, quem não teve uma boa preparação em matemática, em geografia, biologia. Tem gente que se lembra das coisas da 5ª série hoje, eu não lembro porque não era bem ensinado, era uma coisa ou decoreba, ou passava no quadro, não era explicado para nós. Então em biologia eu tive dificuldade, história eu me esforcei demais, geografia ainda em alguns colégios particulares é meio decoreba porque são matérias que você precisa de uma carga anterior que vai acumulando e isso costuma dar mais trabalho (Trecho da entrevista com Vanda).

Alguns jovens, como Célia, apontam as dificuldades que estão tendo como dificuldades pessoais. O sofrimento desses jovens é grande pelo fato de terem sempre sido excelentes alunos e, de um dia para o outro, veem seu desempenho cair e, por mais que o Programa tivesse explicado que isso aconteceria, a frustração é enorme e eles e suas famílias não sabem bem como lidar com isso.

Acho que muda de ano para ano, porque ano passado eu tinha muita dificuldade em geografia, achava muito difícil. Só que esse ano eu estou indo bem e estou tendo muita dificuldade em português, porque eu tenho dificuldade em interpretação, é mais difícil para mim (Trecho da entrevista com Célia).

Pela declaração da mãe de Célia:

[...] porque até ela se adaptar com o colégio, ela chegava às vezes chorando que estava sentindo muita dificuldade, porque estudava, uma menina que não precisava estudar e tirava nota boa [...], estudava, estudava

e, porque as provas do Dom Assis tem que interpretar, não é aquela coisinha fácil [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Célia).

Sônia se culpa por seu fraco desempenho em interpretação de texto e não consegue ver como melhorar seus resultados. Afinal, foi dada a ela a chance e ela não está conseguindo. Essa jovem, como produto de socialização das classes populares, não se acha capaz de conseguir tal feito. Lareau (2003) observou o pouco uso do diálogo e da argumentação em famílias dos meios populares e lembra que o uso dessas ferramentas fomenta a reflexão e o raciocínio. Talvez a falta dessa prática na vida de Sônia possa ser um dos elementos explicativos para suas dificuldades. Discorrerei, com mais detalhes, sobre o estudo de Lareau (2003) adiante.

Português. Porque em todas as provas exige muita interpretação e eu vejo, você sabe a matéria todinha, igual história, você sabe a matéria todinha, o professor às vezes coloca um enunciado lá na prova, na questão e você fica assim: como assim? O que ele está querendo dizer? Você sabe a matéria, mas responde errado, porque você interpretou a questão errado, então você tem que ter um português muito bom e eu tenho dificuldade em interpretação, não sei como melhorar isso. Eu leio, mas é com o tempo mesmo. Isso está me prejudicando bastante [...] (Trecho da entrevista com Sônia).

Dispensa de tarefas domésticas

Todos os sete jovens entrevistados afirmaram ser encarregados de arrumar suas camas e seus quartos. Somente Antônio, além de arrumar sua cama, tem como tarefa diária arrumar as camas de seus três irmãos e a de seus pais. A organização das gavetas também é de sua responsabilidade. Os outros jovens ajudam quando podem. Os pais expressaram, claramente, durante as entrevistas, que a prioridade é dos estudos. Sendo assim, as tarefas domésticas são delegadas a outros integrantes da família.

Ela arruma a cama dela, agora ela fica mesmo por conta de estudar. Eu prefiro que fique, eu falo: vai estudar, porque tem que estudar bem antes, não é só na prova; tem que ler e eu falo: já estudou? Fico mais deixando que ela estude (Trecho da entrevista com a mãe de Célia).

E ainda:

A cama dele é ele quem arruma. Lavo as roupas, passo. As gavetas, ele que mantém organizadas, mesmo porque tem falta de espaço, o copo que ele usa, ele lava prato e às vezes não dá tempo, porque ele sai correndo, mas todo mundo tem suas obrigações aqui em casa (Trecho da entrevista com a mãe de Antônio).

Embora possamos pensar que arrumar o quarto e fazer a cama sejam tarefas fáceis, vale lembrar que os jovens das classes médias não possuem essas obrigações. Arrumar a casa gasta tempo e energia e é sempre uma atividade a mais.

Ficou claro que alguns jovens acabam ajudando suas mães nas tarefas domésticas e até mesmo com a renda (caso de Eliana, que ajuda a mãe a enrolar salgados) por acharem que fica muito pesado para elas. Os trechos das entrevistas, abaixo, ilustram essas observações.

Às vezes a minha mãe pede para lavar vasilha, arrumar meu quarto. Quinta-feira, por exemplo, tem prova na sexta. Às vezes eu costumo ajudar porque eu não consigo, eu fico vendo, ainda mais enrolar salgados, ela se acha devagar, eu não acho, só que ela fica desesperada quando não consegue, por exemplo, em uma hora ela enrola 20 coxinhas, ela fica desesperada, não tem tempo, não sei o quê. Aí eu vou lá, ajudo, só que quando eu fui ajudar não tinha prova, já tinha passado, acho que ela liberaria (Trecho da entrevista com Eliana).

Pela declaração de César:

Sempre ajudei, desde meus oito anos, eu acho, nas tarefas domésticas como lavar vasilha, lavar banheiro. Minha mãe nunca julgou se era tarefa para mulher, sempre, se está dentro de casa, está sujando, tem que ajudar a limpar também. Ainda assim, eu continuo a ajudar dentro de casa (Trecho da entrevista com César).

Vanda demonstrou se sentir bem em ajudar a mãe com as tarefas domésticas. Para ela, isso não representa um peso. Ela relata que, durante suas férias, assume praticamente sozinha a limpeza da casa e o preparo das refeições. Enquanto os jovens das classes médias estão viajando para as praias brasileiras ou para o exterior ou até mesmo fazendo um intercâmbio de férias para melhorar a fluência em uma língua estrangeira, os jovens pertencentes às classes populares se ocupam em ajudar os familiares nas tarefas da casa.

[...] quando acontece alguma coisa, por exemplo, minha avó ficou mais de duas semanas internada, ela foi para casa na terça-feira agora, porque ela quebrou o fêmur e teve que ficar no hospital um tempão. Então minha mãe não estava em casa, na segunda, que é o dia que eu vou para casa, almoçava, trocava de roupa e arrumava cozinha, fazia o jantar, ajudava o meu pai, qualquer coisa que precisar fazer eu sei fazer tudo. Se a minha

mãe puder fazer ela faz, porque realmente não sobra muito tempo para isso. Eu arrumo cozinha, eu gosto de cozinhar, então, nas férias, fazer o jantar, o almoço, arrumar a casa, lavar banheiro, meio tudo assim, lavar e passar é que eu faço muito [...]. Igual agora no caso da minha avó, em nenhum momento a minha mãe chegou para mim e falou: ô filha, você vai para casa, dá uma ajeitada para mim. Mas eu tinha consciência, não ia deixar a minha mãe chegar em casa à noite, cansada, e arrumar a casa. Eu tenho consciência que eu tenho que fazer a minha parte (Trecho da entrevista com Vanda).

Condições (des)favoráveis para estudar: ausência e incompreensão da família

Cinco dos jovens entrevistados expressaram, com frustração, a falta de cooperação (entendimento) por parte da família no momento de promover um ambiente silencioso e propício para estudar.

Nota-se que as famílias populares sentem-se, de alguma forma, compelidas a contribuir com a escolarização de sua prole e, segundo Thin (1998), por motivos que vão desde evitar que sejam estigmatizados pelos outros pais até que sejam mal vistos pelos próprios representantes legais da escola. Ao não possuírem as lógicas exigidas pela escola e pelos professores e, sim, possuírem lógicas que tiveram como “matriz geral o ponto de vista popular sobre a escola”, conforme afirma Queiroz (1995 *apud* NOGUEIRA: ABREU, 2004:47), essas famílias acabam por não corresponder às expectativas dos professores.

Às vezes eu estudo, quando é só para ler algum livro ou revisar matérias no caderno, mas em geral eu estudo mesmo na sala, fazendo meus exercícios, porque dá para ter uma postura melhor, porque no meu quarto não tenho uma mesa, uma cadeira em que eu possa estar sentado para ficar mais concentrado ali, geralmente é na sala. Às vezes é um pouco difícil porque o meu padrasto e minha mãe querem ver televisão, então eles veem, mas, mesmo assim, eu consegui aprender isso, mesmo com um barulho ao lado estou conseguindo centrar ali no que estou fazendo (Trecho da entrevista com César).

E ainda:

Às vezes é minha irmã que fica chorando demais e acaba desconcentrando a gente. Eu falo, por favor, faz silêncio, mãe. Eles não resolvem não, teve um dia que eu até fui para a rua estudar, fazer o para casa na rua, fui mesmo, sentei na porta de casa e fui fazer [...] tinha televisão, choro, tudo [...] (Trecho da entrevista com Sônia).

Pela declaração de Mário:

Minha família não entende muito isso, quando eu estou estudando eles entram toda hora no meu quarto me chamando, e eu falo e eles acham que estou com raiva deles, que não sou acessível, que eu estudo no Bom Aluno, mas não sou acessível. Muitas vezes acho que eles não entendem isso de eu ter que dedicar meu tempo, grande parte do meu tempo, para estudar (Trecho da entrevista com Mário).

Para Sônia, a jovem que vem enfrentando dificuldades na nova escola, a mãe não participa nem um pouco de sua escolarização. A jovem, que demonstrou estar sofrendo por não estar conseguindo manter um bom desempenho escolar no Dom Assis, gostaria de ver sua mãe participando das reuniões da escola. O fato de ela participar das reuniões do Bom Aluno e não participar das reuniões do Dom Assis pode estar ligado ao medo de ser repreendida pela direção do Programa ou pelo fato de se sentir constrangida em frequentar um novo ambiente social. De qualquer maneira, a não presença da mãe de Sônia nas reuniões do colégio parece estar contribuindo para o sofrimento da filha.

Agora ela ajuda mais, mas nem tanto, porque tem reunião de escola, a minha mãe é desinteressada, não vai [...]. Aqui no Bom Aluno ela vem, quando pode, mas reunião de escola no Dom Assis ela não vai. É, terça-feira dos alunos do Programa [...], eu falei, mãe, vai que é importante, é o primeiro ano em que estou lá, ela não, não vou porque os horários deles são muito [...], igual quatro horas da tarde a reunião. Acho que é preguiça mesmo. Eles não se preocupam. Não, meu pai se preocupa (Trecho da entrevista com Sônia).

Tempo de deslocamento casa/escola

Dois dos sete jovens apontaram o tempo de deslocamento como um fator que dificulta uma maior dedicação aos estudos. Acrescido a isso, o cansaço proveniente da longa jornada diária faz com que esses jovens tenham pouca qualidade de tempo de estudo. César foi convidado a morar na casa de um colega que vive na região Centro-Sul de Belo Horizonte. Seu tempo dentro do ônibus era de aproximadamente quatro horas somando o tempo de ida com o de volta casa/escola. Essa mudança de endereço, somente durante os dias da semana, fez com que César se livrasse dessa dura rotina.

Dez e meia da noite, aí que ele ia estudar, fazer dever, até meu marido ficava assim: você não acha que está tarde para ele dormir? Eu falei: mas ele tem que fazer os deveres, ele sabe, ele tem consciência. Porque ele falava: já é madrugada, ele via pela greta da porta que a luz ainda estava acesa. Minha mãe às vezes fica preocupada porque três horas da manhã está o César acordado estudando, ele fica até as quatro; mas ele só tomou banho e foi para a escola. Ele tem que fazer isso enquanto é novo porque depois não vai conseguir (Trecho da entrevista com a mãe de César).

Já Sônia afirma que parte de suas dificuldades está ligada ao fato de não ter tempo suficiente para estudar. A coordenação do Programa tem ajudado como pode, ministrando aulas particulares das matérias em que a bolsista está com mais dificuldade. Sônia tem queixado de dores de cabeça que a impedem de estudar. Os depoimentos abaixo ilustram bem isso.

Algumas coisas também que me prejudicam, que antes eu não tinha isso e ficar lendo frequentemente, eu não tenho muito tempo, o tempo que eu tenho que ler livro, essas coisas é no ônibus, isso prejudica, eu tenho dor de cabeça todo dia, acabo me prejudicando [...]. Não só no ônibus, mas tem dia que eu durmo muito tarde e acordo cedo para vir para o Bom Aluno, então eu não descanso muito e não tenho disposição para estudar no outro dia. No outro dia, eu já durmo e acordo com dor de cabeça. Tem que ter um tempo de estudo. No Dom Assis eles falam, o professor coordenador nosso [...], ele marcou uma entrevista com os novatos e falou o tempo mínimo que vocês têm que estudar para estar no Dom Assis, o tempo mínimo de vocês é três horas (por dia) [...]. Eu falei: não tem jeito, eu não tenho esse tempo (Trecho da entrevista com Sônia).

Os outros cinco jovens não mencionaram o tempo de deslocamento como sendo algo que influenciasse no desempenho escolar.

Medo de se expor: “direito a ter direito”

Para Lareau (2003), a sintonia entre a escola e as classes médias é bem maior do que com as classes populares. Em sua pesquisa etnográfica, realizada com famílias das classes trabalhadoras e com famílias das classes médias, a autora descreve a existência de modos distintos de criação dos filhos nesses dois universos familiares. O que ela percebeu em seu estudo foi a existência de um padrão de criação, nas classes médias, que ela denomina de “cultivo orquestrado”, e, de outro,

comum entre as famílias dos meios desfavorecidos, que ela denomina de “crescimento natural”.

Tais estilos acabam por fazer com que o indivíduo das classes médias (no caso da pesquisa de Lareau, os filhos dessas famílias) interiorizem um sentimento de ter direito a intervir em seu próprio interesse, ou seja, de ter direito a “ter direito”. Eles se sentem merecedores de atenção, não tendo medo de se colocarem em situação de destaque.

Já nos meios populares, essa autora não observou esse tipo de sentimento. O que ela detectou foi um sentimento, por parte dessas crianças, que era o de não se sentirem merecedoras de atenção por parte de pessoas que simbolizavam “autoridade”, como a figura de um professor, de um médico ou de uma assistente social.

Um dos bolsistas entrevistados relata perceber como outros bolsistas que não são do Programa comportam-se na escola particular.

Inicialmente sim, dá para perceber que eles [referindo-se aos bolsistas] se sentem bastante deslocados, às vezes eles são mais quietos, mais calados, não se envolvem muito com as pessoas, mas os alunos ali do Dom Assis se interagem facilmente, e sempre estão buscando pessoas para estarem vindo para o convívio, vindo para uma discussão, para o debate. Naturalmente esses alunos, esses outros bolsistas, se integram aos alunos, porque isso acaba acontecendo (Trecho da entrevista com César).

A própria Eliana traz à tona um comportamento interiorizado pelo padrão de socialização de sua classe de origem:

[...] o professor de história brinca muito, e fica falando na aula de Revolução, por exemplo, você sabe como é pobre, quando vê que tem alguma coisa, fica assim. Ah, eu fico meio quieta e tal. É muito diferente (Trecho da entrevista com Eliana).

Já Sônia não se sente no direito a “ter direito” de perguntar ao professor, no caso de uma dúvida, preferindo perguntar ao colega. Para essa jovem, a interação com o símbolo de autoridade, que pode estar relacionado com a figura do professor, é acompanhada de uma sensação de desconforto, ou pode ser também por medo de se expor em um ambiente que ela não se julga merecedora de frequentar.

Um pouco, porque às vezes você tem uma dúvida que é banal e eu fico com um pouco de vergonha em perguntar, porque os alunos de escola particular são praticamente nerds. Então você tem uma dúvida boba e acaba perguntando mais para os seus amigos do que para o professor (Trecho da entrevista com Sônia).

Esta pesquisa mostrou que, apesar de terem sido socializados nos meios populares, os outros jovens introjetaram “o direito a”, por exemplo, como o direito a fazer perguntas em sala de aula, conforme depoimentos de alguns professores.

Desempenho escolar dos jovens bolsistas em relação à turma

Trato de verificar aqui o nível de proficiência dos jovens bolsistas em relação à turma da escola particular. Para isso, consulte a direção do Programa, bem como ouvi depoimentos dos professores das escolas particulares.

Dão conta de acompanhar, dão conta de corresponder, tanto Vanda, Eliana e Antônio. São meninos que já entram com uma média alta, porque aqui, não sei se você sabe, no Alcântara tem a média individual, a média da turma e a média geral (Trecho da entrevista com uma professora do Alcântara).

Vanda, Eliana e Antônio se encontram na média alta entre os colegas do Alcântara. César e Sônia, no momento da entrevista, encontravam-se na média baixa, Mário na média, Célia na média alta. Todos os quatro jovens estão matriculados no Dom Assis.

5.3 Impactos no cotidiano das famílias

O terceiro eixo de análise trata de descrever os impactos e/ou as mudanças percebidas no cotidiano das famílias dos bolsistas após a entrada do filho em uma escola particular de alto nível acadêmico.

Para Lahire (2004), a família e a escola constituem redes que, quando se complementam, geram situações de sucesso escolar ou, quando não se

complementam, podem gerar situações de fracasso escolar, sendo esta última condição a mais comum de se encontrar nos meios populares.

Acredito que as famílias aqui pesquisadas, por fazerem parte do seletivo grupo de famílias das camadas desfavorecidas em situação de sucesso escolar, já façam uso de práticas que estejam em consonância com as práticas educativas da escola. O que se tentou observar, então, foram os impactos e/ou as mudanças que ocorreram no cotidiano dessas famílias após a entrada do filho em uma escola de alto nível acadêmico.

Para Perrenoud (1987), o simples fato de uma criança entrar na escola já causa mudanças na rotina de uma família por, pelo menos, nove anos, isso no caso de o jovem não entrar para um curso superior e ser filho único. A escola marca o ritmo das famílias, estrutura os horários, independente de a mãe trabalhar fora ou não. O peso dessa rotina varia de acordo com o sentido que cada família atribui à escolarização.

Controle do emprego do tempo (hora das refeições, hora do lazer, hora de estudar, hora de descansar)

Uma ordem moral doméstica que se baseia em noções de bom comportamento, no respeito às regras, na necessidade de se esforçar e de perseverar faz aumentar as chances de se ter uma boa escolarização. Sendo assim, a estrutura cognitiva da criança, que é desenvolvida junto à família, pode estar em consonância com aquela que é requerida pela escola, afirma Lahire (2004).

Os trechos das entrevistas abaixo ilustram como o controle do tempo, que é exercido pela mãe sobre ele, está em total conformidade com as novas demandas da escola.

Primeiro eu chego do colégio em torno de 6h50 e assisto TV até 7h30. Depois eu lancho e faço dever de casa [...]. Ficou mais difícil, ficou mais corrida a vida na minha casa. No outro colégio não era tanta correria, agora tenho [referindo-se às atividades no Programa] que estudar mais para as provas e minha mãe fica fazendo o almoço e tenho que ficar almoçando e estudando, ao mesmo tempo. Minha mãe me acorda no dia que tenho Bom Aluno, e, para dormir, lógico, depende do dia, nos dias de semana ela me manda dormir mais cedo que nos outros dias. Tipo quando na sexta-feira eu

tenho prova, aí minha mãe fala: hoje você vai estudar para você se dar bem, de manhã. Aí eu vou lá, faço a tarefa e vou estudar [...]. Se tem algum programa que eu vejo na televisão, minha mãe me deixa assistir no final de semana. (Trecho da entrevista com Antônio).

E ainda:

Controlo, porque eu sei como é a gente estudar em casa cheia, não dá certo. Mas controlo, sim [...]. Pode sentar lá, pode deitar lá um pouquinho e esperar o Antônio fazer o para casa, tenho que controlar, não tem jeito. É tudo organizadinho na hora certa, como falei para você, ele chega aqui, aquele lazerzinho, aquele descansinho que ele tem, assiste o que ele gosta, o Pica Pau, se não me engano, come alguma coisa e eu pergunto: tem dever? [...]. É uma briga, mas a gente tenta controlar, porque às vezes está na hora de dormir e falo: gente, desliga essa televisão. Ah, me deixa ver. Ele gosta muito de um programa, me esqueci, aí falo: Antônio, já deu dez horas, amanhã você tem Bom Aluno. O dia que ele vai só para o Alcântara à tarde, eu deixo ele acordar um pouquinho mais tarde, uma hora mais tarde, mas sempre tem que estudar para prova, tem que fazer um trabalho, eu controlo, na medida do possível eu controlo [...]. Todo dia eles me dão o relatório completo, ele prega ali, quando tem alguma circular que ele tem que, igual prova, toda sexta-feira tem, eu falo: Antônio, vai estudar o quê para amanhã? Acompanho, eu achei que não ia conseguir acompanhar porque no Alcântara é muito detalhezinho, muita circular, tudo tem circular. No outro [antigo colégio] que era mais, era estadual, não é que não tinha as circulares, tinha, mas as coisas eram mais espaçadas. No Alcântara são muitas atividades e o Antônio quer participar de tudo. Eu falei: Antônio, pelo amor de Deus [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Antônio).

Reiterando Lahire (2004), as formas de autoridade familiar são importantes, pois a escola primária é repleta de regras que exigem de seus alunos noções de disciplina para uma melhor assimilação do que a escola propõe ensinar. Quando em consonância com os regimes disciplinares da escola, essas formas podem contribuir para o bom desempenho acadêmico; quando opostas, podem acarretar dificuldades para as crianças.

O depoimento abaixo demonstra como as famílias investigadas – no caso da família de Vanda - controlam tudo relativo à vida escolar de seu filho.

A casa gira em torno [...] dos horários dela, porque se ela vai chegar e eu não estou em casa tem que ter outro para buscá-la no ponto. Se ela vai, meu marido busca. Cada um se ajuda e não é sacrifício. A gente faz porque são as condições que a gente tem para ajudá-la, já que ela precisa. Lá em casa a gente é assim, um ajudando o outro, o mais velho tem um ritmo de estudo, trabalha, pode chegar, a comida está pronta. Lá a gente é assim [...], semana de prova, eu pergunto: hoje ela tem prova [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Vanda).

Pela declaração de Célia:

Eles controlam, minha mãe principalmente, sabe quando eu tenho prova, os dias e tal; ela só pergunta: você estudou para a prova? Mas o horário que eu vou estudar eu que controlo (Trecho da entrevista com Célia).

A mãe de Célia, por sua vez:

[...] mais para ela, porque para mim, como não trabalho, tenho muito tempo livre, mas para ela eu tenho que ficar administrando o tempo dela (Trecho da entrevista com a mãe de Célia).

Controle da aparência, da alimentação, da frequência à escola e do desempenho acadêmico pelo PBA

As famílias mostraram que o Programa supervisiona a alimentação, a saúde, a frequência à escola e o desempenho acadêmico dos seus filhos. Então, temos uma situação um pouco inusitada: uma instituição que supervisiona os pais que, por sua vez, supervisionam os filhos.

É provável que essas famílias se sintam acolhidas pelo Programa. Seria algo como ter um parceiro com quem contar nos bons e nos maus momentos nessa etapa de escolarização dos filhos.

Por motivos que variam desde o temor de perder a bolsa até o orgulho de mostrar como cuidam bem de seus filhos e como interiorizaram as demandas do Programa, esses pais colaboram para que essa parceria ocorra da melhor maneira possível.

Abaixo, o trecho da entrevista ilustra uma mãe que, aparentemente, não sabia que seu filho “deveria” ter sido liberado do trabalho doméstico. Acaba relatando que o liberou dessas tarefas após a visita da psicóloga-pedagoga do Programa.

Antes, no início não, quando estava só no Bom Aluno e no início do Dom Assis não [...], falei: o que você sujar você lava. Até o dia em que a [...] [psicóloga-pedagoga do Programa] foi fazer entrevista lá em casa e ele estava arrumando cozinha. Era ótimo para ajudar a fazer faxina, juntávamos nós dois [...] (Entrevista com a mãe de César).

E ainda:

Ligam para cá para saber [...] quando vai ao médico e se ele não vai à aula, eles ligam para saber o porquê, estão sempre ligando (Trecho da entrevista com a mãe de Mário).

A mãe de Antônio faz uma avaliação positiva desse acompanhamento. Ela fica sabendo de “coisas” que o filho não conta. O Programa parece contar com o apoio das famílias, tanto é que, se precisam de algo, acabam por contar com a ajuda das famílias e vice-versa.

Eu avalio que é muito importante para, principalmente, porque ele passa mais tempo fora do que em casa. O acompanhamento do Bom Aluno é importante por isso, eles me dão acesso a algumas informações deles. O Antônio está assim, eles ligam para mim, está conversando demais [na sala de aula]. Esse ano parece que ele está melhorzinho, mas ano passado ela me ligou, está conversando demais, tem que conversar com ele, olha a letra dele, e isso me ajuda porque [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Antônio).

Já o depoimento dos pais de Eliana atesta que eles contam com o acompanhamento do Programa para que a filha não “se desvie” do caminho rumo à conquista do diploma de um curso superior. Parece que as famílias se preocupam em não prejudicar os filhos ou em não criar uma situação de constrangimento perante os funcionários do Programa. Daí decorre uma vigilância acirrada sobre a vida dos filhos.

Eu acho que tem outro lado que é mais importante, porque apesar de tudo que minha esposa falou, o acompanhamento é passo a passo, eles não deixam os meninos desviar, de forma alguma, orientações [...] (Trecho da entrevista com os pais de Eliana).

Aumento das tarefas domésticas para os familiares

Por outro lado, ao liberarem os filhos das tarefas domésticas, essas mães veem seu trabalho doméstico aumentar chegando ao ponto de sofrerem críticas por parte dos familiares. Mesmo assim, isso não tira o ânimo dessas famílias de seguirem com suas vidas após essas mudanças.

O valor dado a uma educação de qualidade e à chance que seus filhos tiveram de fazer parte do Programa supera qualquer dificuldade que venha surgir ao longo do processo.

Às vezes, gente da minha família fala: a Eliana não te ajuda em nada e, normalmente, minha mãe explica: ela não tem tempo de me ajudar, ela chega da escola tarde e não dá para fazer nada, de manhã ela estuda, à tarde ela estuda e não tem tempo para me ajudar. Minha mãe nunca chegou a impor, mas ela falava que depois, quando eu estivesse na 7ª série, eu ia ter que fazer, arrumar a casa para ela. Só que eu entrei no Alcântara, fui salva pelo gongo, porque eu não tive mais tempo (Trecho da entrevista com Eliana).

A mãe de Eliana, por sua vez:

[...] eu não a tiro para me ajudar em nada porque já é muito apertado, eu sei que ela tem que estudar e se eu tirá-la para fazer tarefa de casa vou estar prejudicando-a. A minha preferência é que ela estude [...]. Ela arruma, mas às vezes quando ela levanta e vai tomar banho, eu já arrumo para adiantar para ela, para não sair atrasada também. Mas às vezes eu dou a ela o quarto: Eliana, hoje você limpa o seu quarto. O dia que ela está mais folgadinha, eu deixo o quarto dela para ela arrumar (Trecho da entrevista com a mãe de Eliana).

E ainda:

Não, porque não tenho muito tempo e minha mãe fala comigo: é melhor você estudar do que ajudar, porque ela dá conta de fazer o trabalho doméstico sozinha. Só quando eu estou à toa mesmo, não tenho nada para fazer, que eu ajudo (Trecho da entrevista com Célia).

Todos os sete jovens relataram que fazem suas camas pela manhã e que limpam seus quartos na medida do possível. Eles também relataram, principalmente as meninas, que, sempre que podem, ajudam as mães a cozinhar ou limpar a casa e não demonstraram descontentamento com isso. Todos afirmaram que as mães preferem que eles estudem a trabalhar na casa. Parece que todas as famílias incorporaram essa tarefa a mais para que seus filhos gastem suas energias com os estudos.

Às vezes a minha mãe ia trabalhar cedo e eu levantava cedo e arrumava a casa toda, a casa ficava limpinha. Minha mãe chegava: nossa, você passou pano na casa, arrumou a casa? (Trecho da entrevista com Sônia).

Frequência a outros espaços de sociabilidade

A cada ano, a escola insere a criança em uma nova rede de sociabilidade (PERRENOUD, 1987:149). Mesmo que a amizade entre os colegas de classe seja mantida, existem os novos alunos, os novos professores e os novos funcionários. Periodicamente, essas redes são reconstruídas.

Também as famílias veem suas redes de sociabilidade alargadas à medida que aumenta a frequência no espaço escolar e, por vezes, se veem na companhia dos pais dos colegas nas festas e nas reuniões promovidas pela escola.

No caso das famílias dos bolsistas, essa mudança de estabelecimento escolar por parte dos filhos acaba por causar certo incômodo. Não somente os outros pais são de uma classe social diferente, mas também os diretores, os professores e os coordenadores, o que nos remonta a Lareau (2003), que observou um sentimento de desconforto por parte dos indivíduos das classes trabalhadoras nas interações com pessoas que simbolizam autoridade, como no caso da escola na figura de seus professores.

A inserção em um novo ambiente de sociabilidade toma formas que variam de família para família, afirma Perrenoud (1987:154). Por vezes, os pais não querem prejudicar o filho, mas demonstram certo receio em se relacionar com outros pais. A mãe de Célia relatou ter conversado, brevemente, com a mãe de uma colega da filha, quando esta chegou à casa da amiga para assistir a um filme. O pai de Eliana relatou ter conversado, longamente, na porta de sua casa, com o pai da colega da filha quando este foi levá-la para estudar.

No trecho da entrevista abaixo, os pais de Eliana demonstraram preocupação antes da primeira reunião do Alcântara. Eles não se achavam merecedores de ter uma filha estudando em uma escola como o Alcântara. É nítido como o padrão de socialização sofrido pelas classes populares (LAREAU, 2003) produz indivíduos que não se sentem no “direito de ter algo”, como o acesso a uma escolarização de alta qualidade.

Fomos. Foi um coquetel, teve a palestrante, foi um coquetel. Foi tipo uma reunião de início [...]. Teve a reunião para falar dessa viagem que eles vão fazer da formatura. Eu às vezes me preocupava até se vai ter reunião de pais, eu me preocupava em ir e interagir muito com essas pessoas diferentes, a gente fica receosa até para falar [...]. Até o assunto é

diferenciado. Eu não tenho assunto igual ao deles. É meio complicado, mas depois de participar de algumas reuniões eu vi que não é tão assim, que sempre tem alguém que você consegue conversar melhor com aquela pessoa, e eu não notei uma coisa tão diferente. Mas no início eu ficava assim [...]. Ficava preocupada quando falava que tinha uma reunião, às vezes eu falava: vai [para o marido]. Mas ele também não gosta muito de ir, prefere que eu vá. A princípio parece que tem uma blindagem, que são pessoas inacessíveis, só que depois você está na mesma área, você se torna igual (Trecho da entrevista com os pais de Eliana).

Depois de frequentar algumas reuniões e de muita angústia antes de cada encontro, o casal chegou à conclusão de que, se a filha estuda nesse colégio, é porque ela merece. Entretanto, esse nunca será um ambiente de descontração para esse casal e, provavelmente, o alargamento de sua rede de sociabilidade não passará por essas pessoas.

A princípio quando você está conversando com alguém que já entrou no ambiente, eu já estou aqui dentro, ele já vai me olhar e falar assim: se está aqui dentro é porque pode estar, teve acesso. E aí você já começa a achar que está melhorando, as coisas estão melhorando [...]. Das reuniões que eu fui, eu conversei muito pouco, conversei com um pai que estava ao meu lado, um que estava à direita e outro que estava à esquerda [...] [referindo-se às reuniões no Alcântara] (Trecho da entrevista com os pais de Eliana).

Orçamento doméstico

Perrenoud (1987) afirma que é nesse domínio que as famílias sentem o peso da escolarização e, no caso desta pesquisa, é o peso **indireto** (grifo meu) de uma escolarização de alto nível, já que os custos diretos são por conta da entidade patrocinadora.

Teve uma época que sim [...], teve porque o César falava: mãe, estou precisando de tênis assim e começou a querer escolher. Falamos, conversamos, teve uma vez que meu filho comprou um tênis para ele de mais de R\$200,00, eu falei: você é louco. Mas nós vamos pagar, mãe. Eu falei: você vai pagar sozinho porque não mandei você comprar. Eu falei: não vou fazer isso, porque hoje quer isso e amanhã quer outra coisa. E enquanto você está pagando ainda as prestações de um, ele vai querer outro, não vai dar. Fizemos ele entender que não dava, ele entendeu direitinho e hoje, quando ele vê um colega comprando uma camisa, igual à do amigo dele de R\$300,00 no shopping, ele acha um absurdo. Ele fala,

com R\$300,00 eu vou no shopping Oiapoque⁴⁸ e compro um tanto (Trecho da entrevista com a mãe de César).

Mesmo com o Programa custeando as despesas diretas com a escolarização dos jovens, como uniforme completo, material escolar, transporte, alimentação e viagens, o convívio com colegas pertencentes às classes mais favorecidas desperta o desejo de possuir algo que faça com que eles tenham uma sensação de pertencimento a esse outro universo.

Até nas condições de material dela que o Bom Aluno fornece tudo, mas tem coisas, igual você está falando sobre estar numa escola particular, então uma mochila, um tênis, sempre todo mundo se ajuda [...]. Todo mundo ali para fazer o melhor para ela. A primeira festa de 15 anos que ela foi, foi o meu menino mais velho que deu o vestido para ela [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Vanda).

Pela declaração da mãe de Mário:

No começo, eu achei que ele ia me cobrar demais, cobrar tênis de marca, roupa de marca, tudo de marca; mas foi diferente, ele compreende, eu falo com ele que eu não posso, ele me pede as coisas porque ele tem que pedir, porque ele não trabalha, mas não é com aquela exigência. Se eu puder, eu dou, se não puder, não dou. Ele pede alguma coisa, mas sempre não com aquela exigência. Agora mesmo está me pedindo um MP4. Eu vou dar para ele, é aniversário dele dia 7 agora e eu vou dar para ele (Trecho da entrevista com a mãe de Mário).

A mãe de Célia, por sua vez:

Com certeza, porque tem um gasto a mais, a gente tem que fazer o esforço da gente. O que eu puder fazer, me esforço daqui e dali, igual ela foi a uma viagem agora, ela foi para Petrópolis e adorou. O Bom Aluno pagou, mas acaba que a gente teve que comprar uma mala para ela, a gente tem também que fazer um pouco de esforço para não ficar também [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Célia).

A família de Antônio se mostrou orgulhosa em poder contribuir com a educação do filho. O pai, o único entre os outros pais entrevistados a ter cursado o ensino superior (ele é contador), se ofereceu para pagar uma atividade proposta pela escola para o filho. É provável que essas famílias se sintam bem contribuindo com o que podem para com a escolarização da prole.

⁴⁸ Shopping popular localizado na região central da cidade de Belo Horizonte.

[...] sexta-feira ele vai a um, esqueci, tenho que olhar na circular, mas é mais baratinho já dá para cobrir, o meu marido falou, não, o Bom Aluno já cobriu uma coisa, esse aí [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Antônio).

Os pais de Eliana demonstraram fazer algum sacrifício para que a filha não se sinta diferente das colegas. O pai da jovem parece ter o sonho de ver sua filha frequentando os salões de festa da cidade, mas como é comum nas famílias das classes mais desfavorecidas, não faz nenhum planejamento para isso. Ele encarrega o destino disso, pois a precariedade financeira em que vivem não permite esse tipo de arranjo.

O orçamento já é apertado. Ele já é enxugado. Então, às vezes, a gente não atende o pedido dela de comprar alguma coisa, porque às vezes não dá mesmo [...]. Mas, sabe aquele negócio que a gente se vira nos trinta? [referindo-se à ida da filha a uma festa], a gente se vira e dá certo. Eu não diria comprar, mas pelo menos alugar um [referindo-se à compra de um vestido]. Com certeza [...] frequentando os salões de festa de Belo Horizonte. Quem viver verá. Jamais eu deixaria que ela fosse de qualquer jeito. A gente faz o sacrifício (Trecho da entrevista com os pais de Eliana).

Inspiração para outros membros da família

A presença desses jovens em um espaço de alto nível acadêmico acarretou mudanças visíveis, principalmente, no comportamento dos irmãos. Segundo os relatos dos entrevistados, a expressão mais usada foi que “ele(s) não queria(m) ficar para trás”. Em quase todas as famílias, alguém se mobilizou para conseguir uma educação de melhor qualidade ou alguém voltou a estudar. César e Célia ilustram bem isso em seus depoimentos abaixo:

Eu sei que meus irmãos estão se empenhando mais, não sei se pelo meu exemplo, mas meus irmãos agora estão batalhando mais por um curso. Um está fazendo um curso técnico agora e ele nem pensava nisso antes; meu outro irmão está fazendo faculdade de sistemas. Isso acabou mudando e mostra que é importante o estudo, muito importante (Trecho da entrevista com César).

E ainda:

Ele começou a ver a diferença dela, ainda mais que ela foi para o Dom Assis, a gente já começou a conhecer a escola, ele está bem à frente dela

[referindo-se ao ano escolar], ela ensinava inglês para ele e ainda falava comigo: mãe, eu fico até com dó do meu irmão porque ele fica me perguntando e não tem noção nenhuma. Ela pegou uma prova dele e falou que é uma coisa que é um exercício para ela e ele errou muitas coisas. Ela comentava comigo, falava: o meu irmão fica me perguntando coisas bobinhas [...]. Aí ele começou e falou: mãe, eu quero fazer um cursinho para passar no CEFET-MG⁴⁹, eu quero estudar no CEFET-MG. Porque, quando ela passou para o Dom Assis, ele começou a ficar em cima de mim querendo ir para uma escola particular, ele queria também estudar. Aí começou, porque eu não quero ficar naquela escola mais, porque aquela escola não dá, eu quero outra escola, e meu marido falou: vou ver. Porque o salário que ele ganha não é certo, e filho sempre a gente tem que comprar uma coisinha aqui, outra ali [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Célia).

Um exemplo curioso foi o do pai de Eliana, vigilante de uma empresa, que ingressou em uma faculdade de baixo prestígio acadêmico e relatou como a filha se sentia orgulhosa em contar para as colegas que seu pai era estudante de engenharia. Como o destino dos indivíduos pertencentes às classes populares é o curso superior particular, o pai de Eliana não escapou dele. E como também é comum o abandono do curso superior pago por jovens populares por falta de recurso, o pai de Eliana também não fugiu à regra.

Eu passei na faculdade, estava fazendo engenharia, não consegui pagar e tive que sair. Ano passado, 2009, primeiro semestre. Isso, por incentivo de um primo meu, fiz, passei em engenharia, fiquei quatro meses, não consegui pagar. Ela ajudou [referindo-se à filha]. Nós conversávamos muito, porque muita coisa eu já tinha, não diria esquecido, mas estava adormecido e como ela estava mexendo com muitas coisas em matemática, muita coisa ela ajudou [...]. E até um orgulho em falar: meu pai está fazendo isso. Querendo ou não, tem algumas profissões que são clássicas e engenharia é uma delas (Entrevista com o pai de Eliana).

Conhecimento do sistema escolar

Outra mudança percebida nas famílias foi o conhecimento adquirido pelas mesmas a respeito do sistema escolar. As várias reuniões que o Programa e que a escola promovem aliadas às informações que os jovens trazem para casa acabam por capacitar os membros da família sobre o sofisticado sistema escolar brasileiro.

⁴⁹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

A desenvoltura em usar termos relativos ao sistema de ensino como ENEM se mostrou em várias conversas. As famílias se apoderaram deles e os usam com muita propriedade. Sabem quais são as universidades de maior prestígio e discorrem sobre suas etapas de seleção.

Tem as informações, quando tem reunião falam sobre as coisas, igual do ENEM, falam tudo. Acho que vai ajudá-lo muito a entrar numa universidade através das provas e ele ter uma base melhor, pode escolher um colégio melhor, teve a ajuda do Bom Aluno. Esse ano ele vai fazer a prova do ENEM e pode ter notas melhores e, com isso, o ENEM vai valer para a UFMG na primeira etapa, acho que com isso, ele passando na primeira etapa, as outras ele vai ter mais [...] (Trecho da entrevista com a mãe de Mário).

Outra constatação da pesquisa foi a de que os membros da família que têm sua vida escolar redirecionada pela inserção de um irmão ou irmã em uma escola da rede privada acabam por descobrir quais são as escolas públicas de maior excelência acadêmica ou onde estão localizados os melhores cursinhos preparatórios para ingressar no CEFET ou no COLTEC e, posteriormente, na UFMG.

A família de Antônio mostrou ter profundo conhecimento dos caminhos oferecidos pela rede pública de ensino para chegar à UFMG. A mãe discorreu sobre esse tema em frente a todos os filhos. O irmão mais velho de Célia, ao dizer para a mãe que “não queria ficar para trás”, recorreu às aulas noturnas, no contraturno de um cursinho que dava bolsas de estudo, para se preparar melhor para o ingresso em um curso técnico federal de alto nível acadêmico.

Deslocamentos – uma mobilização familiar

Conforme já mencionado anteriormente, as famílias dos bolsistas têm que enfrentar um desafio: o de conviver com os deslocamentos. Neste tópico, os deslocamentos serão abordados sob outra perspectiva. Eles acontecem porque a escola nova é distante do bairro onde vivem essas famílias. A casa dos colegas é distante do bairro. Os lugares de encontro entre os colegas, como os shoppings, são distantes do bairro. As festas, que acontecem à noite, são realizadas em lugares

distantes. Nada relativo à escolarização e à nova rede de sociabilidade dos jovens acontece perto de suas casas.

Essa mudança afeta praticamente todos os membros da família, uma vez que eles se revezam na tarefa de acompanhar os filhos e os irmãos, quando julgam necessário, até o ponto do ônibus, de levar até à casa do colega, de buscar na casa do colega, de levar até à festa ou de buscar nas festas de madrugada.

Esse movimento não acontece sem gerar custos econômicos, de energia e de dispêndio de tempo. Se não é a passagem de ônibus para ir visitar um colega, é a gasolina para levar a uma festa ou a um encontro no shopping, ou mesmo para levar o jovem à escola pela manhã depois de uma longa noite de estudos. Fora esse custo adicional, as famílias se veem compelidas a elaborar uma logística de modo a minimizar o tempo de espera que o jovem sofre, seja na escola, seja nos locais de lazer.

A mãe de Vanda relata como a casa se movimenta em torno dos deslocamentos da filha.

[...] isso em tudo lá em casa, desde quando, até nas coisas que alguém pode ajudá-la, todo mundo se movimenta para isso. Para levar, para buscar, final de semana se ela tem aula, todo mundo ajuda no que pode. Porque ela precisa, até para desenvolver algum trabalho, todo mundo. Existe, porque não tem como, principalmente porque todos os amigos dela da escola moram para o lado do Centro, Belvedere, Grajaú, aquela região da escola. Ela teve uma em Betim, de uma amiga, e um leva e outro busca, é tudo longe e a gente se mobiliza mesmo, desde que seja para ela sair, como para ir para a escola (Trecho da entrevista com a mãe de Vanda).

A mãe de Célia não conta com a ajuda de familiares, pois o marido é motorista de ônibus e trabalha fora o dia inteiro. O irmão de Célia, que é menor de idade, se encontra estudando no CEFET e está sempre fora de casa. A mãe conta com a companhia das outras colegas da filha no trajeto de ida para a escola e conta com a presença da mãe de uma colega no trajeto de volta para casa. Essa mãe também diz contar com a ajuda financeira de seus pais. Ela parece desenhar sua rotina diária em torno dos deslocamentos da filha.

Durante a semana, na quarta e na quinta, ela acorda às 5h horas porque tem o Bom Aluno. Ela acorda às 5h, a gente sai daqui umas 5h40, mais ou menos [...]. Eu a levo até o ponto de ônibus. Ela pega o ônibus e vai para a estação, tem uma estação de ônibus, tem outra menina, a [...] e a Sônia agora, elas estudam no Bom Aluno e no Dom Assis e elas vão de ônibus. Eu a coloco no ônibus aqui e ela e as três se encontram, elas vão para o

Bom Aluno [...] e voltam juntas. A mãe de uma delas, como trabalha no centro, as traz todos os dias. Eu encontro com ela no ponto do ônibus. Ela me dá um toque quando vai atrasar e eu já fico no ponto esperando ela chegar. Às vezes eu busco, mas, para levar, ela vai de ônibus, mas segunda-feira que ela tem o 6º horário eu procuro buscar. Toda segunda eu a busco na escola. O dia que vai uma aula a mais, outro horário além do normal, vamos supor, na quarta-feira ela sai do Dom Assis às 6h50, até que ela chegue aqui, fica muito tarde, ela acorda às cinco horas da manhã, aí eu procuro buscá-la nesse dia [...]. Mas ela vai mais de ônibus, mas na terça-feira ela tem redação de manhã no Dom Assis, eu vou com o carro e a levo de manhã, para facilitar um pouco [...]. Ela até fica querendo que eu a busque mais vezes e meu marido fala: não pode Célia, ficar buscando; porque às vezes ela fica cansada. Eu busco umas duas vezes na semana [...], volto para buscar [referindo-se quando a filha vai a um shopping localizado na região Centro-Sul com as amigas]. Mas, como se diz, ela teve essa oportunidade, a gente tem que dar valor e fazer o máximo que puder. A gente é que sabe mesmo o que a gente tem que fazer, não é fácil, mas a minha mãe também é muito boa para mim. Meus pais, no que eles podem, eles me ajudam também. Porque eu acho que se fôssemos só eu e meu marido, muita coisa seria impossível (Trecho da entrevista com a mãe de Célia).

A mobilização em torno das chegadas e das saídas da filha é também relatada pelos pais de Eliana. O pai comenta que é mais fácil para as colegas da filha ir até a sua casa para estudar ou até mesmo para levá-la a algum evento porque, segundo afirma ele, “esse povo tem carro”. Ele enfatiza estar com pessoas de classes distintas quando se refere às famílias das colegas da filha de “esse povo”, ou seja, não é o meu povo.

Esse movimento em torno dos deslocamentos foi observado com mais frequência nas famílias das meninas.

Lidando com a frustração

Ao ser selecionado para participar do Programa Bom Aluno, não está no *script* desse jovem a possibilidade de algo não sair conforme o programado. Os jovens demonstram-se orgulhosos de suas conquistas e suas energias são recarregadas a cada etapa vencida.

Eu me sinto muito honrada porque eu consegui com meu esforço. Eu batalho, sou dedicada, agradeço muito a Deus por ter me dado essa oportunidade, pelo Bom Aluno também, e estou batalhando para conseguir permanecer lá porque é muito difícil, eu sou aluna do colégio, lá tem o porém das notas [...] (Trecho da entrevista com Sônia).

Thin (1998) fala da contradição encontrada no discurso de algumas famílias populares entre seguir uma carreira longa ou ter uma formação técnica. Algumas dessas famílias gostariam de ver seus filhos cursando algo de maior prestígio do que um curso técnico. No entanto, a visão turva, ou seja, pouco clara de até onde esse filho poderá chegar, e até mesmo o que ele conseguirá ao final de tantos anos se dedicando à sua formação, faz com que o cobiçado diploma de curso superior se torne algo pouco palpável. Nas palavras do autor:

Com muita frequência, os pais enunciam suas expectativas por meio de fórmulas vagas, como "Eu gostaria que ele fosse tão longe quanto pudesse", "o mais longe possível", "o quanto ele puder", etc. Essas observações frequentes exprimem o desejo dos pais de ver seus filhos continuarem os estudos, mesmo sem poder fixar objetivos precisos. Isso ocorre porque os pais conhecem mal as diferentes etapas da carreira escolar e, principalmente, porque nunca estão seguros de que os filhos poderão dar sequência, durante muito tempo, a sua escolaridade (THIN, 1998:138).

No caso desta pesquisa, os pais dos jovens bolsistas do Programa não demonstraram qualquer intenção em encorajar seus filhos a possuir um diploma de curso técnico. Entretanto, no caso de Sônia, conforme mencionado anteriormente, a família e a jovem já tinham como segundo plano a possibilidade de fazer um curso técnico em uma instituição federal de alto nível acadêmico, não sem demonstrar sofrimento quanto a ter que seguir essa opção.

Mudança, igual eu falei, vou ter conhecimento bem maior do que essas pessoas que estão lá [referindo-se aos antigos colegas da escola pública], mais responsabilidade, vou amadurecer mais cedo, e essa oportunidade, às vezes, eu nem tivesse oportunidade de fazer faculdade, porque às vezes eu iria fazer o quê? Cursinho para poder fazer, não sei, exercer alguma profissão mais inferior? (Trecho da entrevista com Sônia).

A mãe de Sônia mostrou-se sensibilizada com o sofrimento da filha e já comentava sobre o plano de salvação do ano escolar.

Ela quer muito continuar no Dom Assis, ela gosta de lá, se enturmou muito com o pessoal de lá [...]. Eu acho que vale a pena, mas a gente vai fazer a experiência lá e se ela tirar nota ruim lá ela vai ter que voltar para a pública, senão ela vai tomar bomba. Ela não pode tomar bomba lá dentro (Trecho da entrevista com a mãe de Sônia).

A jovem se culpa por não estar conseguindo manter a média exigida pela escola e isso parece diminuir a possibilidade de uma ascensão social via diploma de curso superior. Conforme já mencionado em outras passagens, Sônia é a jovem que gasta mais tempo dentro do ônibus e que já chegou a estudar sentada no passeio da rua por não encontrar um ambiente silencioso dentro de casa. A mãe não frequenta as reuniões do Dom Assis, apesar dos apelos da filha. Os estudos no campo da Sociologia da Educação já apontaram para uma série de condições que podem levar ao sucesso escolar em meios populares. No caso dessa jovem, tudo indica que ela se encontra em uma situação não favorecedora de sucesso escolar.

Tem vez que eu chego em casa, quando tiro nota ruim, chego falando: sou burra, sou burra e fico chorando a tarde inteira. Ela [referindo-se à mãe] fica: não, fica assim, você é muito inteligente e me coloca para cima. Às vezes eu mostro para ela uma nota e choro, e ela: credo, Sônia, as meninas tiram nota boa e você não. Aí eu fico naquela coisa, tenho que tirar nota boa (Trecho da entrevista com Sônia).

Citando Bourdieu (2007), o sofrimento dessa jovem agora é maior porque foi dada a ela a chance e ela fracassou.

5.4 Impactos nas práticas culturais das famílias

O quarto eixo de análise procurou verificar se houve algum impacto ou alguma mudança nas práticas culturais das famílias após a inserção do filho em um espaço social marcado pelo grande acúmulo de capital cultural. Tais práticas se referem à presença dessas famílias em espaços legítimos de cultura como teatro, concertos musicais e exposições de arte.

Minha hipótese era de que os jovens bolsistas poderiam adquirir disposições relacionadas a práticas culturais que motivariam suas famílias a frequentar espaços a elas destinados. Entretanto, não foi possível confirmar tal hipótese. Sendo assim, elaborei, posteriormente, algumas hipóteses, que serão mencionadas mais adiante e que poderiam justificar a ausência dessas famílias nesses espaços culturais.

De acordo com Bourdieu (2007), o capital cultural “institucionalizado” decorre, principalmente, da posse de diplomas. Já o capital cultural na sua forma “incorporada” é decorrente de uma “cultura geral” traduzida no gosto em matéria de arte, no domínio da língua culta, no uso da língua, na moda, na culinária, nos gestos corporais e na decoração (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002). Em outras palavras, é tudo que se tem, que se aprendeu. É como se o indivíduo carregasse consigo essa bagagem por onde ele fosse.

Tudo indica que, sem essa bagagem cultural, essas famílias têm dificuldades em desfrutar o que esses espaços, que são destinados ao público das classes médias, têm a oferecer. As camadas desfavorecidas têm seus gostos íntimos, suas preferências, suas aptidões, seus modos de se expressar e suas formas de pensar o futuro decorrentes de uma construção do social em que as práticas culturais legítimas aparentemente não estão incluídas.

As hipóteses para a ausência dessa fatia da população nesses espaços vão desde a falta de recursos financeiros, juntamente com a distância a ser percorrida, acrescida do cansaço decorrente de uma longa semana de trabalho pesado. Somada a tudo isso, a falta de esquemas de ações/disposições para desfrutar o que esses espaços têm a oferecer parece explicar a ausência dessas famílias nos espaços destinados à cultura legítima.

5.5 O papel do Programa Bom Aluno na redução das diferenças culturais de classe

O quinto e último eixo de análise trata de observar se as ações do Programa ajudaram a diminuir as diferenças culturais de classe e, caso afirmativo, de que maneira isso se manifestou no comportamento dos jovens.

Faz parte da proposta do Programa Bom Aluno ministrar cursos complementares, no contraturno da escola, de português, matemática e inglês. Os jovens bolsistas também contam com aulas de desenvolvimento pessoal e de hábitos de estudo. Já no segundo ano de Programa, a matéria leitura viva é acrescentada, mantêm-se o inglês e o desenvolvimento pessoal. A matemática e o português deixam de ser oferecidos. Nos dois primeiros anos de Ensino Médio, o

inglês e o desenvolvimento pessoal são mantidos e acrescentam-se aulas de produção de textos. No 3º ano do Ensino Médio, acrescentam-se às atividades já existentes, técnicas de relaxamento. Essas aulas são ministradas por profissionais contratados pelo Programa.

Aulas no contraturno (inglês, português, hábitos de estudos)

“A Sociologia da Educação de Bourdieu se notabiliza, justamente, pela diminuição que promove do peso do fator econômico, comparativamente ao cultural, na explicação das desigualdades escolares” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002:21). Com efeito, o Programa trata de oferecer a seus jovens bolsistas conhecimentos considerados legítimos pela escola e que são necessários para obter êxito nela. São ensinamentos que vão desde as matérias clássicas até o modo de se sentar em sala de aula.

A base que o Bom Aluno dá é muito importante, fundamental não só em português, matemática, ou inglês; são base para o ensino, até a base pessoal que eles dão, a forma de você estudar, que tem a matéria hábitos de estudos que eles ensinam uma forma de estudar para você estar ali sempre com o horário certinho, regulamentado para você estar estudando, para você estar se empenhando em casa, fora do colégio [...]. É que eu não tinha antes uma visão tão abrangente, mas português, redação em si é superimportante, é uma matéria que é supervisionada aqui no Bom Aluno, porque você ter o conhecimento da língua portuguesa é o básico, é a matéria fundamental que a gente tem aqui [...]. Modificaram bastante, antes eu não tinha horário específico para estar fazendo os deveres ou mesmo para estar me preocupando para estudar a matéria em si; eu não estudava a matéria em si, apenas fazia deveres e prestava atenção na aula, e após a entrada no Bom Aluno eu percebi que quando você reserva o tempo para estar fazendo a leitura de algum livro, para estar analisando novamente as matérias é superfundamental, isso mudou na minha vida (Trecho da entrevista com César).

Por serem bons alunos em suas escolas públicas, ou seja, comprometidos com a aprendizagem, o que o Programa pretende ministrando aulas complementares de português, inglês e matemática, é potencializar o conhecimento que eles já possuem e prepará-los para os exames de seleção das escolas que acontecem no final do 7º ano.

Sendo assim, ao serem admitidos nos exames de seleção dessas escolas, os jovens já se sentem merecedores de frequentar aquele espaço, já que o critério de entrada é igual para todos, independentemente da classe social.

[...] e a base pessoal também que eles dão no desenvolvimento pessoal é muito importante porque você vê que você pode ir além, você vê que você tem mais capacidade, você consegue enxergar mais a sua característica, o seu eu mesmo. Eu não tinha antes uma visão tão abrangente, mas português, redação em si é super importante é uma matéria que é super visada aqui no Bom Aluno, porque você ter o conhecimento da língua portuguesa é o básico, é a matéria fundamental que a gente tem aqui (Trecho da entrevista com César).

A atividade que focaliza os hábitos de estudos organiza o tempo destinado ao estudo de cada matéria, bem como trabalha a capacidade do jovem de estudar com “barulho”, já que nas classes populares a prática de manter um cantinho silencioso onde os jovens possam estudar é inexistente. Muitas vezes, devido à falta de espaço nas residências, os jovens dormem na sala ou dividem o quarto com os demais familiares. Nessas casas, a sala é normalmente junto da cozinha e a televisão fica sempre ligada. A falta de recursos financeiros faz da televisão uma das poucas fontes de lazer. Os membros das camadas mais desfavorecidas têm outras necessidades mais urgentes do que providenciar um lugar exclusivo para o estudo. Daí a necessidade de aprender a abstrair os ruídos que acompanham a hora de estudo dos jovens.

Desenvolvimento pessoal

Bourdieu observa que a avaliação escolar vai muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. Cobra-se que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da ‘boa educação’ (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002:21).

César exemplifica o que aprendeu durante as aulas ministradas no Programa ao longo dos últimos seis anos: sentar com postura ereta, não jogar lixo fora da lixeira, ter consciência ecológica e até mesmo levantar o dedo na hora de fazer uma pergunta, ou seja, regras de uma “boa educação”.

Acaba sendo um pouco que natural, mas dentro da sala de aula os professores [do Bom Aluno] pedem para ter uma postura mais correta na sala, você está com a coluna mais ereta, não só porque é bonito, mas porque é fundamental para o seu crescimento, para você não ter uma disfunção na sua coluna ou coisa do tipo. Você começa a aprender essas coisas, você começa a se portar melhor. Quando você vai perguntar, eles te mostram que é necessário você levantar o dedo, esperar o outro falar, o outro fala e depois você fala; isso vai acontecendo naturalmente durante as aulas, os professores vão falando essas dicas, essas coisas e isso acaba te influenciando no dia a dia. Uma coisa importante que acontece também é que o Bom o Aluno dá muito incentivo à preservação da natureza, por exemplo, praticamente todos os alunos do Bom Aluno não jogam lixo no chão, eles jogam numa cesta de lixo. Você começa a preservar mais limpo o local onde você mora, onde você está, dentro de uma sala de aula, por exemplo [...]. Eles recomendam que você tenha mais organização, que você não deixe suas coisas jogadas, que você mostre que é diferente. Porque muitos alunos de classe média não se importam com essas coisas, deixam jogadas, sujas, e muitas vezes é diferente quando um bolsista do Bom Aluno chega e mantém mais organizado. Por exemplo, a minha experiência foi essa, porque eu sempre deixava dobradas as minhas roupas guardadas, separadas em sacolas quando não estavam limpas, e isso fazia diferença [...]. Muitas aulas eles falam sobre higiene, sobre cuidados que você tem que ter, coisas assim. Essa parte de educação, eu, para mim, tive grande crescimento, porque eu sempre tive uma base em casa, minha mãe sempre me educou muito bem, mas com essa educação do Bom Aluno eu pude compreender coisas a mais, pude me envolver mais facilmente em qualquer lugar que eu estivesse (Trecho da entrevista com César).

Uma das professoras entrevistadas nota um comportamento diferenciado por parte dos bolsistas e faz o seguinte comentário:

Eles valorizam mesmo. A questão da valorização, pura valorização. Eles valorizam aquilo que a escola oferece, são alunos que a gente não tem problema de disciplina, são alunos que correm atrás, são alunos que fazem, que a gente não tem que ficar: fez para casa, não fez? (Trecho da entrevista com uma professora do Alcântara).

Aliado a uma boa vontade por parte dos jovens, todo esse esforço por parte do Programa tende, teoricamente, a contribuir para que os bolsistas não só tenham êxito escolar, como sobrevivam socialmente nesse espaço tão distinto do de sua origem social.

O Bom Aluno nos preparou bastante para a escola particular [...], eles dão dicas de convivência mesmo com todo mundo. Vocês têm que ter isso, isso e isso [...], às vezes em relação a uma ajuda que você precisa na sala, eles falam, você tem que ver, se você não está tendo uma convivência muito boa com os alunos, eles falam, tem que ver se é o seu jeito de ser ou se é da turma mesmo. Vai melhorando o seu desenvolvimento pessoal com essas aulas que a gente tem no colégio [...]. Em relação à nota também, você com a autoestima baixa e eles te colocam para cima: não, você vai estudar mais, você precisa de ajuda. Tem aula particular [...]. Porque a pessoa entra na escola particular, vive com a autoestima baixa, isso e aquilo, vai continuar

na mesma e acaba prejudicando a pessoa. Com uma ajuda, um incentivo maior, você acaba tendo força de vontade, e querendo seguir em frente. Se você gosta de uma coisa, você dá conta [...]. A gente mesmo conversa com eles, às vezes eu não consigo resolver e eles tentam: não, vamos tentar resolver esse problema, tentar resolver mesmo. O inglês e a parte de desenvolvimento pessoal. Porque antes eu era muito tímida, é bom um desenvolvimento [...]. Se conhecer mesmo, e isso acaba melhorando a sua convivência com todo mundo (Trecho da entrevista com Sônia).

E ainda:

Para não ter vergonha, não mentir. Chegar a falar quem é você mesmo, onde você nasceu, onde você mora, quem são seus pais. Isso ajudou muito. (Trecho da entrevista com Eliana).

Aquisição de novas disposições

Neste último tópico, retomo Lahire (2001) e sua teoria da ação social. Não que esses jovens, por terem adquiridos novos hábitos e novas disposições, sejam portadores de múltiplas identidades, mas podemos nos referir a eles como portadores de múltiplas disposições resultante do convívio em uma sociedade com fortes diferenças sociais.

A família deixa de ter o monopólio da educação legítima de seus filhos e outras instâncias socializadoras como a escola, a igreja ou o grupo de pares acabam também por contribuir para a interiorização de novos hábitos. Assim sendo, os jovens acionam seus esquemas de ação, que eles julgam adequados, de acordo com o contexto social em que se encontram.

Assim sendo, parece que a inserção em mundos sociais tão distintos do de origem acaba gerando um distanciamento por parte do filho em relação à família, ou mesmo um estranhamento por parte da família em relação ao filho.

Abaixo, o depoimento da mãe de César demonstra que ela percebe uma diferença no comportamento do filho. César não parece ser o mesmo de seis anos atrás. Ele se afastou dos princípios que socializaram seus pais e, conseqüentemente, dos que socializaram seus irmãos. Agora sua vida é regida por outros esquemas de ação adquiridos em outro contexto social.

O comportamento dele hoje é totalmente diferente, a educação, a maneira de falar, a maneira de se comportar, a maneira de observar as coisas. Que mudou, mudou muito nesse sentido, mas o César já era um menino quieto, calado, muito comportado, não precisou apanhar. Só a maneira de ele ser, a educação, há diferença (Trecho da entrevista com a mãe de César).

Eliana demonstra articular o passado (incorporado) com o presente (contextual) de maneira que ela possa sobreviver com o mínimo de sofrimento no ambiente da escola particular. Tenho como hipótese que ela age da mesma maneira quando chega em seu bairro, ou seja, ela coloca em cena os hábitos pertinentes àquele ambiente. Ela ilustra bem, nesse longo depoimento que transcrevo abaixo, o que Lahire (2001) diz sobre a pluralidade dos indivíduos.

Eu me sinto, a partir do momento em que eu ponho o pé no pátio do Alcântara, estou em um mundo completamente diferente do meu, mesmo que a gente fale que é mentira, não existe isso de dois mundos, claro que existe. Claro que existe mesmo. Eu saio do meu bairro, por exemplo, de gente simples, chego lá e fico ouvindo as pessoas falando: eu fui não sei onde, comprei uma roupa, está perfeito, vou fazer intercâmbio para Londres ano que vem. São coisas diferentes que eu não vou ouvir no meu bairro. É, o vocabulário, por exemplo, eu faço uma história com essa minha amiga [...], está deste tamanho, a gente está terminando já; eu dei para a minha prima ler e tem palavras que eu uso no Alcântara e que a minha prima nunca ouviu, o vocabulário mais simples que a gente usa lá. Deixe-me ver o que mais, roupa, com certeza. Tem uma coisa: bolsa, essas coisas, só vê bolsa da Kipling, estojo da Kipling, óculos da Kipling, tudo de marca; na Professor Cassiano, não. Tem uma coisa que é muito diferente, música, por exemplo. Música na Professor Cassiano, só hip-hop; música no Alcântara, só internacional. ninguém gosta de música nacional, axé, funk, todo mundo odeia isso. Às vezes eu falo de axé e as pessoas falam: que horror e tal. Isso é muito diferente [...] eu consigo, por exemplo, eu não converso com as amigas da Professor Cassiano a mesma coisa que eu converso com as do Alcântara. Às vezes tem coisas que eu tenho liberdade de falar com as da Professor Cassiano, por exemplo, deixe-me ver, não estou lembrando. Mas, coisa banal, que eu posso falar na Professor Cassiano, se eu falar no Alcântara vão achar meio estranho. Às vezes até algumas gírias que eu costumava falar na Professor Cassiano, eu cheguei e falei no Alcântara e ficou meio estranho, não estou lembrando agora. Mas as meninas do Alcântara são bem ricas e, por exemplo, têm tudo que querem, vão para onde querem ir, vestem só roupas de marca; na Professor Cassiano não, as meninas são mais simples [...], é tudo mais largadinho (Trecho da entrevista com Eliana).

E ainda:

Quando eu saí da Professor Cassiano e entrei no Alcântara, eu já consegui captar tudo: oh, isso eu posso fazer aqui e não posso fazer. O Bom Aluno ajudou muito, mas eu consegui compreender sozinha. Se uma pessoa me perguntar como será que um rico age, eu vou lá e é mais ou menos nesse nível. Com a experiência que estou ganhando, eu amo ter experiência, eu me sinto orgulhosa de mim. Eu consigo captar o melhor dos dois mundos diferentes (Trecho da entrevista com Eliana).

O jovem bolsista parece descrever, abaixo, exatamente o que Terrail (1990) denomina de “trânsfuga” de classe. Essa sensação de não pertencimento a qualquer meio e, simultaneamente, de pertencimento a dois meios pode, em princípio, dar a ideia de que esse indivíduo atingiu uma posição de conforto por saber se comportar em dois ambientes socialmente distintos, mas tenho como hipótese que, no fundo, esse jovem deixou de pertencer a seu meio de origem e sabe que nunca pertencerá ao outro meio social. Uma vez feita essa reflexão, a vida pode seguir acompanhada de um constante esforço acrescida de uma pitada de sofrimento.

Hoje em dia, eu não me sinto tanto assim. Eu me sinto mais confortável no meio simples, mas eu não me sinto só do meio simples, é como se fosse no meio, entre um e outro, como se fosse nos dois. Então, não é uma coisa só de um ou só de outro. Eu acho bem interessante, às vezes eu fico olhando, falando: nossa, é bem diferente. É bem diferente mesmo, você fica ali naquele meio, fica entre os dois (Trecho da entrevista com César).

Eliana explica como se sente:

Eu me vejo assim, bem diferente porque elas têm peles perfeitas porque vão a dermatologistas toda semana, fazem tratamento, eu não; fazem academia, eu não; é diferente, mas eu consigo superar tudo isso. Eu tenho muita coisa para oferecer que elas não têm, eu não consigo lembrar um exemplo agora, mas tem muita coisa que eu sei de experiência minha, muitas vezes quando a gente fala de coisa que eu vivi na escola pública eu dou minha opinião, eu já tenho experiência. Eu me vejo um pouco diferente. Depois que eu entrei lá eu peguei hábito de [...], vi sobre maquiagem, sobre música, sobre um monte de coisas. Eu consigo me enturmar porque eu corro atrás e procuro me informar para o caso de alguém me questionar eu não falar que não sei. Eu vou lá, procuro, porque se alguém me perguntar eu sei, concordo ou discordo (Trecho da entrevista com Eliana).

Nem sempre as múltiplas disposições incorporadas decorrentes da imersão nesse novo universo são necessariamente fonte de sofrimento. Parece que os jovens tiram proveito de seu grande repertório de esquemas de ação e os utilizam com propriedade. Esses novos hábitos ajudam a ver a vida sob outro ângulo e ampliam as formas de reflexão. Mário dá inteligibilidade a esse fenômeno nesta passagem.

[...] porque eu cresci muito com esse conhecimento e que eu posso perceber as diferenças de comportamento que existem entre os dois meios, as semelhanças e as diferenças e procuro analisar o que seria melhor para mim e carregar aquilo comigo, para analisar o que acontece. Eu gosto muito

dessa experiência de conhecer outras leis, principalmente depois que a gente começou a ter as aulas de sociologia é que eu pude ver que aquilo lá, uma matéria para a gente poder analisar essas coisas que acontecem, gosto muito. A questão da visão de mundo. Depois que a gente entra na escola particular a nossa visão de mundo se amplia. A gente começa a pensar de outros ângulos que outrora a gente não pensava. Acho que a visão de futuro é um dos pontos mais positivos (Trecho da entrevista com Mário).

Lahire (2001:39) acrescenta o fato de que a aquisição de alguns esquemas de ação, apreendidos em certo contexto social, pode gerar uma situação de contradição dependendo do novo contexto no qual o indivíduo se encontra. O caso de César, que aparentemente foi submetido a um princípio de socialização conflituoso no espaço pelo qual ele agora transita, parece ilustrar bem como o indivíduo “plural” tem a capacidade de colocar em repouso certos esquemas de ação e de incorporar novos que são contraditórios aos antigos, impedindo que ele se torne refém de suas disposições primárias. Nas palavras do jovem:

Eu me olho com olhos bem diferentes. Eu vejo que tenho mais capacidade que o que eu achava antes sobre mim, eu vejo que posso sempre estar indo mais além, é meio você dizer, talvez seja um pouco de orgulho, mas eu sinto orgulho de mim mesmo, porque vi que eu pude chegar mais longe, eu vejo que posso chegar mais longe [...]. Muitas vezes a gente sai, a gente vai para shopping, ao cinema, ou marca uma pelada, desculpe, marca um futebol para descontrair, a gente sempre sai, vai para lugares diferentes. Com certeza, vai ter mudança econômica, isso para mim também, essa oportunidade de estudar num colégio particular, com um ensino muito bom, acabou quebrando alguns preconceitos que eu trazia desde muito tempo, por exemplo, que gente que tem mais condições, esnobam ou pisam nos que são mais humildes. Isso às vezes é enraizado de pequeno por algum fato que aconteceu, algum ocorrido e eu tinha isso em mim. Talvez um preconceito que eu nem tinha noção que eu tinha realmente, só fui perceber isso quando fui para o colégio e me senti inicialmente inferior. Ali eu vi que o que importa é o ser humano, a qualidade dele, é o que ele pode contribuir com o outro [...], modificou totalmente, pode modificar o meu econômico, como ainda continua modificando o meu pessoal, mesmo para eu crescer (Trecho da entrevista com César).

O depoimento de Eliana mostra como, ao adquirir novos hábitos que são pertinentes a uma outra classe social, ela se distancia de seu meio e, por mais que ela tente, ela não consegue transmitir para as pessoas de seu grupo de origem o que foi apreendido no espaço da escola particular. Acredito ser essa vontade que Eliana tem de ensinar sua prima a falar inglês apenas um indício de uma tentativa de aliviar a solidão que os *trânsfugas de classe* experimentam.

Eu me sinto diferente, não é superior. Mas me sinto com uma carga de conhecimento que vai me ajudar e vou passar para eles, eu tenho que passar. Eu comecei a dar aulas de inglês para a minha prima, eu tento passar o que eu aprendo para eles, muitas vezes não dá certo porque eles não têm a mente mais aberta, é muito fechado, muito naquilo ali, não conseguem ver dos dois lados. Eu me sinto diferente (Trecho da entrevista com Eliana).

Para finalizar, penso que o depoimento abaixo resume boa parte do que se queria apurar sobre as ações que o Programa promove no sentido de diminuir as diferenças culturais de classe.

Eu não via para frente, eu não saía da 8ª série quando eu estava na 5ª ou na 6ª série [...] (Trecho da entrevista com Vanda).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo identificar os impactos e/ou as mudanças que a entrada de um jovem oriundo das camadas populares em uma escola de alto prestígio acadêmico pode causar em sua rede de sociabilidade, em sua proficiência escolar, na rotina doméstica e nas práticas culturais de sua família. O estudo também propôs investigar se as práticas do Programa Bom aluno contribuíram para diminuir as diferenças culturais e sociais de classe entre os bolsistas e seus colegas da escola particular. A título de conclusões, vou retomar aqui, sucintamente, esses impactos.

Foram pesquisados sete jovens - quatro meninas e três meninos -, que se encontravam matriculados nos dois colégios classificados em primeiro e segundo lugares no ENEM/2008 na cidade de Belo Horizonte, e suas famílias. Duas meninas estavam cursando o 9º ano do Ensino Fundamental e dois meninos estavam cursando o 2º ano do Ensino Médio no colégio aqui denominado por Dom Assis. Uma menina e um menino estavam cursando o 9º ano do Ensino Fundamental e uma menina, o 2º ano do Ensino Médio no colégio denominado aqui por Alcântara.

As mudanças sofridas nas redes de sociabilidade dos bolsistas podem ser manifestadas nas formas de construção de grupos de amizade, nas formas de inserção em redes de sociabilidade já constituídas e no afastamento dos antigos grupos sociais. A formação de um novo grupo de convívio aconteceu, em alguns casos, permeada de sentimentos de inferioridade, desconfiança e medo do desconhecido. Ao longo do tempo, esses sentimentos foram se dissipando, dando lugar a um sentimento de conquista. Com relação à manutenção dessas redes de relacionamento, parece ter pesado, entre outros fatores, o forte capital escolar desses jovens. Com efeito, os antigos laços de amizade foram se dissipando devido à falta de tempo dos jovens, que agora têm de se dedicar com mais afinco aos estudos, bem como a exposição a novas informações acabou por modificar os interesses dos alunos bolsistas participantes do Programa.

Por outro lado, apesar de estabelecerem uma relação de amizade com os novos colegas, os jovens se veem impedidos de participar nesses grupos com intensidade. Os motivos principais são a distância entre as moradias dos bolsistas e

a região onde os colegas moram e, conseqüentemente, onde passam o tempo livre juntos, e a falta de recursos financeiros para patrocinar essa convivência.

Com base nesses fatores acima mencionados, constatou-se que os jovens passam a se sentir parte dos dois meios, e, ao mesmo tempo, em alguns casos, de nenhum deles. A aquisição de disposições que permitem que esses jovens deslizem por esse novo espaço social pode, em princípio, gerar uma sensação de pertencimento, mas, em longo prazo, ela pode desaparecer, dando lugar a um sentimento de distanciamento do mundo de origem e de aproximação de um novo mundo que parece se afastar a cada passo dado pelos jovens rumo à sua conquista.

Sobre a proficiência escolar dos jovens, esta pesquisa constatou que a mudança de estabelecimento causa, ao longo do primeiro ano, uma queda no rendimento acadêmico. Os jovens que eram excelentes alunos nas escolas particulares, assim que entram para a escola particular não conseguem manter a mesma qualidade quanto ao desempenho acadêmico, o que acaba gerando frustração e sofrimento. Depois, o jovem tende a aprender a lidar com as exigências da nova escola e retoma o bom desempenho. Por fim, acontece a acomodação. Dos sete jovens pesquisados, quatro se encontram com notas altas, um se encontra com notas aceitáveis e dois com notas baixas.

Alguns fatores contribuem para o bom desempenho escolar do bolsista, como a importância que a família atribui à escolarização. O bom desempenho da maioria dos jovens conta com o apoio da família que parece ter interiorizado práticas escolares similares às práticas adotadas pelas classes médias. Dentre os sete casos estudados, apenas uma jovem se deparou com condições familiares pouco favoráveis aos estudos. Essa bolsista luta para superar tais condições que nem sempre são passíveis de ser superáveis.

A entrada de um filho para a escola, segundo Perrenoud (1987), altera a rotina das famílias por pelo menos doze anos. A necessidade de organizar a vida dos filhos em torno da hora de se levantar, de estudar, de almoçar, de fazer as tarefas de casa, de assistir à televisão, de sair com os amigos, de ir dormir, dentre outras, gera grande mobilização por parte dos pais que temem causar constrangimentos para o jovem na escola e, no caso deste estudo, no Programa.

As famílias dos participantes do Programa Bom Aluno já tinham uma rotina diária estabelecida em torno das necessidades de cada filho que já se

encontrava na escola e, de uma hora para outra, veem seu cotidiano alterado por uma nova realidade que acaba de se instalar dentro de seus lares: as exigências da nova escola, mais as do Programa. A reorganização da rotina em torno dessas novas demandas exige que as famílias lancem mão de estratégias, por exemplo, em relação ao controle do tempo e aos constantes deslocamentos dos filhos.

Os pais dos jovens se veem frequentando espaços sociais destinados às camadas médias, os irmãos e irmãs se mobilizam em busca de uma escolarização de melhor qualidade e/ou mesmo em dar continuidade aos estudos, a família se vê às voltas com despesas não planejadas geradas indiretamente por essa inserção e as mães têm de lidar com o acúmulo do trabalho doméstico decorrente da liberação do filho para que este dedique seu pouco tempo livre aos estudos.

Sobre mudanças nas práticas culturais dessas famílias, o estudo mostrou que pouco aconteceu nesse campo. Essas famílias, que já vivem uma vida financeira precária, não podem dispor de recursos para financiar atividades dessa natureza. As perguntas feitas durante as sete entrevistas revelaram que não está no horizonte dos membros dessas famílias a frequência a espaços destinados a práticas culturais como cinema, teatro, concertos e exposições de arte.

Quanto às ações que o Programa Bom Aluno promove com o objetivo de capacitar o jovem para frequentar uma escola de alto prestígio acadêmico, a pesquisa revelou o seguinte: a inserção e a permanência do jovem nesse novo ambiente seriam mais penosas sem as ações desse Programa. Não que ela tenha sido tranquila e sem sofrimento, mas as práticas do Programa, por exemplo, permitiram ao jovem se recuperar da queda inicial do rendimento escolar com mais rapidez. As aulas de hábitos de estudos acabaram por organizar a alocação do tempo dos jovens com relação ao estudo de cada matéria, bem como a estudar com “barulho”. As discussões promovidas durante as aulas de desenvolvimento pessoal permitiram e ainda permitem aos jovens debater sobre sua inserção no novo ambiente. Os jovens consideram essas aulas uma importante ferramenta na construção dessa reflexão. O que não se sabe é se, no fundo, os jovens convivem pacificamente com essas diferenças. Pôde-se inferir, através de alguns depoimentos, que as conquistas feitas por esses jovens são acompanhadas de algum sofrimento. O caso da jovem Eliana, que mencionou que as colegas têm peles lindas porque vão ao dermatologista (e ela não), ou que nos dias de chuva ela se

molha toda esperando pelo ônibus, enquanto as colegas vão para casa de carro, contribui para essa afirmação.

A análise dos depoimentos revelou que o espaço de convivência criado pelo Programa proporciona uma agradável sensação de compreensão mútua, representando um mundo ideal para esses jovens. Esses últimos sabem como os colegas se sentem porque também estão tendo experiências semelhantes. Segundo o depoimento de Mário, “o espaço Bom Aluno é ideal porque é a interseção dos dois mundos”, a saber: o de sua origem e o da escola particular.

Mas é Hoggart (1970) quem expressa melhor como se sente um indivíduo que passa por tais experiências. Ao chegar todas as noites em casa após terem cruzado várias *fronteiras sociais*, esses jovens já não olham mais para o seu universo com os mesmos olhos de outrora. Ao ter acesso a “outras formas de dizer, de ver e de sentir, não é possível não se sentir”, de alguma forma, tocado/transformado e ao mesmo tempo “[...] é também difícil esquecer o elo indefectível, familiar e afectivo que liga pais e filho” (HOGGART, 1970:164).

Ao trazer para a nova escola particularidades de seu meio e ao levar para sua casa particularidades de outro meio, o jovem acaba por usar essa experiência educativa como ferramenta que permite (re)construir suas fronteiras sociais.

Retomo aqui a noção *fronteira social*, segundo Almeida *et al.* (2010:11).

A noção de *fronteira social*, por sua vez, tem sido utilizada como ferramenta que busca apreender a desigualdade social como algo dinâmico, ou seja, como o resultado de lutas cotidianas nas quais os indivíduos e grupos se posicionam a partir de uma percepção sobre o lugar que podem e devem ocupar no mundo [...].

Tudo indica que o investimento na educação, além de conquistas profissionais e econômicas, vale também para conquistas de novas posições na escala da hierarquia social.

Por outro lado, essa luta que se trava no interior de nossa sociedade, em busca de espaços melhor qualificados, não acontece sem sofrimento. Para Terrail (1994), um “trânsfuga” de classe é alguém que, por pertencer a dois mundos, não se sente mais à vontade em nenhum. Principalmente quando esses mundos quase não têm nada em comum. Essa mudança para uma posição superior na hierarquia social, via aquisição de um diploma, faz com que a existência desse indivíduo seja permeada pela solidão e pelo isolamento. Lahire (2001) afirma que esses

sentimentos não são visíveis no comportamento dessas pessoas e que isso não é revelado em uma primeira conversa. Esse sentimento de contradição está na vivência que elas têm de todo esse processo.

Para finalizar, menciono uma das várias indagações que surgiram ao longo deste estudo. São elas: (1) Quais possibilidades/elementos dessa experiência fizeram diferença na vida desses jovens?; (2) O preço a pagar para ter uma “boa” escolarização passa por afastar-se/diferenciar-se das práticas pertinentes às classes populares?

Tendo essas e outras indagações acerca do tema aqui tratado a ser respondidas, acredito que a realização de outros estudos a partir deste possa ser de grande valia para a compreensão dos casos de bom desempenho escolar nos meios populares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, W. A. O esforço contínuo: estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais na USP. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARBOSA, M. A. Estudantes de classes pobres na universidade pública: um estudo de depoimentos em psicologia social. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2004.

BAZOLI, Thiago Nunes. Descentralização Estatal: o terceiro setor como executor das atividades fundamentais do Estado – saúde, educação e assistência social, 2007. 135 p. Dissertação (Mestrado em Organizações e Desenvolvimento) – UNIFAE Centro Universitário, Curitiba, 2007. [Online]. Disponível em: www.fae.edu/curitiba.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. (1986). *La Construction sociale de la réalité*. In: LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BOUDON, Raymond. Ordem social e efeitos perversos. In: NOGUEIRA, M. A. *Elites econômicas e escolarização: um estudo de trajetórias e estratégias junto a um grupo de famílias de empresários de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2002 (Tese, concurso público para Professora Titular).

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice. CATANI, Afrânio (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 39-64.

_____. Compreender. In: Bourdieu, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997, 0.693-732.

_____. *A economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice. CATANI, Afrânio (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 217-227.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, Presidência da República. Plano Diretor da Reforma do Aparelho de Estado. Novembro, 1995. [Online]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: nov. 2010

BROWN, P. The third wave: education and the ideology of parentocracy, *British Journal of Sociology of Education*. In: Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. In: *Currículos sem Fronteiras*, [online]. 2010, vol. 10, n. 1, p. 213-231.

CÂNDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz, FORACCHI, Ana Elisa M. *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação*. São Paulo: Nacional, 1969.

CROZIER, G *et al.* White middle class parents, identities, educational choice and the urban comprehensive school: dilemmas, ambivalence and moral ambiguity. *British Journal of Sociology of Education*. In: NOGUEIRA, M. A. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículos sem Fronteiras*, [online]. 2010, vol. 10, n. 1, p. 213-231.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michéle. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: *A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DIÓRIO, Zânia Maria. Bom Aluno: O Brasil precisa deste talento. In: FARFUS, D.; ROCHA, M.C. (orgs.), CARON, A. [at al.]. *Inovações Sociais*. Curitiba: SESE/SENAI/UNINDUS, 2007, p. 175-192.

DRAIBE, Sônia; HENRIQUE, Wilnês. "Welfare State", crise e gestão da crise: um balanço da literatura internacional, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.6, fev. 1998.

DURU-BELLAT, Marie. *L'Inflation Scolaire – Les Desilusions de La Méritocratie*. Paris:Éditions Du Seuil, 2006.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESPSTEIN, J.; SANDERS, M. Connecting Home, School, and Community. In: *Handbook of the Sociology of Education*. Plenum Publishers, New York: 2000, p. 285-306.

FALCONER, Andrés Pablo. *A Promessa do terceiro setor: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão*, 1999. Dissertação. (Mestrado em Administração) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. [Online]. Disponível em: www.rits.org.br/estudos_teste/ce_home_intro.cfm. Acesso em: nov. 2010.

FERRAREZI, Elisabete Roseli. A reforma do marco legal do terceiro setor no Brasil: A criação da Lei das OSCIP (Lei 9.790/99), 2007. 308 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2007. [Online]. Disponível em: www.repositorio.bce.unb.br. Acesso em: Nov. 2010.

Folder do Instituto Bom Aluno do Brasil (s/d). Belo Horizonte.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. Colaboração de Maria Helena de Andrade Magalhães e Stella Maris Borges. 8. Ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP) de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2011.

FUNDAPE – Fundação Danilo Pena. Disponível em: <http://www.gene.com.br/fundape>. Acesso em: nov. 2010.

GENTILI, P & SILVA, T. T. da (orgs.). Escola S.A. Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996, p. 20-21.

GUERRA *et al.* (orgs.). *Classe média – desenvolvimento e crise: Atlas da nova estratificação social no Brasil*. In: NOGUEIRA, M. A. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Currículos sem Fronteiras*, [online]. 2010, vol. 10, n. 1, p. 213-231.

HOGGART, Richard. (1970). *La Culture du pauvre*. In: *O Homem Plural: As Molas da Acção*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: nov. 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso em: nov. 2010.

Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA. Disponível em: <http://www.ita.br>. Acesso em: nov. 2010.

IOSCHPE, Evelyn Berg (org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IPEA. Pobreza e riqueza no Brasil metropolitano. *Comunicado da Presidência*. nº 7, agosto, 2008.

ISMART - Instituto Social Para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos. Disponível em: <http://www.ismart.org.br>. Acesso em: nov. 2010.

KAUFMANN, Jean-Claude. *L'entretien compréhensif*. Paris: Éditions Nathan, 1996.

KELLERHALS, Jean e MONTANDON, Cléopâtre (1991), *Milieu social, interactions familiales et styles éducatifs*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.

LABACHE, Lucette; SAINT MARTIN, Monique. Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas. *Educ. Soc.* [online]. 2008, vol.29, n.103, p. 333-354.

LACERDA, W. M. G. Famílias e filhos na construção de trajetórias pouco prováveis: o caso dos iteanos. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos: Disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. *Sucesso Escolar nos Meios Populares: As Razões do Improvável*. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

_____. *O Homem Plural: As Molas da Acção*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LAREAU, Annette. *Unequal childhoods — class, race and family life*. Los Angeles: University of California Press, 2003.

LAURENS, Jean-Paul. *1 sur 500. La réussite scolaire en milieu populaire*, Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992.

LÉLIS, Úrsula Adelaide de. *Políticas e práticas do “terceiro setor” na educação brasileira, no contexto de reconfiguração do estado*. 2006. 344 p. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. [Online]. Disponível em: <http://www.btdt.ufu.br>. Acesso em: nov. 2010.

Manual Técnico do Instituto Bom Aluno do Brasil, Curitiba, s/d.

MERKLEN, Denis; SAINT MARTIN, Monique. Frontières sociales: divisions, mouvements. In: *Éducation et frontières sociales: un grand bricolage*. Paris: Michalon, 2010, p. 9-24.

MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe. *Entre parents et enseignants: um dialogue impossible?* Berne: Peter Lang, 1987.

NERI, Marcelo Côrtes (coord) (2008). *A nova classe média*. RJ: CPS/IBRE, Fundação Getúlio Vargas.

NOGUEIRA, Maria Alice *et al.* A Construção da Longevidade e da Excelência Escolar em Famílias de Diferentes Meios Sociais: Processos e práticas de escolarização. Relatório Final de Pesquisa para o OSFE. Belo Horizonte, 2006.

_____. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. *Educ. Soc.* [online]. 2008, vol.29, n.103, p. 355-376.

NOGUEIRA, Maria Alice; ABREU, Ramon. Famílias populares e escola pública: uma relação dissonante. In: *Educação e Revista*, Belo Horizonte: v. 39, 2004, p. 41-60.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio. A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 78, p. 15-36, 2002.

_____. *Bourdieu e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação Família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Lisboa, v. XI, n.176, p. 563-578, 3º trimestre. 2005.

_____. Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção. In: *Educação e Realidade* (trabalhos apresentados no GT Sociologia da Educação da ANPED), Caxambu: 1995, p. 9-25.

_____. *Elites econômicas e escolarização: um estudo de trajetórias e estratégias junto a um grupo de famílias de empresários de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2002 (Tese, concurso público para Professora Titular).

_____. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. In: *Currículos sem Fronteiras*, [online]. 2010, vol. 10, n. 1, p. 213-231.

OLIVEIRA, Anna Cynthia; HADDAD, Sérgio. As organizações da sociedade civil e as ONGS de educação. In: *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas) nº 112, p. 61-83, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: nov. 2010.

PEREIRA, Adriana da Silva Alves. Sucesso escolar de alunos dos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares, 2005. 213 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005.

PEROSA, Graziela Perroni. A aprendizagem da diferença: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 87-111, 2006.

PERRENOUD, Phillipe. Ce que l'école fait aux familles: inventaire. In: MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe. *Entre parents et enseignants: um dialogue impossible?* Berne: Peter Lang, 1987.

PIOTTO, Débora Cristina. As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública, 2007. 361 p. Tese (Doutoramento em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PORTES, Écio. Trajetórias e estratégias escolares do universitário das camadas populares, 1993. 248 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 1993.

_____. Trajetórias escolares e vida acadêmica dos estudantes pobres da UFMG: um estudo a partir de cinco casos, 2001. 267 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: *A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRESTA, Suely; ALMEIDA, Ana Maria F. Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos

populares e médios. *Educação e Sociedade*, Campinas: vol. 29, n. 103, p. 401-424, maio/ago. 2008.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://www.rais.gov.br>. Acesso em: nov. 2010.

ROCHEX, Jean-Yves. *Le sens de l'expérience scolaire*, Paris: PUF, 1995.

SAINT MARTIN, Monique; GHEORGHIU, Mihaï Dinu (orgs.) *Éducation et frontières sociales: un grand bricolage*. Paris: Michalon, 2010.

SANTOS, Félix Requena. *Amigos y redes sociales: elementos para una sociología de la amistad*. Madrid: Centro de investigaciones sociológicas, 1994.

SILVA, Jailson de. "Por que uns e não outros?" caminho de estudantes da maré para a universidade, 1999. 166 p. Tese (Doutoramento em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SINGLY, François de. «La mobilisation familiale pour le capital scolaire in Dubet, François (org.)», in *École, familles: le malentend*. Paris: Textuel, 1997, p. 45-58.

SOUZA, João Vicente Silva. Alunos de escola pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: portas entreabertas, 2009. 200 p. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SOUZA, Maria do Socorro Neri Medeiros de. Do seringal à universidade: o acesso das camadas populares ao ensino superior público no Acre, 2009. 207 p. Tese (Doutoramento em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

TARÁBOLA, Felipe de Souza. Quando o ornitorrinco vai à universidade: trajetórias de sucesso e longevidade escolar pouco prováveis na USP; escolarização e formação de *habitus* de estudantes universitários das camadas populares, 2010. 409 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TERRAIL, Jean-Pierre. *Destins ouvriers: La fin d'une classe?* Paris: PUF, 1990.

_____. «La sociologie des interactions famille-école», in *Sociétés Contemporaines*, 25, 1997, p. 67-83.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. *Revista Brasileira de Educação*, Editora Autores Associados, v. 11, n. 32, 2006, p. 211-225.

_____. *Quartiers populaires – L'école et les familles*. Lyon: PUL, 1998.

VALARELLI, Leandro Lamas. Indicadores de resultados de projetos sociais. 1999. [On-line]. Disponível: www.rits.org/gestao/ge_jul99.cfm. Acesso em: nov. 2010.

VAN-ZANTEN, Agnès. Reflexividad y elección de la escuela por los padres de las clases medias en Francia. *Revista de Antropología Social*, nº 16, p. 245-278, 2007.

VIANA, Maria José. *Longevidade Escolar em Famílias Populares: algumas condições de possibilidade*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007.

_____. As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. *Educ. Soc.*, Campinas: v.26, n.90, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: nov. 2010.

VILLAS, Sara. Formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de ensino médio/técnico, 2009. 228 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

WEIS, Lois. Social class and schooling. In: Apple, Michael W.; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luis Armando (Orgs.). *The Routledge International Handbook of the Sociology of Education*. 1ª ed. Oxon – England: Routledge, 2010.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 17-43.

_____. Os jovens em busca de um ensino que rentabilize as chances escolares. IN: 25ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu: 2002.

_____. “A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa” in ZAGO, Nadir *et al. Perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZEROULOU, Zahia. «La réussite scolaire des enfants d'immigrés — l'apport d'une approche en termes de mobilisation», in *Revue française de sociologie*, XXIX, 1988, p. 447-470.

APÊNDICES

APÊNDICE I – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA NOS COLÉGIOS

Participantes:

A pesquisadora Ana Beatriz Ratton Ferreira, aluna do curso de Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e a sua orientadora, Professora Dr^a Maria José Braga Viana (FAE- UFMG), solicitam a autorização da direção da escola para a participação de seus professores neste estudo intitulado “*Impactos da inserção em escolas da rede privada de alto prestígio acadêmico sobre jovens populares e suas famílias: o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte*”.

Pesquisadora responsável: Prof^a Dra. Maria José Braga Viana
mj.braga@terra.com.br - fone: (31)3661-1954

Pesquisadora corresponsável: Ana Beatriz Ratton Ferreira
beratton@uai.com.br - fones: (31) 3284-7724 / 9104-8724

1. Esta seção fornece informações acerca do estudo no qual a escola sob sua orientação estará envolvida:

Professores(as) da escola, sob a sua direção, estão sendo convidados a participar de uma pesquisa que visa a analisar e identificar os impactos da inserção em um novo ambiente escolar, de alto nível acadêmico, destinado às classes sociais mais elevadas, sobre jovens oriundos das camadas populares que são participantes do Programa Bom Aluno.

- A. Em caso de dúvida, a direção da escola poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis por meio dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais podem ser obtidas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br ou pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6.627, Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901.

2. Esta seção descreve os direitos dessa instituição como participante desta pesquisa:

- A. Qualquer pergunta acerca da pesquisa e de seus procedimentos poderá ser feita aos pesquisadores responsáveis, em qualquer estágio da pesquisa, e tais questões serão respondidas;
- B. A participação é confidencial. Apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso à sua identidade. No caso de haver publicações ou apresentações

relacionadas à pesquisa, nenhuma informação que permita a identificação será revelada;

- C. A participação é voluntária. Cada professor(a) é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder qualquer questão específica, sem qualquer punição;
- D. Nem os(as) outros(as) professores(as) nem qualquer funcionário do programa, incluindo coordenadoras, diretor e vice-diretor terão conhecimento sobre quais professores(as) se recusaram a participar do estudo, evitando qualquer possível implicação;
- E. Este estudo envolverá gravação de áudio durante as entrevistas. Apenas os pesquisadores terão acesso a esses registros. Todas as fitas de áudio serão destruídas após o período de 4 (quatro) anos;
- F. Este estudo envolve riscos mínimos, ou seja, nenhum risco para a saúde mental ou física, além daqueles que o(a)s professore(a)s encontram normalmente em seu dia a dia;
- G. O(a)s professores(as) são livres para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

3. Esta seção indica que você está dando seu consentimento para que a pesquisa seja realizada na sua escola:

Eu li e compreendi as informações fornecidas e recebi respostas para qualquer questão que coloquei acerca dos procedimentos de pesquisa. Eu entendi e concordo com as condições do estudo como descritas. Eu entendo que receberei uma cópia assinada deste formulário de anuência. Eu, voluntariamente, dou minha anuência à realização da pesquisa na escola sob minha direção. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima.

_____, _____ de _____ de 2010.

Assinatura do Diretor: _____

Assinatura do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) _____

Pesquisadora:

Eu garanto que este procedimento de consentimento foi seguido e que eu respondi a quaisquer questões que o participante colocou, da melhor maneira possível.

_____, _____ de _____ de 2010

Orientadora da Pesquisa
Prof^a. Dr^a Maria José Braga Viana
FAE/UFMG

Pesquisadora corresponsável
Ana Beatriz Ratton Ferreira

APÊNDICE II – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA NO PROGRAMA BOM ALUNO

A pesquisadora Ana Beatriz Ratton Ferreira, aluna do curso de Mestrado em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e a sua orientadora, Professora Dr^a Maria José Braga Viana (FAE- UFMG), solicitam a autorização da direção do Programa Bom Aluno para a participação de seus professores neste estudo intitulado “*Impactos da inserção em escolas da rede privada de alto prestígio acadêmico sobre jovens populares e suas famílias: o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte*”.

Pesquisadora responsável: Prof^a Dra. Maria José Braga Viana
mj.braga@terra.com.br - fone: (31)3661-1954

Pesquisadora corresponsável: Ana Beatriz Ratton Ferreira
beratton@uai.com.br - fones: (31) 3284-7724 / 9104-8724

1. Esta seção fornece informações acerca do estudo no qual os jovens participantes do Programa Bom Aluno estarão envolvidos:

Professores(as) do programa, sob a sua direção, estão sendo convidados a participar de uma pesquisa que visa a analisar e identificar os impactos da inserção em um novo ambiente escolar, de alto nível acadêmico, destinado às classes sociais mais elevadas, sobre jovens oriundos das camadas populares e que são participantes do Programa Bom Aluno.

- B. Em caso de dúvida, a direção do Programa Bom Aluno poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis por meio dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais podem ser obtidas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409-4592, pelo e-mail: coep@prpq.ufmg.br ou pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6.627, Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901.

2. Esta seção descreve os direitos do Programa Bom Aluno como participante desta pesquisa:

- H. Qualquer pergunta acerca da pesquisa e de seus procedimentos poderá ser feita aos pesquisadores responsáveis, em qualquer estágio da pesquisa, e tais questões serão respondidas;
- I. A participação é confidencial. Apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso à sua identidade. No caso de haver publicações ou apresentações relacionadas à pesquisa, nenhuma informação que permita a sua identificação será revelada;
- J. A participação é voluntária. Cada professor(a) é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder a qualquer questão específica, sem qualquer punição;
- K. Nem os(as) outros(as) professores(as) nem qualquer funcionário do Programa, incluindo coordenadoras, diretor e vice-diretor terão

conhecimento sobre quais professores(as) se recusaram a participar do estudo, evitando qualquer possível implicação;

- L. Este estudo envolverá gravação de áudio. Apenas os pesquisadores terão acesso a esses registros. Todas as fitas de áudio serão destruídas após o período de 4 (quatro) anos;
- M. Este estudo envolve riscos mínimos, ou seja, nenhum risco para a saúde mental ou física, além daqueles que o(a)s professore(a)s encontram normalmente em seu dia a dia.
- N. O(a)s professores(as) são livres para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

3. Esta seção indica que o Programa Bom Aluno está dando seu consentimento para que a pesquisa seja realizada na sede do mesmo:

Eu li e compreendi as informações fornecidas e recebi respostas para qualquer questão que coloquei acerca dos procedimentos de pesquisa. Eu entendi e concordo com as condições do estudo como descritas. Eu entendo que receberei uma cópia assinada deste formulário de anuência. Eu, voluntariamente, dou minha anuência à realização da pesquisa no programa sob minha direção. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima.

_____, _____ de _____ de 2010.

Assinatura do(a) gerente _____

Assinatura do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) _____

Pesquisadora:

Eu garanto que este procedimento de consentimento foi seguido e que eu respondi a quaisquer questões que o participante colocou, da melhor maneira possível.

_____, _____ de _____ de 2010

Orientadora da Pesquisa
Prof^a. Dr^a Maria José Braga Viana
FAE/UFMG

Pesquisadora corresponsável
Ana Beatriz Ratton Ferreira

APÊNDICE III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS ALUNOS

Prezado(a) aluno(a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa *“Impactos da inserção em escolas da rede privada de alto prestígio acadêmico sobre jovens populares e suas famílias: o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte”*, que visa a identificar e analisar os impactos da inserção em um novo ambiente escolar de alto nível acadêmico, destinado às classes sociais mais favorecidas, sobre **você** que é aluno participante do Programa Bom Aluno.

Serão realizadas entrevistas - no lugar e no horário de sua conveniência - que serão gravadas em áudio e que buscarão compreender como vocês - jovens participantes do PBA - tratam essa oportunidade, como se sentem frequentando um espaço socializador distinto do de sua origem e de que forma os professores do Programa Bom Aluno atuam como mediadores nessa nova etapa de suas vidas.

Para participar desse estudo, solicitamos a sua especial colaboração para responder às entrevistas. O material gravado em áudio será coletado e ficará sob guarda dos pesquisadores, em local seguro, na Faculdade de Educação da UFMG.

Você não terá nenhum gasto com a sua participação na pesquisa e também não receberá pagamento pelo mesmo. Você tem o direito de não querer participar ou de sair do estudo a qualquer momento. A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não como o de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material coletado for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa, sendo sua privacidade assegurada através da utilização de outros nomes ou termos.

Caso surjam quaisquer problemas, além de poder entrar em contato com a orientadora responsável da pesquisa, Prof^a. Maria José Braga Viana (3661-1954 / 9181-7585), e com a corresponsável Ana Beatriz Ratton Ferreira (31-3284-7724 / 9104-8724), também poderá ser acionado o Comitê de Ética da UFMG, Av. Antônio Carlos, 6.625, Unidade Administrativa II, 2º andar, Sala 2005, fone 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Assinatura do participante

Local/ Data

Assinatura da orientadora da pesquisa
Prof^a. Maria José Braga Viana

Assinatura da pesquisadora corresponsável
Ana Beatriz Ratton Ferreira

APÊNDICE IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS RESPONSÁVEIS

Prezado(a) Senhor(a),

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “*Impactos da inserção em escolas da rede privada de alto prestígio acadêmico sobre jovens populares e suas famílias: o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte*” que tratará de identificar e analisar a nova experiência escolar de jovens das camadas populares em um ambiente destinado às classes sociais mais favorecidas.

Para realizar esse estudo, solicitamos a colaboração de seu(sua) filho(a) para participar de entrevistas que deverão ser realizadas no local e na hora de melhor conveniência para ele(a) e que serão gravadas em áudio. O material gravado ficará sob guarda dos pesquisadores, em local seguro, na Faculdade de Educação da UFMG.

Ele(a) não terá nenhum gasto com a participação nesse estudo e também não receberá pagamento pelo mesmo. Ele(a) tem o direito de não querer participar ou de sair do estudo a qualquer momento. A identidade dele(a) será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não como o de uma pessoa. Dessa forma, ele(a) não será identificado quando o material for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. A privacidade dele(a) será assegurada através da utilização de outros nomes ou termos.

Eu _____, (pai, mãe ou responsável legal) pelo jovem _____, estudante do Colégio Dom Assis, em Belo Horizonte (MG), declaro que fui consultado(a) pela corresponsável pelo projeto de pesquisa, Ana Beatriz Ratton Ferreira, e concordo com a realização de entrevistas com o meu filho(a).

Declaro ainda que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento, que toda a linguagem utilizada na descrição desse estudo foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas.

Caso surjam quaisquer problemas, além de poder entrar em contato com a orientadora responsável da pesquisa, Prof^a. Maria José Braga Viana (3661-1954 / 9181-7585), e com a corresponsável Ana Beatriz Ratton Ferreira (31-3284-7724 / 9104-8724), também poderá acionar o Comitê de Ética da UFMG, Av. Antônio Carlos 6.625, Unidade Administrativa II, 2º andar, Sala 2005, fone 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Assinatura do pai, mãe ou responsável legal

Local/ Data

Orientadora da pesquisa Prof^a. Maria José Braga Viana

Pesquisadora corresponsável Ana Beatriz Ratton Ferreira

APÊNDICE IV – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO AOS PROFESSORES

Prezado(a) Professor(a),

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “*Impactos da inserção em escolas da rede privada de alto prestígio acadêmico sobre jovens populares e suas famílias: o Programa Bom Aluno de Belo Horizonte*”, que visa a identificar e analisar os impactos da inserção em um ambiente escolar de alto nível acadêmico, destinado às classes sociais mais favorecidas, sobre alunos participantes do Programa Bom Aluno. A entrevista abordará temas como: a maneira como esses jovens tratam essa oportunidade, como eles se sentem frequentando um espaço socializador tão distinto do de sua origem e de que forma o Programa Bom Aluno atua como mediador nessa nova etapa de vida desses jovens.

Para realizar esse estudo, solicitamos a sua especial colaboração para responder às entrevistas que serão gravadas em áudio e que deverão ser realizadas no momento e no local de sua conveniência. O material coletado (gravado) ficará sob guarda dos pesquisadores, em local seguro, na Faculdade de Educação da UFMG.

O(a) senhor(a) não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento pelo mesmo. A sua participação é muito importante e é voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair do estudo a qualquer momento. A sua identidade será mantida em sigilo. Esclarecemos que os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não como o de uma pessoa e que, dessa forma, o(a) senhor(a) não será identificado quando o material for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Esclarecemos, finalmente, que sua privacidade será assegurada através da utilização de nomes fictícios.

Caso surjam quaisquer problemas, além de poder entrar em contato com a orientadora responsável da pesquisa, Prof^a. Maria José Braga Viana (3661-1954 / 9181-7585), e com a corresponsável Ana Beatriz Ratton Ferreira (31-3284-7724 / 9104-8724), também poderá acionar o Comitê de Ética da UFMG, Av. Antônio Carlos 6.625, Unidade Administrativa II – 2º andar - Sala 2005, fone 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Assinatura do participante

Local/ Data

Orientadora da pesquisa Prof^a. Maria José Braga Viana

Pesquisadora corresponsável Ana Beatriz Ratton Ferreira

APÊNDICE V – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ÀS FAMÍLIAS

Prezado(a) Senhor(a),

As pesquisadoras da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais Prof^a Maria José Braga Viana e Ana Beatriz Rattton Ferreira (mestranda) têm o prazer de convidá-lo(a) a participar da pesquisa “*Impactos da inserção em escolas da rede privada de alto prestígio acadêmico sobre jovens populares e suas famílias: O Programa Bom Aluno de Belo Horizonte*”.

O objetivo dessa pesquisa é identificar e analisar os impactos da entrada nesse novo ambiente escolar sobre alunos – seus filhos – que são participantes do Programa Bom Aluno de Belo Horizonte e sobre **suas famílias**. Essas influências serão observadas: na rede de sociabilidade do aluno (amizades), em seu nível de desempenho (notas) e em sua experiência escolar mais geral, em suas práticas culturais (ida a museus, exposições, etc.), bem como no modo de educar de suas famílias.

Esses alunos, seus filhos, por terem se destacado como bons alunos da escola pública, foram selecionados para participar do “Programa Bom Aluno” (PBA), patrocinado pela ONG Instituto Severino Ballesteros.

A coleta de informações será feita por meio de entrevistas com os jovens participantes do programa, com **suas famílias**, com professores do Programa Bom Aluno e com os professores das escolas particulares. Essas entrevistas - que serão feitas de preferência na casa dos jovens - serão gravadas em áudio e o material coletado ficará sob guarda dos pesquisadores, em local seguro, na Faculdade de Educação da UFMG. Os locais e horários das entrevistas serão combinados com os senhores, respeitando sua disponibilidade e preferência. Ao entrevistado não caberá nenhum custo com a pesquisa.

Gostaríamos de esclarecer que o uso do material coletado será destinado exclusivamente à realização dessa pesquisa e que sua identidade ficará assegurada por meio de uso de um nome fictício. Vale ainda ressaltar que estamos disponíveis para qualquer esclarecimento no decorrer da pesquisa e que você tem a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da mesma.

Caso concorde em participar da pesquisa, favor preencher seu nome e assinar abaixo:

Nome: _____
(pai, mãe ou responsável)

Assinatura: _____

Comitê de ética em pesquisa

Av. Antônio Carlos, 6.627

Unidade Administrativa II – 2º andar Campus Pampulha

Belo Horizonte, MG - CEP: 31270-901

Telefones: 3409-4592

Orientadora: Prof^a. Maria José Braga Viana _____

Telefone: 3661-1954

Mestranda: Ana Beatriz Rattton Ferreira _____

Telefone: 3284-7724 / 9104-8724

APÊNDICE VI – ROTEIRO BÁSICO PARA AS ENTREVISTAS

Entrevistas com os jovens estudantes do programa

1. Breve questionário / dados objetivos:

- Principal ocupação dos pais (pai, mãe, ou responsável);
- Escolaridade dos pais (pai, mãe ou pessoa que exerce o papel materno/paterno);
- Número de irmãos e localização na fratria;
- Renda mensal familiar;
- Local de moradia;
- Quantidade de pessoas que moram no domicílio, incluindo você;
- Escola(s) que você frequenta na rede privada;
- Escola(s) que você frequentou na rede pública.

2. Quanto à rede de sociabilidade:

- A mudança para uma escola particular afetou a relação com seus amigos da antiga escola? Caso afirmativo, como? E com seus amigos do bairro? Caso afirmativo, de que maneira?
- Se houve mudança, esta mudança também afetou a relação com seus parentes?
- Como seus antigos colegas da escola pública veem você hoje, estudante de uma renomada escola particular? E como seus antigos professores o veem?
- Na escola particular, você fez novas amizades? Foi fácil? Quem são seus novos amigos?
- Você já foi convidado a ir à casa deles/delas?
- Você já os convidou a ir à sua casa?
- Você frequenta os eventos da escola?
- Com quem você fica nesses eventos?
- Na hora do recreio/intervalo, com quem você fica?
- Você sai no final de semana com a turma do colégio?
- Você frequenta shoppings com essa turma?
- Você vai às festas com eles?
- Você telefona com frequência para eles? Você tem celular?
- Você estuda na casa de colegas? Faz trabalho em grupo com eles?
- Descreva como você se sente transitando em dois mundos socialmente tão distintos?
- As regras de comportamento dos jovens de classe média são diferentes das regras de comportamento dos jovens de classe popular?
- Você já sofreu algum tipo de preconceito? Caso afirmativo, como você se sentiu?

3. Elementos da nova experiência escolar

- Como você vive essa oportunidade (de estudar em uma escola particular)?
- Como seus colegas da escola particular tratam a experiência escolar (caso a tratem diferentemente de você)?
- Como você se veria, hoje, sem essa oportunidade?
- O que você acha que ela (oportunidade de estudar em uma escola particular) vai trazer de mudanças em sua vida?
- E na vida da sua família?
- Como você era tratado pelos antigos professores?
- Os professores da nova escola são acessíveis? Esclarecem suas dúvidas? Tratam você da mesma forma que tratam os outros colegas?
- Você frequenta os eventos sociais da escola?
- Na sua opinião, a nova escola promove um bom relacionamento entre professores e estudantes?
- Você tem acesso aos coordenadores?
- Você percebe algum tratamento diferenciado pelos professores por ser um bolsista?

- E por parte dos colegas?

4. Elementos da vida doméstica

- Você divide seu quarto com alguém?
- Você tem um cantinho para estudar? É um lugar silencioso?
- Caso você precise de silêncio para estudar, como as pessoas à sua volta fazem?
- Você ajuda nas tarefas domésticas? Caso afirmativo, quais são essas tarefas?
- Quem faz as tarefas domésticas para você estudar, caso isso seja necessário?
- E antes de entrar para a escola particular, você fazia as mesmas tarefas?
- Você assiste à TV? Qual é o seu horário de assistir à TV?
- Seus pais se preocupam com a quantidade de TV a que você assiste?
- Seus pais (responsável) controlam suas saídas? Você tem hora para voltar para casa?
- Seus pais (responsável) controlam com quem você sai?
- Você tem hora para ir dormir/acordar? E nos fins de semana?
- Seus pais (responsável) controlam seu tempo de estudo?
- Seus pais (responsável) acompanham sua rotina de estudo? Por exemplo, sabem quando você tem prova ou quando está preparando um trabalho?

5. Práticas culturais

- De que tipo de atividade cultural você mais gosta?
- E antes?
- Qual é a atividade cultural mais popular entre seus amigos da antiga escola?
- E entre os amigos da escola particular?
- Você já foi a algum museu? Exposição?
- Você já foi ao Palácio das Artes? Caso afirmativo, o que achou da experiência?
- Você gostaria de poder frequentar esses espaços com mais frequência?
- O PBA incentiva as práticas culturais?
- De que maneira?
- Que tipo de atividade cultural você gostaria de frequentar com mais assiduidade?
- Como você vê os jovens se relacionando com a cultura de hoje? De que forma eles se utilizam da cultura?

6. PBA como facilitador dessa mudança

- A preparação de um ano dada pelo PBA foi suficiente para que a entrada em um mundo tão distinto do de sua origem fosse a mais tranquila possível?
- Você acha que seria possível que esses jovens entrassem em um colégio particular sem a ajuda do PBA?
- O PBA ajudou você a compreender as novas regras da escola particular?
- Qual matéria exige um maior empenho por parte do aluno para se manter no nível de proficiência que a escola particular exige?
- Como o PBA ajuda sua família?
- Seus hábitos de estudo modificaram após a entrada no Programa?
- De que forma?
- Como você se vê, hoje, após a entrada no Programa, em relação a “ser um jovem de origem popular frequentando uma escola de alto nível acadêmico”?
- E antes? Como você se via em sua escola de origem?
- O que o PBA lhe proporciona que você mais gosta? E do que você menos gosta?
- O que o PBA lhe proporciona que você acha fundamental para estar em um colégio particular?
- O que mais mudou em sua vida após a entrada no Programa? São mudanças positivas/negativas? Explique.

Entrevista com os professores do Programa Bom Aluno

1. PBA – mediador das diferenças de classe

- O PBA tem como um dos objetivos capacitar as famílias dos bolsistas para que estas atuem de forma mais ativa nessa nova fase de vida de seus filhos? De que maneira?
- O PBA decodifica para essas famílias os “códigos escolares”?
- De que maneira o PBA atua como responsável por esses jovens perante a escola particular?
- O PBA envia algum de seus professores/funcionários para reuniões na escola particular?
- Caso afirmativo, o PBA repassa aos pais o que foi discutido nessas reuniões? Decodifica essas mensagens?
- De que maneira o PBA trabalha as diferenças de classes com seus jovens bolsistas?
- Existe algum tipo de apoio psicológico para esses jovens? Caso afirmativo, esse apoio é dado em grupo ou individualmente?
- O PBA promove/incentiva visitas a eventos culturais para seus bolsistas? Caso afirmativo, com qual frequência?
- O PBA percebe algum impacto que a frequência a eventos culturais causa em seus jovens? E nas famílias?
- Como o PBA ajuda financeiramente seus participantes?
- Sem a presença do PBA, seria possível que esses jovens frequentassem uma universidade de prestígio?
- Como são tratadas as mudanças no campo emocional desses jovens?
- Qual é a percepção que os jovens têm dessa oportunidade?
- Como os jovens veem o PBA na vida deles?
- O PBA pede a esses jovens alguma coisa em troca dessa oportunidade? Ex.: bom comportamento, comprometimento com o estudo, etc.

Entrevista com os professores das escolas particulares

1. Visão do professor sobre os jovens bolsistas

- O bolsista do PBA vem preparado para ingressar nesse “novo” espaço tão diferente do de sua origem?
- O bolsista do PBA trata essa oportunidade diferentemente dos outros bolsistas?
- De que maneira?
- Quando o professor fica sabendo que um jovem é bolsista, ele muda suas expectativas em relação a ele?
- Que traço comum você percebe nos bolsistas do Bom Aluno?
- Como você avalia a presença desse jovem em um espaço tão distinto do dele? Positiva, positiva com ressalvas, negativa...
- Por ser essa escola uma escola confessional, como ela prepara seus alunos para conviver com jovens de diferentes classes sociais como os bolsistas?
- Os colegas da escola tratam esses jovens da mesma forma que tratam seus colegas que são da mesma classe social?
- O bolsista do PBA se socializa com a turma? Tem bom trânsito com os colegas? Participa de panelinhas no intervalo?
- Ser um “bom aluno” (tirar boas notas) facilita para ser aceito pelos colegas?
- O PBA já o contactou para alguma reunião?
- Você já conheceu algum membro da família? Já fez reunião com algum deles?
- Como esse jovem se comporta em sala de aula?
- Ele é interessado?
- Ele conversa? Faz perguntas?
- Ele é tímido e faz perguntas fora da sala de aula, em particular?
- Ele pede ajuda de monitoria?
- De que maneira ele se expressa, formal/informal? Faz bom uso da linguagem?
- Na sua visão, de que maneira o PBA ajuda esses jovens?

Nível de proficiência em relação à classe

- As notas dos bolsistas estão dentro da média da sala?

Entrevista com as famílias dos bolsistas

1. Cotidiano da família

- Qual é a importância de ter um filho estudando em uma escola particular tão forte?
- E antes?
- Como ficaram os estudos dos outros filhos que não estão no Programa?
- O comportamento do filho bolsista mudou em relação ao que fazer no tempo livre que ele tem?
- O filho foi dispensado de alguma tarefa doméstica para poder estudar?
- Existe um “cantinho” de estudo para ele?
- A família controla o nível de barulho quando ele está estudando?
- A família controla o tempo de TV a que ele assiste?
- A família controla as saídas dele? Os amigos?
- A família controla o tempo de repouso?
- A família já frequentou festas/reuniões na nova escola?
- E do PBA?
- A família teve de “apertar” o orçamento para atender às necessidades do filho?
- Algum dos pais/responsáveis voltou a estudar depois do ingresso desse jovem no Programa?
- A família é vista por vizinhos e parentes como uma família “especial”?
- As pessoas tratam seu filho diferentemente?
- De que forma o PBA ajuda vocês a compreender as regras da nova escola?
- Seria possível isso acontecer sem a ajuda do programa?
- Como você avalia a ajuda do programa nessa nova fase de vida de seu filho?
- O que mudou em sua casa desde a entrada do filho no Programa?

2. Práticas culturais – frequência a espaços culturais

- A família tem costume de ir a museus? Exposições? Shows? Cinema? Teatro? Concertos ao ar livre?
- Como é (foi) essa experiência? Gostaria de repeti-la?
- A família fazia isso antes da entrada do jovem no Programa?
- Qual é a importância de frequentar esse tipo de espaço?
- A família faria algum sacrifício financeiro para comprar entradas para algum evento dessa natureza?
- Que tipo de “diversão” a família / as pessoas da família separadamente frequenta(m)? Isso mudou depois da entrada de seu(sua) filho(a) no Programa?

APÊNDICE VII – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

1) Nome: _____

2) Idade: _____ 3) Data de nascimento: _____

4) Sexo: M () F ()

5) Assinale a alternativa que identifica sua cor ou raça:

Negro () Pardo () Branco () Amarelo () Indígena ()

6) Onde você nasceu:

BH Grande BH () Interior de MG ()

Outro estado: _____ . Outro país: _____ .

7) Qual é o local de sua residência atual:

Cidade: _____ .

Bairro: _____ .

8) Você fez Educação Infantil: Sim () Não ()

9) Marque o tipo de estabelecimento em que você estudou no Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série):

Todo em Escola Pública: Municipal () Estadual () Federal ()

Todo em Escola Privada ()

Maior parte em Escola Pública: Municipal () Estadual () Federal ()

Maior parte em Escola Privada ()

Escolas Comunitárias ()

Outros ()

10) Nome do(s) estabelecimento(s) em que você estudou no Ensino Fundamental (1ª a 4ª série): _____

11) Marque o tipo de estabelecimento em que você estudou no Ensino Fundamental II (5ª a 6ª série):

Todo em Escola Pública: Municipal () Estadual () Federal ()

Todo em Escola Privada ()

Maior parte em Escola Pública: Municipal () Estadual () Federal ()

Maior parte em Escola Privada ()

Escolas Comunitárias ()

Outros ()

12) Você foi aprovado nos outros exames de seleção das escolas particulares? Sim () Não ()

Em que escola(s) você foi aprovado? _____

13) Quais foram os motivos que o levaram a escolher a escola atual?

14) Você repetiu algum ano durante o ensino fundamental? Sim () Não ()

Qual(is) ano(s) você repetiu? _____

15) Você já frequentou ou frequenta algum curso de idiomas?

- Não ()
 Sim, de inglês ()
 Sim, de espanhol ()
 Sim, de francês ()
 Sim, de outra língua estrangeira ()

16) Em que estabelecimento você frequentou ou frequenta o curso de língua estrangeira?

17) Qual foi o período (anos) em que você realizou tal curso?

Ano de início: _____ Ano de término: _____

18) Qual é a escolaridade do seu pai:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| Nenhuma () | Ensino Fundamental incompleto () |
| Ensino Fundamental completo () | Ensino Médio incompleto () |
| Ensino Médio completo () | Ensino Superior incompleto () |
| Ensino Superior completo () | Pós-graduação/Mestrado () |
| Doutorado () | |

19) Qual é a profissão do seu pai:

20) Qual é a escolaridade da sua mãe:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| Nenhuma () | Ensino Fundamental incompleto () |
| Ensino Fundamental completo () | Ensino Médio incompleto () |
| Ensino Médio completo () | Ensino Superior incompleto () |
| Ensino Superior completo () | Pós-graduação/Mestrado () |
| Doutorado () | |

21) Qual é a profissão da sua mãe:

22) Você habita em?

- Residência própria (dos pais ou familiares) ()
 Residência alugada ()
 Outro ()

23) Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você)? _____

34) Que pessoas moram na casa?

- Pai ()
 Mãe ()
 Avós ()
 Tios ()
 Irmãos () Quantos: _____

25) Qual é a renda mensal do seu grupo familiar (somatório da renda de todas as pessoas que moram na sua casa, incluindo salário mensal, renda de aluguéis, pensões, dividendos, etc.)?

- () Menos de 1 salário mínimo.
 () De 1 a 2 salários mínimos.
 () De 2 a 5 salários mínimos.
 () De 5 a 10 salários mínimos.
 () De 10 a 15 salários mínimos.

- De 15 a 20 salários mínimos.
- De 20 a 40 salários mínimos.
- De 40 a 60 salários mínimos.
- Acima de 60 salários mínimos.

26) Quantas pessoas, incluindo você, vivem da renda mensal do seu grupo familiar (não incluir empregados domésticos)?

- 2 ou 3 () 4 ou 5 () 6 ou 7 ()
 8 ou 9 () Acima de 10 ()

27) Indique a quantidade, em unidades, de cada um dos itens de serviços ou conforto doméstico disponíveis em sua residência (se você não possuir algum dos itens, escreva o número zero):

QUANTIDADE ITENS

- Televisão em cores
- Videocassete
- DVD
- Microcomputador
- Aparelho de som
- Assinatura de TV a cabo
- Internet banda larga
- Internet discada
- Telefone fixo
- Telefone celular
- Automóvel
- Geladeira duplex
- Geladeira simples
- Micro-ondas
- Máquina de lavar roupa
- Máquina de lavar louça
- Banheiro

28) Além de estudar, o que você faz nas horas vagas (em ordem de maior frequência)?

- 1 – _____
 2 – _____
 3 – _____

29) Você assiste à televisão durante a semana? Sim () Não ()

30) Com que frequência você assiste à televisão durante a semana?

- Menos de 1 hora por dia.
- De 1 a 2 horas por dia.
- De 2 a 4 horas por dia.
- De 4 a 6 horas por dia.
- Mais de 6 horas por dia.

31) Você assiste à televisão nos finais de semana? Sim () Não ()

32) Com que frequência você assiste à televisão nos finais de semanas?

- Menos de 1 hora por dia.
- De 1 a 2 horas por dia.
- De 2 a 4 horas por dia.
- De 4 a 6 horas por dia.

Mais de 6 horas por dia.

33) Quais são seus três canais e/ou programas preferidos?

1 – _____
2 – _____
3 – _____

34) Você utiliza o computador e a internet? Sim () Não ()

35) Com que frequência?

- Menos de 1 hora por dia.
- De 1 a 2 horas por dia.
- De 2 a 4 horas por dia.
- De 4 a 6 horas por dia.
- Mais de 6 horas por dia.

36) Qual é o principal lugar em que você acessa o computador/internet?

- Casa
- Escola
- Lan house
- Casa de parentes ou amigos
- Outros

37) Escreva os três principais usos que você faz da internet e/ou do computador:

1 – _____
2 – _____
3 – _____

38) Escreva as três principais páginas que você acessa na internet:

1 – _____
2 – _____
3 – _____

39) Você gosta de escutar música? Sim () Não ()

40) Com que frequência você escuta música?

- Menos de 1 hora por dia.
- 1 a 2 horas por dia.
- 2 a 3 horas por dia.
- Mais de 3 horas por dia.

41) Seu(s) estilo(s) musical(ais) preferidos:

1 – _____
2 – _____
3 – _____

42) Seu(s) cantor(es)/grupo(s) de música preferido(s):

1 – _____
2 – _____
3 – _____

43) Você gosta de assistir a filmes? Sim () Não ()

44) Normalmente você assiste a filmes:

- () Em casa – DVD/vídeo.
- () No cinema.
- () Assisto igualmente em casa e no cinema.

45) Com que frequência você vai ao cinema?

- () Mais de 1 vez por mês.
- () 1 vez por mês.
- () Menos de 1 vez por mês.

46) Que estilo(s) de filmes você prefere?

- 1 – _____
- 2 – _____
- 3 – _____

47) Cite o nome de três filmes de que você gostou muito:

- 1 – _____
- 2 – _____
- 3 – _____

48) Você costuma ler algum jornal? Sim () Não () Qual(is):

49) Você costuma ler alguma revista? Sim () Não () Qual(is):

50) Você costuma ler história em quadrinhos? Sim () Não () Qual(is):

51) Você costuma ler livros de literatura ou romance? Sim () Não ()

Cite o nome de dois livros que você leu e gostou:

52) Você costuma ir à biblioteca:

- () Nunca.
- () Apenas para fazer trabalhos em grupo.
- () Para fazer pesquisas escolares.
- () Para pegar livros emprestados, independentemente da exigência da escola.

57) Com que frequência você faz empréstimos de livros na biblioteca?

- () 4 livros por mês.
- () 3 livros por mês.
- () 2 livros por mês.
- () 1 livro por mês.
- () menos de 1 livro por mês.
- () nenhum livro por mês.